

CAMILO CASTELO BRANCO

EUSÉBIO MACÁRIO

—
A CÔRJA



N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© **N** I M P R E N S A
N A C I O N A L
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

EUSÉBIO MACÁRIO
—
A CÔRJA

CAMILO CASTELO BRANCO
EUSÉBIO MACÁRIO

—
A C Ō R J A



Edição de Ângela Correia,
Patrícia Franco e Mafalda Pereira

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

LISBOA - 2021

© **N** I M P R E N S A
N A C I O N A L
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.impresanacional.pt
www.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

Design da coleção: Undo
Paginação e capa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda
Impressão: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Papéis: Chromocard, 260 g, e Coral Book Ivory, 90 g
Tipos de letra: Znikomit e Minion Pro

1.ª edição: março de 2021
ISBN: 978-972-27-2885-0
Depósito legal: 474 871/20
Edição n.º 1024452

EUSÉBIO MACÁRIO

CAMILLO CASTELLO BRANCO

SENTIMENTALISMO E HISTÓRIA

SEGUNDA EDIÇÃO REVISTA PELO AUTOR

LIVRARIA INTERNACIONAL
DE
ERNESTO CHARDRON — EDITOR

PORTO E BRAGA
M. DCCC. LXXX.

EUSÉBIO MACÁRIO

HISTÓRIA NATURAL E SOCIAL DUMA FAMÍLIA
NO TEMPO DOS CABRAIS

NOTA PREAMBULAR

Pede-se à crítica de escada abaixo o favor de não decidir já que o autor plagiou Emilio Zola. *Eusébio Macário* não é *Rougon-Macquart*; nem *uma família no tempo dos Cabrais* é *une famille sous le second¹ empire*. Sim, eles, os Cabrais, não são perfeitamente o segundo império.

PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

São duas frases de entranhada gratidão a alguns críticos bons, delicados que inutilizaram os períodos percucientes, os punhais das ironias com que tencionavam trespassar do peito às costas o EUSÉBIO MACÁRIO, tão sinistramente agourado. Esta reconsideração, já agora, é uma virtude que daria santos à legenda áurea dos literatos, se eles coubessem no céu, onde há tantos, beatificados por fomes de trufas e sedes de *Lacryma-Christi* — que importa o mesmo dizer fomes e sedes de justiça. O tímido autor esperava que os artistas não refugassem a obra tracejada, e afirmassem que eu, nesta decrepidez em que faço ao estilo o que os meus coevos de juventude fazem ao bigode, não podia penetrar com olho moderno os processos do naturalismo no romance. Ora a cousa em si era tão fácil que até eu a fiz, e tão vaidoso fiquei do EUSÉBIO MACÁRIO que o reputo o mais banal, mais oco e mais insignificante romance que ainda alinharei para as fancarias da literatura de pacotilha. Se eu o não escrevesse dum jato, e sem intermissões de reflexão, carpir-me-ia do tempo malbaratado.

Cumpre-me declarar que eu não intentei ridiculizar a escola realista. Quando apareceram o CRIME DO PADRE AMARO, o PRIMO BASÍLIO e os romances de Teixeira de Queiroz, admirei-os, e escrevi ingenuamente o testemunho da minha admiração. Creio que, hoje em dia, novela escrita doutro feitio não vinga. Eu não conhecia Zola e ainda agora apenas e escassamente o conheço de o ouvir apreciar

a uma pessoa de minha família que me fez compreender a escola com duas palavras: «É a tua velha escola com uma adjetivação de casta estrangeira, e uma profusão de ciência compreendida na 'Introdução aos três reinos'. Além disso tens de pôr a fisiologia onde os românticos punham a sentimentalidade: derivar a moral das bossas, e subordinar à fatalidade o que, pelos² velhos processos, se imputava à educação e à responsabilidade». Compreendi, e achei que eu, há vinte e cinco anos, já assim pensava, quando Balzac tinha em mim o mais inábil e ordinário dos seus discípulos.

S. Miguel de Seide, setembro de 1879.

CAMILO CASTELO BRANCO

ADVERTÊNCIA³

A HISTÓRIA NATURAL E SOCIAL DE UMA FAMÍLIA NO TEMPO DOS CABRAIS dá fôlego para dezessete volumes compactos, bons, duma profunda compreensão da sociedade decadente. Os capítulos inclusos neste volume são prelúdios, uma sinfonia offenbachiana, a gaita e birimbau, da abertura de um grande charivari de trompões fortes bramindo pelas suas goelas côncavas, metálicas. Os processos do autor são, já se vê, os científicos, o estudo dos meios, a orientação das ideias pela fatalidade geográfica, as incoercíveis leis fisiológicas e climatéricas do temperamento e da temperatura, o despotismo do sangue, a tirania dos nervos, a questão das raças, a etologia, a hereditariedade inconsciente dos aleijões de família, tudo, o diabo!

O autor trabalha desde antes de ontem no encadeamento lógico e ideológico dos dezessete tomos da sua obra de reconstrução, e já tem prontos dez volumes para a publicidade. Mas é necessário a quem reedifica a sociedade saber primeiro se ela quer ser desabada a pontapés de estilo para depois ser reedificada com adjetivos pomposos e advérbios rutilantes. Para isso, o primeiro avanço é pô-la nua, escrutar-lhe as lepras, lavrar grandes atas das chagas encontradas, esvurmar as bostelas que cicatrizaram em falso, escoriá-las, muito cautério de frases em brasa. É o que se faz nas folhas preliminares desta obra violenta, de combate, destinada a entrar pelos corações dentro e a sair pelas mercearias fora.

S. Miguel de Seide, junho de 1879.⁴

DEDICATÓRIA

Minha querida amiga.

Perguntaste-me se um velho escritor de antigas novelas poderia escrever, segundo os processos novos, um romance com todos os «tics» do estilo realista. Respondi temerariamente que sim, e tu apostaste que não. Venho depositar no teu regaço o romance, e na tua mão o beijo da aposta que perdi.

O AUTOR.

EUSÉBIO MACÁRIO

I

Havia na botica um relógio de parede, nacional, datado em 1781, feito de grandes toros de carvalho e muita ferraria. Os pesos, quando subiam, rangiam⁵ o estridor de um picar de amarras das velhas naus. Dava-se-lhe corda como quem tira um balde da cisterna. Por debaixo da triplicada cornija do mostrador havia uma medalha com uma dama cor de laranja, vestida de vermelhão, decotada, com uma romeira e uma pescoceira crassa e grossa de vaca barrosã, penteada à Pompadour, com uma réstia de pedras brancas a enastrar-lhe as tranças. Cada olho era maior que a boca, dum vermelho de ginja. Ela tinha a mão esquerda escorrida no regaço, com os dedos engelhados e aduncos como um pé de perua morta; o braço direito estava no ar, hirto, com um ramalho de flores que parecia uma vassoura de hidrângeas.⁶ Este relógio badalara três horas que soaram ríspidas como as pancadas vibrantes, cavas, das caldeiras da Hécate de Shakespeare.

O farmacêutico Eusébio Macário sentara-se espapado, com as carnes desfalecidas, à porta, num largo mocho de cerdeira com assento de junco roto, espipado, com uns esbeiçamentos de palhiça muito amarelada do atrito. Havia grande calor enervante. O sol punha nas paredes clareiras faiscentes, cruas. Moscas zumbiam com asas lampejantes em giros idiotas; gatos agachados como velhos sicários pinchavam com muitas perfídias à caça dos pássaros nas densas verduras desbotadas dos arvoredos; carros chiavam nas

terras baixas, barrentas, com grandes gretas das calcinações do grande sol; os lentos bois nostálgicos vergastavam⁷ com as caudas ásperas os moscardos que os atacavam dentre os tapumes com grandes sedes impetuosas de frescores de sangue. Havia molezas e estonteamentos abafadiços no ar cheio de sensualidades mordentes. Levandiscas esvoaçavam nas orelas húmidas dos regatos muito garbosas, com pipilações joviais; besouros azuis de tons metálicos luzentes rodopiavam em volteios curtos e muito sonoros; pardais abandados infestavam as painçadas, dando pios hilariantes de bandidos canalhas; cerejas bicais vermelhavam as suas provocações sorridentes como beiços rubros de mulheres vitalizadas de lascívias aquecidas de bom sangue; pêssegos abeberados de sucos doces penujavam; varas de porcos com grunhidos regalados esfoçavam nas esterqueiras, banhando-se com grandes espalhafatos como odaliscas epiléticas de volúpias escandecidas; raparigas esguedelhadas, de narizes arrebitados, com as caras fuliginosas de suor e poeira, muito escaneladas, com olhos espantadiços, de secreções amarelas, saias de estopa suja, frangalhona, a trapejar nos canelos esburgados, guardavam bácoros, e davam gritos dum timbre muito agudo que punham ecos nas colinas batidas do largo sol; galinhas cacarejavam; galos de cristas escarlates e recortadas arrastavam a asa com arremetidas parlapatonas de sultões. A natureza estava cheia de mistérios amorosos e duma grande espiritualização sensual.

Eusébio Macário ofegava, enxugava com o lenço de Alcobça, pulverulento de meio-grosso em pastas esmoncadas, as roscas do pescoço que porejavam as exsudações da carne opilada dum farto jantar. Ele tinha feito anos neste dia e enchera-se de capão com arroz açafroado e de muito vinho d'Amarante, com muita aletria engrossada de ovos e letras de canela.

— Que não queria saber de histórias — pensava; — que a vida eram dous dias; que quem cá ficasse que o ganhasse.

E dava arrotos muito cheios de gases e estrondos.

A filha, a Custódia, era uma rapariga pimpona, de muito seio e braços grossos, roliços, com pregas de carnação mole nos cotovelos

e uma penugem de frutas mimosas que lhe punha umas tonalidades cupidíneas, irritantes. Ela andava cheia de desejos animais; queria feiras e romarias com bailados de saracoteios desnalgados, pelintras; pedia socas de ponteira de verniz marchetadas de amarelo, com palmilhas dum escarlata de carne viva, e casibeques sarapantões de listras rubras e amarelas; lavava as pernas, brancas como pedaços de marfim polido das velhas imagens e maciezas cetinosas, nos riachos, com grande desfaçatez e presunção; boleava-se num quebrar de quadris reles de servilhetas; tinha cheiros de mulher suspeita com grandes lampejos crus de óleo de amêndoas doces nos cabelos em bandós e muitos ardores.

— Que queria a bela pândega — dizia; — que estava na flor da mocidade. Pudera! que a sua mãe não fazia outra. Pois não fizeste! que o gozar era agora; que depois de velha, contas e bor-racha. — E escancarava umas risadas vibrantes, sandias, sapateando com as mãos cheias de missangas, e fazendo trejeitos brejeiros, garotices, dando palmadas sonoras no ventre. Tal era ela.

O filho de Macário, o José Fístula, era caçador e fadista de tabernas sertanejas. Tinha andado para padre, e esbanjara a herança materna em Braga, em orgias de frigideiras e na boémia das Travessas, onde mulheres de saias engomadas que rugem, esfervilham, de penteados altos, untados, com muita caspa e fitas azuis, e arrastam chinelos de ligas, com os calcanhares de fora a esbeçarem, com clavículas esqueléticas mordidas das herpes e dos vampiros das noites vinolentas, cheias de delírios devassos e indigestões de iscas de cebolada. Ele tornara para o pai com grande humildade faminta, de lázaro maltrapilho, com a camisa roída de imundície e a cara chupada de deboches e bebedeiras.

— Que se faria ladrão d'estrada — ameaçava — se o pai o não sustentasse; que estava pronto a labutar na botica, pisando drogas no almofariz, e iria às ervas para os xaropes, que as conhecia muito bem. Pois não conhecia? Havia de ler a FARMACOPEIA do doutor Agostinho Albano,⁸ e até — resumia — tinha tineta para boticário.

E o pai:

— Pra burro, pra burro é que a tens! — resmungava apoplético de cóleras, crescendo para ele, inflamado como um vulcão explosivo, com a cara biliosa, e muitas palavras de abominação e trejeitos de pai turbulento de comédia palhaça.

Depois, o Fístula portou-se bem, laborioso, inteligente. Ia à colheita das ervas na estação própria, e fazia manipulações, aviava receitas com limpeza, assobiando fados cheios de saudades das Travessas e dos seus condiscípulos malandros. Conhecia as flores do urgebão, em espigas filiformes, roxas, de sabor amargo, boas para cataplasmas com gemas d'ovos nas intumescências do fígado; as urtigas, sedosas, cheias de tubérculos que espirram à epiderme um líquido cáustico, e que bem espremidas dão um suco muito medicinal na brotoeja; a alfavaca sudorífera; a arruda, muito oleosa, dum odor acre, muito usada em infusão pelas mulheres opiladas, amarelas, congestionadas, histéricas, com grande peso nas virilhas e zumbidos nas orelhas;⁹ a parietária vermelha, empubescida, acre, nitrosa, muito diurética; a malva emoliente, estimável em gargarejos e clisteres e nos semicúpios refrigerantes; o verbasco que frutifica umas cápsulas biloculares muito peitorais; a bardana dos monturos, de raiz fusiforme, tónica, sudorífera, antídoto das herpes; a salva, de flor violácea, aromática, muito provada nas esquinências, gargarejada com um golpe de mel;¹⁰ os grãos do funcho estriados, cilíndricos, famosos nas cólicas; a erva-cidreira, de aroma citrino, excitante, digestiva e antiespasmódica; a erva-moura que é narcótica; a hortelã vermelha, eficaz contra o reumatismo e nos narizes tapados por fluxões crassas; a mostarda, *sinapis nigra*, a do sinapismo, o divino sinapismo derivativo, revulsivo, que puxa às pernas o *morbus* do cérebro, dos olhos, da garganta; as bagas dos murtinhos para lavagem de impigens, cozidas, e feitas em pó muito antipútridas, contra chagas canceradas, crónicas; a tília para os chás das velhas que impam e arrotam com grandes borborismos de gases, e dizem que têm flato. Conhecia todas as ervas e arbustos que secava em tabuleiros, na eira. E os porcos às vezes

foçavam nas ervas e raízes, misturando-as: mas ele, com o fino sentimento moderno eclético em terapêutica, colhia do sequeiro as plantas às manadas e atirava com elas às gavetas que tinham rótulos grudados, fonéticos em ortografia. Ele também manipulava o unguento de basilicão, derretendo o pez no azeite e na cera; e, quando o mexia no gral, zangava-se, dando ao diabo a farmácia, ou cantava fados com um grande azedume mefistofélico. Fazia ceroto de spermaceti, com que se curam os cáusticos e as queimaduras; e o unguento de Genoveva e o da Madre Tecla, muito bom para amadurecer abcessos com o seu litargírio, e sebo de carneiro; não lhe punha a manteiga da fórmula, porque preferia comê-la com pão trigo. Havia grande provisão em potes de unguento da Madre Tecla, receita que lhe ensinara o brasileiro da Casa Grande, muito atreito a furúnculos nas costas e na região sob e sobre; tinha de sua lavra muitos frascos de pomada mercurial de que ele gastava um terço no seu consumo próprio, pessoal; enquanto o pai e o abade, inveterados nas hemorroidas, lhe gastavam em breves prazos o unguento de populeão em unturas, de cócaras. José Macário, o Fístula, trabalhava, regenerava-se.

Eusébio descansava contente no rapaz; tinha-se amolecido, chamava-o ao quarto e bebiam ambos uma garrafa da Companhia, muito manos; e, às vezes, o Fístula tocava-lhe um fado que punha tremuras¹¹ involuntárias nas nádegas do pai; ao mesmo tempo a Custódia, lá dentro na cozinha, sacudida pelos bordões gementes da viola, fazia saracotes de quadris, batendo o pé à frente na atitude marafona de quem apara nos rijos fados batidos. Ela tinha no sangue um ardor de extravagâncias, uma herança viciosa de sua mãe, a Canelas, que dançava fandangos desonestos, e conhecia o *choradinho* de convivências suspeitas com o cirurgião, um romântico magro, da escola moderna, que o boticário espancara por motivos honrados.

Eusébio tinha gamão e damas; sabia fazer ladroeiras com os dados; jogava a pataco a partida, e dizia muitos anexins obrigatórios. O parceiro era o abade, um patusco, com chalaça, egresso

domínico, o padre Justino de Padornelos. Tinha menos de quarenta anos, muito gasto e puído dos atritos sensuais, comido de vícios, com os fluidos nervosos degenerados e as articulações perras de reumatismo e outros ataques contingentes de sangue depauperado. Eusébio Macário teimava que o complexo das moléstias era resultado de espinhela caída complicada com flatulências. Contava casos, curas, milagres e queria pôr-lhe o emplasto confortativo. — E vinho do Porto — dizia categórico — pingas do velho, e carne assada na brasa pra¹² esse bucho quanta lá couber, e sopas de vinho e canela, e de femeação pouco — concluía, e piscava o olho esquerdo.

Às vezes inflamavam-se-lhe os olhos, tinha purgações purulentas, sustentadas pelo uso da genebra e humores viciados de velhas contaminações; não saía do quarto, e engolia muitas pílulas de família. O boticário ia então para a residência com o tabuleiro debaixo do braço e as pedras numa saqueta de chita amarela desbotada com os cordões gordurosos de surro suado.

— O rapaz? que tal? vai direito? — perguntava o abade.

Que ia bem; que tinha pancada para a farmácia — dizia —; que já aviava receitas pelo sistema moderno das gramas;¹³ que tinha talento.

— Conhece-se — dizia o abade, enquanto encasava as pedras no tabuleiro —, conhece-se; tem morrido muita gente há dous meses. — E de súbito arrugava o nariz, assaltado pela gota que lhe mordida o dedo grande do pé; e, tirando de repente o chinelo de ourelo, descalçava a peúga de lâ parda, mostrava o pé rubro, cheio de cascarias calosas, muito crespo de joanetes.

— Este diabo! — dizia arregaçando o beço inferior com raiva; e estorcegava o dedo dorido — Raios! Que lhe dessem a papa de linhaça! — berrava. A Felícia acudia logo. Que lhe untasse com terebintina o artelho; e sossegava com dous gorgolões de genebra que bebia numa botija que tinha à cabeceira entre o Breviário¹⁴ e o rol da côngrua, enquanto Felícia, de cócaras, o esfregava.

Depois, o acesso remitia; e ele, consolado e cheio de bons sentimentos para com o Céu e com Felícia, confessava que lhe

devia a vida a ela abaixo de Deus, e pedia-lhe água de malvas para os olhos, dava-lhe regueifa doce, vinho maduro, e palmadas de gratidão infinita nas ancas roliças.

Era uma mulherça frescalhona, de uma coloração sanguínea, anafada, ancas salientes, de trinta e cinco anos, muito lavada, a cheirar às frescuras do linho perfumado de alfazema. Ela amoriscara-se do padre, quando ele, no viço dos anos, saiu do convento, tomando para si todas as liberdades permitidas pela Carta. Tinha sido forte, grosso, feito na orelha suína e nos farináceos da sua aldeia; saía escandecido pelo muito bacalhau irritante do refeitório, com muito fósforo e iode no sangue que lhe puxava pelos instintos. Ele era oriundo de Barroso, onde as mulheres são cabeludas como cabras, e têm as pernas grossas, cepudas com borbulhas escarlates como rocas de cerejas, e mostram nos cotovelos umas durezas como cascas de mariscos. Criara-se nas leiras que escorregam pelas espáduas dos montes, retouçava-se nos fenos como os lobos fartos, e aos dezoito anos uivava pelas fêmeas como os fulvos leões hircanos. Em estudante era forte no tema e na brejeirice com grandes brutalidades montesinhas. Não tinha ideal; era um estômago com algum latim e muitas féculas; lia as GEÓRGICAS de Virgílio à sombra dos castanhais, de papo arriba, à perna solta, como um grande rafeiro aganado dos calores de julho que regala o ventre nos refrigérios da bafagem.

O arrebol da tarde franjava de púrpura as agulhas da montanha; espinhaços dos últimos horizontes de serra recortavam-se como sentinelas noturnas dum baluarte de ciclopes; espigões enormes pareciam braços hirtos dos legendários titãs a escalarem o Olimpo; filas cerradas de pinheiros lá em cima nas cumeadas lembravam esquadrões de gigantes, pasmados, a olharem para nós, burlescos pigmeus, que andamos cá em baixo a esfervilhar como bichinhos revoltos nas enormes podridões verdoengas do planeta.¹⁵ Ele olhava para tudo aquilo com cara de asno, não percebia mitos nem ideais, e pensava na ceia. Raparigas desciam das encostas ervecidas com rebanhos a dessedentarem-se nos ribeiros; cabritos

alcandoravam-se em rochedos com balidos crebros e ginásticas elegantes; bois escornavam-se com pancadas sonoras duma dureza cava. E o Justino, o estudante, saltava dos valados sombrios à laia de sátiro, como tigre faminto do palmar, e enviava-se fremente às pastoras, dando-lhes abraços bestiais, hercúleos, e ferradelas cupidíneas, dissolventes, nos cachacos sensuais penugentos. Elas casquinavam risadas inocentes, fugiam, deixavam-se agarrar, botavam-se a ele, às três e às quatro, atiravam-no ao chão, caíam de embrulho, e espojavam-se todos, qual por baixo qual por cima, escouceando-se, com uma candura bucólica digna de Rodrigues Lobo e de muito chicote.

Felícia não era bem dessas; estava a servir; não sabia a idade; dizia que nascera no tempo das castanhas, e que seu pai era miliciano de Chaves. Andaria nos dezesseis, e parecia de carne petrificada, rija, com uma frialdade de metal fundido, e nenhuma morbidez feminis. O Justino nas mãos dela sofria amarfanhamentos rudes e boléus. Era possante; não se deixava abraçar, e um dia cascara com um engajo num oficial de diligências de Montalegre que lhe apalpara a polpa dum braço.

O noviço dominicano, às vezes, lembrava-se dela no convento de Guimarães, e perguntava aos patrícios por Felícia, e queria saber se ela dera em droga como a do Coxo, e mais a do João Carrasqueira, duas perdidas que contavam a toda a gente que fora o estudante que as deitara à má vida — e leve o Diabo o frade, diziam, e contavam casos, miudezas, vergonhas.

— Que não: que ninguém dizia dela tanto como isto — informavam —, que era a flor das raparigas, a Felícia; e tão arisca para todos os homens que até se desconfiava que fosse do sexo masculino. E contavam anedotas, temeridades de apalpadelas repelidas com bofetões, o caso do sargento do 15, um malandrim de Bóbeda, que lhe oferecera a mão de esposo; e o do morgado de Escalão, um idiota vesgo, que lhe dava casa e horta e cadeiras de palhinha afora doze moedas e dous carros de milho por ano, um ror de cousas, se ela quisesse ser como as outras. E citavam-se

três freguesias devassas como bordéis, raparigas que jejuavam, cortavam os cabelos, e ganhavam todos os jubileus com muitas rezas e um pataco de esmola.

O Joaquim António de Aguiar e o progresso puseram frei Justino do Rosário na rua, e ele enfiou para casa com umas exultações sedentas de pecado e dava vivas à Liberdade, e à Rainha e Carta como se, em vez¹⁶ do convento, saísse da Cova da Moura.¹⁷

Quando ele entrou nos limites da sua freguesia, havia festa no ar; o sol levantava da uberidade da terra uma poeira de átomos luminosos que as boninas aljofaradas lhe enviavam com os seus aromas. Era julho, um dia irritante, cantado pelas ceifeiras nas grandes campinas de centeio, louras como lagos ondedos de ouro puro saído a torrentes do seio da natureza. Os cantores da aurora — o melro de bico de ouro e lombo de azeviche; o tordo trigueiro, de peito amarelo, que tem o cantar triste da viuvinha; as tutinegras de dorso azeitonado e peito argentino bicavam-se¹⁸ nos pavilhões dos espinheiros, das giestas e dos salgueirais dos regatos. Estavam silenciosos nos seus caramanchéis a carriça, da família dos *dentirrostris*, muito pequena, muito irrequieta, áspera no cantar, e de plumagem bela; o cuco, das *trepadeiras*, raiado de branco no ventre, pintalgado de branco na cauda escura, ave sinistra que colabora inocentemente nos adultérios, e tem cornos cartilaginóseos, embrionários, ocultos nos tegumentos do crânio; o pintassilgo das melodias e das penas iriadas, o émulo do canário e das mulheres desvanecidas de formosas pelo amor que têm ao espelho; a poupa, que vem da Suécia, ou desfere o voo do alto das pirâmides dos faraós, coroada de plumas negras e louras; o estorninho, de pernas escarlates, bico de ferro, plumagem verde, azul e cobreada, com o dom de articular vozes como a pega, e grandes instintos para se domesticar e comer ovos de pomba; o gaio, a ave linda dos pinhais, elegantíssima, com o seu martinete de penas alvíssimas e negras, peito cor de canela, asas iriadas de branco e azul, e o seu grasnido alegre, com muitas sensualidades petulantes, enforcando-se nos

esgalhos das árvores quando se irrita, e cegando na congestão da cólera;¹⁹ e as codornizes, e os chascos, e os tanjardos, e os pardais, e as arvéloas, os piscos e os taralhões, todos estes músicos do paraíso que conservam puras as notas dos seus cantares edénicos primitivos.

Frei Justino tinha jornadeado toda a noite, encavalgado num macho do Gaitas, o legendário alquilador de Guimarães. Ao luzir do sol ia cabeceando sobre o macho, a pingar de sono, e para se não amodorrar assobiava o hino de 20. O arrieiro ia cheio de aguardente que o frade liberalizava de um frasco empalhado que levava a tiracolo como o seu padre S. Domingos levaria os SALMOS de David, os Evangelhos, a hinologia triunfal da Igreja, e os estatutos da Inquisição.

O sono estonteava-o, quando avistou Padornelos, a sua aldeia, as casinhas palhaças tismadas das solheiras, a torre da igreja colmada, coeva do santo arcebispo que ali ensinara que a Santíssima Trindade não era irmã de Nossa Senhora, como lá cuidavam aquelas cristandades barrosãs. Mas frei Justino já nem acreditava nesse parentesco nem noutra. A vitória final dos constitucionais incutira-lhe suspeitas de que não havia Deus, porque o prior do convento lhe havia asseverado que os inimigos do trono e do altar eram ateus perdidos, e ele, com perversa e estúpida lógica de mau frade, concluía que a derrota dos realistas era a suprema evidência de estar despejado, roto, o céu. E cheio destas ideias e de poeira descavalgou, e lavou a cara num regato para espancar o sono.

A primeira pessoa que viu a descer pelo recosto de um mato com um rebanho de ovelhas, que o fitavam pasmadas numas atitudes palermas, era Felícia, a impoluta Felícia, com a roca à cinta, rodopiando o fuso, saía de linho muito fresco apanhada na cintura em refegos inquietadores da honestidade, e uns traços de pernas trigueiras, com redondezas de barrigas muito gordas, e um colete de chita amarela com atacadores vermelhos que pojavam para cima os seios muito intumescentes e mordidos dos beijos do sol, com alguns sinais de pulgas.

E o arrieiro lúbrico:

— Oh que fatia! Um peixão! Hein? Ó senhor frei Justino! Aquilo é que é obra acabada! Boa verónica!²⁰ — E outras pachochadas.

Ela conhecera o frade; caiu-lhe o braço do fuso, e ficou pasmada com a farripa da estriga nos beiços a dar-lhe cuspo; e ele jubiloso, hilariante:

— Já te conheci, Felícia. — Que descesse à estrada; que estava uma moça perfeita; que tinha perguntado por ela ao almocreve Carochó, todos os meses, e sabia que ela era o modelo das raparigas honradas. Se se lembrava dele alguma vez; e ela — que sim, pois não havia de lembrar? e mostrou-lhe o anel de corais que ele lhe dera, na romaria do S. Bartolomeu, na ponte de Cavez; e que o achava mais chupadinho e muito rapado na cara; que já sabia que os governos o mandavam embora; e trejeitando gaifonas de risos lapuzes dizia que fora bom acabar-se o convento, e vir cá pra fora espaiecer; pudera! e divertir-se; que isto de frades, já o pai dela o dizia, era uma vida assim a modo de não sabia como, uma asneira.

Aquele encontro, na aba da serra, parecia uma passagem antiga, bíblica. O rebanho das ovelhas brancas como o velo de Gedeão, a rapariga meiga com as branduras do olhar de Rebeca e Rute, e mais o frade escanchado no macho do Gaitas, a fugir da bíblia para o mito, por dar uns longes de Sileno. E o arrieiro de olhos acirrados, vorazes, um subalterno grotesco do CÂNTICO DOS CÂNTICOS,²¹ achando aquela Sulamita barrosa mais doce do que o vinho de Cabeceiras de Basto.

Disseram adeusinho até logo, com muitos acenos. E o arrieiro queimado de concupiscências bestiais:

— Sim, senhor, é um bocado cousa muito limpa! Pode-se ver, o diabo da mulher! Terra que dá desta fruta é boa terra. Ficaram-me os olhos no berzabu da moça! Tem ventas! e que pernas! — e outros canhismos de sensualidades tarimbeiras que faziam rir o frade às escâncaras, como quem estava sequioso de pilhérias plebeias, reles.

II

Deu de si o temperamento sanguíneo, estoura-vergas²² do egresso; era de esperar; a vocação golfou sórdida do homem como salta o sapo asqueroso do rochedo rachado. Arrifava a todas, era uma razia no mulherio de Barroso, um paxá, um galo, um deboche.

A mãe de Justino não podia consolar-se da queda da religião e da libertinagem do filho. Pegou de secar-se, um grande fastio, ventre muito desarranjado, e acabou-se-lhe o pavio da vida. O egresso caiu em si, picaram-no escrúpulos, remorsos, e andou algum tempo cismático e muito mordido na consciência. Incomodava-o a ideia de Deus; dava-lhe na alma umas navalhadas fundas o temor da outra vida. — Se havendo Deus, haveria inferno? — cismava. — Se havia Deus, como se mostraria ele à criatura a não ser pela sua justiça? E como se mostraria justo, a não ser castigando o crime e premiando a virtude? Ainda lhe restava esta prancha do naufrágio — o raciocínio, uma cousa boa e única que lhe ficara da lógica e da metafísica do Genuense. Ele tinha pai, um trôpego, que fora valente jogador de pau, e matara, quando era rapaz, um puxador muito bazófia de Cerva na sanguinária romaria de S. Bartolomeu. Remorsos tardios encaneceram-no quando adiante do espetro da morte lhe saiu a avantesma do assassinado, com o peito aberto até às costas por um palmo de aço da choupa de um marmeleiro. Ele esperava remir-se do Inferno pelos merecimentos do filho que fizera frade para ter santo na família que o protegesse. — O frade

é aquilo que vocês estão vendo, dizia com muito azedume, é um meliante pior que o Diabo; até se embebeda; deu cabo da mãe, e eu não tardo.

E sujava os olhos com o canhão da jaqueta de saragoça de varas, limpando duas lágrimas gelatinosas. Via-se só. Casara um filho em Basto e uma filha na Terra Quente. Andava aparvalhado pelos matos com a sachola ao ombro. O seu único alívio era petiscar lume com um fuzil num sílex, e acender na isca cigarros uns atrás dos outros; a tossir sempre uma expetoração dos bofes requemados.

O gresso definhava-se adoentado de imaginações, e dava-se à aguardente de medronho para diluir a bílis negra. Tinha dores de cólica, enxaquecas, uma canseira que até os vícios lhe entediava. Pegaram-lhe umas sezões de mística, uns terrores das penas eternas. Visões de demónios, cataduras horrendas de alimárias atacavam-no em sonhos. Uma vez, era um javali cerdoso, assanhado, que o perseguia numa mina estreita, negra, com as paredes erriçadas de ângulos de granito que lhe raspavam nas carnes; o javali dava bufos e roncões dum pavor ferino, farejando-o e aquecendo-o com as lufadas das expirações ofegantes. Ao cabo da mina tropeçou num esquite, abriu-o para se esconder às iras da fera, e achou dentro um cadáver, uma massa fria, espapaçada, apodrecida. Deu um grande solavanco, acordou e rolou da cama ao chão, com os olhos esgazeados,²³ a cuidar que o seu capote de camelão de quatro cabeções pendurado num gancho era o javali, de pé, cosido com a parede da mina. Daí a dias não se pôde levantar, estonteado,²⁴ febril, com as goelas secas, e um grande ódio ao álcool e ao balcão assado com alhos. O cirurgião pô-lo a caldos e a laxantes heroicos, muita mamona, escamónea e jalapa. Não havia quem o tratasse. O pai, com o seu egoísmo de velho achacado e raiva senil às sensuais brejeirices do filho, chegava-se pouco ao catre onde o febricitante esperneava, invocando alternadamente deuses e diabos com revezes de compungimentos cristãos e de raivas muito pagãs. A criada que cozinhava era uma sostra, não sabia fazer caldo de franga, deitava-lhe azeite, e comia metade, lavando pouco

as tripas da ave. Ele atirou-lhe com a malga cheia daquela água gordurosa, chamando-lhe borrachona, porca e estupor maligno. Ninguém o queria servir. Felícia foi visitá-lo, e desatou a chorar quando o viu febril, com os olhos esbugalhados, encarniçados, a suar, praguejando, que o matavam, que morria para ali como um cão vadio, sem ter quem lhe chegasse uma tigela de sustância de galinha, uma miséria!

E Felícia, compadecida:

— Se quer, eu venho fazer-lhe os caldos; que isso sei eu fazer a preceito.

— Pois tu deixavas os amos? — fez ele alvoroçado.

Que não deixava os amos; mas que vinha fazer-lhe os caldos duas vezes ao dia, ou mais, se fosse preciso; e, se em casa a não deixassem, que se despedia; que não lhe faltavam casas, e pouco tempo havia de servir, porque o seu irmão Bento, que estava no Brasil, tinha-lhe mandado escrever que, assim que estivesse com loja sua, a mandava ir para onde a ele, e já lhe mandara cinco moedas de ouro para um cordão, e ela comprara uns touros em que ganhara moeda e meia duma feira pra outra, e comprara então um cordão... — Uma maçada que o padre apreciou deliciado, e tais melhorias sentiu no estômago que apeteceu um pescoço de galinha envolto na sua epiderme enxundiosa de gorduras amarelas, e beberricou do maduro.

Sucedeu a segunda hipótese de Felícia. Os amos tinham birra ao padre, homem de má vida — murmuravam —, um animal, sem religião, que mal se lhe enxergava a coroa, nem sabia dizer a missa perfeita, não confessava ninguém, tinha amigas, e pusera a mãe na cova com desgostos.

E a moça, insistente: — Que não;²⁵ se vocês me não deixam ir fazer-lhe as sustâncias, vou-me embora.

Chamaram-lhe perdida, que estava arranjada, que era como a do Coxo, e a Carrasqueira, uma cadela sem-vergonha; por isso ela não tinha querido casar com o sargento de Bóveda — recordavam sarcásticos —, que estava à espera do frade, a Inês de Carasto.

Esta última afronta decidiu-a; saiu num ímpeto de honesta iracúndia, e contou ao frade, lavada em lágrimas, retorcendo os braços e as mãos em atitudes muito deplorativas, que até Inês de Carasto lhe chamaram!

E ficou.

O enfermo foi melhorando envolto nos olhares cariciosos de Felícia e em papas de linhaça. Ela sentava-se à beira do leito de bancos, o catre primitivo, duas tábuas sobre oito pés em bruto de castanho e quatro tábuas longitudinais com um enxergão de palha centeia. O fuso zumbia tangido rijamente pelos dedos calosos da rapariga, cruzava as pernas de um torneio escultural que a chita barata, transparente, não disfarçava, acingindo-se às curvas com o impudor moderno de hoje em dia. Conversavam baixinho. Ele tinha vistas, planos de vida regalada, longe da sua terra, que ele chamava um espigueiro de bêbedos e de bêbedas. O pai entrava às vezes, achava-os naquelas murmurasas confidências, saía corrido, e de si consigo ia resmungando: — Ah! boa moca! Pouca vergonha! pouca vergonha! — E, se lhe falavam neles: — Que os leve o Diabo a ambos. Assim que ele se puser a pé, fora daqui! Capaz de ir a Braga, falar ao senhor arcebispo, sou eu. Maroteiras cá nas minhas barbas isso é que não. Vai a arrocho e mais ela... Vão pró Inferno! Escavaco-os! Escavaco-os!

Felícia, assim que o padre se ergueu convalescente, saiu da freguesia, e foi para a sua terra, dali obra de meia légua, onde tinha um casebre colmado com a sua horta. Padre Justino de Padornelos, denunciado pela cainçada dos lavradores, dizia-se, entrava e saía de noite com resguardo exemplar, em uma grande concordância com S. Paulo: «que se não era casto, fosse cauto». Acautelava-se em mais de um sentido; ia com grande fé no preceito do santo e num clavinação de dous canos, por causa dos lobos que são os polícias importunos aos vagabundos noturnos daqueles sítios.

Uma noite de novembro caía neve, e os aspetos do céu profundamente frio tinham umas estrelas trémulas, lucilantes, e um luar álgido que dava às concavidades nevadas a claridade nítida

duns lagos de prata fundida. O padre vestia polainas de saragoça assertoadas, tamancos ferrados e suspensos nas fortes presilhas das polainas, jaqueta de peles e uma carapuça alentejana escarlate, que lhe abafava as orelhas. Debaixo da lapela da véstia resguardava a escorva da clavina, e caminhava curvado com as mãos nas algibeiras e os olhos vigilantes nas gargantas dos serros. Uivos longínquos de lobo ouviam-se e punham-lhe vibrações na espinha, e um terror grande naquela imensa corda de serras, onde ele, àquela hora, se considerava o único ente exposto a ser comido pelas feras esfomeadas. Pulava-lhe o coração. Ao trepar a um outeiro, entaliscado de rochedos que pareciam resvalar de encontro a ele, ouviu o uivo ali perto, para lá da espinha do serro. Tirou a clavina do sovaco, e lívido, com a sensação estranha do fígado despegado, meteu o dedo tremente, automático no gatilho. Fez um ato de contrição; provava quanto as religiões são importantes, urgentes, nas crises, nos conflitos sérios do homem com o lobo. Esperou. A fera assomara na lomba do outeiro, recortando-se esbatida no horizonte branco com uma negrura imóvel, sinistra: parecia um bronze, um emblema de sepulcro. Ela quedou-se por largo espaço num aspeto de admiração, de surpresa. Depois, descaiu sobre as patas traseiras, com ares contemplativos, de uma pacatez fleumática. Mediam trinta passos entre a fera e o frade. Estava ao alcance da bala o lobo; mas o frade, caçador astuto,²⁶ manhoso, receava perder um dos tiros. Pôs-lhe a pontaria com um gesto de espalhafato; dava gritos como quem açula cães: «Boca! pega! cerca! Aí vai lobo!» Ecos respondiam; e a fera, menos versada na física dos sons reflexos, olhava crespá, espavorida para o lado em que repercutiam os brados. Ergueu-se, e desceu mui de passo, com uns vagares irónicos, com a cauda de rojo e o dorso erriçado, a ladeira da colina. O padre via-a²⁷ negrejar na linha flexuosa do declive. Pensou retroceder; mas o lugarejo de Felícia estava mais perto que a sua aldeia, e para aquele lado latiam cães dum faro que adivinha o lobo antes de lhe ouvir o uivo, e o fariscam pela inquietação das reses nos currais. Trepou afoito ao teso do outeiro: ganhara

ânimo; bebera uns tragos de aguardente duma cabaça atada com o polvorinho no correão. Sentiu-se capaz de afrontar o rebelde, se ele o não respeitasse como rei da criação, segundo afirmativas de teólogos que nunca viram lobo. Do topo olhou para baixo: não o avistou. Carcavava-se um algar emaranhado de bravio espesso onde se embrenhara. Estugando o passo, ganhou uma chã ladeada de extensas leiras de feno alvejantes como um estendal de lençóis; e, quando olhava para trás receoso, viu a alimária, a grandes passos, com a cabeça alta, atravessar a leira da esquerda, parecendo querer cortar-lhe o passo na extrema do caminho que entestava com a aldeia. O padre agachou-se, coseu-se com o valo de urzes e giestas que formavam o tapume das terras cultivadas, e muito derreado, arquejando com o dedo no gatilho, e a fecharia rente da barba, caminhou paralelo com o lobo que o farejava de focinho anelante e as orelhas fitas; e assim que a fera passou de perfil em frente do tapigo, o rei da criação, que o era pelo direito do bacamarte, despediu-lhe a primeira bala com a destra pontaria de quem havia já matado águias com zagalotes. O lobo, varado pela espádua até ao coração, decaiu sobre um dos quadris, escabujou em roncões frementes, espargindo flocos de neve, ergueu-se ainda inteiriçado numa grande agonia, e morreu.

A Felícia não caiu aos pés do matador de feras subjugada pelo assombro da intrepidez, com frases soluçadas de ternura. Voltou-se para um registo do Senhor do Monte, encaixilhado, sem vidro e muito pintalado das moscas, e rezou com as mãos postas e um grande fervor de reconhecimento pela concomitância que o Senhor do Monte tivera na morte do lobo.

Cães latiam em grasnada²⁸ na chã onde jazia o lobo, quando o padre, ao pintar da aurora, regressava; conjecturou que fossem caçadores matinais, e desviou-se do trilho para que o não conhecessem. Eram as matilhas de galgos e coelheiras dos morgados de Montalegre, homens muito fragueiros, duma bruteza selvagem antiga, que nas grandes neves saíam para as serras a matar a moadas a lebre e o coelho enregelados, famintos nas colheitas, e no

côncavo enxuto das urzes, quando o gelo lhes fechava os buracos das luras. As matilhas assanhadas ladravam ao cadáver do lobo, e algum cão mais ousado puxava-lhe pelo rabo, sacudindo a cabeça com frenesi. O lobo foi disputado aos caçadores pelos habitantes da aldeia vizinha, que tinham direito a 6\$000 réis com que a câmara gratificava o matador; mas os de Montalegre diziam que aparecesse o homem que o matara; e estavam a termos de o levar, porque o morgado do Corujão, dado a pompas venatórias, lhe queria a pele para tapete da cama, e falava em lhe embalsamar a cabeça. Nisto, Felícia, para desatar as dúvidas, disse em segredo a umas quatro vizinhas que quem matara o lobo fora o sr. padre Justino de Padornelos. Espalhou-se logo o caso, foi muito admirada a valentia do padre, e um lavrador abastado, o Chanca, mandou uma cabra e um cabrito de presente a Felícia, e que dissesse ao senhor padre que se precisasse d'alguma cousa, ele estava às ordens para o servir, e que assim é que se queriam os homens. Daí por diante Felícia quando ia a um cerco, romaria ou festa de igreja longe, o povo apontando para ela, dizia: «aquela é a fêmea* do padre que matou o lobo».

* Em terras de Barroso e nas limitrofes a mulher em mancebia é uma fêmea; reduzem-na às condições mais fisiologicamente animais que podem. A casada não é fêmea, nem mulher; é a patroa. «A minha patroa», diz o marido.

III

Padre Justino Gonçalves ganhara amigos com a morte do lobo. Admiravam-no até ao culto, uma idolatria medieval, a força bruta, o arrojo de palmilhar serras medonhas, cavadas de fojos rasos de neve, por alta noite, e remeter para um lobo, matá-lo, seguir seu caminho, o destino do seu coração valente, e não fazer alardo da façanha para não difamar os créditos da moça. Dizia-se isto na serra, em palavras mais singelas, sem as condicionais da moral, das conveniências, com que nós, os cultos, costumamos virar do envés as ações extraordinárias, a fim de nos desculparmos da nossa incapacidade para matar lobos.

Era em 1840. Começava a grassar a fação cabralista. Havia eleições disputadas entre chamorros e outros que significavam ideias políticas muito diuréticas — a diabetes de patriotismo que os outros curavam a fricções secas de cacete. Padre Justino entrou na política, e arrebanhou consigo todos os fetiches da sua façanha. O galopim fermentara-se evolutivamente da podridão do lobo. A autoridade superior do distrito chamara-o, honrara-o com confidências, abraços, promessas e alguns dinheiros do cofre para avinhar o sufrágio. O governo, cuja alma era Costa Cabral, venceu; e o egresso logo depois foi colado abade nas terras ubérrimas de Basto, em uma freguesia muito rendosa, S. Tiago da Faia, rica de passais, fregueses pouco trabalhosos, mulheres encharcadas no pecado, nem místicas nem hipócritas, inimigas do confessorário e de maçadas ao domingo na igreja.

Felícia governava a casa, criava cevados, muito atarefada, videira, mourejava em teias, recolhida consigo, não mexericava, não conhecia ninguém, e tinha ralações de ciúmes. O abade, na pujança da idade, muito sadio, dava trela aos instintos frascários; as freguesas eram um rebanho muito gafo de ovelhas tinhosas, desgarradas do redil da castidade, à semelhança da Canelas, mulher do Eusébio da botica. Que o abade também colaborara nas ossificações notáveis do farmacêutico, rosnava-se. O cirurgião, o tísico, pagara por todos, dizia-se.

Ela, a Felícia, habituou-se; mas a perfídia doía-lhe; o seu amor baixou às temperaturas vulgares — o amor convencional das honestas esposas traídas. O ingrato expiava amolentando a forte musculatura nas diluições da concupiscência, dando à carne amortecida cargas elétricas de álcool, bebendo vinhos inflamatórios, incendiários, com iguarias fibrinosas, pingues, muito saturadas de espécies. Irritações de bexiga, congestões biliosas, enterites crônicas sucederam. Cavou-se-lhe o rosto, veio a dispepsia, o reumatismo, muitas perturbações intestinais e serosidades oftálmicas.

Tal era ele, quando punha em ordem as pedras no gamão de Macário, enquanto Felícia lhe friccionava o artelho com essências enjoativas, fétidas.

Falaram de Custódia. O abade gostava de falar de Custódia — que era muito patusca — dizia sorridente — e admirava-se que ela não tivesse feito asneira com tantos exemplos e patifarias da freguesia; que era mais entroncada que a mãe — grande mulher que também fora a mãe! — Eusébio não dizia nada; saudades e raivas ao mesmo tempo oprimiam-no. Estava viúvo havia dez anos; não pensara mais em casar-se; amara, de vez, aquela douda, que fora morrer à Tamanca, um recolhimento de Braga, onde se repurgam viciosidades, e as carnes se adelgaçam em ascetes depurantes. Filhas de lavradores fartos, bem comportadinhas, boas caras, deitavam-lhe o rabo do olho, provocavam-no, atirando-lhe abraços de vides, suspiros e lágrimas de pingentes escarlates, quando ele, o viúvo, ao canto da botica, pisava drogas no almofariz. Tinha incêndios

temporários na sua organização sanguínea; assestavam-no cupidos luxuriosos dentre os seios de moças chorudas, desempenadas, com derrengues de cintura muito voluptuários; e ele — que não, que não queria casar-se segunda vez, credo! que todas as mulheres eram fracas, escorregáveis. E vivia casto, comendo à tripa-forra, cevando-se à larga, como desforra, e dormindo sonos apopléticos, muito roncados, à hora da sesta, com o lenço vermelho na cara cheio de moscas e resíduos pulverulentos do meio-grosso.

De Custódia dizia que era da casta da mãe quanto a luxos: exigia chitas caras, jaqués de veludilho, puxava pra grande, tinha muito palanfrório, espivitava-se, e falava em vender uns touros que lhe dera o padrinho, o Manuel da Bouça, para comprar um manicórdio como o da filha do brasileiro da Casa Grande. Ah, bom arrocho! — acrescentava; e voltado para Felícia, depois de fazer casa no gamão com 4 e 6, dizia:

— Vossemecê, que é mulher de juízo, tire-lhe do miolo as aranhas; meta-a cá por casa; diga-lhe que se deixe de manicórdios, e bote teias, que trabalhe, que castigue o corpo com a canseira da casa, que eu não a criei para senhora, percebe? Eu ainda posso comer o que tenho — ajuntava, explosindo arrotos aziumados de salpicão.

Mas Felícia tinha ciúmes de Custódia, ciúmes das olhadelas faiscentes, mordentes do abade. Bem sabia que a moça não se penteava para ele; mas não queria comparações, confrontos, hipóteses sensuais no espírito do padre, uma ruína em que os ratos da lascívia roíam sempre nas medulas dos ossos cariados. Ela calava-se às recomendações de Eusébio, ou dizia que a Custodinha era amiga de chalacear, mas tinha propósito; que o melhor era arranjá-la com algum praticante de botica para ficar no ofício, visto que o pai pensava em meter na cirurgia o filho, o Fístula.

Assim era; porém, não o queria formado em escolas modernas, como o outro, o Viegas,²⁹ o contuso a fueiro, o da Rosa Canelas, e vários outros que saíam dos estudos, dizia, cheios de bazófia, com muitas farfalhices modernas, e doente que lhes caísse nas unhas

era defunto. Contava muitos casos de moribundos a que ele valera, com as suas receitas; questões que tivera com doutores garraios, uns burros que receitavam moxinifadas de França, e o Lacroix, um purgante que relaxava a máquina interior, e punha o enfermo na espinha, desfazendo-lhe o fato. Ele chamava fato aos intestinos baixos, e tudo o que estava para cima era bofes.

Queria que o filho fosse praticar a cirurgia no hospital de S. Marcos com cirurgiões antigos, experientes, que conheciam as ervas medicinais. Depois, tencionava dar-lhe as suas receitas, e ensiná-lo a distinguir as variadas almorreimas, a natureza das impigens, os cursos diversos, a bicha-solitária, as obstruções das mulheres, as quebraduras, as hernes, estelécidos, dores de rins, acrimónias, e o mais que tinha escrito no livro que era uma mina, que não o dava por um conto e quinhentos, gababa-se.

Ele, quando bateu no cirurgião adúltero, vingava a sua honra de marido e a sua ciência medicinal, ultrajada pela galhofa do doutor. Ele tinha uma grande celebridade adquirida na cura das almorreimas, de lombrigas, curava figados no lado esquerdo, e cursos de toda a casta, diversas comichões, em alporcas era infalível, e tinha receitas para moléstias secretas que nunca falharam. Herdara o receituário de seu avô, que praticara na botica dos frades de Santo Tirso, onde se faziam descobertas terapêuticas miúdas e milagrosas na cura daquelas últimas moléstias. Tinha um códice manuscrito, brochado em pergaminho muito besuntado do surro de três gerações de boticários instruídos.

Curava asma com pós de baratas fritas e torradas; e para escrófulas mandava cozer uma lagartixa viva, e pendurá-la num saquinho ao pescoço do doente; e assim que a lagarta se pulverizava de seca, as alporcas fechavam-se. Não havia hemorroidas que resistissem às folhas de S. Caetano e de *corona christi*, umas folhas que o cirurgião, cheio das ignorâncias da botânica moderna, desconhecia e desacreditava, dando gargalhadas imbecis, e dizendo à Rosa Canelas que o marido era um lorpa impagável. Mas na cura das obstruções, isso era um malho: curava-as com pós da ponta

de corno de boi e do queixo esquerdo de certo quadrúpede; e daí veio dizer o clínico, espancado por mais dum motivo justo, que o boticário não precisava de comprar as drogas com que desobstruía as suas clientes.

O Fístula resistia ao absurdo da formatura no hospital: achava isso pulha; — que já não havia cirurgiões por esse feitio, queria formar-se na escola do Porto; prometia ganhar os primeiros prémios, dar brado no país. Ele exultava com a perspectiva do Porto. Conhecia de fama o botequim do Pepino em Cima do Muro, onde o fado batido deitava à madrugada, com entreatos de facadas e muito banzé.

Eusébio fazia esgares reacionários: — que não queria doutores das escolas modernas; citava a ignorância do Viegas,³⁰ a grande mortandade que ele fizera no concelho em três anos que tivera o partido; comparava-o com o Maneta, um cirurgião antigo, do tempo dos franceses, que andara nas ambulâncias do exército anglo-luso, e perdera o braço esquerdo no Buçaco. Mostrava o receituário do grande físico e queria que o filho o estudasse. O pai encarregava-se de lhe ensinar as moléstias; e ele que aplicasse as receitas. A cambada moderna — dizia — não conhecia os unguentos milagrosos do Maneta: o unguento *Apostolorum*, assim chamado por se compor de doze simples; o unguento Camelo, recomendado pelo imortal físico Duarte Madeira, muito entendido em antídotos mercuriais; o unguento da condessa, desopilativo do baço; o de azougue de Falópio; de cabaça; de cascas de castanhas; o egipciaco; o Forte *absoluté*; o Marciatão; o refrigerante de Galeno; e outros de virtudes miríficas que se lhe estragaram nos boiões amarelos, vidrados, desde que o Maneta fora substituído por Viegas, o magro adúltero. Este súcio — continuava Macário com iracúndia — não sabia nada de xaropes; desconhecia o xarope bizantino *absoluté*; o de Agostinho, médico famoso de Segóvia; o de chicória de Nicolau, outro doutor celeberrimo de Florença; o de língua de vaca; o de polipódio; o de Rei; o pérsico de nove infusões; e o de Sabor, rei dos Medos, que o inventou. E erguendo a voz, com gestos violentos

e raivas de sábio ferido por modernices estólicas, invetivava Viegas, acusando-o de receitar pílulas estrangeiras, desprezando as nacionais, experimentadas no espaço de dous séculos, como eram as pílulas artéticas; as de hermodáctilos maiores e menores; as magistras de aço; as pílulas *sine quibus*, muito purgativas, compostas de citrinos, chebulos, beléricos, emblicos, agárico, escamónia — uma maravilha com que Eusébio — afirmava — era capaz de laxar as tripas ressequidas dum elefante; e as pílulas fétidas maiores, chamadas assim porque fedem. Ignorava igualmente o que fosse óleo de alacraus, de Aparício, de rãs e de víboras; não sabia nada de oximéis, do *Electuarium Letitiæ*, de trociscos, de alcaparras e lupatório; ria-se do bolo arménio, do emplasto capucho, do de D. João de Castelo Branco, do diafenício, do de ninho de andorinhas, do *gratia Dei*. Que nunca receitava um cozimento dos infalíveis na terapêutica do Maneta, de chorada memória; e metia a ridículo o cozimento para ajudas de ameijoada; o cozimento colérico, o fleumático, o melancólico, o carminativo: ignorava tudo isto, e não se lhe via nas receitas uma palavra em latim, o burro!

O filho ouvia-o com um sorriso moderno, indisciplinado, avesso à autoridade. Tinha bebido inconsciente nas fontes novas, sentia-se repassado de intuições de *vita nuova*, teimava em dizer que os unguentos e os xaropes do Maneta não prestavam para um diabo. Eusébio Macário olhava, rutilando áscuas de cólera, para o José Fístula, e com um sorriso de dentes ferozes e muito chumbados, e de gengivas cheias de abscessos, rosnava: — Grande cavalgada!

Espreite-se o Fístula no seu temperamento, no sangue, segundo os processos, na hereditariedade, nos fluidos nervosos que tem do pai, talvez do avô, provavelmente da mãe, e não será abusar da fisiologia indagar-se o que há nele da avó.

A avó materna, a Pucarinha de Penaguião, andara com a tropa no tempo dos franceses, uma vivandeira suja, possante, de tamancos, com brotoeja na cara e uma chaga suspeita num joelho. Ficara em Chaves com taberna, cozinha para os sargentos de dragões, e tinha filhos dum furriel pelintra que sustentava e em quem

batia. O Fístula tinha desta avó a brotoeja, a musculatura; e do avô o pendor para a tasca, a paixão furiosa das taberneiras de pernas rubras e espáduas roliças. A mãe, a Rosa Canelas, legara-lhe no sangue os quebrantos lascivos dos lunduns, *malagueñas*, boleros desnalgados, aprendidos em Verim, e os batuques e os fados do Viegas³¹ facultativo. De Eusébio Macário tinha a carne espessa, o cérebro caliginoso, fechado, impenetrável, a testa esquinada, estreita, e a grande protuberância occipital, crespa de exostoses, cheia de bossas, de predominâncias canalhas. O avô escouceava-lhe o instinto quando ele pedia a Felícia dous pintos emprestados ou um pires de marmelada; a mãe palpitava-lhe nos ilhais quando, de repente, largava a mão do almofariz e começava a sapatear fados, e a berrar desentoado palavras do conde de Vimioso a Severa:

*Zora lá na mansão celeste
Com a viola na mão,
Farás dos anjos fadistas,
Porás tudo em confusão.*

A Custódia, que estava em cima a engomar as saias e a cismar no manicórdio, largava tudo, punha as mãos nas ancas, bamboava-se, e expedia da garganta muito afinada para canções garotas a trova que ouvira ao Cosme, estudante de Coimbra, filho do brasileiro da Casa Grande:

*Ai! Olá, da parte da ronda,
Faça alto! ninguém se bula!
Que eu quero ver miudamente
Ai! quem é toda essa matula.*

E *zás-trás*, palmadas rijas, um rebater trémulo de calcanhares no sobrado, e uma casquinada explosiva, uma doudice.³² E o irmão, em baixo, com o cigarro ao canto da boca, e o joelho no ar com o pé sobre o gamão, e a viola na coxa, cantava pungido, com

intercidentes ais soluçantes, a apoteose toda da Severa, e a da Escarniche, que

*Nascera num berço d'ouro
E não teve uma mortalha.*

Sabia o martirólogo todo do Bairro Alto, tinha comiserações profundas por estas deserdadas, antecipara-se em condoimentos da corja das loureiras célebres às plangências de Hugo e de Dumas, filho. Era o sangue da avó e da mãe que lhe punha na voz o tom elegíaco das enormes tragédias. Um bandalho — dizia o abade quando ouvia, noite alta, zangarrear na viola, e depois uma toada rouca de laringe rachada por nicotina e álcool:

*Ó saloia, dá-me um beijo,
Que eu te darei um vintém...*

IV

O brasileiro Bento José Pereira Montalegre tinha mandado ir a irmã, a Felícia, para Vassouras. Dizia-lhe que estava sócio do comendador Borges, um vizinho deles, que tinha fugido da terra por ter furtado um porco ao Barandas. Felícia lembrava-se, e dizia:

— Um grande ratoneiro, andava esquadrihado, a pirangar pela freguesia, e chegou a isso!

O abade lia a carta: «Fizemos sociedade de trezentos contos fracos, em engenhos de café moído a vapor, açúcar e aguardente. Venha você para mim, que quero casar aqui bem ela. Mando ordem de dar dinheiro a você a meu correspondente do Porto, Araújo & Filhos, rua dos Ingleses. Vá mana em casa dele».

— Pois não fostes! — atalhou Felícia.

— Vê lá! — fez o abade. — Que não queria tolher a sua felicidade; que era tão amigo dela que morreria de saudades, mas que, primeiro que a sua vida, estava a fortuna dela.

Felícia enxugava os olhos com o avental, dava soluços, afogavam-na, queria queixar-se, dizer-lhe que ele parecia não se importar que ela fosse.

Explicavam-se de parte a parte, comovidos, à competência de protestos, ternuras, inclinações de cabeças recíprocas nos peitos em atitudes apaixonadas, e resolveram responder-lhe — que ela devia muitas obrigações ao senhor abade de S. Tiago da Faia; que lhe

estava governando a casa; que ele era doente, sem família, e não o podia deixar assim.

Eusébio Macário escreveu a resposta ditada pelo abade, e pediu licença para acrescentar à palavra *doente*: «e quem o trata é quem esta escreve, Eusébio Macário, farmacêutico aprovado por Sua Majestade Fidelíssima que Deus guarde».

— E me guarde a mim dos seus remédios — ajuntou, galhofeiro, o abade.

Isto foi em 1844. Cartas de Vassouras vieram queixosas, mas com alguns dinheiros que Felícia punha em cordões, em touros e cevados que negociava. O Bento em 48 também saiu comendador, dera quatro contos para os asilos, moeda forte, e mandara ao correspondente Araújo & Filhos, rua dos Ingleses, Porto, que lhe mandasse abrir as suas armas num anel d'ouro sobre uma chapa do tamanho de uma fava pequena.

— Que à fava devia ir o Bento — dizia Araújo & Filhos.

Mandou ao Molarinho que lhe abrisse as armas do comendador Bento José Pereira Montalegre; repetia a fava, mandava a medida do dedo anular, uma argola de papel que parecia a medida duma pulseira. O Molarinho mandou saber como queria ele as armas. — Que o armasse como soubesse — respondeu Araújo & Filhos, muito velhaco, cheio de inveja da comenda, e dizia à mãe dos seus sócios: — Este pulha, o Bento, com armas reais em anel! Está tudo perdido!

O Molarinho não achou no índice alfabético dos apelidos nobres o *Montalegre*. Esteve para criá-lo, inventá-lo, um monte batido do largo sol, matizado de boninas, com recamos de flores amarelas de giesta e florescências roxas da urze, um monte risonho, *alegre* — «Montalegre». Mas recebeu exceder a missão da arte na cooperação dos fidalgos. Como ele também era *Pereira*, gravou o baixo-relevo do brasão do condestável, dos Braganças: em campo vermelho uma cruz de prata floreteada e vazia de campo; timbre, uma cruz vermelha também, floreteada e maciça entre asas d'ouro abertas. Eram as armas d'el-rei D. Afonso, o *Casto*, e de seu sobrinho

Frojaz Vermuí, avoengo de D. Nuno Álvares Pereira, e do Bento José, talvez.

As gazetas tinham falado no donativo e na mercê régia concedida ao nosso benemérito irmão d'além-mar. Um correspondente de Chaves, cheio de ódios aos atos ministeriais, metia a riso a graça e o agraciado, descosia-lhe a geração, contava que havia gente que lhe conheceu o pai soldado de milícias, e a mãe uma cabreira de Barroso, e que ele tinha em Portugal uma irmã que de pastora de ovelhas passara a ser ovelha gafada de pastor.

Esta maledicência, duma chocarrice emporcalhada e típica das oposições políticas nesta terra dos Afonsos e Joões, não chegou a Vassouras; mas foi dar à mão do abade que a leu, e, num assomo de ira correspondente à injúria, resmungou:

— Quem seria o asno que escreveu isto?

E mais nada. Ele tinha as calosidades judiciosas dos estadistas experimentados, a linha reta dos galopins veteranos; arquivava as gazetas que o insultavam numa estante da latrina, e dizia que as correspondências da oposição naquele sítio conseguiam o seu fim de utilidade pública. De resto, uma só vez escrevera num jornal em resposta a um adversário político estes seráficos dizeres: *Apareça o «Amigo da verdade» e traga três focinhos, se quiser levar um direito para esfoçar no lamaçal da calúnia. Eu não costumo aparar a pena; mando estonar o fueiro de carvalho-cerquinho, e prefiro desancar-lhe o palaio a ensinar-lhe a gramática, senhor «Amigo da verdade», senhor pedaço de besta.* Saiu isto assim num periódico de Braga; parecia-se com um trecho das Epístolas de S. Cipriano devotado ao martírio.

No princípio de 49, o comendador escreveu do Lazareto de Lisboa à mana Felícia, ao mesmo tempo que a imprensa felicitava o país pela chegada do benemérito nosso irmão d'além-mar ao seio da mãe-pátria, a quem tantos desvelos de bom filho prodigalizara.

Felícia ficou assustada, estarecida. Se ele desconfiaria do que havia; se lhe contariam a sua vida; com que cara havia de aparecer-lhe.

E o abade:

— Com a cara que tens; faze como eu; ninguém cá o chamou; se não estiver bem, mude-se; estás na tua casa; recebe-lo com agrado; se ele te cantar, canta-lhe; eu cá, de portas adentro, pregadores de moral só admito um: sou eu.

Havia frialdades lentas, antigas na sentimentalidade de Felícia. Quinze anos de convivência passaram com intercadências de ciúmes, tédios, arrependimentos, escrúpulos, abalos de consciência envergonhada. Ela, às vezes, pensava que era mana do comendador Montalegre, falado nas folhas, um brasileiro rico; que podia estar com ele, ser senhora, ter dom como a mulher do da Casa Grande, uma prima dele que trabalhava no sacho, e chamavam a Ganihas, uma escanelada, dizia toda a gente, que ainda a conhecera a dançar o regadinho e a trepar aos pinheiros, com côdea nas pernas, para varejar as pinhas. Lembrava-se que podia estar casada, ter os seus filhos, a sua casa, comprar terras, ter a sua égua com andilhas, ir às feiras e às romarias com chapéu de homem e véu de filó azul, como as filhas do brasileiro da Casa Grande. Fizera uma asneira — cogitava convencida — em não ir para Vassouras, quando o mano Bento a chamava *para casar ela*; repetia a frase amelaçada, como a ouvira ler, e nunca lhe esquecera, a porcaria mélica, botocuda do mano Bento. Depois, o seu padre Justino, primeiro com a Canelas, depois com as outras, andara desencabrestado. Ia para Celorico para casa da fidalga do Castelo, uma viúva gaiteira, muito madura,³³ mas com durezas de verde, como as frutas de madureiro, sorvadas; tinha bigode e luneta d'ouro dum vidro, usava *boucles* postiços e balão. O abade ficava por lá dous dias e duas noites; voltava aborrecido para a residência, achava a comida mal cozinhada, queria torradas finas e louras como as da viúva, e roncava logo que se estendia na cama, dizendo que o enxergão era duro como o grande Diabo. Isto foi minando o coração da mulher, como um bicho roedor, lento, em uma viga dura, que a vai lurando, esponjando, enfarinhando até que se baqueia esfarelada. Estava cheia até ali — dizia, pondo o dedo nos gorgomilos, à Custódia que, às vezes, pegava no cesto

da meia e ia para debaixo da ramada da residência, enquanto o pai e o abade faziam pular os dados no tabuleiro. Queixava-se: ninguém podia estar como eu, uma pimpona, muito ouro na caixa, dinheirama como milho. A culpada fui eu;³⁴ enguiçou-me este homem; foi o demo que me apareceu, Deus me perdoe. — Que ainda estava a tempo — consolava a Custódia — que fosse para o irmão, enquanto tinha que romper; que ainda estava muito fresca, e podia casar com algum brasileiro. Tomara eu também um — dizia com dengue e resolvida — um velho que fosse, que me tirasse desta vida. Ai! Se eu me pilhava rica e aseada como a da Casa Grande, então é que eu estava na fresca ribeira. Credo! Eu havia de meter num chinelo aquelas tísicas do fidalgo da Ramada; e mais a tinhosa do doutor das Courelas...

— Pois olhe, Custodinha — fazia a outra — a menina é bonitinha;³⁵ e, se tiver juizinho mais do que eu, maridos não lhe há de faltar. Anda por aí tanto brasileiro... Este ano, em Vizela, eram tantos como a praga, a botarem os pés pra fora, de calças brancas, com cadeias d'ouro cheias de cousas, muito gordos, uns figurões.

E Custódia: — que não gostava de homens gordos — cuspiam para o lado —, cativa! que podia ter casado com o Francisco da loja nova, se lhe não embirrasse com a figura.

Estavam nesta prática. Chegou a carta do mano Bento; grande agitação, rebuliço, os sustos de Felícia, os parabéns de Eusébio, a notícia espalhada na freguesia, que vinha o comendador Montalegre, a quem faziam 1200 contos fracos, outros diziam fortes, e que vinha para casa da irmã amigada com o abade. O brasileiro da Casa Grande conjecturava que ele fosse um homem sem brios, um canalhão, desavergonhado, que aceitava hospedagem em tal casa. Esta opinião grassava uniforme na classe limpa. Que ninguém o visitasse, combinou-se. O alvitrista desta desafronta da classe brasileira, da *corporação respeitável*, como ele dizia, foi o Gaspar, que estava de mancebia com uma irmã, e já tinha casado duas, a dous contos por cabeça, com lavradores empenhados até às orelhas. Abundava na proposta o comendador Patrício, que casara com

a tecedeira da Rechôsa depois de ter sido quatro anos amante da mãe; bateu palmas à ideia o Guimarães da Laje que era hóspede do irmão e amante da cunhada. — Oh que patifes! — dizia o abade, sabedor da combinação; e protestava rebentá-los a pontapés quando o reumatismo lhe deixasse livres as faculdades das pernas.

O comendador chegou ao Porto e saiu logo para Basto. Felícia esperava-o no Arco de Baúlhe e mais o Macário, de casaca e *mitaines*³⁶ de torçal, chapéu alto com a seda azulada e os esbeiçamentos da copa muito pelados. — Que o senhor abade — explicava — estava adoentado na cama; sentia muito não poder vir ao encontro de sua senhoria.

— Como vossemecê está gordo! — dizia a irmã; e recordava-se do espicho que ele era quando embarcou.

— E eu esperava achar mais velha a mana. — Quê éstava muito moça, muito consêrvada e que tinha muita feição do que era quando ele embarcou.

Perguntou se haveria neve ou carapinhada; e limpava os refegos nacarados do pescoço em lenços caros, bufando, e escumando do peito camarinhas de suor que alastravam na fina bretanha da camisa nódoas de humidade gelatinosa e peganhenta. Tornou a perguntar se havia neve; a irmã disse que só no inverno a havia, alguns anos, nas serras; e o boticário, corrigindo, explicou à Felícia que o ilustríssimo senhor comendador referia-se na sua aos sorvetes que se usavam no Porto. Ela não percebeu nitidamente; olhava espantada para ambos, e dizia: — Se os há no Porto, mandam-se buscar, sorvetes ou o que é. — O comendador Bento pensava lá para si, num silêncio discreto: — Éste páis éstá muito átrásado — e comparava Paris e as suas neves deliciosas do café Tortoni com o Arco de Baúlhe; e resfolegava, dizendo: — Isto ágora é á cánicula?

— Que era — obtemperava o boticário, e expunha as doenças próprias da cánicula, as obstruções, as flatulências das frutas...

— E as *cambras* — ajuntou Felícia.

— *Canvras* — emendou o boticário. — Que os calores engrossavam muito as massas sanguíárias. Ele tinha lido estas *massas*

sanguinárias na ÂNCORA MEDICINAL do Mirandela, e gostava de as citar a pessoas inteligentes.

O comendador, com discreta censura íntima, repetia entre si: — Éste páis está muito atrásado.

Do Arco à abadia era uma légua por entre várzeas entrecorridas de regatos, cômoros de folhagem empoeirada, quinchosos escorridos das águas vertentes das regas, por onde saltavam e coaxavam rãs de dorso verde e ventre amarelo a cardumes. Sapos corpulentos, barrigudos, com os olhos arquejantes, erguiam um pouco as cabeças rajadas, em aspetos pacíficos duma melancolia infável. Eusébio Macário contava as utilidades do sapo na agricultura, os bichos infestos que devastava, uma conversação científica, todo o caminho, a propósito de tudo que lhe sugeria referências aos três reinos. Ele tinha lido muitas notícias no PANORAMA e no RECREIO, *jornal das famílias*, do sr. Aquiles Monteverde. Também apanhara noções de Buffon e Cuvier em palestras com o cirurgião Viegas; tudo lhe ministrara argumentos bons para entreter uma prática adequada com o comendador, que abria a boca nuns grandes bocejos sonolentos.

Ele antes queria fazer certas perguntas melindrosas à irmã a respeito da sua posição na companhia do abade; verificar umas suspeitas que lhe insinuara Araújo & Filhos. O boticário dificultava os esclarecimentos; mas, em um incidente a propósito, quando expunha as virtudes medicinais das urtigas³⁷ na cura do reumatismo, veio a talho a doença do abade, e o elogio da sr.^a Felícia — dizia comovido —, que era uma santa enfermeira do doente. Que ele — ajuntava — também a tratara sempre como parenta e não como criada; e por isso toda a freguesia a respeitava como se ela fosse irmã do senhor abade.

— Tenho uma filha — dizia entusiasta, apumando-se na égua, como quem contava uma raridade —, tenho uma filha que se porta bem; e, se não é como as outras, deve-o aos conselhos da senhora sua irmã. Que isto de mulheres nestas aldeias são todas umas croias; de religião nem tanto como isto — e mostrava o bordo da unha do dedo polegar. — Tanto faz missionários como nada;

desmoralização geral desde o palácio até à cabana, como muito bem diz o *Portugal velho*.

— No Brasil também não há religião — observou circunspecto o comendador com arrastada melopeia — e mau é, porque a religião mi párece precisa para povo; quem tem conhecimentos lhi basta *sómentes* a religião natural, hein? mas quem não tem conhecimentos lhi faz preciso um freio.

Eusébio Macário: — Que sim, que o povo sem o cabresto do medo do Inferno era pior que os animais. — Entrou um pouco pela metafísica; ventilou a questão da imortalidade da alma; citou umas palavras da *Nação* e combateu-as com outras de um colaborador ateu dum jornal de caricaturas do Porto em que aparecia o abade de Santo Ildefonso a bailar a gavota com a sr.^a Emília das Neves. E concluía piscando o olho ao comendador e fazendo um gesto inteligente para Felícia, como quem diz que era preciso respeitar as crenças daquela santa mulher ignorante: — V. S.^a bem me percebe... Nem tudo se pode dizer... Eu sou filósofo; mas acho que é preciso haver um freio, como o senhor comendador muito bem disse.

— E o abade é éxempélar? — perguntou o irmão de Felícia, que ficara atrás puxando pelas rédeas da jumenta que retouçava num tojo de valado. — É bom cristão?

— Sim... ele... é filósofo também; mas não deixa de ser um bom cristão...

E o outro, conciso e apressado:

— Os créditos de mana Felícia não pádecem, hein?

— Nada. Como irmãos. Quem disser o contrário, mente.

— A peste do burro não anda! — exclamava a mana. — Toma aqui, diabo!

Eusébio foi atrás para tanger o jumento manhoso e acabar o interrogatório incómodo do brasileiro.

Havia povo à entrada da aldeia na expectativa do brasileiro rico: mulheres com as mãos cruzadas sobre as barrigas numa imobilidade pascária; rapazitos em fralda suja e esfarrapada de tomentos, coçando as pernas picadas pelas moscas, e repuxando as saias das

mães, a pedirem pão com esgares lamuriantes, duma fealdade específica da raça humana e dos pequenos garotos das aldeias; homens que vinham das malhadas sentavam-se no cruzeiro, com as calças brancas arregaçadas até à coxa, e esfregavam com delícias as pernas cabeludas mordidas pela pojeira do palhiço e dos eirados, pondo os joelhos escarpados ao pé da boca. O criado do abade, um torto que limpava a égua e ia buscar a carne ao Arco, estava no adro, e, logo que avistou na revolta do caminho a ama, atirou ao ar seis bombas-reais, e enfiando pela escada da torre começou a repicar dous sinos a um tempo com a veemência febril de quem toca a fogo. O José Macário, que estava à porta da botica e mais um grupo de trolhas que trazia na casa, fizeram subir dúzias de foguetes de três respostas, enquanto um dos trolhas disparava doze morteiros que retumbavam nos ecos da corda de serras com fragor alegre. Povo corria de todos os quinchosos; rapazolas com os chapéus nas mãos e as caras no ar, dando pulos por sobre as sebes, aparavam as canas dos foguetes e espojavam-se a disputá-las com grandes gritos e sopapos. Havia o contágio da alegria, a exultação bruta que dá a electricidade do sino e do foguete. Malhadores atiravam os chapéus ao ar, e berravam *eh! eh!*, uns monossilabos selvagens com que saúdam os forasteiros e afoutam os bois derreados nas ladeiras escorregadias. Cães duma magreza esquelética uivavam quando o foguete rechinava subindo; outros, com as caudas retraídas, aflitos, saltavam paredes, guinchando latidos de pavor. A égua em que montava o brasileiro, abacial, pacífica, resfolegava, curveteava, ladeava, fazia programas de couces. Ele abria muito as pernas, e agarrava-se às crinas, dizendo: *chó, chó*, não mi dêrrubes! — Felícia tinha medo que o irmão caísse; pinchou da jumenta, e agarrou com destreza e força a égua pelas cambas do freio. Macário, que levava as abas da casaca apanhadas e atadas sobre o estômago para se não mancharem no suor das ancas da besta, apeou sem as desatar. O povo, o grande animal expansivo, que ri às vezes com o fino sentimento do burlesco, dava na barriga palmadas duma exultação hilar e bruta. — Olha o rabo da casaca voltado pra diante, ó Maria Ruiva! — O diabo do homem

parece um estruço! — É que traz a barriga do envés! — E o Ferramenta: — Ó Zé das Poldras, olha o brasileiro como é gordo! Se eu pilhava assim um porco! — E o Matula, um veterano sem nariz: — A égua anda ó pra trás. Que lhe passe o freio pro³⁸ rabo, que ela anda pra diante. — E outras chulices corriqueiras, minhotas. Os malhadores batiam nos joelhos com as mãos encodeadas muito abertas, às upas, num regozijo de vinho folião.

Ao aproximar-se o grupo, a gentalha acomodou-se. Os três iam a pé. Felícia tinha dito de esconso ao boticário que desatasse as badanas. O Bento ia carregado, desplícite, aborrecido, sentia-se grotesco, ele, comendador, seiscentos contos fortes, ao lado do boticário da aldeia, que atava as abas da casaca, escorridas, longas e agudas como dous bicos de pássaro monstruoso, antediluviano.

Havia uma estrumeira de mato fofo antes de chegar à porta da residência. O comendador olhava para os espinhos do tojo com a estranheza aterrada do primeiro nauta que avistou o cabo tormentório. O verniz das botas delira-lhe dos pés a memória do bravio que calcara na infância. Perguntava à mana se não havia outro caminho; exprimia em trejeitos de enfado um enojo imenso da sua situação e da selvajeria do país que ladrilhava as estradas de sarças espinhosas. Felícia e Eusébio deram-lhe o exemplo, trilhando, recalçando, como em uvas de lagar, as hastes que erriçavam a tojeira. Ele seguia-os com as pontas dos pés grandes para fora e para cima, pesando sobre os calcanhares gordos que cavavam abismos no mato.

Ao cabo da estrumeira, coberta de latada espessa, donde pendiam cachos roxos afestoados de uva garrafal, havia o portão vermelho, com frisos apainelados, do quinteiro da casa do abade. As portadas estavam escancaradas; e na luz esverdeada do interior, coada pela folhagem das parreiras, recortava-se direita, elegante, sobre o limiar do portão, a filha de Eusébio.

O brasileiro, antes de saber que tinham chegado à residência, vira Custódia, e disse ao boticário, estendendo o beijo, lúbrico, na direção da rapariga:

— Muito boa moça, hein?

E o boticário, com um riso grave:

— É minha filha.

— Ah! — fez o comendador. — Muito cátitá! É a primêra moça gálante que mi áparece³⁹ no Minho.

— É sâzinha, graças a Deus — voltou Eusébio, comedido, modesto.

Ele, o Bento, era justo na sua admiração sanguínea, plástica, modelada ao gosto das velhas sensualidades da arte grega. Custódia, no momento do reparo, tinha os braços arqueados na cintura, e o pé direito, calçado em tamanquinho de verniz com ponteira pospontada de escarlate, posto à facaia, para fora, com a saia um pouco espipada no joelho desviado, por maneira que o tornozelo se lhe via torneado na meia aberta de linha de Guimarães, com quadradinhos e ramagens por onde vermelhavam tons de epiderme rosada. Vestia jaqué de pano azul-claro, chanfrado na cintura, com dous renques de botões amarelos, rutilantes, em que espelhava lampejos alaranjados a última radiação do sol poente. A saia exterior, de crepe, um pouco apanhada de um lado, mostrava outra branca de tomadinhos tesos de goma, encanudados, e por baixo o debrum de veludilho preto do saiote de flanela carmesim. As mangas das roupinhas, amplas à proporção da musculatura do braço, estreitavam-se no pulso torneado, apresilhando num botão de linha sobre o punho bordado da camisa. Por debaixo do cós do jaqué sobressaíam realces, uns fofos da camisa aderente aos refegos da carne mole apertada pelas camadas de saias que levantavam saliências boleadas dos quadris. Cruzavam-lhe a curva opulenta dos seios as pontas franjadas dum xale de caxemira amarelo com festões de flores rubras, que atavam atrás na cintura, dando um destaque às ancas muito reparado dos sensualistas das feiras e das romagens. No pescoço, redondo, com maciezas e tons alvos de leite, até à raiz dos peitos, tinha uma gargantilha de ouro e mais três cordões, com um crucifixo de uma esculturação antiga e rebelde às devoções sinceras, espiritualistas, por estar posto num calvário de enormes glândulas hemisféricas mais tentadoras que as visões lúbricas dos

anacoretas. Na cabeça, penteada em bandós de grossas madeixas alouradas, alvejava um lenço de cambrieta, bordado a torçal, de muitas cores,⁴⁰ com corações traspassados de frechas. Ria-lhe no rosto uma alegre saúde que lhe carminava os beiços e punha nos olhos cintilações de mordente desenvoltura. Parecia uma cara feita de frescas folhas de camélias brancas e vermelhas. Sentia-se-lhe de longe os perfumes das lestras, do rosmaninho, das camoesas, das moitas floridas em que zumbem abelhas. Ela saíra fora ao terreiro a cumprimentar o comendador, sem acanhamento. Tinha prática de tratar com a brasileira fina dos arredores — uns sujeitos que babavam as palavras doces; conhecia ditos das novelas, e andava a ler a tradução dos MISTÉRIOS DE PARIS que lhe emprestara a D. Libânia da Casa Grande, uma douda que se apaixonara por Eugénio Sue, idealizara o romancista sob a lua cheia das noites castas e tépidas d'agosto;⁴¹ depois reclamara-o com suspiros às estrelas, à Ursa Maior, à viração balsâmica dos pinhais murmurosos. Muito romântica, sempre espapada numa madracice lírica. Por fim, como Eugénio Sue não viesse, casou com o João Feitosa, sócio do pai em S. José da Cacaria, Feitosa & Roxo. Fora ela quem iniciara a Custódia na literatura dissolvente; mas não conseguira derrancar-lhe a alegria, o estômago e as noites regaladas, bem dormidas de papo acima. Ela tinha um interesse palpitante pelo príncipe Rodolfo; mas adormecia antes da peripécia com o gancho da candeia espetado num buraco da parede, e um braço de jaspe descaído para baixo, como a procurar no tabuado a brochura caída — um braço que seria o perdido dalguma Vénus de Praxíteles, se não fosse o de Custódia — o que era muito melhor.

O comendador Bento achou-se bem, alegre, bom enxergão de lã de carneiro, a mesa farta, o leitão, o capão, o peru, o chouriço, o lombo de porco de vinho e alhos, o pato, leite puro de cabra, frutas ricas, o belo pêssego d'Amarante, morcelas de Guimarães e pastéis da Joaninha, frigideiras de Braga, e o vinho verde de Basto que lhe refrigerava os ardores internos e desopilava o baço. A convivência dos bons comedores era-lhe como uma forte mostarda. O abade digería no calor da cama grandes massas de alimento, que desobstruía com as pílulas de família. Felícia era muito forte nas mucilagens, nas farinhas, e comia muito toucinho estreme às talhadas com garfo de ferro. O Eusébio e mais o filho não saíam da residência senão à noite, e acudiam solícitos, obsequiadores a fazerem companhia ao hóspede, com muita urbanidade e um apetite de fomes inveteradas de petiscos. Custódia aparecia de vez em quando, rogada por Felícia.

— Que o mano Bento perguntava por ela — dizia despeitada — e fazia ruim cara quando a não via à mesa. Eusébio dera tento disso, e revelara à filha as suas desconfianças. — Olha lá! — recomendava-lhe ardiloso — vê se me tens lume nesse olho, rapariga... Tem-se visto casos semelhantes e pior encarados. Rico como um porco; olha se me percebes, Custódia... Muita léria pra⁴² léria, muito palavreado: mas aguenta-te, ouviste?

Custódia percebia-o; tencionava aguentar-se; fazer-se arisca, de manto de seda — era a frase. O Fístula espicaçava-lhe a ambição:

— Que pechincha! Seiscentos contos fortes, milhão e meio! Se casasses com este brasileiro eras a mulher mais rica desta comarca, e talvez da província. Podias ter carruagem e lacaios como o fidalgo de Viade e o da Gandarela. Oh, c'os diabos! Se a gente se pilhava a bater um trem descoberto por aquela Braga dentro, os caixeiros da rua do Souto pasmados às portas, as mulheres a abrirem as gaiolas, o povolêu e os padres de capote a tirar-nos os chapéus! Isso é que era, isso é que era reinação!

— Ele é muito gordo, embirro c'os gordos — desdenhava, e ia ver-se num espelho de quatro e meio, que se armava no peitoril da janela, com um encosto de papelão coberto de papel vermelho; compunha os bandós, sacudia-se, espanjava-se, arregaçava as mangas do jaqué até ao cotovelo, despeitorava-se um pouco, e branqueava o esmalte dos dentes com hortelã brava.

O comendador cravava-lhe os olhos quebrados, lânguidos, e espreguiçava-se. Comidas fortes, muito adubadas, recozidas no vinho palhete, punham-lhe no sangue irritações juvenis, ímpetos. Tinha engordado aos vinte e cinco anos, na pacatez das roças, embalado em redes, debaixo das mangueiras; fora fleumático, frio, esquivo às borrascas do amor. Nenhuma sinhá o extraviara da linha tortuosa da riqueza; vendera-se a uma viúva decrépita, rica e devassa, que lhe deixara moagens, fazendas, o casco da sua fortuna. Resolvera não se casar; porque três amigos seus tinham sido logrados pelas suas senhoras de parceria com os seus caixeiros. Pensava em empregar a sua grande fortuna em títulos fidalgos, e fazer-se imortal numa igreja que mandaria construir em Montalegre, dedicada a S. Bento, com três naves, e um jazigo na capela-mor com as suas armas, como vira na sepultura de Estácio de Sá, no Rio de Janeiro, na Igreja de S. Sebastião. Ele não acreditava em Deus, nem na imortalidade da alma; mas tinha grande devoção com S. Bento; incomodava o santo, quando picava a febre-amarela, com rogos e promessas; entregava-lhe nas

viagens o cuidado das suas malas como a um escudeiro,⁴³ e o do seu fígado e do seu hidrocele como ao facultativo de bordo. Trazia ao pescoço, pendente dum trancelim d'ouro, a Regra do milagroso patriarca; e, na viagem, quando um velho passageiro calvo e pobre se punha a discorrer a respeito da lua, nas noites misteriosas, inefáveis do oceano, e dizia que os astros narravam a glória do Criador, ele ria-se e dizia que o velho era parvo e fanático. Questões religiosas com o abade e com o Eusébio Macário, no fim do jantar, agitavam-se. O egresso não tinha presente a sua teologia, estava descaçado nestas matérias, recuava atacado pelo brasileiro, e dizia com ignorância velhaca que as suas ideias só as podia apresentar em latim, e muito sentia que o comendador não soubesse latim; o Bento replicava-lhe pelo claro que fizesse no latim o que o Paulino Cabral, também abade, queria fazer no mundo. Havia grande liberdade de chalaças em que às vezes José Macário, fechando a porta à curiosidade da irmã e da Felícia, se permitia recitar fados e glossas de quadras obscenas, se o pai tinha ido para casa digerir o seu vinho laborioso. O comendador, sacudido pelas explosões do riso, raspava o pavimento com os largos chinelos de marroquim; e o abade, cómico na sua seriedade, dizia ao Fístula:

— Foi isso o que você aprendeu em dez anos de estudos... Patifarias! — E pedia a repetição duma glossa, muito sórdida, da quadra:⁴⁴

*Neste campo solitário
Onde a desgraça me tem,
Chamo, ninguém me responde,
Olho, não vejo ninguém.*

O Bento pedia-lhe que a cantasse na toada do fado do Vimioso; e então, no seu elemento, na glória da sua profissão diletta, um pouco curvado para o braço da viola, com o cigarro apertado nos dentes queixais, e o lábio arregaçado, *mezzo voce*, em respeito às mulheres, desfiava o episódio sujo, vitoriado no bordel da Pepa, espanhola das Travessas, onde José Macário deixara um nome le-

gendário e um casaco empenhado. O brasileiro gostava muito dele, porque era irmão da Custódia e porque tinha pilhérias, farsolices de estudante biltre e frescuras de língua com frases de Gil Vicente cheias de porcaria vernácula, como nenhum outro idioma da Europa as tem tão ricas de eufonia. Andavam juntos pelas aldeias de Basto, em bons cavalos que o comendador comprara na feira de S. Miguel, na Ponte de Pé. Ele queria comprar o mosteiro de Refojos, construir um palácio, e fazer o jazigo com o seu brasão aberto em uma capela de mármore. O Fístula chalaçava-lhe a ideia do jazigo:

— Não pense em jazigos! Coma e beba; a vida é um pagode, uma asneira alegre que se vai numa gargalhada. Quem cá ficar que nos enterre onde quiser. Que diabo!

E o comendador, circunspecto, sério:

— É bom ter á gente seus ossos em sêpultura décente; é uma mimória que fica para sempre, hein?

O outro, no seu íntimo, achava-o tolo, por causa do jazigo e do brasão, que ele tinha aberto em anel d'ouro, em sanguínea, em ágata, em ametista, nos vários sinetes e berloques do relógio. Parecia — observava ele ao pai — que a letra não dizia com a careta; porque o Bento, fidalgo, e a Felícia, fêmea do abade, era um disparate. Eusébio conjurava-o a não dizer palavra ao comendador a respeito do brasão, nem da fêmea do abade; antes, pelo contrário, se mostrasse respeitador da fidalguia, e se lembrasse que a Custódia, se o soubesse levar, ainda viria a ser mulher dele, e talvez baronesa, porque o comendador Bento, segundo dizia o *Periodico dos Pobres*, estava para sair barão.

— Se eu ainda verei a Custódia baronesa! — exclamava o José; e agarrava Eusébio pela cintura, levantava-o em peso, queria polcar com ele.

E Macário:

— Larga-me, bruto!

Reinava grande alegria na casa do boticário; faziam sessões de cavaco os três, conspiravam; ela relatava o que o comendador lhe

dizia, a resposta que dera, a história dum beliscão no braço, umas festas na cara com expressões carinhosas: — Sinházinha mi ama? Eu lhi⁴⁵ amo ela muito. Etc. Depois⁴⁶ pedira-lhe um beijo...

— E deste-lho? — irrompeu Eusébio com alvoroço.

— Que não; e fugira quando ele, ao canto da latada da horta, quisera agarrá-la.

E o pai, batendo as palmas:

— Isso! isso! E depois ele... ficou amuado?

— Andou de trombas toda a tarde; não me falava; e vai eu entrombei-me também, e disse à Felícia que ia estar oito dias a Mondim com a tia Luísa; e ele então desamuou-se, veio onde a mim e pediu-me que não fosse.

— Está lamecha! — definiu sumariamente o Fístula. — Caído! caído! senhor pai, e mana Custódia, mana baronesa, caído! pela beíça!

— Não sejas asno — fez ela lisonjeada. — Baronesa! Pois não foste!

— Dessa massa se fazem — gesticulou Macário com a cabeça em balouços afirmativos de conformidade com o vaticínio do José.

Planos desonestos, abasileirados, tinham manchado a candura do comendador a respeito de Custódia. Pensava em dar-lhe luxos de princesa, casa trastejada à grande, mobílias caras de *papier-maché*, cristais, *toilettes* aparatosas, cetins, diamantes, caleche; tudo, exceto a mão de esposo, aqueles cinco dedos grossos, vermelhaços, em que brilhava o anel do brasão com as armas dos Pereiras da casa brigantina. Gizara o argentino velhaco levar consigo a mana Felícia para o Porto, onde mandaria edificar um palacete de azulejo cor de gema d'ovo, com terraço no teto para quatro estátuas simbólicas das estações do ano, e dous cães de bronze, em baixo, sobre as umbreiras do portão de ferro, com as armas fundidas, de saliências arrogantes, entre os dous molossos de dentaduras anavalhadas, minazes, como todos os bichos da heráldica. Depois que desistira da igreja em Montalegre, trabalhava-o esta ideia que o abade, o maganão, achava arrojada,⁴⁷ bonita; mas, em

vez das figuras das quatro estações, lembrava-lhe que seria mais útil aos bons costumes pôr no beiral do telhado os sete pecados mortais. O Bento projetara que a irmã convidasse a Custódia para sua casa no Porto, honestando assim a passagem da botica para o palacete. Depois — cuidava — ela, o irmão, o pai, todos se acomodariam facilmente com jantares fortes, presentes, teatros, um passeio a Paris, um inverno em Lisboa, fazer figura na Foz, em Vizela, no jardim de S. Lázaro, nos cavalinhos, enfim, dinheiro, muito dinheiro. Mas, bom homem! — obrigara-se, de si consigo, em consciência, honradamente, prodigamente, dotá-la quando se fartasse dela, com uma dúzia de contos, se ela pudesse disputar pureza com as estrelas.

Abrira-se com o abade, consultava-o. — Que tal? Que lhe parecia?

E o abade, risonho:

— Arranje a sua vida; mas, comendador, parece-me que vai barrado. A rapariga é patusca, estroineta, gosta do derriço; mas, pro⁴⁸ mais, não anda; quero dizer — não tem andado até ao presente. Canta, dança nas eiras e nas romarias, muita festa prá⁴⁹ festa, muita chalaça, pinta aí a manta que tem diabo, e fica-se em vinte sete para não passar. Andou-lhe aí na peugada o estudante do Cosme dous anos: cartinhas, presentes, muita léria, até lhe mandou de Coimbra versalhada. Um dia quis-lhe deitar o gatázio, e ela, amigo e senhor meu, apontou-lhe prá⁵⁰ igreja como quem diz — «se me quer amar à unha, case comigo». Ele pôs-se ao largo; e vai ela... — aquilo é o Diabo, não é cachopa! mandou-lhe um pataco de banha do cabelo com espírito de cravo embrulhada na poesia, que por sinal era uma borracheira.

E, depois que o brasileiro lisonjeado, jubilando, riu muito escarvando no tabuado:

— Enfim, comendador, estimo que seja feliz; mas bacoreja-me que não faz nada.

O Bento combinou esta informação desanimadora com o caso sabido da tentativa do beijo na sombra da ramada. Esmoreceu

e modificou o plano traçado desde as quatro estátuas pomposas das estações até à dotação briosa da dúzia de contos de réis fortes. E veemente, com ímpeto, erguido, solene, batendo na testa:

— Você sabe quê mais, abade? Eu estou a amar a sinhá. É a primêra qui mi sucede, dou-lhe minha palavra di cavalhêro. Esta só pelos diabos, hein? Quê mi diz? Já viu?

Que não se admirava; que ela era muito boa fatia, a nata da freguesia; e além disso, a respeito de virgindade, não sabia de segunda. Mas — acrescentou grave — sabe o que eu lhe digo, comendador? Deixe a moça em paz. Ela pra esposa não lhe serve, que é pobre e plebeia; e lá para o que o amigo a quer, tire daí o pensamento que não vá o irmão desconfiar, e haver histórias, cousas desagradáveis, sensaborias. Ele é um troca-tintas; mas, aqui há um ano, pregou três mocadas no escrivão da câmara, porque ele, à saída da igreja de Refojos, no apertão, lhe beliscou um quadril da irmã. O Eusébio Macário foi casado com uma doudita que fez pr'aí tontices, adultérios, asneiras, uma desgraça! Ela acabou na Tamanca, e ele agora deu-lhe pra zelar a filha como não zelava a mãe; isto é, ele quebrou, salvo seja, três costelas a um cirurgião que lhe gastava da botica e da mulher. Não são bons, digo-lho eu, estes Macários não são bons; má raça. O comendador, se quer casar-se, pode escolher, à vontade, uma fidalga. E ir a Lisboa, à corte, e pedir por boca — filhas de condes, aposto! E no Porto? Isso então, rapariga bonita, às duas por três, está no papo dum brasileiro que tenha cinquenta contos, tanto faz que ele seja velho, como zarolho, como raquítico. O senhor casa com quem quiser, digo-lho eu. Está em boa idade, tem saúde, está rijo, tem muito dinheiro, casa com quem quiser. É uma pechincha pra⁵¹ quem o apanhar. Se é!...

O comendador ouviu-o, ergueu-se com o havano ao canto dos beiços, meteu as mãos nas algibeiras revolvendo libras e chaves, e bastante escanchado, disse:

— Pois, abade, sómentes lhi digo uma coisa. Si não casar com Custódia, não mi caso com outra, palavra de cavalhêro. Não quero

fidalgas, nem vou em Lisboa á buscar elas. Fidalgo sou eu da casa real, hein? Quero uma minina hónesta e pobre. Rico sou eu.

E, passados instantes:

— Mi ámará ela?

A palavra *baronesa* entrou na essência de Custódia como um revulsivo forte; abalou-a, sacudiu-a como uma faísca da pilha; encheu-lhe a cabeça de visualidades e a vida exterior de aspetos novos. Vestidos de seda verdes a farfalharem caudas enormes passavam por diante do seu espírito. Chapéus de plumas brancas, manteletes de veludo, *bornous* de caxemira escarlata, revoadas de laços de cores variadas esvoaçavam-lhe nos sonhos, e pareciam pendurar-se-lhe das vigas do teto. Sonhava. Bento, o gordo, o barão em via de publicidade, aparecia-lhe descomunal, ajazeado de telas ricas de ouro e púrpura como o elefante dum velho sufi da Pérsia. Sonhava que ele, o elefante, recamado de pedrarias facetadas, faiscantes, lhe fazia meiguices moles com a tromba, e a envolvia nela como braços cabeludos que se enroscam nos pescoços e apertam com pressões cáusticas, convulsas as espáduas brancas e veludas. Depois, ele, o paquiderme, cintilante como uma miríade de estrelas nas profundezas do céu, trombejando-a com muita dulcidão caridosa, sentava-a no seu dorso largo sobre um frouxel de flacidez asiáticas, cosido d'ouro, com perfumes de nardo e cardamomo; e da ponta da tromba golfava-lhe no regaço gorgolões de ouro líquido; pulseiras grossas cravejadas de esmeraldas da Sibéria; manilhas com pingentes de granadas escarlates da Boémia; pérolas, gargantilhas, broches com gemas do Vesúvio; camafeus com perfis de mulheres gregas de narizes

aquilinos; anéis de brilhantes negros com facetas curvilíneas de cintilações cruas; grilhões em diademas de safiras orientais de reflexos lácteos, sardónicas negras, e topázios amarelos do Brasil; roscas dum ouro fosco com relógios esmaltados, orlados de rubis da Silésia; muitas libras, umas de cavalinho, outras com a efígie da rainha Vitória; peças de duas caras; dobrões de D. João V, muitos dinheiros desconhecidos. Ela via esta onda infinita de riquezas a rolar com espumas de ouro, dum grande mar fulvo, para o seu regaço; não sabia dar àquelas cousas os nomes próprios; mas estendia os braços cobertos de serpentes escamosas, esmaltadas, e afagava a tromba, a cornucópia do seu elefante Bento, o gordo, o barão em via de publicidade.⁵² Depois, o paquiderme com grandes passos cadenciosos subia o escadoz do Bom Jesus do Monte, à sombra dos carvalhos frondosos, com duas filarmónicas à frente, ambas de Braga, ricas de figles e pratos que davam sons estridentes. Foguetes e repiques ouviam-se; e nas verduras abastecidas das relvas cantavam-se fados duma garotice repreensível e inspirações malandras.⁵³ O elefante parou no terraço dos Evangelistas, ofegando, coleando a tromba vagarosamente. O Cosme, o bacharel que lhe fizera os versos, parara entre a multidão cheia de pasmo, que dizia apontando — «a baronesa! a baronesa!». E o poeta, roído de ciúmes, ria-se, fazia-lhe caretas de gaiato, punha o dedo polegar⁵⁴ no nariz, e sacudia os outros com trejeitos de canalhice de *Gavroche*, um garoto que Vítor Hugo inventou muitos anos depois; mas que já estava inventado em Portugal. Ela estorcia-se vexada, corrida das vaias do Cosme, quando o Bento, com a sua tromba carnosa, cilíndrica, que tinha um letreiro — *seiscentos contos fortes* — vibrou uma vergastada de revés ao bacharel, e atirou com ele de encontro ao S. Longuinhos, o cavaleiro de granito, que o aparou na lança, e o sacudiu à estátua de Moisés, que o agarrou com a mão que lá tem a jeito de quem mostra um panarício aos romeiros, e o mergulhou no tanque subjacente. Ela acordara então, espreguiçando-se toda, numa grande

elasticidade de pensamentos alegres, com palpitações de júbilo, sacudindo o lençol com as pernas, e sentara-se na cama com os olhos fechados, a rever, a ruminar, deliciada, a tromba que escorria fluxos, cascatas de diamantes no seu regaço.

O sonho teve logo uma interpretação mais racional que a das vacas magras do escravo de Putifar. O comendador soubera que Custódia fazia anos no domingo, e andava muito atarefada com a Eufémia Troncha, uma costureira gorda — que levava do Porto a Basto a moda dos casibeques — a fazerem de afogadilho uma garibaldi vermelha para vestir no dia natalício. Bento mandou à Lixa buscar uma carga de fogo-presos e do ar, bombas-reais, foguetes de lágrimas, o par de velhos arreitados que giram com muitos gestos impetuosos na roda acesa e estouram; o barbeiro a amolar na mó que espirra faúlas, e rebenta em fumarada negra, deixando a arder o seu arcabouço de canas e gravatos. Contratara a música do Arco, quinze figuras, afora três caixas e o zabumba, muito famosos da Ponte de Pé. Queria que se representasse o entremez do entrudo, a ABELHA-MESTRA; mas a dama, um mariola de muita barba, tinha sido preso para soldado, e não havia quem se atrevesse com o papel em cinco dias, sendo necessários dois meses de ensaio diligente, consciencioso. O Bento dera doze libras à irmã para um jantar de despique, duma fartura extraordinária, que chegasse a todos os pobres da freguesia. Eusébio e o filho faziam arcos de buxo com festões de hortênsias, de girassóis e dalias, com laranjas de pavio, de papel pintado, penduradas; e no ápice do arco o nome CUSTÓDIA em letras maiúsculas tecidas de caninhas e frondes de trepadeiras finas pela mão hábil do brasileiro. Ela via isto, e parecia-lhe estar a sonhar; tinha medo de tanta felicidade, e começava a sentir um reviramento no fundo da sua natureza pandilha; penetrara-lhe uma luz nova os arcanos recônditos da vida. Sentia-se nas prelibações de *senhora* rica; já não era a *Custódia*: era a massa duma baronesa a levedar.

O dia do vigésimo terceiro ano de Custódia tarde esquecerá naquelas terras de Basto económicas, pacatinhas. O ar era uma

explosão de esferas estreladas desde que apontou a aurora; em cima o estralejar dos foguetes e o estampido das bombas, em baixo os morteiros e o rufar das caixas. O abade pusera os sinos à disposição dos garotos. A filarmónica do Arco, de meia em meia hora, tocava polcas, mazurcas, o hino da Carta e o de Pio IX. Não tocava o da Maria da Fonte nem o do Antas porque era notório o esturro cabralista do abade.

Durante o jantar escorcharam peças conhecidas executadas em papéis de solfa que os garotos mostravam, suspensos nos braços erguidos, muito sujos, em atitudes de importância. A festejada falara pouco. Ela pusera nos seus gestos e ares frescos, movediços⁵⁵ de moça aldeã uns toques de sentimentalidades de reserva, toda cheia de conveniências senhoris. A Eufémia Troncha, que lhe talhara a garibaldi, estranhou-lhe o tom espivitado, a farófia, a tesura, o ar enfedorentado, cheio de *não-presta*, dizia. No jantar também lhe notaram o laconismo; não tivera ditos, repentes com que embaçava os sainetes do abade. Atribuiu-se aquela sisudeza a um discreto acanhamento em presença de convivas estranhos.

Estavam alguns vigários, alguns lavradores abastados, o doutor d'Abadim,⁵⁶ um major antigo e todos os brasileiros que tinham mordido na dignidade do comendador; sabiam que ele ia subir a barão e dispunha duma fortuna impenetrável à crítica. — Que nos importa que a irmã seja amiga do abade? Histórias... — disse o menos hipócrita aos mais devassos; e foram todos derreados de cortesias, muito faceiros, com grandes posses de estômago para os vinhos capitosos, escandecentes.

O Bento gostou muito do tino de Custódia e da concisão das suas frases. Sem que ele o dissesse, todos os comensais entenderam que a filha de Macário Eusébio⁵⁷ apanhara a sorte grande caindo em graça do milionário. O intérprete desta opinião foi o doutor d'Abadim, um fidalgo velho, que estava em contratos com o comendador sobre a venda do seu prazo do Rabaçal, uma quinta de casa solarenga do século xv, edificada sobre as ruínas de outra em que vivera⁵⁸ no século ix ou x Santa Senhorinha e S. Gervásio de

quem ele se dizia parente; mas vendia a quinta legendaria porque o comendador, com a pressa de comprar propriedade que investisse do baronato iminente, pagava o Rabaçal pelo duplo do valor. O fidalgo aceitara o convite do jantar, vindo por casualidade a tratar definitivamente o negócio no dia do aniversário de Custódia. Tinha deixado a magistratura, quando o seu amigo conde de Basto caiu. Conservava os ademanos, a linha, o aprumo fidalgo que trouxera da corte de D. Carlota Joaquina. Teria setenta anos pouco avelados na vida serena e sadia da aldeia. Rodeava-o a mocidade nobre de Basto para aprender o donaire, o gesto palaciano, o bem-estar imperturbável dos homens superiores, perfeitamente educados numa *assembleia de senhoras*, diziam.

Era epigramático; mas tão fino e amorável nas ironias que não desgostava ninguém. Há disso o que quer que seja no brinde que ele faz a Custódia e Bento:

— Bebo à saúde do gentil fruto do inteligente e assaz conhecido farmacêutico, o sr. Eusébio Macário, meu amigo e senhor. Eu já sabia, por experiência de enfermo, que o benemérito filho de Hipócrates manipulava no seu laboratório remédios eficazes para dores; mas agora acabo de ver e saber que também os sabe manipular para refrigério de amores. O deus Esculápio abraça-se com Cupido. Eu faço votos por que o nosso ilustre amigo, o sr. comendador Bento José Pereira Montalegre, não gaste da botica do sr. Eusébio Macário senão a linda filha, a droga mais doce, mais balsâmica que ele produziu, para a qual vejo que todos olham com inveja, exceto aquele a quem tenho a honra de saudar, o ilustríssimo comendador Montalegre, unindo-o no brinde àquela que já o está pelo coração, a esbelta Custodinha!

Foi muito apoiado pelos brasileiros, muito apoiado com gestos largos de braços e pesados de pés que arrastavam. Custódia e Felícia tinham-se erguido também logo que o fidalgo se levantara a solenizar o brinde. O José Fístula acenava d'olhos à irmã que se sentasse, e mais à outra. Ele tinha assistido em Braga a uns jantares de noivado das filhas da sua patroa, as duas Filhoses da rua dos

Sapateiros, uma com um procurador de causas, e a outra com um estudante minorista de Trás-os-Montes. Observara que as damas não se erguiam quando havia brindes cheios de comoções e de desprezo da gramática. Ele tinha este sólido conhecimento da fina sociedade, e repelava-se por ver que a irmã e a outra lorpa continuavam de pé com as mãos espalmadas sobre as barrigas, numa pasmaceira. O Guimarães, o brasileiro da Canhota, que estava à esquerda do brindado, quando as aclamações ao brinde do doutor d'Abadim serenaram, acotovelou o vizinho: — Comendador, você tem de agradecer o brinde, hein?

Do outro lado da mesa, o Pacheco da Quintã, major de milícias que fora de Braga, segredava a Eusébio Macário: — A etiqueta manda-o agradecer ao fidalgo em nome de sua filha.⁵⁹

— Estou ao facto da etiqueta — respondeu o boticário com gesto de suficiência limpando os beiços avinhados à toalha, com uma grande resolução oratória, já experimentada em lides eleitorais cabralistas, nos jantares que o abade liberalizava para alumiar de Rainha e Carta os entendimentos fuscos. Ele fez um trejeito ao comendador perguntando-lhe se deitava fala; mas não esperou resposta, porque o major dava-lhe com a unha do dedo grande na ilharga papuda, e dizia-lhe açodado: — Ande-me, ande-me!

Eusébio ergueu-se; e o abade inclinando-se sobre o ombro do fidalgo, com muita sisudeza: — Temos asneira, doutor. — O Fístula dizia lá consigo: — Meu pai está bêbedo!

Não caluniava perfeitamente o progenitor dos seus dias. Macário tinha em si bastante vinho do Porto com que ajudar a natureza oratória que lhe não era sovina; mas estava na temperatura conveniente dos oradores de *toasts* mais celebrados desde Lamartine, o maçador, nos banquetes comunistas e revolucionários de Autun, até Plácido de Freitas Costa, o incomparável, nos jantares pacatos, respeitadores da monarquia, no Hotel da Póvoa de Varzim, jantares sem consequências perniciosas à família portuguesa, exceto as da lagosta e do camarão.

O silêncio fizera-se quando Eusébio Macário bateu as mãos sonoras como uma matraca. Fez um trejeito de zangado. A orquestra, que acabava de beber, tocava na eira com muita fúria, um *pot-pourri*, a toada popular:

*Você diz que arromba, arromba,
Não se arromba dessa sorte,*

música prostituída do ELIXIR D'AMOR; e o

*Toma o limão verde,
Ó da fresca limonada,*

e

Água leva o regadinho

com intermitências de chula, em que assobiavam as requintas, ringiam as rebecas, e os clarinetes estrídulos guinchavam⁶⁰ roladadas de notas duma alegria zulu,⁶¹ brutal. Eusébio esperava impaciente que os metais descaíssem daquele furor incompatível com o uso da voz humana. O José Macário, para salvar o pai, lembrou-se de descer à eira e pedir ao João Leituga, um d'óculos, mestre da banda marcial, que fizesse tocar tudo em que o bombo, os pratos e os trombões trovejassem; mas o major das extintas milícias, o instigador velhaco, fora à janela, e batendo as palmas sobre os músicos pusera um dedo no nariz. Depois, voltando para dentro com aspetos militares: — Pode falar, sr. Macário.

Ele então meteu os dedos polegares na gola convexa, enchouraçada, da casaca, e, fazendo com os outros dedos um arpejo cadencioso nos bicos coçados das lapelas, disse pausado e fluente:

«Não posso deixar de responder à saúde do senhor doutor d'Abadim, cuja foi feita a minha filha Custódia, neste banquete em que vejo tudo quanto há de mais respeitável no partido da ordem,

isto é, da Rainha e Carta, que felizmente nos rege, pelo sábio governo do senhor conde de Tomar, cujo é o segundo marquês de Pombal, como muito bem disse o dono desta casa, e meu honrado amigo o senhor abade. Verdade é que o senhor doutor d'Abadim pertence ao partido do Senhor D. Miguel I, e não se mete nas eleições; mas parece-me que ele simpatiza mais com os chamorros que com os mijados.»

O fidalgo cabeceou um gesto de assentimento e abafou o frouxo de riso no seu lenço de seda da Índia. Aquela alcunha, bastante amoniacal, dos setembristas era uma palavra aceita,⁶² necessária, corrente nos ureteres políticos do corpo social luso. Ninguém estranhou; exceto o comendador Bento, que disse baixinho ao Guimarães: — Mi párece quê mijados não é civilizado para jantares, hein? — E o outro, mais identificado aos usos nacionais e ao dicionário político, respondeu: — Isto vai de pândega.

Eusébio, escorvando-se de rapé, como um velho lente de prima, autoritariamente, de uma caixa de búzio rajada com estrias e carneira de prata, continuou:

«— O meu amigo doutor que me honra com a sua amizade é um fidalgo que rescende já do tempo dos mouros e tem santos de que reza a folhinha na sua geração; sempre ouvi dizer isto desde que me entendo; e fidalgos desta casta não fazem parelha com o Manuel Passos, e José Estêvão e outros republicanos da mesma pandilha do *pé fresco*. Eu, aqui onde me veem, também fui realista; dei vivas em Guimarães ao Senhor D. Miguel rei absoluto, como todo o mundo sabe. A casaca que eu então levava, faz agora vinte e um anos, é esta, e inda a não virei; sou realista cá por dentro; mas enquanto não vier o rei legítimo entendo que devo votar com os excelentíssimos senhores Cabrais, com o senhor conde de Tomar que é o segundo marquês de Pombal, na opinião dos que sabem história, como o dono da casa, o nosso abade. Portanto, as palavras do senhor doutor a respeito de minha filha são dum peito sincero, e eu quisera ter o talento de Camões e de Bocage para explicar-me, sim, para explicar-me. Ideias não me faltam; mas

tenho lidado toda a santa vida com brutos d'aldeia; e falta-me isto que se chama a lógica. Sei do meu ofício, e tenho lido os melhores autores; não é por me gabar, mas aí está o público que me não deixa mentir. Tenho vencido doenças mortais, e... (*com entusiasmo, gesticulando como quem arranca*)⁶³ e tenho arrancado à Parca muita gente, cuja aí está viva e sã.»

O filho olhava para o pai e franzia o nariz; mas o boticário ou não o via do fundo da sua glória afirmada pelos gestos do fidalgo e pela contemplação fixa dos comensais, ou o mandava à fava com a firmeza conhecida dos maçadores implacáveis do parlamento português quando os interrompe o aparte, a inveja, a careta hostil. Prosseguiu com intemerata pachorra o elogio dos seus serviços à saúde pública, injuriou a medicina moderna, chamando-lhe *patacoada*, esteve a pique de lagrimejar quando lembrou o cirurgião Maneta, e invocou o testemunho do fidalgo que se curara com o dito chorado Maneta duma moléstia de pele acompanhada de humores frios. O discurso ia derivando com uma discorrência lógica, engenhosa para o remate do brinde, quando a banda marcial rompeu de súbito com o hino da Carta, e uma girândola de bombas estralou com fragorosos estampidos. É que José Fístula raspava-se muito à sorrelfa, e descera à eira a pedir o hino e as bombas como Eneias pediria um burro para salvar seu pai Anquises do incêndio de Troia. Não se ouviram as últimas palavras roucas, esganiçadas, de Eusébio Macário. Todos em pé, com o braço erguido e o copo escorrido, o vitoriavam a gritos. Felícia tapava os ouvidos com as mãos; e Custódia, esquecida um momento da sua seriedade contrafeita, ou talvez um pouco pingueira, dava risadas idiotas, e sentia ímpetos patuscos de atirar castanhas d'ovos ao comendador.

Ninguém mais falou. Saíram de roldão para a eira, fumando charutos caros do Bento, desabotoados sobre o estômago, todos cheios de arrotos, pedindo café e conhaque, parando com indecisões suspeitas, com as pernas muito abertas, lassos, molanqueiros, olhando-se uns aos outros de lado com os olhos entortados de obliquidades chinesas, numa borracheira alegre.

O comendador ficara um pouco atrás com o abade e o doutor. Custódia ia ajudar a pôr as chávenas no tabuleiro para o café, quando Bento a chamou e lhe meteu no dedo mendinho um anel de alto preço, dizendo:

— Receba sinhá meu ánel de noivado.

Custódia olhou para o anel, e disse que muito obrigada, sem que as faces ganhassem uma camada nova de pejo sobre o carmim dos vinhos fortes.

O anel — disse o comendador ao fidalgo — tinha três brilhantes que lhe custaram duzentas e cinquenta libras esterlinas, hein? comprados na Jequitinhonha, *onde há eles mais prégiosos nos Brásis.*

VII

O noivo deliberara ir ao Porto arranjar casa, trastejá-la, comprar o rico enxoval da noiva. Quis levar a irmã para o ajudar, e pôs a Eufémia Troncha e as aprendizes a fazerem-lhe um vestido de merino, cousa que remediasse para a jornada. O chapéu de cetim cor-de-rosa com plumas brancas e grinalda de rosas-chá, e mais o xale de tonquim⁶⁴ amarelo com cercadura e franja de flores escarlates foram comprados no João Pinto, dos Clérigos, por Araújo & Filhos. Do sapateiro António Pequeno, de Belomonte, foram os sapatos de duraque, dum tamanho insólito, muito esparramados, sem tacão, com fitas de seda para cruzarem na perna. Felícia, às escondidas, calçou os sapatos, serpenteou as fitas nas pernas bojudas, e ficou a contemplar-se com satisfação, regamboleando a canela, remirando-lhe todos os aspetos, horizontalmente, transversalmente, verticalmente, de esguelha, de perfil. Também tinha *mitaines* de retrós e ligas verdes de fivela, elásticas, trazidas do Alemão de Guimarães, quando o comendador lá foi comprar um grilhão de vinte moedas para a noiva, outro para a irmã, uma caixa de prata para o meio-grosso de Eusébio Macário e uma cigarreira do mesmo metal para o abade. Ao José Fístula levou-lhe umas botas à Frederica com espora de prateleira e uma capa à espanhola, abandada de veludo encarnado, uma rica peça.

O abade não podia decentemente estorvar que a Felícia acompanhasse o irmão. Ela, de contente, não cabia na pele; e,

assim que podia escapular-se, ia ao quarto abrir a boceta do chapéu, desencaixava-o com muito mimo, bufava-lhe as plumas e as flores, punha-o na cabeça, apertava as fitas verdes por debaixo do queixo, e agachava-se para se mirar no espelhinho redondo, encaixilhado em lâmina de chumbo, tão diminuto que apenas lhe permitia ver as várias peças da cara, cada uma por sua vez, e quási sempre era o nariz que se espelhava com vantajoso egoísmo. Este contentamento magoava secretamente o abade; punham-no de antemão saudades e espinhos de ingratidão daquela Felícia que parecia outra casta de mulher com a cabeça a juro — dizia ele — e uns ares de importância. — Mas não posso abrir o bico — pensava. — Se me queixo, ela pode dizer-me que vai com o seu irmão, que cumpre o seu dever, que não pode confessar-lhe o seu erro, recusando-se a acompanhá-lo. Até certo ponto obra com juízo; e, se eu lhe reguingar, pode passar-me a planta de todo em todo. — Concluiu que o melhor era temporizar; e, quer sim quer não, à cautela, lançou olhares reservados, cheios de cálculos, à Eufémia Troncha, a costureira que, em tempos remotos, antes de ir para casa de M.^{me} Guichard, no Porto, lhe tinha concedido pequenas brincadeiras na romaria da Senhora do Pilar. Era uma gorda, na volta dos quarenta, com dous penachos crespos de barba no queixo de baixo, e as sobran-celhas pretas, cerradas; esbamboando-se nas polpas flácidas das espáduas e dos encontros, como uma peça colossal de gelatina que flutua e badaleja. Tinha má nota quanto a costumes, muito boa tesoura para vestidos e garibaldis, e emprestava, com usura de ladra, dinheiro herdado dum brasileiro gotoso que lhe morrera nos braços. Ela também se lembrava da romaria; e, às vezes, quando estava costurando, sozinha, na saleta, se o abade saía da alcova a manquejar do tornozelo, tirava um suspiro que lhe ondeava as conchas do seio, e cantarolava baixinho, com saudade infinita, o verso de Palmeirim:

Ai! amor, ai! amor, ai! amor.

Eram recordações dos seus vinte e cinco anos, gozados com o ardor impetuoso, gentilico das máximas da Roma dissoluta, que circulavam em Cabeceiras de Basto como os pardaus no tempo de Sá de Miranda. O abade, sorvendo e fumegando pelo nariz o fumo do cigarro, quebrava a cinza na sola do chinelo de tapete, cruzado sobre a coxa, e dizia de si consigo, olhando-a de soslaio: «Ainda mostras o que foste — uma boa praça...»

O comendador, quando saía para o Porto, recebeu do seu correspondente na corte a notícia de que estava assinado o decreto que o agraciava barão do Rabaçal em uma vida, e pedia ordem para pagar os direitos de mercê, etc. José Fístula, assim que soube isto, carregou doze morteiros, e *bumba*, três descargas. O criado das cavalgaduras foi para a torre, repicou, cuidou-se que era Senhor fora, acudiram velhas ao adro de aventais de saragoça pela cabeça, e quando souberam o que era, disseram «diabo do homem dá que fazer ao sino!». Custódia foi felicitada pelo irmão com palmadas nos ombros; Eusébio, olhando para a filha de quem estava a re-bentar uma baronesa, e para o espetáculo chinfrim do S. Miguel e dos garrafões desvidrados da botica, sentia-se deslocado, vexado. Os brasileiros, que estiveram no jantar, foram dar os parabéns ao titular; não o encontraram; e, conversando a respeito da mercê, concordaram em que os títulos estavam de rastos, e que os Cabrais os vendiam a cavalgaduras como o Bento.

Entretanto, o barão do Rabaçal mobilava uma casaria provisoriamente no Poço das Patas enquanto não fazia o palacete. Os estofos vinham de Lisboa, do Gardé, acompanhados dum prático, que havia de armar, dispor, harmonizar. Ele queria muitos trastes de *papier-maché*, mogno reluzente, tremós, espelhos nas portas dos guarda-vestidos, sofás, divãs, poltronas várias de marroquim, de repes azul, de veludo encarnado; queria *chaise-longue*, *chaise-lit*, *consoles*, *étagères*, *tête-à-tête*, jardineiras, jarras com flores de penas e passarinhos amarelos, relógios de grandes campas de vidro com Napoleão de braços cruzados e o Abd-el-Kader à rédea solta no deserto, com a cimitarra a relampejar e o *bournous* desfraldado nas

asas do siroco; gravuras grandes de casos romanos de Tito Lívio em caixilhos dourados com cordões vermelhos, *toilettes* com portinholas de espelho e repartimentos estofados de cetim azul; tapetes, reposteiros, galerias douradas com requifes paspalhões, bambinelas e transparentes com passarolos impossivelmente brasileiros, urubus e caracará da América austral; aparadores, guarda-louças, *plateaux*. Ele pediu tudo, guiando-se pelos artigos que vira anunciados no leilão de um visconde que falira no Porto, um homem de gosto muito fino e perfeito em cores ardentes, infernais. Pediu mais a um seu amigo, também titular e minhoto, o barão da Corujeira, residente na capital, e casado com uma senhora elegante, d'olhos piscos e luneta, muito falada na crónica dissoluta, que lhe mandasse os ingredientes que ele vira na *toilette* de sua esposa, e deu-lhe parte que se ia casar, e arrumar de todo com o negócio de Vassouras. O barão, consultando a esposa, mandou-lhe *lait d'amandes douces* para dulcificar as loções, e vários *savons de thridace* e *de la reine des abeilles*, com algumas caixas de porcelana cheias de *la crème froide mousseuse* e *fleur du lys*, tudo para dar macias frescuras e odores asiáticos à epiderme de Custódia. Mandou-lhe um *hidróforo* para pulverizar o banho, com uma explicação em francês. Para o cultivo dos cabelos, entre outras pomadas caras, enviou-lhe *baume des violettes d'Italie*, composto de óleos virgens de uma pureza virginal e vários tutanos; e, de igual eficácia, *la crème fondante*, e *la crème Sévigné*, e *la pommade régénératrice*; mas, sobretudo, a baronesa da Corujeira recomendava à sua futura colega e amiga o uso diário de *l'eau rédivive de Nangasaki*, de origem japonesa. Aconselhava-a a não usar do *cold-cream* que era já rococó; mas sim de *l'eau de beauté* e do *crème Pompadour*; quanto ao *lait de concombre*, às *eaux de la reine de Hongrie*⁶⁵ e de *lavande*, que não usasse que já não era moda, e não se encontravam nos *talismans de la beauté* de Louis Claye. Esta baronesa da Corujeira lavava-se em leite, e cada vez estava mais suja, dizia-se no Marrare do Chiado, quando ela andava por ali farejando o Manuel Brown ou o Chico Belas, os leões. Para esmero das unhas recomendava-lhe *la poudre*

orientale, e para dar brilho aos olhos e às sobrancelhas o *koheuil* e *l'eau de plantain et de roses*. Para os dentes *les larmes de l'aurore*, pulverização do *mastic* que as sacerdotisas de Vénus mastigavam. «Eu e minha mulher gastamos destes *vons pozes*», escrevia o barão com a língua menos limpa que os dentes. O do Rabaçal mandou perfilar os frascos e as bocetas na *toilette*, com muitas quinquilherias, segundo as indicações do prático. A irmã perguntou-lhe se aquilo tudo era remédios para se purgar.

De quinze em quinze dias, o barão ia a S. Tiago da Faia ver a noiva, e deixava a irmã a vigiar, toda esfandegada, os arranjos da casa que eram complicados de artistas vários; alguns punham nas paredes papéis dourados, ou panoramas de guerras orientais, paisagens em que se viam borregos de cores fantasistas e pastores de cangalhas a tocarem flauta para consolação dumas pastoras com caras rubras que os escutavam, de cordeiros no regaço e as pernas escarlates estendidas, nuas, sobre a relva. Felícia olhava para aqueles painéis, e sentia um vago de saudades da sua infância em Padornelos. Do abade — que anomalia! — não tinha saudades nem desejos sequer ideais. Por um lado, a riqueza que a envolvia de resplendores, de deslumbramentos como uma cena de glória, as *excelências* que lhe davam os operários de Araújo & Filhos,⁶⁶ e mais outros brasileiros das relações do mano; por outro lado, a lembrança das velhas arrelias do abade com as zoinas da freguesia, as doenças impertinentes duma vida caquética, derrancada em bambochatas, a sobrançeria com que a tratavam as senhoras de Cabeceiras e as lavradeiras casadas; tudo isto explicava naturalmente que Felícia de boa vontade ficasse no Porto quando o mano ia ver a noiva. De resto, as conveniências impunham-se-lhe. Ela não podia nem devia dizer ao irmão que queria ir ver o abade, nem lastimá-lo no desarranjo que ele, a falar verdade, não sentia, porque a Eufémia Troncha ficara governando a casa; e Custódia, que já sabia os costumes do abade, ia por lá, dirigia, mandava, punha tudo em ordem, despida dos preconceitos do seu futuro estado, dizendo ratices, como dantes, que lhe repuxavam do fundo da sua

fisiologia patavina. O abade doía-se; mas não se queixava. — Perguntava: Que fazia ela? em que se entretinha? Como se dava com os ares do Porto e com as águas? Se comia bem, e gostava das iguarias de lá? — Que a mana Felícia — explicava o barão — não podia abandonar os operários, e estava muito contente, e mais gorda, comendo bem, porque tinham o melhor cozinheiro do Porto, um preto que saíra de casa do conde de Farrobo e aprendera no Mata. Expunha a sua diária na mesa com entusiasmo lambareiro e descrédito internacional das duas línguas. Ele nunca se fartava de bacalhau recheado à *Richelieu*, e das empadas *au gratin*. Explicava a Custódia o que era um *vol-au-vent* de borrachos, e a perna de carneiro à *la Bordelaise*. Que Felícia gostava muito da dobrada com molho de alcaparras, e de feijão branco à *la maître d'hôtel*.⁶⁷ Citava, contando pelos dedos, os pratos que vieram à mesa, quando lá foi jantar Araújo & Filhos, o comendador Aguiar e mais o seu colega barão de S. Torquato. Sentia não poder lembrar-se de todos os pratos; mas não pudera esquecer o *coulbache* de frangos, o *blanquette* de galinhas à *l'escarlate truffées*,⁶⁸ o lombo de vaca à *la Macédoine*, os linguados recheados *au gratin*,⁶⁹ o magnífico pirão de mandioca, e a bela sopa de *purée* de arroz à *la princesse*; e que Felícia dava o cavaco pelas doçuras; entrava fortemente nas compotas, nos *mirlitons*, no *gâteau royal*,⁷⁰ nas *omelettes soufflées à la vanille*, e nos pãezinhos de tapioca à brasileira. Custódia sentia subirem-lhe das profundezas do seu estômago uns vivos apetites mordentes daquelas cousas de «nomes pândegos», dizia; sentia curiosidades de paladar, titilações nas glândulas salivares que lhe cuspinhavam na boca. Queria comer daquilo tudo. Era a evolução a fazer-se da futura baronesa do Rabaçal, gorda, pandorga, gulosa.

O abade ouvia tudo com uma interior paixão do seu desengano; não podia suportar que Felícia estivesse contente, esquecida e mais gorda. O seu despeito dava-lhe visões desonestas; punha-lhe no coração farpas de ciúmes. Figuravam-se-lhe escândalos, abraços, fragilidades. Perguntava miudezas, particularidades dos homens que visitavam o barão no Porto. Que sujeito era o comendador

Aguiar, a idade, os costumes. O barão dizia-lhe que era um velhote de pança, ex-capitão de tropas brasileiras, frascário bastante, amigo de fazer discursos e bom paladar para vinhos secos. De resto, bom homem e muito zeloso da «corporação respeitável dos brasileiros». Esta informação não sossegou perfeitamente o abade; mas amordaçava-se; rugia inaudível como um leão estropiado nos recôncavos ignorados da sua caverna. Às vezes desabafava com a Eufémia na expansiva confiança de grande desgraçado. «Dezesseis anos de casa e pucarinho! — queixava-se. — Não são dezesseis meses, são dezesseis anos, Eufémia! Veja você! E prega-me um couce destes!» — E ela, consoladora, meiga: — Deixe lá; mulheres não lhe faltam, e com outros princípios. Tenha o senhor abade saúde, que mulheres não lhe faltam. A falar a verdade, ingrata, foi! Assim que se pilhou com irmão brasileiro, pôs-se na pizeza. Bem se vê que vossa senhoria a tirou de guardar cabras em Barroso. Não se aflija; faça por comer e beber, que mulheres, como o outro que diz, o Diabo as traz e o Diabo as leva.

Isto consolava-o alguma cousa. Eufémia multiplicava cuidados, extremos, queria friccionar-lhe o reumatismo, envolvia-o no fluído dos seus olhos cheios de ternuras e condonguices. Sabia segredos culinários da estalagem do Rainha, na Praça-Nova, onde se afreguesara por amor às tripas. A cozinha do abade era agora mais seleta, menos gordurosa e muito substancial. Enfim, o desprezado amador de Felícia⁷¹ resignava-se a pouco e pouco, dobrando-se à vontade do Altíssimo, com paciência cristã.

O barão, quando ia de S. Tiago da Faia para o Porto, contava à irmã que o abade estava rijo e fero; que a costureira tratava dele como de cousa sua, e que a Custodinha dissera ao pai que a ela não lhe ficava bem ir à residência, porque a Eufémia não se portava bem, e era um pouco linguaruda, descaradinha, e não saía da beira do abade; de mais a mais, Eusébio Macário informou o barão de que o padre tinha sido, quando era o diabo em ameijoadas de fêmeas, um dos amantéticos da Troncha.

Felícia bem o sabia, e já supunha o resto; mas assim mesmo encavacara com a notícia; doía-lhe a dissolução súbita, inesperada, dos hábitos e costumeiras de uma⁷² vida de dezesseis anos, na intimidade, no amor daquele homem, sua primeira e única afeição; achava pouca-vergonha que o abade, apenas ela voltou costas, se arranjasse comodamente com a Eufémia, uma franduna de balão e espartilhos, esmamaçada, que dava d'olho a todos os morgados⁷³ de Basto, e os esfolava, pondo-lhes a pele a juro por casa dos lavradores. Contou, cheia de ferro, estas cousas com grande cólera, e quási se desferrava na explosão do ciúme. O barão não era tão parvo quanto se presume do título. Desconfiou que houvera maroteira, concubinação; mas por honra própria urgia-lhe dissimular, fingir que não percebia; ainda assim, resolvera quebrar sem estalo aquelas ligações, evitando que os dous se aproximassem; e até pensava em casar Felícia com bom dote, visto que ela, à volta dos trinta e seis anos, ainda era uma boa estampa de mulher, forte, dura e sadia como as montanhas. Uma vez, para a sondar, disse-lho — que a queria fazer feliz, dar-lhe marido que a estimasse, proporcionar-lhe as alegrias da velhice, os filhos, os netos, a família. Ela arregaçou os beijos num risinho lorpa, duma sinceridade sã, e disse: — Boa vai ela! O mano está a mangar! Eu já não chego a filhos quanto mais a netos. Quem dianho me quer? Só se for algum velho com'a mim. Mas eu não ando. Credo! Antes morrer solteira, que o boi solto lambe-se todo, diz lá o ditado.

— Que lhe daria marido ainda novo, porque em Portugal, quem tinha dinheiro, isso da idade era uma história. Que quisesse ela, e os maridos seriam tantos como papagaios em bananeira — estilo figurado de Vassouras.

Ela ficou a cismar, a cismar naquilo do casamento. Horizontes, aspetos de vida nova rasgavam-se-lhe. Alisava os bandós muito oleosos, por dentro da vidraça, com os olhos errantes nas grimpas dos ciprestes do Repouso que ramalhavam, varejados pelo vento norte. Era janeiro. Havia grande frio. À ideia de marido associou-se-lhe a da temperatura tépida do leito conjugal, as doçuras suaves,

quentinhas e lícitas do matrimónio. Desandou da janela para o espelho de vestir do toucador da futura baronesa. Diante do espelho, refastelada numa poltrona de repes azul, não se achou fora de jeito para as funções nupciais. Punha uma grande confiança no maciço dos seios, na largueza roliça, nédia, dos ombros esbagachados, e na carnação boleada das panturrilhas, que bojavam premidas pelo elástico repuxado da liga. Acima destas considerações realistas, preocupavam-na a Moral, a Religião, o Sacramento, as cousas nobres do matrimónio que se edificam sobre as colunas sensitivas, materialíssimas dos bons braços, dos peitos redondos e das pernas grossas: as grandes bestialidades do puro amor santificado na forma do sagrado Concílio Tridentino e Constituições do arcebispado.

Quando o irmão tornou a falar no casamento, ela tirou do peito, como um gás que se expande, um grande suspiro e disse: — A vontade do mano é a minha.

VIII

Chegara a primavera,

dileta aos bois de retorcidos cornos,

como diz Homero*.

A casa dos noivos, no Poço das Patas, não deixava nada a desejar. Brasileiros de gosto com exclamações admirativas visitavam o quarto da noiva, diziam que estava uma capela, cousa muito papa-fina, uma riqueza; e, a respeito do leito nupcial, com pavilhão franjado, faziam observações chulas, dum pitoresco obsceno, com gargalhadas e piparotes no ventre sonoro do barão. Havia quartos preparados para Eusébio Macário e José Fístula no segundo andar; no terceiro havia de ficar o abade, separado de Felícia por 55 degraus. Ela tinha a sua alcova no primeiro andar, sob o olho briosamente honesto do mano barão. A vinda do abade, que havia de ser o ministro do sacramento, resolvera-se, se o reumatismo não recrudescesse ao rebentar das árvores. Era preciso contemporizar, disfarçar. Um rompimento declarado do barão com o padre poria

* Este verso do pai dos poetas não o encontram os helenistas na *Iliada*, nem na *Odisseia*, nem nos *Hinos*, nem ainda nos *Poemetos*. É um fragmento de poema desconhecido. Vai esta nota como um ato de caridade com muita gente que sabe grego e está lendo *Eusébio*. A versão do fragmento lê-se na tradução francesa da *Odisseia* por Montbel, 3.^a edição, p. 412.

manchas, evidências de velha corrupção na pessoa da mana. Ele confiava na prudência dos dous em público, e esperava com a sua vigilância obstar à reincidência das fragilidades humanas. A sua honra e posição social exigiam-lho.

O noivo saiu para Basto com dous amigos íntimos e suas senhoras, para apadrinharem o casamento e condecorarem o préstito. Felícia ficou a dirigir o banquete das núpcias, muito atarefada, fazendo rir as criadas, que lhe chamavam a *bajouj*.⁷⁴ Uma dama da comitiva era a D. Pascoela, mulher do Trigueiros, douda garantida, de repica-ponto, com muito ar, mestra em cornudagens, andando às cuadas, em solavancos, dando muita sorte, grande artista de todas as denguices que fazem saltar dos peitos dos velhos uns pensamentos verdes, como lagartos dentre ruínas. Dava bailes e jantares muito ruidosos, com vinhos especiais; bebia como um *hussard*, fazia partidas varonis, quebrava cálices, gritava *hip! hip! hurrah!* e sacudia *shake-hands* como um marujo inglês. Ela tinha sido botiquineira na rua de Trás dos Quartéis, no Rio de Janeiro, e casara com o Trigueiros para descansar, arranjar-se. De resto muito seca de carnes com boa cara.

A outra era a esposa do comendador Mota Prego, a Nazaré, a triste Nazaré, filha do morgado de Agunchos, o jogador, que morreu a ensinar numa aldeia instrução primária, uma cousa que ele não sabia — a mais falsa das posições a que pode levar a miséria. A filha, muito linda e sem parentes que a recolhessem, foi ser criada duma freira beneditina no Porto. Um dia procurou-a um homem lustroso de roupas e cintilante de cadeias e pedras finas. Era o Mota Prego que chegava do Brasil, e ia ao mosteiro oferecer a sua fortuna à filha do fidalgo que era seu padrinho, e o mandara ensinar a ler e lhe pagara a passagem, e dera o enxoval. Maria de Nazaré achou bonita, sublime a gratidão do homem; mas não o queria para marido. Tinha um amor de infância a um primo, filho segundo, pobre, que estudava no colégio militar, e havia de esposá-la quando saísse alferes. Soube-se no mosteiro que ela se esquivava às visitas do comendador. As madres deitaram-se à criada,

tratando-a de douda, de besta porque enjeitava um marido podre de rico; chegaram a chamar-lhe derriço de soldados, e ameaçaram-na de a não deixarem falar ao tropa, quando ele viesse a férias. A madre porteira entendeu-se com o carteiro; recebia as cartas do sargento, e dava-lhe pastéis. O Mota foi informado destas biltrarias monásticas praticadas em seu obséquio e da menina pela madre a quem ele tinha dado de presente um casal de periquitos. Reprovou-as honradamente, e rompeu no excesso de escrever à filha do seu benfeitor, oferecendo-lhe alguns contos de réis para que ela pudesse casar já com o primo, se era a falta de dinheiro que os impedia de se unirem; que lhe pagava assim a dívida que não pudera pagar ao pai. Um heroísmo inaudito e inédito que, se não fosse verdadeiro, seria necessário inventá-lo para abrir no escudo branco da «corporação respeitável» alguma peça heráldica, simbólica de façanha ilustre em matéria de moeda forte, metal sonante, estranha aos pregões das gazetilhas. A Nazaré, a bela alma, admirou-se. — Coitado do homem! — pensava comovida — Coitado do homem! Talvez casasse com ele se não amasse Alfredo, apesar de o achar mal feito, muito bajoujo. Quando conversava fazia-lhe lembrar o Simão, um preto que era criado da casa paterna e dava cambalhotas para a divertir; mas parecia-lhe que o Mota era bom; e, se lhe não desse a felicidade do coração, paciência; resignar-se-ia passando da sujeição de criada ao descanso duma⁷⁵ tristeza sem receio de que a obrigassem a estar contente, a trabalhar, a distrair a velha ama, e a coçar-lhe as plantas dos pés para a adormecer. Ela, a filha dum Antas d'Agunchos, neta de reis, a coçar os pés inchados duma freira benta, filha dum cerieiro da rua das Flores!

Contos largos viriam aqui de molde, se os velhos processos românticos se admitissem. Houve choradeiras. O sargento ficou reprovado duas vezes e foi mandado servir na linha. Abandallhou-se; andava por Lisboa de cachimbo de barro, com os tacões cambados, cheio de caspa, metido com toureiros de profissão e jantava iscas de fígado na rua das Pretas. Depois, o pai, um brigadeiro reformado de Trás-os-Montes, foi buscá-lo, e casou-o com uma viúva, couraça

velha, que tinha muitas terras. O desgraçado perdera a memória do seu amor d'infância; a prima lembrava-lhe às vezes na casa senhorial de Agunchos, quando lhe chamavam a morgadinha; porém, desde que a vida crapulosa lhe deliu a fibra do romantismo, começou a vê-la na positiva pobreza de criada de convento, com um vestido de chita reles e uma touca branca vilipendiosa como distintivo de servidão. Desenganou-a, quando o pai o vestiu e escarolou da crusta do deboche e da pelintragem. Disse-lhe que não tinha presente nem futuro; que estava perdido; que o esquecesse e lhe perdoasse o seu infortúnio. As maravalhas do costume.

Daí a dias, um correspondente do *Echo Popular* relatava o casamento do ex-aluno do Colégio Militar Alfredo Pessoa com a rica viúva do proprietário Bogas de Vinhais. Esperava-se que a Nazaré ensandecesse quando lhe chegasse à mão o *Echo* de que as freiras compraram três exemplares que percorreram os dormitórios de cela em cela. Já inspirava compaixão a pobre menina. Não houve, porém, novidade extraordinária. Disse à ama que ia casar com o comendador Mota Prego, e saiu do mosteiro numa carruagem do Carneiro do Bonjardim, com trintanário de chapéu ombreado com roseta e casaco de gola encarnada. Esteve alguns dias hóspeda dum⁷⁶ capitalista chefe de família,⁷⁷ e daqui foi para casa do esposo, que a estimava muito, e não lhe percebia a tristeza. Chamavam-lhe por isso «a triste», por antonomásia. Tinha uma grande bondade indulgente com os desvarios da D. Pascoela; uma cristã fidalguia de clemência com os vícios vestidos de *moiré antique*, elegantes, visto que a virtude austera, rota, frangalhona, não aparecia na sociedade das suas relações. Conhecera a mãe, uma fidalga magra, com um perfil de santa, um sorriso bom para a morte, e para o marido que se abismara, até cair no magistério das primeiras letras. Falava, como ela, muito baixinho, não fazia gestos, explicava-se de longe às criadas com variados toques convencionais de campainha, e todas as frases numéricas as exprimia com os dedos translúcidos, muito finos, duma brancura de marfim rajado de veias azuladas. O marido adorava-a, chamava-lhe *D. Maria de Nazaré*; e, se a não

respeitasse tanto, ousaria pedir-lhe licença para a trazer no colo, e adormecê-la no seu regaço como uma pomba que se aninha e fecha os olhos debaixo da mão aveludada de carícias.

Foi a madrinha do casamento e ajudara a vestir a noiva. A botiquineira da rua de Trás dos Quartéis, a Pascoela, dizia ao marido que a Custódia era uma labrega, muito bruta, adiposa, cheia de carne, a cheirar ao raposinho da aldeia e aos unguentos da botica. A Nazaré achava-a bonitinha; que havia de ser boa senhora de casa, e que lhe parecia uma rapariga singela, sem educação fina, mas suscetível de se educar. O Prego afirmava que o barão era tão bruto ou mais que ela; que mau seria se lha educassem. Este homem tinha bastante espírito; fora sócio fundador dum gabinete literário de caixeiros em Pernambuco, não desconhecia inteiramente o TELÉMAGO, os SUSPIROS POÉTICOS do Magalhães, admirava e sabia de cor a MARTINHEIDA e o SAQUE do doutor Ferro. Quem ele achava muito desfrutável sandeu era o Eusébio Macário, e dizia que o filho era a quinta-essência do malandrim, e que o barão acanalhava-se casando com tal criatura. Ele tinha nas veias, por transfusão sudorífera da esposa, um pouco do sangue dos Antas d'Agunchos, descendentes por bastardia de Afonso II, *o Gordo*.

Maria de Nazaré ajudou a vestir a Custódia de noiva. Atacou-lhe o colete e acolchetou-lhe o vestido de cetim branco, obra primorosa de M.^{me} Andrillac, com rendas de Bruxelas; deitou-lhe o véu de *blonde*, cingiu-lhe a coroa de laranjeira, e lançou-lhe o adereço de brilhantes e pérolas, a mais rica peça que saiu da oficina do Espírito Santo, na rua de Santo António. Assim trajada, a filha de Macário tinha muito que invejar à camponesa de garibaldi vermelha, com a camisa tufada na cintura. Parecia uma rainha das velhas comédias, do ARTAXERXES, *rei da Pérsia*, a INÊS na cena da coroação, como ela se fazia em Guimarães e em Amarante, nos seus dias de arte próspera, rival de Atenas e Florença. O Mota Prego achava-a muito pantafaçada; e a plebe, quando a viu passar para a igreja, chamava-lhe um «porparo» como nunca se vira; que o diabo não tinha sono, que era um entrudo, que estava o mundo a acabar-se,

que a vida era para as «moinantas» como a Custódia boticaira; que não sabiam por que carga d'água o brasileiro se enrabichara com aquela trapalhona que mostrava as pernas nos lavadouros.

O casamento celebrou-se de manhãzinha. Da igreja saíram em liteiras para o Arco, onde os esperava o almoço, encomendado pelo barão. Pernoitaram em Amarante, na estalagem da Capadeira, onde os esperava com ceia lauta o brasileiro de Fregim que levou uma chula com duas requintas; e as filhas da Capadeira, três moças esbeltas de muita feição, dançaram com o José Fístula — grande pagode até ao romper da manhã. Os noivos tinham-se deitado, e disseram que os assobios agudos das requintas os não deixaram pregar olho. O abade piscava ao Mota Prego, que dizia ao Trigueiros que as requintas é que pagavam as favas. Nesse dia à noite, com grande fadiga, chegaram ao Porto. A baronesa tosquenejava na liteira com sono; o marido também; e, como iam defronte um do outro, às vezes davam marradas; acordavam estrouvinhados, riam-se, e beijavam-se, murmurando arrulhos de pombos.

No dia seguinte houve o jantar nupcial.

A Felícia apareceu vestida à grande, de seda verde, com saias rijas que faziam *frufru*, e botinhas de duraque que ringiam⁷⁹ nos tapetes com pompa. O abade apenas pudera cumprimentá-la à chegada, e levaram-no para o terceiro andar, onde tinha a cama, cinquenta e cinco degraus acima de Felícia. Não pudera dormir nem abrir o Breviário, como tentara, para exorcismar o Diabo dos ataques, o número três dos inimigos da alma. Lembrou-lhe tudo. Aquele caso do lobo que matara quando ia de noite à choupana de Felícia que o esp era de saia de tomentos, na lareira, ao pé da raiz do torgo em brasa, a fiar; o caldo de leite que comiam com talhadas de abóbora; a cabaça do vinho da Ribeira por onde ambos bebiam; o leito de bancos com mantas grossas de listras pretas e lençóis de estopa de uma frialdade húmida e um cheiro de paredes ressumadas. Vinha derivando daí no pendor de dezesseis anos; acusava-se um pouco do seu tédio, das suas perfídias, noitadas com a fidalga da luneta, com a Canelas, com a Troncha, uma infinidade de rapaziadas, asneiras; mas isto não desculpava Felícia, que o aturava, sempre carinhosa, a impostora, enquanto não teve irmão brasileiro. Era injusto. Ela podia, se o hábito a não prendesse ao Justino, o travesso estudante, o seu único amor na mocidade, estar há muito nas regalias da fortuna, de um marido e da convivência com gente fina.

Ao outro dia de manhã, quando descia para almoçar, encontrou-a na passagem do patamar do segundo andar.

— Anda lá que me saíste boa peseta! — disse-lhe.

E ela com arremesso:

— Então que queria? Que eu deixasse o mano?

— Desalmada! — gossou o abade, engolindo alguns substantivos fortes, menos figurados. — Depois de dezesseis anos, fica-te pra aí, desgraçado!

— O senhor passa bem sem mim; lá tem a Eufémia, lá se arranja.

— Pudera não! Mulheres há tantas como a praga.

— Pois se há, deixe-me. Olha que espiga! — E voltou-lhe as costas.

— Que rolha! — murmurou o abade, e safou-se; ouviam-se passos.

Ao jantar, muitos brindes. Eusébio Macário, quando ia para a mesa, foi chamado à guarda-roupa do genro que lhe vestiu uma casaca nova com o hábito de Cristo na lapela. Uma surpresa exultante que poderia bestificá-lo, se ele não tivesse uma constituição bem formada. O barão iniciava a nobilitação do sogro com 76\$000 réis que lhe custara o hábito, cinquenta para o Estado e vinte e seis de luvas para o Lobato, o seu procurador. O Mota Prego brindou a Eusébio Macário:

— Que aquela insígnia de cavalaria representava merecimentos de serviços feitos à humanidade e à pátria, ambas doentes; que o distinto farmacêutico era também um trunfo eleitoral, que ao mesmo tempo manipulava vesicatórios para os inchaços doentes do tesouro. Que sua majestade a rainha, galardoando Eusébio Macário, remediava a injustiça de seu avô que deixara morrer despremiado e pobre num hospital, Duarte Pacheco Pereira.

D. Maria de Nazaré ouvia as ironias do marido, receando que lhas entendessem. Ele bem sabia que o seu único auditório inteligente era ela.

O cavaleiro de Cristo ergueu-se:

— Não posso deixar de responder ao exímio discurso do ilustríssimo senhor comendador, cujo acabamos de ouvir. Eu queria ter

a sabedoria dum Camões, ou ser qual outro Bocage para exprimir as minhas ideias, sim, para explicar o que tenho no pensamento. Mas eu não sou Camões nem Bocage, esses grandes homens. A natureza não me deu talento; nem a eloquência de Cícero, que foi o homem mais sábio da antiguidade, no tempo dos romanos, como diz o MANUAL ENCYCLOPEDICO. Mas não posso deixar de responder ao senhor comendador a respeito dos meus serviços à humanidade e à nação portuguesa a que todos temos a honra de pertencer, a nação mais valente do mundo, que não tem segunda, acho eu, nas valentias; vencendo os mouros, os espanhóis e os franceses, como se pode ver no MANUAL ENCYCLOPEDICO. Devemos ter muita honra porque samos portugueses, ou lusitanos que é a mesma cousa. Já fomos mais ricos do que samos, isso é verdade; mas se o excelentíssimo senhor conde de Tomar se conservar no governo havemos de tornar ao que fomos, se entre os portugueses houver paz e concórdia; mas, se não houver, então, meus senhores, a nação portuguesa está de cangalhas, os setembristas dão cabo da indústria, das finanças, da marinha; e o general Concha, como aconteceu na Maria da Fonte, vem tomar conta desta desgraçada mãe que os maus filhos reduziram à expressão mais simples. O grande Afonso Henriques, que está enterrado em Coimbra, há de então erguer-se de pé na sepultura, e dirá coberto de lágrimas: «Onde está o meu reino? Onde está a tropa valente com que eu venci no campo de Ourique sete reis mouros?» (*Sensação nalguns brasileiros. O Prego dá d'olho à esposa, que baixa os olhos compungidos como se assistisse ao sermão do encontro. José Macário estorce-se envergonhado, corrido, danado. O barão do Rabaçal admira o sogro. A baronesa está a fazer no regaço torcidas com a franja do guardanapo. A D. Pascoela olha para os ademanos do orador com uma atenção irónica, de chacota, relançando olhares críticos, desfrutadores, às caras soezes dos convivas. O abade, que tinha bebido como os amantes infaustos do romantismo, Musset, Keats, Percy Bysshe Shelley, e Espronceda, estava muito espapado, sonolento, bocejando, babando-se e fumando*

cigarros com a maior descortesia, como um canudo de fábrica). Não me lembra onde foi que eu li que Portugal já estaria riscado do mapa da Europa, se não fosse o senhor conde de Tomar, que foi aos reinos estrangeiros buscar gente para conservar o trono de Afonso Henriques. É por isso, meus senhores, que eu sou cartista, e hei de sê-lo até à morte, enquanto tiver nas veias a última gota de sangue português. Há nove anos que ando metido em eleições. Aí está o senhor abade que não me deixa mentir. Tenho arranjado votos para os senhores Cabrais; alguns me custaram o meu dinheiro, a minha farmácia era *grátis* para os eleitores, e em 1845 fui ameaçado de levar cacetadas dos setembristas, que chegaram a ir pendurar-me chifres na padieira da porta da botica, os patifes! (*D. Pascoela espirrou uma risada irreprimível, como o testo que salta de uma panela em cachão. José Fístula deu na mesa um murro e ringiu os dentes.*⁸⁰ *O abade, afirmando a vindicta afrontosa dos chifres, arquejava de riso. O marido de Pascoela, Trigueiros, o prudente, estava sério, concentrado. Mota Prego sentia uma alegria vertiginosa, um bem-estar que lhe dava guinas de espojar-se. O Macário, não descontente do trecho cómico do brinde, esperou que a casquinada dos risos cedesse à atenção que ele pedia com o aprumo do busto e o braço estendido).* Tenho sido uma vítima, sempre leal ao partido da Carta, e nunca pedi nada; antes, pelo contrário, tenho dado muito bons pintos para comes e bebes eleitorais, e onde era preciso falar, ia eu; e, bem ou mal, explicava o pensamento, dizia aos lavradores o que é a república, a pouca-vergonha dos comunistas, uns ladrões que querem a repartição do que nos custou a ganhar enquanto que eles andavam a garotar pela Porta de Carros, e a pandilhar pelos botiquins — o Alves Martins, o Evaristo Basto, o Parada Leitão, o Camilo, uma corja de vadios que não têm onde cair mortos. São estes os republicanos do Manuel Passos, que fazem gazetas a pregarem a igualdade e a fraternidade! Querem limpar a carepa à nossa custa! Uma canalha! Raios os partam! (*Brasileiros apoiaram veementes: — Muito bem! Sim, senhor! Etc.*).

Aqui está o que são os republicanos, os do *pé-fresco*, a pândega da Viela da Neta. Enquanto tiver nas veias uma gota de sangue português, eles não de passar por cima do meu cadáver. (*E batendo no peito:*) Eusébio Macário é cartista puro, e cartista há de morrer. A respeito desta venera de cavaleiro da Ordem de Cristo (*mostrando a cruz na lapela*) instituída por el-rei D. Dinis em 1318, segundo diz o MANUAL ENCYCLOPEDICO, grande autor, disse o senhor comendador Mota que é uma justiça que me fez a nossa augusta soberana. Há de haver oito anos que eu falei ao nosso deputado para me darem estas honras em paga dos meus serviços à Rainha e Carta. Mande os meus papéis para a secretaria, e escrevi pessoalmente ao senhor conselheiro Silva Cabral. Não me deram cavaco, e eu continuei fiel ao meu partido, sempre alerta, ao pé da urna, pronto a dar a última gota de sangue das minhas veias; mas agora, o meu genro, o senhor barão do Rabaçal, querendo honrar-me, escreveu ao seu procurador em Lisboa; os meus papéis subiram à presença de sua real majestade, e foram despachados. Dizem-me que o deputado era miguelista, e andava a chamar-me asno, tendo-lhe eu arranjado quarenta e quatro votos, com o meu quarenta e cinco; por isso sua majestade a rainha⁸¹ não estava ao facto da minha justiça. (*Havia trejeitos de pessoas maçadas, bocas abriam-se; pernas por debaixo da mesa tocavam-se. A D. Pascoela coçava a asa direita do nariz com o leque. Sensação geral de estopada. E ele com entusiasmo:*) Um bom cidadão, quer lhe façam justiça quer não, deve ser um bom cidadão. Este hábito de Cristo, cujo estimo muito por vir de quem veio, não me faz mais cabralista do que era. A minha ambição é dar o meu contingente para o progresso bem entendido, não sei se me percebem? O progresso bem entendido é o bem-estar do físico e do moral, quero dizer, que se derramem as ciências pelo povo e que se façam estradas, ou viação pública, que é o mesmo. (*Arrebatado:*) Quem tem feito mais estradas que o excelentíssimo conde de Tomar? Quem fez a estrada de Valongo? quem fez a estrada de Braga até aos ziguezagues? Eis aqui está

porque eu hei de ser cabralista enquanto puder ligar duas ideias e manejar uma clavina de dous canos. Rainha e Carta ou a morte! (*Cansado, com esfalfamento, solene e de manso:*) Meus senhores, eu bebo à saúde do grande homem, do ministro patriota que nos livrou dos comunistas da Maria da Fonte, do exímio conde de Tomar, António Bernardo da Costa Cabral; espero que todos bebam a virar, e acreditem que Portugal enquanto for Portugal pode ser que tenha outro que se pareça com ele, mas duvido. À saúde da Carta e Rainha, e do senhor conde de Tomar e da sua ilustre família, e também da família real!

O brinde foi correspondido com a gravidade muda, respeitosa que se devia à família Costa Cabral e à dinástica. O próprio abade, posto que esturrado e gritador nos brindes políticos, tinha caído num marasmo sonolento, prenúncio temeroso de apoplexia alcoólica. Às vezes volteava os olhos coruscantes a Felícia e sentia a turvação das lágrimas a subir-lhe do íntimo, um nó que o entalava, como nas mulheres históricas. Assim que Eusébio acabou de falar, pediu ao barão licença para se recolher, e encostar-se; queixou-se da enxaqueca; e, quando Felícia lhe perguntou se queria tomar chá, curvou a cabeça com profunda reverência, e respondeu: «Obrigado, excelentíssima senhora, não tomo nada».

Ela ficou a cismar, entrou no seu quarto, pôs-se a olhar através das vidraças para os candeeiros que bamboavam projetando sombras oscilantes nas lajes do passeio, e aguaram-se-lhe os olhos. O barão procurava-a, receoso de que ela seguisse o abade.

Passaram todos para a sala de visitas, onde estava um piano de cauda de Erard.⁸² O barão levantou-lhe a tampa e disse com ufania: — Cento e cinquenta libras, hein? — Maria de Nazaré tocou uma ária da SEMIRAMIS. Acharam aquilo triste. A Pascoela pediu-lhe um tango. Disse que não sabia. — E um fadinho? — Que também não.

— Lá pra fadinhos, aquele! — disse o barão apontando para o cunhado.

Todos a pedirem-lhe que cantasse, que tocasse. O Fístula disse que só tocava banza e guitarra. D. Felícia lembrou que na cocheira havia quem tocasse guitarra: era o trintanário, um mulato que tinha alegrado de cantares torpes a cocheira do Lopes alquilador. Que viesse a guitarra.

O José Macário, feito um grande silêncio, afinava, premia as cordas, correndo-as d'alto a baixo, distendendo-as, tirava acordes, transportes segundo a arte, subia diatonicamente, feriu sustenidos, pelas regras da oitava; depois tocou uma contradança, o hino de Pio IX.

— O fado, o corrido! — pedia D. Pascoela.

— Sim, sim, um fadinho! — muitas vozes a pedirem fadinhos.

— Mas que seja decente — observou Eusébio Macário circunspectamente.

— Isso nem é preciso dizê-lo — emendou Trigueiros.

— O José sabe muitos decentes — disse a baronesa — olha, dize aquele:

*Passarinhos que cantais
Nesse raminho de flores,
Cantai vós, chorarei eu,
Que assim faz quem tem amores.*

E o Fístula:

— Vá lá.

E sentou-se ao centro, ao pé da jardineira, estendeu uma perna, cruzou outra, numa atitude gingada, atirou as melenas frisadas para trás das orelhas, arregaçou os punhos, pôs o charuto no mármore, inclinou o tronco sobre o braço da guitarra, e dedilhou em arpejos gementes o prelúdio do fado de Coimbra. Começou-se então a sentir um tremelicar de cadeiras e um vibrátil sapatear de tacões de sapatinhos ao compasso das notas plangentes. Eram a baronesa do Rabaçal e D. Pascoela Trigueiros que se remexiam involuntariamente, obedecendo a uma fatalidade

nervosa de saracote, que lhe punha nas nalgas e na cintura uns derrengues⁸³ lascivos de uma brejeirice encantadora. Houve gargalhada. A Pascoela baixou o rosto para arranjar um pudor à sombra do leque; a baronesa confessou ingenuamente que não podia resistir àquilo.

Depois o Fístula cantou a glossa da quadra, que a irmã lhe dissera, com umas tonalidades roucas, de sentimentalidade canalha, com intermissão duns *oras* e duns *ais* mui langorosos, o *zing* fadista de cervejaria e botiquins de lacaios. Havia versos que ele cantava com morbidezas gaiatas, pondo os olhos nos florões coloridos do estuque. Dirigia-se ao passarinho:

*Vós sois o mimo do Fado,
Eu da Fortuna o desprezo;
Vós em liberdade, eu preso,
Vós feliz, eu desgraçado.
Oh! que diferente estado
O Fado a cada um nos deu!
A mim, passarinho meu,
Com afeto diferente,
Eu em penas, vós contente...
Cantai vós, chorarei eu.*

*Ai torradas com manteiga,
Torradas não quero mais,
Etc.*

Que muito bem; que continuasse. O Mota Prego prometia-lhe umas décimas que os fadistas portugueses cantavam no Rio:

Uma cousa cá que eu sei.

O Fístula sabia-as. — Isso sabe ele tudo quanto há, o pândego! — disse Eusébio Macário com secreto júbilo de ver o filho

bem colocado numa sala, mercê do fado, entre titulares, comendadores, alegres, em intimidades expansivas. O José preludiou, e cantou:

*Custa ao náutico a tormenta,
Ao soldado a dura guerra;
Custa ao pastor que na serra
Zora, o lobo o gado afugenta...*

Foi dizendo as cousas que custavam: a miséria do pobre, a retidão ao rei, a separação do bem-amado,

*O rigor do injusto fado,
Andar triste e amofinado
Por se haver sujeito à lei,
Deus d'amor!...*

Não se lembrava, e repetia:

Deus d'amor!...

Emperrou; ia a desistir; quando a Pascoela, num ímpeto de artista, indomável, cantou na mesma toada:

*Deus d'amor! Confessarei
Que é martírio o mais agreste,
Porém inda excede a este
Uma cousa cá que eu sei.*

Muitos aplausos. A do Rabaçal, também artista, arrebatada, muito chula, abraçou-se nela; mas o Trigueiros, o marido, com as costas voltadas para ela, disfarçando, a bulir numas quinquilherias do fogão, resmungou: «Forte bêbeda!» E o Mota Prego ao ouvido da esposa: «Olha a botiquineira, olha a botiquineira! É a voz da natureza».

Eusébio Macário passou a botica. O genro exigira-lho e ele condescendera sem hesitação. Sentia-se outro homem. O baronato da filha dera-lhe a vaidade legítima de a ter fecundado, via em si um produtor com predestinação; não podia ser mera casualidade aquela brisa forte da fortuna que lhe ventara um ror de prosperidades, coroando-lhe a Custódia que parecia destinada a dar em droga, e armando-o a ele cavaleiro de Cristo. Achava-se na roda dos titulares e dos capitalistas. Polia-se sem saber como. A fortuna insensivelmente dava-lhe um verniz que lhe ocultava os laivos da ignorância e da bruteza aldeã. Lia a política do dia, interessava-se, discutia na Assembleia Portuense de que o fizeram sócio, e jogava o gamão com o presidente da câmara, o conde de Alpendurada, seu correligionário ardente, ou com o visconde de Vila Verde, que o admirava nos alvitres políticos. Às vezes, os três discordavam, pegavam-se e tinham questões azedas no Palheiro, a discutirem qual dos dous Cabrais era o marquês de Pombal. Desconchavavam-se também sobre posturas municipais, tendentes à sanidade pública. Eusébio Macário vencia-os sempre com os seus conhecimentos de farmácia, citava autores, e explicava o efeito dos gases nocivos à respiração. Incomodava-o, porém, a própria inércia: queria ser prestadio aos seus concidadãos, provar a sua capacidade, pôr a mão na cousa pública; achava-se com dotes para camarista, e confiava a sua sorte à fortuna nem sempre discreta com as grandes capacidades. O Mota Prego dizia-lhe que se

fizesse ouvir amiúde, que granjeasse a pouco e pouco a aura pública, e contasse com o Porto que era o clima por excelência dos homens da sua têmpera. Consultava o genro. O barão dizia-lhe que comesse e bebesse, e que se deixasse de asneiras.

Quanto a José Macário, compôs-se muito, prodigiosamente. A irmã vestiu-o ao bizarro, no Augusto de Moraes: a bela casaca azul com botões⁸⁴ de metal amarelo, judia com capuz e alamares, a calça muito apertada, à inglesa, a cair direita sobre a bota de polimento; relógio de ouro com *chatelaine*; chapéu de castor branco; badine e luneta dum vidro sem aro. Vestia-se a imitar o Eduardo Chamiço, o Ricardo Brown e o Diogo Maria de Murça, os elegantes primazes de Portugal naqueles dias em que os alfaiates formavam o corpo e alma dos fregueses. Estava muito relacionado no teatro lírico e no café Guichard. Quem o apresentava dizia sempre: «O sr. José Macário, mano da senhora baronesa do Rabaçal». Não encontrava no círculo das suas finas relações algum fadista curioso. Ainda os não havia fora das tabernas da Porta de Carros e das alfurjas da Porta Nobre, ramificações do Pepino de Cima do Muro. O faia começava então a surgir na capital das cavaliariças dos fidalgos pela coesão do filho segundo com o lacaio. No Porto era desconhecido ainda o fidalgo toureiro, guitarrista, espancador e bêbedo. Neste meio, a sua paixão do fado ia esmorecendo, à minguia de auditório.⁸⁵ Ele mesmo não ousava alardear a prenda com receio que lhe farejassem uma origem biltre, de ralé. A compostura dos atavios corporais parece que lhe formalizava as ideias; saíam-lhe as palavras penteadas, corretas, e às vezes rendilhadas de locuções de Virgílio com que ele lidara cinco anos em Braga, quando fingia ordenar-se de clérigo. No café Guichard havia quem o julgasse inteligente; pedia-se-lhe a sua opinião a respeito dos folhetins do Evaristo Basto e das poesias de Alexandre Braga. Ele, às vezes, achava os folhetins chistosos e as poesias bastante sentimentais. No teatro de canto era igualmente consultado, e dizia cousas menos más. Encostava-se nos entreatos à grade da música e ouvia a opinião do Ribas, seu conhecido de casa da irmã, porque uma Ribas era mestra de piano da baronesa do Rabaçal.

Depois, às vezes, deturpando a crítica do chefe da orquestra, dizia destampatórios; mas isso era o mesmo; os seus ouvintes eram dignos do oráculo, e exprimiam uma grande força no estalo das palmas ou no esturpido bestial das pateadas, ora à Belloni, ora à Dabedille.

Tinha namoros de quarentonas casadas, gordas, relíquias da raça forte turdetana já agora extinta no Porto, baluarte esboroadado da liberdade, dos bancos e das grandes mulheres sanguíneas. Lembrava-lhe um casamento rico; mas as herdeiras opulentas pareciam esquecidas dele. Os amigos, quando o barão estava com a família na sua frisa 19 de assinatura, diziam-lhe que a irmã do cunhado ainda era fazenda muito limpa, e perguntavam-lhe se era certo o barão dotá-la com quarenta contos, dizia-se. Alguns punham-lhe os binóculos com insistência petulante; e ela, baixando os olhos, dizia à cunhada: «os demos dos asnos!» José Macário reparava nos olhares, nas atitudes romanescas duns sujeitos especialmente resolvidos a casarem ricos, uns que visitavam a frisa 19, outros que assestavam os binóculos disfarçadamente por entre as carecas dos burgueses da inferior. Não sabia, ao certo, se olhavam para a irmã, se para Felícia; parecia-lhe, porém, que daria alguns pontapés no janota que se enfeitasse para qualquer das duas. Tinha um grande amor de família, cheio de decoro e resoluções de pancada. Torcia então os bigodes com frenesi, e atirava a guedelha com arremesso para a nuca, chibatando a perna com a badine. Uma noite não se pôde dominar, e perguntou a um bacharel, um louro de pera, se era retratista. O interrogado com a maior sinceridade respondeu que não, que era formado em direito. E o outro: «Cuidei que era retratista pelo muito que o senhor olha para as caras da frisa dezenove; mas, se está formado em direito, tenha cuidado consigo que eu posso formá-lo torto». O dito foi celebrado como pilhéria de fina valentia, e o bacharel absteve-se de chamar a atenção de Felícia aos lampejos do seu binóculo.

Era uma vida gloriosa, triunfada a de José Macário. Cavalgava os alazões da parelha, guiava o *break* com temerária felicidade, ia adestrar-se ao circo dos cavaleiros, fazia curvetas na rua de Santo António, lia os praxistas da gineta, e aprendia a falar francês com um

militar que viera ao serviço do imperador, com o Pierre luveiro, e com uma bandoleira parisiense que morava em Miragaia em concubinação com um italiano de realejo. Mas este céu azul de vida bonançosa, toda regalos, às vezes tinha nuvens que lhe punham negruras, tristezas intermitentes. Ele estava uma vez no *trottoir* da Praça Nova defronte da modista Guichard. Havia procissão. Senhoras de muito espavento com grandes paveses de chapéus emplumados e fitas ondulantes enchiam as sacadas. Estava lá a D. Pascoela Trigueiros. Ele, numa roda de notáveis, punha nas janelas olhares vagos, dissimulados, discretos; mas os da súcia sabiam todos que a Trigueiros se encontrava com José Macário na Cruz da Regateira, num casebre, ao fundo de uma quinta. Contavam-se partidas rijas dela, atrevimentos, cenas patuscas, invejáveis, duma corrupção do baixo-império. O caseiro da quinta contara ao padre Margarida, um devasso, que uma vez os ouvira, os dous, a cantar o fado à compita, e que deixavam garrafas de licor vazias e bocados de pastéis com mariscos. O padre nem sempre caluniava. Era verdade.

Nessa ocasião, ao lado do grupo dos janotas estavam três carreiros, duns que carregam ferro para a província, com as agulhadas cingidas ao corpo, à espera da procissão, com as bocas muito abertas, a olharem para as mulheres das janelas, e a calcularem os «centos de méis réis» que elas tinham sobre o corpo. Um dos três fitou acaso Macário, arregalou os olhos, e disse: — Ó Francisco da Quitéria, aquele casaca que tem um vidro no olho não é o José Fístula? — Ou o Diabo por ele — fez o outro. E o terceiro: — Diabos me levem se não é o Fístula. Pede-lhe os três pintos, anda, mexe-te, Ferramenta!

O Ferramenta chegou-se muito de manso, timorato, coçando a orelha, com o chapéu na ponta da vara, e disse-lhe: — Faz-me favor de me dar aqui uma palavrinha, com licença destes senhores?

José Macário encarou-o de catadura torva; não se lembrava nitidamente do homem: — Que quer?

— Ainda que eu seja confiado, o sôr não é de S. Tiago da Faia, o Sor Zé... *Fístula*, há de perdoar?

Ele saiu do grupo, desceu do passeio, e, a distância dos outros, repetiu: — Que quer você?

— Eu sou o José Ferramenta.

— Sim... que mais?

— Vossemecê escorda-se daqueles três pintos que lhe emprestei no S. Torquato, há de fazer cinco anos em julho, por sinal que estava vossemecê a comer vitela na barraca do Cambado com a Margarida de Mondim, a mais a Tripa Furada da Raposeira? Escorda-se?

— Não me lembro — atalhou, cheio de nojo e ira, o Macário — mas tome lá os três pintos, e adeus.

— Passe muito bem. — Que desse visitas ao pai que lhas mandava o amigo velho, o Ferramenta, e que lhe dissesse que fazia lá muita falta com a botica; que o boticário novo andara a despejar na estrumeira os remédios quási todos que achara, e a dizer que o Macário, com licença dele, era um jumento.

O irmão da baronesa ouvira-o pelas costas. No grupo de janotas espirravam frouxos⁸⁶ de risos maus; um deles dizia: *é o sôr Zé Fís-tula... há de perdoar*. No grupo dos carroceiros havia alegrias de mais inocente júbilo. O da Quitéria dizia que ia pedir ao *Zé boticário* uma de doze pra⁸⁷ beber uma canada do Douro no Rainha.

Neste comenos apareceu no largo da Feira a vanguarda da procissão, o estandarte tremulante, inflado pela ventania. Os lavradores correram para lá com grande estridor de tamancos; e José Macário, obedecendo a um aceno de D. Pascoela, subiu à sala da modista, e viu desfilar a tragédia ambulante das cousas sagradas da Paixão de Jesus por entre as espáduas de três Madalenas incorregíveis.

O Trigueiros, na véspera, terça-feira de Entrudo, estava na mascarada do Teatro de S. João. Andava contente, numa súcia que seguia um dominó de muita chalaça, o Faustino Xavier de Novais, que disputava o auditório a outro dominó de elegantíssimo chiste, o Evaristo Basto, o criador do folhetim no Porto. O Trigueiros fugira do Evaristo que dissera, mostrando-o aos que lhe faziam cauda: «Este sujeito tem a cor do mouro de Veneza; mas cumpre não o confundir com Otelo». Ele entendeu; tinha visto no Rio de Janeiro o João Caetano dos Santos representar um miserável Otelo deturpado de Ducis pelo poeta Gonçalves de Magalhães.

Safou-se incomodado, e foi distrair-se nas pilhérias do Faustino de Novais, que perseguia os sapateiros vestidos de príncipes e as colarejas de pastoras e tirolesas. Andava no salão um máscara desconhecido, trajado de vestes roçagantes de profeta, com grandes barbas e capuz. Dizia chamar-se Ananias, e dava vaticínios e reбуçados⁸⁸ às senhoras. Tinha mãos finas de marquesa, enluvadas *gris-perle*; não lhe viam os pés uns sujeitos que acham fácil no Porto *matar* o máscara que os não tem agigantados. O Ananias também escrevia a lápis umas quadras que distribuía, com rara delicadeza em mascarados, quando não queria vexar as vítimas. Ele parara diante do Trigueiros, que se sentara por baixo da frisa da esposa. Contemplava-o silencioso, de braços cruzados. O povo fez meia-lua. Esperava-se chalaça grossa. O Faustino, de passagem, dissera:

*Ó profético Ananias,
Não me bulas co'o⁸⁹ Trigueiros.
Tem respeito às garantias
Que lhe dão os seus dinheiros;
Essas frases que tu chias
São perdidas com negreiros.
Não me bulas co'o Trigueiros,
Ó profético Ananias.*

E desapareceu.

— Pedaco de besta! — resmungou o marido de Pascoela.

— Não abuses dos teus dinheiros, argentário! — disse-lhe em tom cavernoso Ananias.

— Bolas, meu amigo! — tornou o Trigueiros com um gesto de enfado ameaçador, cerrando os punhos grandes como peras de sete cotovelos. — E o máscara, solene:

— Não batas no profeta que o Senhor te envia como fizeram os de Jerusalém. «Jerusalém! Jerusalém! Que matas os meus profetas!...», disse o Senhor.

Depois tirou do interior da túnica a sua carteirinha, escreveu, de modo que os circunstantes não lessem o que quer que fosse, deixou cair o papel dobrado no chapéu que o Trigueiros tinha de copa para baixo sobre os joelhos, e afastou-se, muito a passo, na cadência trágica, rítmica, do Santo António do Brás Martins.

Trigueiros foi à frisa, disse que estava aborrecido, fatigado, que lhe doíam os calos, que se queria deitar. A esposa não o contrariou; também estava aborrecida; tinha ouvido os versos do Novais; receava escândalo, barulho; e, de mais a mais, o José Macário estava no baile das senhoras Regras, na rua de Santo António, e ela ralada de despeitos, ciúmes, com grande ferro. Em casa, observou que o marido soprava, arrastava as chinelas d'ourelas, e dava ais. Estava afeita àquilo; pegou a dormir, do lado da parede, com as costas envoltas nas rendas da camisa, que faziam crespos sobre as espáduas escabrosas de ossos e refegos pilharengos. Ele deitou-se também; e, pelo hábito daquelas tribulações, adormeceu, feito o seu plano.

No dia seguinte procurou na Praça o barão do Rabaçal; chamou-o ao pátio do banco Aliança, e contou-lhe o caso do teatro, a sua vergonha, o descrédito da sua senhora, as suas suspeitas realizadas. Tirou da carteira um papelinho: — Aqui tem você o que me deitaram dentro do chapéu. Veja você isto...

O barão leu:

*Se tu tens sede, ó nefário,
De quebrar uma costela,
Vai quebrar as do Macário.
E não poupes Pascoela;
E, à falta de vet'rinário,
Pode endireitar-lhas ela.*

— Que diz você a isto?

— Si é verdade, acho feia ação de meu cunhado, e ponho na rua ele. Sossegue; esta questão é comigo, hein? Mas você, Triguei-

ros, não faz bem lhe dar crédito a máscarados. Si fosse cómigo a passagem, escavacava ele, ou ele mi escavacava.

O Trigueiros não era teimoso, opiniático nas suas ideias; achou razoável o barão; era tolice aceitar uma denúncia anónima das mãos de um pulha mascarado, dalgum inimigo invejoso, intriguista e cobarde.

Mas o barão, cheio de gestos,⁹⁰ bufando as palavras, altercava com a esposa, e lia-lhe a sextilha, que o outro quisera rasgar, e ele guardara para documentar a acusação. A baronesa, muito íntima da Pascoela, sabia tudo; a douda era ardente, expansiva, falava-lhe da sua paixão como de um facto lícito, dum direito conquistado com lágrimas, duma compensação aos dissabores do seu viver com um marido estúpido, parrana, com mau cheiro na boca e flatulento. Ela sabia tudo, mas negou que seu irmão tivesse negócios, particularidades com Pascoela, prometendo avisá-lo que não desse motivo a suspeitas. O barão replicou que era amigo de Trigueiros, que não queria que os seus familiares desonrassem os seus amigos; e, se José não tomasse juízo, que o punha no olho da rua. A filha de Eusébio Macário não tinha resistências, caprichos com o marido. Ele era rude, áspero, esquivo a carícias. Já lhe tinha dito que não queria que o cunhado tivesse demasiadas palestras a sós com a irmã; tinham-lhe contado estroinices, comezanas no Reimão, nos quiosques do Maneta com alguns súcios, atrizes pelintras⁹¹ e mulheres dos cavalinhos. Falara ao sogro a esse respeito; e Eusébio Macário observou que o rapaz era telhudo; muito asno com o mulherio; mas estaria talvez na mão de seu genro corrigi-lo, dando-lhe na sociedade uma posição séria, definida. O barão entendeu que se tratava dum emprego na alfândega ou no governo civil; prometeu cuidar disso.

Mas a ideia de Eusébio Macário ia mais longe por vias tortuosas, guiado por um condutor que pareceria infame num país menos civilizado. Ele meditava no casamento do filho com Felícia. Sabia que o dote, se ela casasse à vontade do irmão, seriam cem mil cruzados. Nesta boa comédia da sua fantasia risonha, o personagem

do abade pertencia às *figuras que não falam*. O amante de Felícia não pesava nada na consideração de Macário; ao mesmo tempo o barão, prudente e delicado, pensando alguma vez em casar Felícia com o cunhado, não aventara a ideia por entender que as suspeitas relações da irmã com o abade impediriam o consentimento de José Macário, se ele tivesse algum brio. O homem não sabia com que gente se metera, posto que, uma vez ou outra, lhe lembrasse a frase do abade: «Estes Macários são de má raça».

O pai comunicou à filha as suas ideias — que morreria feliz deixando o José rico pelo casamento com Felícia; que a história do abade eram águas passadas, esquecidas, cousas ignoradas no Porto, e que o dinheiro era um sabão que lavava todas as nódoas. A baronesa abundava no conceito que o pai fazia do sabão. Não lhe ocorreu contrariedade alguma, a não ser a vontade de Felícia. Prometia palpá-la; que daria resposta.

O abade aparecia de mês a mês; tivera uns leicenças, supurara e melhorara do reumatismo. Revia-lhe sangue renovado, facilitavam-se-lhe as digestões, nutrição rápida a olhos vista. Eufémia tinha uma justificada bazófia da gordura do padre: era um triunfo sobre Felícia, que o trazia magro, emplasmado, todo carunchoso, na espinha. Na freguesia dizia-se que ele era outro desde que a Felícia se fora. Mulheres beatas atribuíam as melhoras à separação da fêmea, que andara fora da graça de Deus, empecadada dezesseis anos.⁹² A Troncha regalava-se de o ver dentro da graça divina que o engordava com o auxílio de bifés de lombo, de galinhas recheadas e patos assados. Nesta alimentação gelatinosa, o abade provocava tentações, aguilhoadas do inimigo das pessoas fartas. O Demónio foge dos anémicos e cloróticos; despreza-os quando os reduz a isso; daí, os santos e as santas, as magras Teresas de Jesus e Margaridas de Cortona,⁹³ os esburgados Antões e Pacómios anacoretas. A Felícia, vendo-o tão mudado, tão fresco e bom, dava-se interiormente a perros, sentia-se afrontada, envergonhada da Eufémia, que havia de dizer: «Fui eu que o pus assim». Ele contava à baronesa e à Felícia com intenção velhaca as qualidades impagáveis da Eufémia, o seu

bom governo, a limpeza da casa, os petiscos que cozinhava, muita criação de patos e perus, ricos cevados, sabia fazer creme, doces de calda, e trazia a secar muitas travessas de marmelada. — Estou muito bem — dizia —, estou muito bem, graças ao Altíssimo; e trato de comer e beber e passear; a abadia dá pra⁹⁴ tudo; tenho coadjutor a quem empurro as maçadas; e ando com ideias de me propor deputado; quero ir até Lisboa; ver mundo, divertir-me; isto da vida são dous dias. Leve o Diabo paixões e mais quem com elas medrou.

A Felícia ganhou-lhe ódio, sem intervalo lúcido de amor nem saudade, ódio estreme. Quando ele aparecia, sumia-se, detestava-o, pedia a Nossa Senhora que lho tirasse da vista dos olhos.

O José Macário tratava-o com muita frieza, com secura, modos enfatiados, e dizia à irmã que era preciso acabar com aquelas relações. O barão dissimulava discretamente: tratava-o bem, poucas familiaridades — amigo abade, meu caro senhor abade, venha quando quiser, sempre às suas ordens — e morto pelo ver pelas costas. O Eusébio Macário, muito à puridade, confidenciou-lhe que fizesse ele da sua parte por não dar a entender que houve cousas com a irmã do seu genro que não desconfiava nada por enquanto.

— Então o seu genro é uma cavalgadura maior da marca! — disse o abade. Não tinha dito⁹⁵ em toda a sua vida nada melhor, o padre.

Uma vez, a baronesa disse ao irmão:

— Vamos conversar a respeito duma coisa muito séria. Olha que o barão já sabe da tua doudice com a Pascoela.

— Sabe? ó diabo! quem lho disse? E deu cavaco?

— Mas muito; ficou levadinho da trúpia; que se não mudasses de rumo te punha no olho da rua.

— Ora essa!... Por causa daquela catraia!

— Pois sim; mas tu bem sabes que ele é amigo do Trigueiros; e mais já me proibiu de receber a Pascoela; diz que a vão meter no convento. Contaram-lhe na Praça a vida dela. Diz que é uma marafona.

— Muito grande — concordou o cínico —, mas ainda as há maiores e ninguém diz nada delas.

— Não sei; ela não te larga, tem paixão por ti; e, se o marido se torna a queixar, como isto há de ser é que eu não sei. O que ele quer é o que se faz; e já me disse que quem governa é ele; que ninho atrás da orelha ninguém lho fazia.

— Palavra! Deixo a pega, palavra d'honra! Já estou aborrecido; sustento isto por honra da firma. Acho-a muito ordinária. Aquilo endossa-se.

— O quê? — A baronesa não conhecia o termo comercial. — O que é *endossa-se*?

— Empurra-se — explicou. — Passo-a ao Tomé, o da Presigueda, aquele que tem um cavalo pigarço. Conheces?

— Eu sei lá quem é!... Olha, porque não casas tu?

Falou em riquezas, num bom dote, cem mil cruzados. Se ele achasse uma mulher com quarenta contos como a sua cunhada! Que pechincha! Que a Felícia, qualquer dia, era pedida pelo comendador Penetra, que a não largava; já lhe tinha escrito pelo mulato da cavalaria; mas ela não gostava dele. E um fidalgo de Lamego que mandara falar ao barão; mas andava-se a tirar informações. Depois, pintou a felicidade de viverem juntos, toda a vida, ele com a sua fortuna, senhor de gastar do que era seu, ter uma mulher de bom génio, muito caseira, uma pobre pachola. E de repente, com um alegre arremesso: — Porque não casas com a minha cunhada, ó Zé?

Ela receava má resposta quando lhe viu esbugalhar os olhos; mas o José, numa atitude cordata, natural, e umas pausas circunspectas:

— Olha que já tenho pensado nisso algumas vezes, Custódia!... Tenho pensado nisso...

E ela muito jovial: — Ainda bem! Ainda bem! Mal sabes que alegria me dás!

— Mas o barão dará os quarenta, ou isso será palanfrório, estardalhaço?

— Tu és tolo! Casa tu, que o dinheiro está aqui, está-te nas unhas. Agora, hei de falar-lhe; que ela faz o que nós quisermos.

O Fístula, desde então, saía pouco de casa, dizia palavras meigas, num tom de doçura contrafeita, à irmã do barão. Não respondia às

cartas da Pascoela, que prometia suicidar-se, e dava com a janela na cara ao Tomé da Presigueda, o do cavalo pigarço. Macário tinha diálogos com Felícia, resolvia escrúpulos, ria-se das dúvidas pudibundas da amiga do abade, garantia-lhe a indiferença do Zé, com juramentos, como quem atestava a probidade de seu filho. O barão andava satisfeito, muito risonho com o cunhado, dava-lhe libras, dizia o diabo⁹⁶ de Pascoela, e queria que a sua casa fosse um modelo de honra. Uma vez, o José, para se exprimir sensivelmente, apanhou de surpresa a Felícia, e deu-lhe alguns beijos famintos, mordentes, sorvidos, cáusticos como ventosas, na cara, no pescoço, com a paixão quente e descomposta de um noivo moderno, como os de Teixeira de Queiroz. Ela safou-se muito admirada, muito escarlate, num incêndio de pudor que faria a alegria dos anjos.

Num dia de junho de 1850, o abade de S. Tiago da Faia, muito inflamado, entrou no hotel da Águia, na Batalha, e comeu, atabalhoado, muito alvoroçado, com gestos de doudo, uma costeleta que empurrava com tragos de vinho. Desceu ao botiquim, e pediu café e cana. Havia pouca gente. Homens de grandes cabelos, sem bigodes, com fraques coçados no fio e cadeias vistosas de latão a tremeluzir nas calças brancas espipadas nos joelhos e avincadas de surro, bebiam cerveja da pipa com os queixos espumosos. Eram atores da companhia do João Manuel, vocações de tripeça falsificadas na rampa. Em outra mesa havia homens de aspeto bilioso, grisalhos, com óculos, que liam o *Periodico dos Pobres* em voz alta, e chamavam ladrão ao conde de Tomar, e malandro ao Joaquim Torquato. Eram pessoas desasadas, desencadernadas, que tinham tido patentes militares na Junta suprema, e viviam do jogo com baralhos marcados e muita habilidade no uso do pego. A um canto estava um velho de semblante lívido, muito desgraçado, com um chapéu enorme de seda dum azulado decrépito, com um grande cigarro no canto da boca. Ao lado, sobre um mocho, via-se uma guitarra com manchas gordurosas de suor que punham brilhos, e aos pés um cão-d'água com o felpo encarvoado, cheio de torcidas, encarçado, dormia, e acordava de salto, apanhando com muita fúria, no ar, as moscas que lhe picavam as orelhas. Era o José das Desgraças, o legendário mendigo, que morreu de saudades do seu cão, agravadas pela fome.

Entrou no café um sujeito gordo, bem vestido de preto, cara rapada, com óculos azuis e bengala de castão de prata.

— Um café!

— Pronto, senhor doutor Viegas — disse um rapazola em mangas, vestindo a blusa para servir o café. — Conhaque?

— Sim, e charutos de pataco.

O abade, ouvindo proferir *Viegas*, lembrou-se do facultativo que estivera em S. Tiago da Faia, e levava a sova de Eusébio por causa da Canelas. Reparou; mas não podia ser. O outro, que ele ainda conhecera, era magro, escanifrado, cor de terra seca, não tinha óculos, e usava bigode e pera. Não podia ser.

Chamou o rapaz, e mais por curiosidade que por verificar, perguntou-lhe:

— Aquele senhor doutor Viegas é cá do Porto?

— É, sim, senhor; é o médico do Hospital do Terço.

— Sim? É médico? Então pode ser; mas está muito mudado — pensava. — Vou-me desenganar.

Levantou-se, foi direito ao Viegas, que o encarava por cima dos óculos, dobrado sobre a chávena, e disse:

— Vossa senhoria há de perdoar a minha confiança. Ouvi chamar-lhe doutor Viegas. Dar-se-á caso que vossa senhoria seja um que estava aqui há treze anos em Cabeceiras de Basto?

— Sim, senhor, sou eu mesmo — respondeu, olhando-o a fito, e exclamando com o ímpeto da surpresa: Ó abade! você é o abade de S. Tiago da Faia!

E erguendo-se, abraçaram-se numa grande cordialidade de barrigadas; que nunca mais se tinham visto; que se lembravam um do outro amiúde; que felizes tempos! as ilusões da mocidade; as forças desperdiçadas em asneiras aliás agradáveis; que o dinheiro dava regalias; mas não dava a felicidade. E então o Viegas contou que fora para o Marco de Canaveses fazer clínica depois que saiu de S. Tiago; que casara bem com uma viúva que salvara dum tifo; e, como estivesse aborrecido da aldeia, liquidara em boas libras a fortuna da mulher, e mudara

a residência para o Porto, com tenção de estudar, e ir a concurso de alguma cadeira vaga na escola médico-cirúrgica. Que para se entreter se anunciara nos jornais como especialista de moléstias de fígado em que tinha feito profundas análises e experiências. Começou a ser consultado com tanta felicidade que em poucos anos adquirira grande reputação, principalmente com os brasileiros.

Que tinha enviuvado, e passara a segundas núpcias com uma senhora fina de quem tinha três rapazes e uma menina; que era médico de vários hospitais; e abandonara a ideia do magistério por não querer lutar com a corrupção do júri da escola. Disse os nomes dos que vendiam o voto por dinheiro, por influências de mulheres devassas, por política; de resto, eram todos umas descompassadas bestas, a vergonha da ciência e do país. Disse que o doutor Assis tinha sido barbeiro antes de emigrar, e que o Braga dos Lavadouros, o quinhentista, de camélia na mão e barbas de Hipócrates, era uma lâmina que num país onde houvesse crítica e protomedicato seria um simples enfermeiro de hospital. O Viegas tinha sido excluído em três concursos, como ignorante e desmoralizado; sobejavam-lhe razões de queixume.

Saltaram para outro assunto:

— Que me diz você, abade, à baronesa do Rabaçal?

— Pois já sabe?

Pois não havia de saber! Ele era médico do comendador Aguiar. Sabia tudo. Que a tinha visto de calecha, com o marido, e com o pai, o boticário, o Eusébio — e batia-lhe no ombro —, o marido da Rosa Canelas. — E aquele garoto, o Zé, que me diz você àquele Zé? Anda por aí bem montado, a quebrar as calçadas, de luneta, com histórias escandalosas, metido com uma Trigueiros, muito safada. É verdade! E a Felícia? Também a tinha visto no teatro; parecia uma velha dama de copas, com muitos caracóis, e muitos ouros, com ares palermas, a olhar para o teto, e a apontar para as figuras. Como se despegara o abade daquela boa praça?

O abade, suspirando, com ares cínicos:

— Como me despedirei? O irmão tinha chelpa, e ela raspou-se. Adeus, minha vida! Entrou outra. Estupores que me comam a abadia são às dúzias: é a mim, a mim! Mas você não sabe tudo pelo que vejo. Não sabe que a Felícia casou.

— Que me diz, abade? Lá que ela vinha a casar sabia eu, porque o Aguiar me disse que o irmão lhe dava um grande dote, quarenta contos. Casava com quem quisesse.

— Pois casou com o José Macário, casaram ontem, ali em Santo Ildefonso, às seis horas da manhã, e partiram no vapor esta manhã para Lisboa, os canalhões.

Viegas gargalhava, e dizia: Oh! que pulhas! que pulhas! que pandilhas! que malandros!

— Deixe-me contar-lhe, Viegas; ouça, que isto tem graça... Dê cá o lume — e acendia o cigarro, impando as bochechas com muito fumo, que engolia e resfolegava, soprando a cinza. — Eu lhe conto. Aqui há tempos a esta parte, o barão e mais a porca da mulher, e o corno do sogro, olhavam-me de esguelha. Eu compreendi a cousa; mas fiz que não entendia, porque — veja você o diabo! — eu gostava da Felícia; era uma mulher de apetite, muito bem conservada, carnes rijas como isto — e batia no mármore da mesa com a mão espalmada — uma grande mulher, uma perfeição. Depois, a costureira de dezesseis anos; estava afeito; por mais asneiras que fizesse por fora, aquela era preferida cá neste diabo desta cousa que se chama coração. Gostava de a ver, vinha aí de mês a mês; não lhe podia falar; a bêbeda fugia de mim; mas eu, por mais que fizesse, não podia esquecê-la. Cheguei a chorar, doutor, cheguei a chorar como uma criança, escondido...

— Mas você está bom e gordo, abade! — observou o clínico.

— Isto foi depois que o tempo me foi curando, meu amigo; mas, ao primeiro, estive como um arenque. Não faz ideia, doutor!... Aqui há três dias, mandei ao barão dous presuntos e três dúzias de salpicões, e escrevi-lhe que chegava hoje ao meio-dia, e lá ia bater ao ferrolho para jantar. Chego à porta,

e diz-me o guarda-portão: «Os senhores foram hoje pra Lisboa». — Todos? — Todos; foi o sr. Eusébio, e mais o sr. Josezinho e a senhora dele... — O sr. José Macário casou? — Casou ontem com a mana do senhor barão; casaram de madrugada⁹⁷ e foram estar dous meses na capital. Diz que iam pra⁹⁸ Sintra.

Fiquei estarecido, imagine você! E o guarda-portão a olhar pra⁹⁹ mim: — Pois é verdade. Aquele pechinhou. O senhor barão dotou-a com cem mil cruzados em dinheiro; fez-se a escritura antes de ontem; e de mais a mais, ela é verdade que não é nova, mas ainda tem muito que romper. Quando foi pra¹⁰⁰ igreja, ia aí arreada que parecia uma princesa! Fazia muita vista! um bom bocado!

— Que corja! — não pude deixar de lhe dizer — que corja! — Meti esporas à égua, fui guardá-la na estalagem do Cantinho, e andei por aí como uma alma penada, capaz de lhe escrever uma carta ao Fístula, àquele pelintrão, descarado, e dizer-lhe que tivesse vergonha, que se enforcasse; que eu ia atirar às folhas a vida da Felícia, da safardana, que eu tirei de guardar cabras em Barroso.

— Não faça isso — aconselhou o Viegas —, não faça isso, que lhe fica mal, e nada remedeia. Coração ao largo, abade. Receita de médico: o pelo do mesmo cão. Vingue-se conservando essas boas aparências de saúde; e para não estar a malucar, venha daí comigo, vamos dar um passeio.

Estava, pois, constituída e bifurcada a *família-Macário*, no tempo dos Cabrais, cujo reinado expirou no ano seguinte. Horizontes novos vão rasgar-se. Adubos tão crassos devem rebentar em vegetações feracíssimas.

—

O abade, dias depois, reconciliado com a desgraça, entrava na residência, e perguntava a Eufémia:

— Ó rapariga, tu tens irmão no Brasil?

— Porque perguntas isso, ó idolatrado?

— É que, se tivesses, qualquer dia ele entrava por aí dentro barão; e eu, nesse caso, precisava ir desde já deitando o olho a quem me viesse governar a casa.

E ela, explosiva de riso e ternura:

— Isso é o que tu querias, idolatrado!

E punha-se a catá-lo.

Eufémia, quando era costureira de M.^{me} Guichard, teve um segundo-sargento a quem chamava o seu idolatrado. Depois desse teve nove, uma súcia, incluso o abade, todos idolatrados. Ela ardera muito sem se gastar, como a sarça de Moisés. Cada vez mais gorda e frescal. O abade, em momentos de raptó religioso, dizia cheio de unção: Os céus indemnizaram-me da ingratidão da outra bêbeda.

FIM

A CORJA

CAMILLO CASTELLO BRANCO

A CORJA
CONTINUAÇÃO DO
EUSÉBIO MACÁRIO

Livraria Internacional
de
ERNESTO CHARDRON — EDITOR
Porto e Braga
1880

I

A Eufémia Troncha catava-o, fingia estalinhos inseticidas, fazia-lhe com a unha titilações, atritos suaves no casco da coroa, inventava para o nutrir e inflamar carícias e guisados, surpreendia-lhe o apetite com fricassés muito aromáticos, tinha meiguices e candonguices duma donzela que afaga pombinhos entre os seios virginais, decotava o corpete dos vestidos para lhe esaldar o sangue, fazia trejeitos lascivos de gata que se rebola escandecida nos telhados — uma croia velha com muita experiência sublinhada. Ao princípio, o abade agradecia com mocanquices, correspondia-lhe com exuberância de abraços, adormentava a sua dor abeberado naquela modorra deliciosa, julgava-se curado das saudades de Felícia, e, às vezes, repulsando uma ideia funesta, murmurava: «Que a leve o diabo! que a leve o diabo!» e agarrava-se ao pescoço nédio de Eufémia como a uma forte prancha de nau descosida e escalavrada. E ela:

— Meu idolatrado...

E babujava-lhe de beijos húmidos a cara espaçosa.

Mas, depois, porejou-lhe na alma através do corpo um insidioso fastio desconsolador das mimalhices da Troncha. Pôs-se a compará-la com Felícia em confrontações plásticas, anatómicas, como um escultor consciencioso. O músculo, as curvas, as proeminências, as redondezas, a carnalidade, enfim, causticavam-lhe a memória, e punham-lhe no coração uma negrura de agonias

sentimentais. Ia-se solitário pelas carvalheiras do passal, e aparava algumas lágrimas nuns lenços brancos ordinários, de pataco, que Felícia usara e desprezara quando foi para o Porto. Arbustos e árvores falavam-lhe dela, nos murmúrios das suas ramarias; parecia-lhe vê-la a varejar bolotas para os cevados encavalgada nos galhos dos sobreiros. Os bácoros que grunhiam na pocilga tinham-na visto leitões, tinham-lhe cuinchado no regaço e pareciam revelar uma tristeza nos seus focinhos descaídos. A vaca em seus mugidos semelhava o ulular de um colosso de angústia. Havia na horta salsa, hortelã e serpão que ela tinha plantado. O abade fixava os olhos amarados naquelas verduras e soluçava: «Foi ela, foi ela!» E quedava-se absorvido numas intermitências de inferno que nem os teólogos foram capazes de as inventar maiores. A saudade! Ai! esta palavra nenhuma religião a pôs como penitência, e o abade, quando a sentia, de si consigo, murmurava: «O inferno é isto». Quando a Eufémia lhe aparecia nestas ocasiões, a sua angústia refinava. Voltava-lhe as costas; e, se ela imprudentemente lhe passava a mão polpuda, cariciosa, pela cara, ele dizia de repelão: — Deixemo-nos d’asneiras, mulher!

O abade perdera a vontade de comer. Gulodices prediletas vaporavam debalde diante dele as suas especiarias provocadoras. O chispe de porco e a orelha do mesmo, em concomitância divina com a nabiça e o feijão branco, o nabo recheado e a truta de escabeche achavam-no impassível como anacoreta santificado por jejuns inquebrantáveis. A Troncha ralava-se vendo aquele estômago e coração cheio de sarro e fastio.¹⁰¹ Ele repelia o bife de cebolada e o seu amor cheio de histerismos, alambazado. Às vezes, porém, quando a recebia com grosseiros gestos de enfado, a Troncha dizia ao padre João da Eira, o coadjutor: — Não tardo a pôr-me nas flautas. Ele anda levadinho da breca. Acho que lhe lembra a outra mondonga e eu é que pago as favas. Barriga cheia, pé dormente. Adeus, meu amigo. Quem lhe comeu a carne que lhe roa os ossos. Está farto, é o que é. Bem te entendo, mas não tenho copas... Eu depressa me cisco.

E o coadjutor, um machucho, entre os trinta e cinco e os quarenta, muito atarracado, com muita ronha e um bucho insondável:

— Senhora Eufémia, o abade é seu amigo, é muito seu amigo. O que o aflige não é a Felícia, é a queda dos Cabrais. O homem chora por eles lágrimas como punhos, e vossemecê verá que ele dá um estouro, se os cartistas não vencem as eleições. Se vossemecê o abandona, dá cabo dele. Ajude-me a levar esta cruz ao calvário. Eu também lhe sofro as descomposturas, os arremessos, e vou suportando tudo até que os Cabrais tragam a esta casa alegria e sossego.

Na verdade, o padre Justino tinha rabugices que excediam o despeito dum cabralista fáccioso. O rebanho andava à gandaia; e, se não fosse o coadjutor, não haveria enterros, nem casamentos, nem batizados na freguesia. Aos domingos não fazia prática, e engorolava o latim da missa comendo períodos, de afogadilho, dando silabadas extraordinárias — uma cousa à toa. Depois, andava mais doente, com a língua suja e os olhos muito encarniçados e purulentos. De resto, pojaram-lhe uns furúnculos nas costas e um grande pigarro. Sentia-se muito desgraçado, sem religião de casta nenhuma que o confortasse, praguejando como um arrieiro, e refutando as consolações piedosas do padre João da Eira, a quem chamava asno com muito ateísmo e má-criação.

O coadjutor chocava uma ideia grande. Ele bem sabia que as impertinências do abade eram saudades da sua companheira de dezesseis anos; mas não o dizia à Eufémia com medo que ela, abespinhada de ciúmes, abandonasse a cozinha e se raspasse com o segredo culinário das costeletas de vitela, do estrugido do arroz e do coelho com molho de vilão. Mas afora isto, ele tinha uma grande ideia, o padre João: era salvar o abade das garras da saudade, acirrando-lhe a raiva política contra os Regeneradores. Semelhante ideia, assaz boa e das melhores que o coadjutor tinha produzido em negócios profanos, demonstra que o padre sabia que a Política pode substituir a Fêmea, quando é preciso escolher entre duas devassas, não sendo possível conservar ambas. Mas o abade,

assim que o tímido coadjutor o estimulou a trabalhar pelos Cabrais, berrou-lhe: — Você quer então que eu me emporcalhe no partido dos Macários, seu pedaço d’asno? Você não vê que um homem de bem não pode ser duma política de marotos que deram o baronato ao marido da Custódia e um hábito de Cristo ao pai do marido da bandalhona da Felícia? Os Cabrais são uma cambada. Muito couce tenho de dar no inferno pelos serviços que lhes fiz!... Você não sabe que o cornaça do Eusébio, aquela besta, tem mandado da corte cartas aos influentes eleitorais? Você quer que eu sirva a política dos Macários? Veja lá você! Explique-se.

Era verdade. Eusébio Macário remetia de Lisboa cartas políticas aos influentes de Basto, prometendo, a uns, futuras comendas, a outros, aos padres, igrejas, e até traçava estradas, tudo em nome do seu particular amigo José Bernardo e do mano conde, *cujos*, dizia, *são meus íntimos, e minha filha Baronesa vai tomar chá com a Condessa de Tomar*. Liam-se estas missivas com seriedade respeitosa entre os chamorros. Os realistas rebentavam de riso. A fidalga da Raposeira, D. Senhorinha Travassos, dava upas a contar que a Custódia da Botica tomava chá com a condessa de Tomar; a sua criada de sala era prima carnal da baronesa; ria-se também muito escancarada e contava que ela lhe pegara uma sarna que lhe custou muito a deitar fora; de resto, que dançava muito bem o batuque, e a cantar o fado nem a célebre Tripa-Furada da Raposeira o fazia melhor. Línguas viperinas dos Marialvas de Mondim desenfreavam-se. Calúnias ferviam. O escrivão da câmara de Refojos, que levava as mocadas do José Fístula, vingava-se contando casos que punham a virgindade antenupcial de Custódia tão duvidosa como a de Isabel de Inglaterra. A fidalga casquinava muito desengonçada; — que as marafonas iam longe; que a Constituição fazia baronesas onde, no seu tempo, as pessoas de bem faziam as mães dos seus bastardos e as esposas dos seus lacaios.

O abade de S. Tiago concorreu a uma destas *assembleias* da fidalga, uma cinquentona desbocada, frescalhota, que lhe pediu notícias da esposa do Fístula, e se ela lhe contava lá da capital que

tal era o chá em casa dos Cabrais. E o abade, com ares irónicos de pudicícia: — Eu não me correspondo com o Bairro Alto de Lisboa, excelentíssima senhora. Com mulheres perdidas só converso no confessional.

Risos explodiam, enquanto o abade, com a ponta do cigarro ao canto dos beiços, fechava um olho e piscava o outro a um bacharel besuntado de banhas, muito cheiroso a *patchouli*, que comia as rendas da fidalga carcaça. Muito malandros todos, e inimigos figadais da Rainha e Carta.

Falou-se em eleições. O comendador Barros Leite mostrou carta de Eusébio Macário em que se lia: *Trabalhe V. S.^a com os artistas que Barão eu o farei logo que estejam em cima o meu particular amigo José Bernardo e o mano Conde, cujos são meus íntimos, e a minha filha Baronesa vai tomar chá com a Condessa de Tomar.* A criada que servia o vinho do Porto, uma langroia, muito abelhuda, a pedido da ama, contou a suja história da sarna que lhe espetara no corpo a prima baronesa do Rabaçal. O escudeiro, muito familiar, perguntava ao auditório se alguém lhe queria dar uma de doze por seis pintos que lhe devia o Fís-tula e umas botas d'água que lhe emprestara. E a fidalga, muito bexigueira:

— O senhor abade compra-te essa dívida, Batista.

— Tomara eu o que ele lá tem! — replicou o abade.

— E também lhe tomaria a noiva? — perguntou a velha gasguita da Travassos.

— Não desejarás a mulher do teu próximo — disse solene o pastor, resfolegando pelas ventas dous penachos de fumarada de cigarro. — Com cousas sagradas não se brinca, excelentíssima senhora. Mas, enfim, seja tudo pelas almas. Mais passou nosso Senhor no Algarve, como diz o outro. O certo é que vossa excelência, quando me *dá chá*, é em duplicado.

— Um bom *calembour* — disse o bacharel, ilustrando o auditório, com a boca a escumar gorgolões de pão-de-ló.

A assembleia ria as estopinhas.

— Tréguas ao espírito! — atalhou o facultativo Borges, um setembrista irónico, velho inimigo político do de S. Tiago da Faia. — Tenho-o contra mim nestas eleições como sempre, senhor abade?

Que não; que trabalharia a todo poder com os regeneradores para mostrar aos cartistas que serviam chá à Custódia da Botica que o Eusébio Macário não valia um... dos muitos que o genro havia de dispor por liberalidade da filha. E punha a cabeça do dedo grande na testa, abanando com os outros quatro.

Alguns sujeitos, e nomeadamente o bacharel, decoraram estes dizeres enigmáticos do abade para depois deciframos às famílias as reticências. Muito aplaudido e abraçado pelos novos correligionários, seus grandes amigalhões.

Depois, o abade pôs do invés as consciências das massas eleitorais das freguesias, em que influía com eloquência e odres. As eleições diretas permitiam debochar a bel-prazer a candura do sufrágio. Abriu a sua adega, o vinho jorrou em ondas e afogou os cabralistas das terras de Basto. Além disso, o ódio ao boticário soprou-lhe três artigos notáveis de peçonha e chalaça muito biliosamente adjetivados, no *Braz Tizana*, com assinatura — *O inimigo dos tratantes*. Tinham uns toques duros de graça portuguesa genuína. Chamava ao boticário *quadrúpede*, *bestiaga* e *cavalgadura* — lusitanismos ricos que nos dão ao estilo um cheiro científico de cavalharia. Também lhe chamava «cavalo-cavaleiro da desordem de Cristo». Esta chalaça passou por fina entre os literatos do café Guichard de 1852. Entrava-lhe na *vida privada*, e dizia que o substantivo era tão limpo como o adjetivo. Disse que Eusébio tinha um velho nó no coração: «coração, *cor*, nó, *nudus* — coração de nó, em latim, *cor nudus*» — escrevia. Um desbragamento erudito, que foi muito celebrado pelos latinistas naquele tempo em que se declinavam aquelas linguagens inconscientemente e profusamente entre as famílias.

O triunfo completo da Regeneração e o reviramento do espírito público numa área de doze léguas atribuiu-se ao abade. O magis-

trado superior do distrito deu-lhe um jantar, e comprometeu-se a recomendá-lo ao Saldanha em qualquer pretensão.

Enquanto lidou azafamado na política, distraiu-se algum tanto, supurou o mau humor e teve algumas febres sazonáticas de animalidade terna com Eufémia; porém, voltado ao remanso do lar, a visão implacável de Felícia sentou-se-lhe à beira do leito, pendurou-se-lhe nos galhos das árvores, tinha aparições espectrais por detrás da cadeira em que o estafermo da Troncha se repetenava; e, por noite morta, quando os galos cucuritavam e a vaca mugia, os gemidos recônditos da sua saudade marejavam-lhe os olhos, e ele sentia guinadas de sacudir com um couce do leito profanado a Eufémia que sibilava roncoss, muito espapaçada de enxúndias nos finos lençóis que a outra urdira. Mordiam-no remorsos, fugia-lhe o sono, erguia-se, deixando a odiada Troncha a dormir, muito regalada, o sono da consciência limpa, como se aquilo não fosse nada com ela; e a providência, castigando-o a ele só, mostrava-lhe que, se ali havia naquele coito danado algum criminoso, o único pecador e asno era ele. Eufémia entrevia-o a passear e a fumar no quarto, raspando os chinelos d'ourelas. Desgrudava os olhos com as palmas das mãos, e dizia-lhe, estrouvinhada:

— Ó idolatrado! deita-te!

E ele, muito escamado:

— Dorme, e deixa-me.

— Já se deixa ver... — resmungava, muito azeda, voltava-lhe as costas, e ressonava logo.

Ele então punha os olhos no céu, através do teto, e pensava com um grande ideal de justiça:

— Que besta aquela!

II

Deu um jornal cabralista, o *Periodico dos Pobres*, a notícia de terem regressado ao seu palacete da rua do Príncipe, depois de dous anos d'ausência, os ex.^{mos} barões do Rabaçal e seus ex.^{mos} manos, o sr. José Macário e sua ex.^{ma} esposa D. Felícia Macário, com seu pai e sogro, o sr. Eusébio Macário, cavaleiro da Ordem de Cristo, honrado proprietário do Minho, carácter sério, a quem o governo da ordem e o pendão immaculado da Rainha e Carta devia¹⁰² enérgicos serviços. Continuando, o *Periodico dos Pobres* fazia votos por que o sr. barão do Rabaçal, pela sua fortuna honradamente adquirida, e o sr. Eusébio Macário, pela sua capacidade provada e sérios intuitos políticos, tomassem na cidade heroica — depósito do coração do Rei Dador, o imortal Pedro IV — o lugar que lhes competia na fileira dos homens destinados a suster o país na ladeira por onde os Regeneradores o iam impelindo ao abismo, etc.

O mesmo diário, passados dias:

«A ex.^{ma} condessa do Casal, D. Luísa, reuniu ontem nas suas seletas salas as suas numerosas relações. Baile esplêndido como todas as festas daquela casa, modelo de fino gosto e de incomparável elegância! Entre as pessoas da nossa maior veneração tivemos a dita de ver o nosso amigo, o sr. barão do Rabaçal, há pouco regressado da corte, onde deixou indeléveis saudades na primeira sociedade da capital. Tivemos também o gosto e honra de cum-

primentar a ex.^{ma} baronesa, formosíssima dama do nosso Minho, tão pródigo em belezas de toda a espécie. Ao lado de S. Ex.^a vimos a ex.^{ma} mana do sr. barão, a sr.^a D. Felícia Macário, senhora que no vigor da vida ostenta as belezas das primeiras primaveras. Todos conhecem o sr. José Macário, esposo desta dama: um dos nossos elegantes, cavalheiro em toda a extensão da palavra, e socialmente prendado de todos os atributos que tornam preciosa a companhia deste já agora distinto ornamento da nossa terra. Não esqueceremos o respeitabilíssimo sr. Eusébio Macário, progenitor, por assim dizer, destas duas famílias que devem aquecer-lhe a velhice com o sol da felicidade; porque é lícito o orgulho de ter produzido filhos como a ex.^{ma} baronesa e seu irmão, o sr. José Macário, nosso particular amigo», etc.

O abade, lidas as duas notícias vindas no mesmo correio, expetorou uma palavra obscena, muito repreensível, mas única em língua de homens, adequada ao assunto. Depois, repetiu o vocábulo desobstruente seis vezes, carregando muito nos *rr*, e ficou mais aliviado. Há exclamações que laxam a alma, que a descarregam das opilações timpaníticas. O abade, quando Eufémia entrou atraída pela sexta explosão de bÍlis, destampou a rir a trancos, curvado, a bater com as mãos nos joelhos e nas nádegas. Depois atirou-se para cima da cama a espernear, de rebolo, com umas gargalhadas estrídulas.

— Deram-lhe volta os miolos! — pensou a Troncha.

E agarrando-lhe as pernas:

— Isto que é?

O abade apontava para os dous números do *Periodico dos Pobres*, e não podia responder, porque à força de arquejar a rir e a puxar pelo diafragma principiava a vomitar um vinho de 34 muito copioso que emborcara sobre uma caldeirada de enguias do rio Tâmega. A Troncha considerou-o borracho e correu a fazer-lhe chá.

Quando voltou, padre Justino estava sério, carrancudo, abstraído, e os jornais tinham levado sumiço. Bebeu o chá dum jato, e disse

à Troncha que o deixasse dormir. Ela saiu cabisbaixa, e achando no corredor o padre João da Eira, que recolhia dum batizado e trazia o livro dos Nascimentos à assinatura, disse-lhe baixinho:

— Está a cozê-la. Carregou-lhe com o engarrafado sobre as enguias, e apanhou uma carraspana daquela casta; mas muito alegre. Isso espolinhava-se na cama que o padre João não faz uma ideia! Agora vai dormir. Eu nunca o vi tão canjica, palavra!

— São horas fracas... — explicou o coadjutor com uma grande experiência de semelhantes fragilidades. — Às vezes, duas gotas tombam um homem. Só quem o não bebe é que não se embebeda, senhora Eufémia.

— Pois isso é assim, é; mas espolinhar-se daquele feitio é a primeira que vejo; e depois que pôs fora o vinho, ficou numa pasmaceira, embezerrou, mandou-me embora...

Padre João, enquanto comia o resto das enguias, contou-lhe casos bíblicos acerca das piteiras do povo de Deus para desculpar as da geração atual que anda para aí à matroca, sem temor do Inferno, e concluiu por um próloquio bestial muito do seu uso: «Lá se avenha Deus com o seu mundo». E daí a pouco escorropichando a garrafa do de 34: — O Criador quando fez isto bem sabia o que havia de acontecer aos mortais, senhora Eufémia. — E, dizendo, dava-lhe umas brandas palmadas na coxa direita, de um modo equívoco, pois que tanto podia entender-se que o Criador fizera o vinho de 34 como a coxa torneada de Eufémia Troncha. Não se suspeite, ainda assim, que padre João da Eira meditava ser coadjutor do abade no grande elastério da palavra. Ele era sóbrio e indolente em toda a espécie de coadjuvação. Se lhe sucedia estar em uma das tais horas fracas, depois de libar três copinhos da garrafeira abacial, o seu vinho punha-lhe na alma umas tonalidades de padre Eurico ou padre Jocelyn. Fugia-lhe a mão, como a do Tartufo, um pouco para apalpadelas das fazendas que vestiam as pernas das Elmiras; mas do estofa para dentro quási todas as pernas eram inviolavelmente sagradas para ele. Um bom homem — incapaz de premeditar uma asneira; e, se alguma fez,

foi porque a Natureza o apanhou desprecaído, de chofre, incapaz de reagir com orações e jejuns, como os grandes santos, mártires, confessores e outros padres minhotos.

É bem notório que não era destes últimos o abade. Ele estava no quarto a esmoer a sua embriaguez de paixão, de cólera e vingança. Felícia nunca lhe aparecera tão nitente e aureolada de resplendores boreais, como através daquele papel pardo do *Periodico dos Pobres*. Parecia-lhe vê-la pela primeira vez entre os nimbos iriados da sua beleza. O seu bom senso crítico esvaíra-se-lhe na hilaridade, naquele espojar-se epilético de Bertoldo, conferindo a cabreira de Barroso na choça do seu lugarejo com a D. Felícia Macário dos salões da condessa do Casal. Padre Justino enquanto riu, embora se espolinhasse, revelou dotes de critério, de juízo, de positivismo não vulgares naqueles tempos românticos; mas, caído na sorna mudez da sua paixão, contemplava Felícia com seriedade análoga à dos redatores do *Periodico dos Pobres*.

Em resultado de várias fermentações evolutivas, deu-lhe a tiqueta de partir logo para o Porto, e afrontar os Macários, com a sua presença, no teatro, nos bailes, nas igrejas, no jardim de S. Lázaro — parar defronte de Felícia, do marido, do Rabaçal, munido duma bengala; provocar com o riso escarninho o Fístula, o fadista reles, e atihar-lhe, sendo necessário, duas boas taponas, muita taipa, com o seu rijo pulso duma cana onde ainda palpitava sangue barrosão. Quanto a ela, desejava arrebatá-la, comê-la de beijos, ou esganá-la e estrinçá-la com os dentes. Não estava doudo — era um amante vulgar, apenas ridículo pela dramatização um pouco serôdia da sua vingança ensanguentada dos horrores da tragédia grega. A sua preocupação principal era bater no Fístula em público, e depois escrever um opúsculo in 8.º, a história burlesca dos Rabaçais e dos Macários, e a sua própria com a piedosa coragem de Santo Agostinho e a fidelidade cínica de Rousseau nas CONFISSÕES. Não o assustava o escândalo, nem as leis eclesiásticas, nem o Inferno, nem sequer a polícia correcional. Às vezes desfechava punhadas contra o ambiente afumaçado do quarto e ringia

os dentes; outras vezes debulhava-se em lágrimas, e articulava maviosamente, flebilmente, com vagidos lamentosos, o nome de Felícia. Depois, o imaginá-la na alcova nupcial, as saias brancas curtas, o penteador esbagachado de rendas transparentes, os cabelos soltos, o Fístula em ceroulas e chinelos, esta visão, piorada pelos direitos nupciais, secava-lhe a fonte consoladora do pranto, punha-o de pé em atitudes iracundas, e ele com os olhos em brasa e os dentes cerrados vociferava: — Raios os partam!

A Troncha, cada vez mais arrelhiada, muito focinhuda com as reflexões do infeliz, sempre a dizer ao coadjutor que não aturava o doudo do abade e que se ia embora, que tinha que comer, um conto e quinhentos a juros e o seu ofício de costureira; que ficara a governar a casa do padre porque ele lhe jurara um amor eterno e lhe prometera mundos e fundos; que não lhe dera o valor de dous caracóis; e à outra, à Felícia, encheu-a de bom ouro, um estupor de labrega, que nem cozinhar sabia, e assim que pilhou um asno que a quisesse pelo dinheiro assobiou-lhe às botas. Padre João contemporizava, conciliador, fazendo justiça às qualidades da Troncha, com excesso desculpável, quando cortesmente lhe dizia:

— E mais você, sr.^a Eufêmia, como mulher é muito melhor que a Felícia, e bem se vê que teve outros princípios civilizados. Descanse. Olhe que o abade não a larga, porque não topa outra tão perfeita. Asno seria ele... — E, gaguejando, entre púdico e maroto: — Dá Deus as nozes a quem não tem dentes...

E ela então, com uns requebros de sentimental denguiçe, contava a paixão que tivera por ela o Silva Guimarães, um brasileiro da rua do Rosário, que lhe morrera nos braços, deixando-lhe dous contos e uma cama aparelhada; que estivera com ele sete anos, como Deus com os anjos, e que, se não morresse de um ataque apoplético, decerto a recebia à hora da morte; que outro galo lhe cantara se tivesse um filho do seu sempre chorado Silva Guimarães. Padre João, muito atento, interessado, animava as expansivas confidências da Troncha. Ela era metódica nos seus anais amorosos. Dividia em três secções os amantes: brasileiros, militares e clericais.

Na segunda secção lembrou-lhe o Crispim, primeiro-sargento da Municipal, sucessor do Guimarães, e co-herdeiro da cama. Primeiro, borbulharam-lhe duas lágrimas como duas pérolas roubadas às faces de Julieta, contando as patuscadas que fizeram nas Pedras Salgadas, em Campanhã, no Reimão. Depois, mudado o gesto e num tom plangente, contou o caso infando de o apanhar com a mulher dum cabo a comer pastéis em casa do João Garoto em Cedofeita. — O canalha que me pilhou passante de quatrocentos mil réis de empréstimo! — dizia, batendo na coxa vasta como se batesse nas costas do seu infame devedor Crispim.

— Não que ele há marotos muito grandes na tropa! — obtemperou o padre João da Eira, rancoroso inimigo das armas sem que fosse notável partidário das letras.

Destarte se consolavam em longas e íntimas palestras a amá-sia e o coadjutor do abade, ambos enxotados, com arremessos, da sua intimidade. Sabia-se que ele, fechado no seu quarto, escrevia cadernos de almoço, e consultava os anciãos de S. Tiago sobre velhas patifarias da linhagem dos Macários. Parece que o homem, sem conhecer as iniciações de Balzac, teve a previsão dos modernos processos, e quis derivar a canalhice dos Macários como um escorrimento podre, latrinário de uma raça muito malandra.

Lia sempre o *Periodico dos Pobres*, à cata de notícias novas que lhe pusessem no estilo as manchas verdes dos venenos mortais. Um dia, leu que vagara um canonicato na Sé do Porto. Exultou. Ir para o Porto, poder ali estar à barba da corja, na alta categoria eclesiástica que lhe facilitava ingresso nas primeiras casas; poder relacionar-se com as famílias principais, contar-lhes quem eram os Macários, a Felícia, a Custódia; atirá-los à galhofa dos vadios do Guichard, aos epigramas das gazetas regeneradoras, enfim, destruí-los, desabá-los, esmagá-los com o ridículo, e com a autoridade da sua posição clerical — tal era o plano adstrito à conezia. Foi a Braga, entendeu-se com o governador civil, requereu a conezia e obteve-a.

Precisava desfazer-se da Eufémia. Não lhe convinha no Porto uma companhia de mulher muito conhecida entre as velhas costureiras de vida airada, trescalando fedores de pecado sertanejo, até certo ponto desculpável em abade de aldeia que seria pior pastor apossando-se das ovelhas sãs em lugar das gafadas. Queria adquirir no Porto uma certa respeitabilidade; e a Troncha, muito descarada, seria capaz de gabar-se de amiga do senhor cónego. Começou a fingir-se arrependido dos seus pecados, muito escrupuloso, não comendo carne à sexta-feira, pendurando umas camáldulas virgens na pirâmide do leito onde a Troncha costumava pendurar a rede de torçal, muito oleosa, dos cabelos. Ponderava sobre penas do inferno a padre João, falava em confissão geral à Eufémia; e tanto o coadjutor como a pecadora pareciam menos inclinados a crer no inferno que na sandice do abade. E ela bamboando os seios sobre os braços cruzados:

— Sabe o senhor que mais? O que ele quer é deixar-me, o tratante! Bem me fio eu no arrependimento do impostor! Que o leve o diabo quanto antes para o Porto, mas há de pagar-me com língua de palmo dous anos que o servi. Não me faltava mais nada! Estar aqui a aturar um tinhoso emplasmado, cheio de moléstias, a cuidar-lhe das comedorias, pelos seus bonitos olhos, e por aqui me sirvo, senhora Eufémia... Quem? eu? Nentes, que se escama o gajo!

Esta frase bandalhona, que lhe ficou do Crispim, foi ela quem a propagou em Basto juntamente com as garibaldis vermelhas. Com a frase costumava simultaneamente arregaçar a pálpebra inferior dum olho, ou batia nos quadris peneirados uma palmada estridente; mas, na presente conjuntura, fez ambas as cousas. Padre João da Eira contemplava aquilo com a circunspeção atenciosa de diácono que assistisse aos gestos de um professor de retórica do púlpito. Ela era a sua primeira paixão séria.

O cónego Justino houve-se liberalmente com Eufémia, dando-lhe mobílias, copioso bragal, o milho dos espigueiros, todo o conteúdo das capoeiras, a chave da adega e a salgadeira bem provida. Benigno

com o coadjutor, conseguiu que ele paroquiase por encomendação, e prometeu-lhe, com a equidade de arrependido e converso à religião da justiça, impedir que na secretaria dos negócios eclesiásticos fosse nomeado abade enquanto os regeneradores governassem.

— Pode-se encher, padre João, pode-se encher em dous ou três anos. Quanto à Eufémia, conserve-a. É boa cozinheira, bem sabe. Serve-lhe. Não na acha mais limpa.

— As línguas do mundo... — murmurou o padre inclinando a um lado o semblante de olhos quebrados como o discípulo amado no quadro da ceia de Vinci.

— A consciência, padre João, a consciência, e deixe lá as línguas do mundo, exceto as de vaca que a Eufémia guisa ricamente.

E o encomendado num riso rinchado:

— O senhor cónego é um maganão quando está de bom humor!...

O cónego Justino saiu a despedir-se das famílias mais gradas de Basto. Demorou-se seis dias. Ao sétimo, quando bateu por volta da meia-noite à porta da residência, ouviu rebuliço extraordinário. Era o padre João que fugia estremunhado da cama da Troncha com o fato num embrulho e os tamancos na mão. O cónego para entrar na sua alcova tinha de atravessar a da Eufémia; era forçoso fugir o coadjutor; mas ela, sentada na cama com grande presença de espírito, dizia ao seu padre João muito assustadiço:

— Não faças tanta bulha, idolatrado; vai mais devagarinho...

III

José Macário, ao fim do primeiro mês de casado, começou de cismar na sua honra e a sentir-se mal com a consciência e com a Felícia. Enquanto a posse dos cem mil cruzados do dote o estonteou como uma descarga elétrica, a consciência esteve quieta, atordoada, num deslumbramento; mas assim que se afez à serena convicção de que era rico, a dura obrigação de considerar a sua fortuna uma dependência da esposa, da fatigada fêmea do abade da Faia, entrou lá dentro a vascolear-lhe no fundo pântano da alma e a trazer-lhe ao de cima uma espuma pútrida que ele chamava a sua dignidade. Felícia, numa sossegada inércia de inteligência e de coração, não compreendia a honra nem a desonra do marido. Ela não o amava nem aborrecia: era a sua mulher à face da Igreja, e pensava que o episódio da abadia era uma cousa indiferente à legitimidade da sua posição. Em vez de considerar-se agradecida, achava-se com direito à gratidão do marido, que não tinha um pataco de seu. Lembrava-se do Fístula a pedir-lhe dous pintos, a lamber os pratos da tapioca, a fingir cólicas para lhe apanhar copos de genebra, às escondidas do abade. De mais a mais, tinha-o conhecido aos oito anos, um ranhoso, com a fralda suja de fora pela fenda posterior das calças de cotim, descalço, arregaçado até às virilhas a patinhar nos charcos, com moncos e muito piolho. A mãe, a Rosa Canelas, deixava-o andar pr'aí, à toa, esfarrapado, um pingarelho a roubar fruta pelos campos e a pedir aos brasileiros

dez-reizinhos para uma quarta de figos, e ia comprar cigarros, o garoto. Depois, via-o nas férias, quando ele vinha de Braga, e se metia em casa do abade, com a guitarra, a cantar cantigas porcas, e a pedir-lhe a ela uns cobres, e dava-lhe caixas de banha furtadas na botica. Ela tinha estas reminiscências, quando o via chegar de fora, arrancar as luvas cor de canário, com arremesso, atirar-se cheio de tédio sobre os coxins da sua sala no hotel, encará-la de revés com fastio, e assobiar trechos de zarzuela, quando Felícia lhe dizia: — Você parece que não veio bô da rua!

Hospedara-se toda a família no Central, em Lisboa, quando recolheram de Sintra. José Macário dissera ao pai que não voltava para o Porto tão cedo, que receava que o abade desse à língua, e se descobrisse a sua desonra. Eusébio começava igualmente a enxergar a honra sob outros aspetos e feitos. A mudança do meio, as convivências, o trato com pessoas praxistas em teorias de dignidade, viscondes, conselheiros, vários sujeitos das salas onde a filha ia tomar chá, rasgaram horizontes novos à sua compreensão da Moral. Também ele, bem trajado e cevado, sentia-se na abundância, no impertigamento pessoal em que a honra se apruma consoante a rizeja dos colarinhos e a tesura da gravata. A Felícia, sua conhecida dezesseis anos em mancebia, também lhe fazia uns secretos engulhos e um certo mal-estar de sogro que se preza. Os Macários, pai e filho, entravam a regenerar-se, a polir-se no atrito dos pintos e dos soberanos. O dinheiro, que em tantos casos é o motor de enormes ignomínias, levantara o Fístula e o sogro da concubina do abade ao nível dos maridos probos e dos sogros envergonhados. Ainda mais, a Custódia, acepilhada em corpo e alma na convivência das condessas, também se sentia enjoada à beira da Felícia, que ela tantas vezes vira com a cabeça do padre no regaço, quando não tinha no regaço do padre a cabeça. E, se o irmão se queixava arrependido de ter casado, de ter vendido a sua dignidade por quarenta contos, a baronesa consolava-o:

— Já agora, mano José, não há remédio; trata de te divertir, que é o que eu faço. O barão é o que tu sabes, um bruto que já me deu dous bofetões por eu lhe dizer que achava o baixo da Ópera

muito simpático. Sofri com paciência, e fiz de conta que não se pode ter tudo bom. Acabou-se, toca a divertir à grande, e leve a breca paixões! Há muitos homens no teu caso, e não dão cavaco.

E desenrolou uma lista de maridos lisboetas que eles encontravam nos salões onde tinham aprendido os elementos convencionais da honra.

— Já me lembrou sair do país — alvitava José Macário — viajar, viver em Paris e não voltar a Portugal. O irmão que tome conta dela... Que a leve o diabo...

A baronesa contrariou-o discreta: Que parecia mal safar-se com o dinheiro e deixar a mulher; que então é que se sabia tudo e ficavam todos envergonhados, numa posição desgraçada; que o barão, se ele lhe deixasse a irmã, pintava a manta, e quem o pagava era ela: que não fizesse tal; e que o abade era um pobre diabo que não contaria nada.

O Fístula, para despontar os espinhos da sua dor, distraía-se; girava na chusma dos fidalgos toureiros e *dandies*, com poderosas faculdades assimiladoras de *poses* e tafularias. Vestia-se no Keil, pelo figurino de António da Cunha Souto-Mayor. Não quadrava à sua índole colorista a severidade melancólica dos casacos pretos e calças à *hussard* — a libré dos implacáveis agentes do inferno na perdição das mulheres.

Gostava das pilhérias do Martins do *Burlesco* e imitava-lhas pelintrando-as com chalaças de Basto. António Augusto Teixeira de Vasconcelos não lhe chamava primo; mas ensinara-o a gaguejar as facécias lerdas em que já gozara fama primacial nas Travessas em Braga. Na intimidade do Domingos Ardisson, do conde de Vimioso, dos Ficalhos e Cantagallos guitarreava fados e lunduns. Tratava de *tu* os escritores do Marrare: jactava-se de ter dado copiosas ceias a Lopes de Mendonça e D. José de Almada, deplorando com ares protetores a sorte mesquinha dos talentos em Portugal. Chamavam-lhe em Lisboa o «Macário janota», e diziam que era fino, valente, e muito perigoso quando estava bêbado. Da mulher dizia-se que era uma pobre lorpa, uma seleta de tolices, muito madura; e, por

denúncia dum deputado do Minho, constava que ela tinha sido amante de um abade. Este último predicado não a engrandecia nem desdourava; era uma informação banal: pior seria se divulgassem que ela tinha dentes postiços, uns joanetes alcantilados ou uma fístula lacrimal. De resto, ninguém lhe fazia a corte, e achava-se que o marido tinha razão em amar a Marta corista, uma trigueira muito cara, e passear o seu escândalo com ela pelo Dafundo.

O barão do Rabaçal andava desconfiado da mulher desde que ela gabara com lorpa ingenuidade a figura do baixo Del-Aste. Ele dera-lhe dous cachacos com insuficiente equidade. Fora o caso: insistia a baronesa em encarecer a bonita figura do baixo quando estavam ceando e mais a Felícia depois de assistirem à récita do *Nabuco*. O marido zangava-se, mordida-se e mostrava-o no frenesi com que trincava a perna tenra duma perdiz grelhada. A Custódia dizia à cunhada com pertinácia:

— O baixo é uma linda figura, não é?

E o barão, com ímpeto, enfiado:

— Você mi párece quê baba por ele! Quê caipórisimo!

— Gosto; pois então! isso que faz?

— Quê faz isso, hein? — replicou o marido, e cascou-lhe os bofetões, sem mais nem menos.

A mana Felícia agarrou-se-lhe ao braço, e Custódia, sufocada em choro, foi para o seu quarto, nutrindo na alma desejos ocultos de que a peste lhe levasse o marido.

Daí em diante, no espírito do barão penetraram cautelas, desconfianças, pressentimentos. Resolveu sair de Lisboa logo que estivesse habitável o palacete que mandara construir na rua do Príncipe. Eram-lhe suspeitas algumas notabilidades políticas que o visitavam. Surpreendera olhadelas esconsas de homens graves, conselheiros de bigodes tingidos, vistas lúbricas dardejadas aos seios aflantes da baronesa, que arquejava nos espartilhos, muito rosada, com um orvalho de rosas, pulverizadas de átomos de pérolas, muito boa mulher.

O Fístula andava azedo com o cunhado, quando saíram da capital. O barão soubera a vida devassa do amante da corista, luxo,

pândegas no Vítor; achava a irmã a chorar — que eram os seus pecados, que quebrada tivesse ela as duas pernas quando casou; que o José dormia em casa raras vezes e a tratava muito mal. O barão recolhia-se, melancólico como um filósofo, e dizia consigo: «Ah! como verifica-se o dito do abade: Estes Macários são má raça!»

Logo que chegaram ao Porto romperam-se as hostilidades. José Macário declarou que se apartava com a mulher e alugou casa na rua da Boavista. O pai ficou com a filha, e o barão mostrou-se contente da separação, porque lhe aborreciam as caramunhas da Felícia e a vadiagem brejeira do cunhado. Ainda assim, visitavam-se e concorriam aos bailes da Assembleia, à Filarmónica, aos teatros, aos concertos, ao jardim de S. Lázaro e às salas do conde d'Alpendurada, do barão de S. Torquato, do Vila Verde, um Custódio muito bom homem, da condessa do Casal D. Luísa, onde os redatores do *Periodico dos Pobres* tinham tido a ventura de os encontrar.

Os ciúmes do barão mitigaram-se na sociedade portuense, onde os costumes, se não eram exemplares, não estavam como os da corte — uma corrupção completa. A baronesa usava todas as cautelas, muito prudente; assim que algum corrupto lhe assestava olhares quentes e significativos de ideias destemperadas, voltava-lhe as costas com a mais casta descortesia. Homem que ao passar na rua do Príncipe, e perto da sua casa, estando ela à sacada, puxasse por lenço branco, levava com a janela na cara. Se avistava binóculos no teatro apontados à sua pessoa olhava de esguelha para o barão; e se via que ele dava fé, murmurava: — A pouca vergonha dos óculos! Estes pasmados do Porto... Vão pró diabo!

O barão gostava destas iras: — São uns trouxas, uns bigorri-lhas — dizia. — São máttutos da bandálheira. Andam ná onça, não faz-lhes peso a chelpa nem o miolo, hein?*

* *Trouxas*, sinónimo de trampolineiros, pulhas; o mesmo que matutos. Andar na onça, o mesmo que não ter dinheiro, andar à lebre. Dizeres importados do idioma brasileiro, e bons para Portugal onde são muitos os trouxas, e os matutos, e não menos os que andam à onça.

Medrava pois tranquilo, sentia-se bem no Porto, muito festejado, muita consideração, uma idolatria maior que na capital. No percurso de seis meses foi nomeado conselheiro da Santa Casa, mordomo dos Lázaros e dito do Recolhimento das velhas, fiscal das Meninas desamparadas, vice-ministro da Ordem Terceira de S. Francisco, prior da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, protetor do Terço e Caridade, prior da Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade, vice-diretor da Irmandade da Lapa. Ele, o Bento José Pereira Montalegre, era o Porto, metera-se nele a cidade inteira; fizera-se um símbolo, o representativo de quarenta mil almas; se o pusessem na cornija do paço municipal, apeando o estúpido granito que lá está numa pasmaceira palerma, tinham o Porto de 1852 em carne, em enxúndias, em espírito e em joanetes.

Não saboreava igual sossego José Macário. A Pascoela Trigueiros morava também na rua da Boavista. Nos dous anos decorridos, nutrira, arredondara, brunira as clavículas angulosas e recobrava em chumaços de tecidos adiposos o que dispensara em algodão. De muito apetite. Entre suicidar-se, como prometera, ou aceitar a corte ao Tomé da Presigueda, o do cavalo pigarço, optara pelo segundo expediente. A perfídia de José Macário operara-lhe as cataratas da candura. «Estou curada», dizia ela. Curar-se era colher as velas ao sentimentalismo; não aproejar ao mar largo; amar de cabotagem, bordejar na vasa, porque os naufrágios no lodo não são de perigo. Macário, o fadista, ferira-lhe uma toeira nova na viola do coração; mas partira-lha; e ela, acalcanhada na sua idolatria, sentindo-se falha na corda das suas solfas íntimas, fez-se corpo estreme e engordou.

Quando José Macário chegou ao Porto, o bacharel da Presigueda, o Tomé, queixou-se-lhe: Que a Pascoela era uma heroína, uma Aspásia, nova Laís, a Friné da última hora. Chamou-lhe tudo o que sabia de mais historicamente injurioso na velha Grécia; que não tinha no coração uma fibra incorrupta; enfim que o trocara pelo chanceler do consulado francês, um arganzaz que polcara com ela no baile que a Câmara deu à Rainha. Mas que a não podia esquecer; que era um anjo despenhado — as devassas de 52 eram todas

anhos despenhados —; que ele imaginara regenerá-la tonizando-a com o idealismo, recitando-lhe solaus dos irmãos Serpas: pérolas a uma porca — e que ela tinha o desplante impudico de lhe dizer numa languidez de michela: «Mi répete fádinhos, meu dengue!» —; e se lhe recitava as líricas do Lima poeta ou do João de Lemos, ela bocejava e dizia: «Quê maço! mi canta chibambas e lunduns fáceiros, meu quindim!» — Uma piteireira. — Hei de espetá-la num romance! há de levar a sua conta! — dizia.

Macário escutava-o com imensa saudade dos bons tempos da Cruz da Regateira — aquele caramanchão da quinta de Madame Flora, uma francesa viúva de um corsário; — era um tecido¹⁰³ de trepadeiras como açafate de pombos. Ele fornecia-se de empadas de marisco no pasteleiro da rua de Santo António, e Carcavelos e Santerre da garrafeira do cunhado. A Trigueiros entrava muito nos licores capitosos, nos charutos fortes; punha nos cabelos matizes de lírios e verbena e entoava *tiranas* cantando com soluçado langor: — Ó gentes! — Uma adorável douda, uma baiadera com piela, a sapatear pipocas das roceiras, com muitos regamboleios de quadris e o pé arqueado, a bater as mãos transparentes como cornalinas, a dar cafunés e a dizer muito hilariante com uns pe-neirados da roça: — Aitona! Vai háver áqui pártida rija, o diabo á quatro, seu moço!

Encontrou-a no baile da sr.^a Aguilar Spenser em Massarelos, deslumbrante, soberba, relançando-lhe a ele um olhar de comise-ração, e à Felícia todo o escárnio que pode rir nuns olhos piscos. A Felícia, que lhe sabia das artes e manhas, acotovelou a cunhada e segredou-lhe: — Credo! Olha que bisca ali está! — A baronesa, que tinha sido a íntima, a confidente da Pascoela, fez-lhe um gesto entre tímido e afetuoso. A Trigueiros, irritada, correspondeu-lhe avincando a testa com sobranceiro desprezo. Macário presenciara, achou adoráveis aqueles gestos insolentes. Nunca lhe parecera tão vilipendiosa a sua situação de marido de Felícia. No olhar zom-beteiro da Trigueiros sentiu-se tão esmagado em sua vaidade que odiou profundamente, com rancor uxoricida, a fêmea do abade.

A amante do chanceler andava radiosa, mais estouvada e desenvolta que o costume, com trejeitos muito sacudidos, triunfais, de espalhafato, polcando com o francês, muito aconchegada dele, com a cintura flexuosa a quebrar-se-lhe na curva compressiva do braço. As mães de famílias, umas senhoras bojudas que tinham dançado em 1840 o grave solo inglês e a gavota, viam escandalizadas a desenvoltura da brasileira, e diziam à dona da casa que a Trigueiros não devia dançar diante de meninas; que aquilo nem nos bailes mascarados em teatros se admitia, e que as costureiras dançavam com mais decência. A senhora Spenser, que tinha viajado, dizia que a Trigueiros polcava muito *dégagée*, à francesa.

— Esta moda francesa cá no Porto não pega, creia a senhora que não pega — dizia muito aziumada a esposa do Costa Mendes bacalhoeiro, vigária de Nossa Senhora do Terço e Caridade; e segredava às inocentes filhas, duas meninas que suavam esbofadas da polca: — Olhem que modos aqueles de se deitar no ombro do homem! Má mês pró mafarrico da mulher! parece mesmo da viela! — As inocentes meninas achavam que sim, que se parecia com as da viela.

IV

José Macário saiu alucinado daquele baile. A nebrina do Douro, de madrugada, refrigerou-lhe a testa vulcanizada de amor, de nevroses lascivas, de ciúmes, de raivas. Era outubro. Carroções de Manuel José d'Oliveira, repletos de gente, arrastavam-se para a Foz. Os carroceiros, picando as vacas derreadas para puxarem aquelas famílias, mugiam uns *êhs* prolongados, plangentes, duma grande caracterização selvagem, pré-histórica, anterior à formação das línguas. Sanjoaneiras com as saias enroscadas nos quadris, esbamboando-se, passavam carregadas de sardinha, sacudindo a água que estilava dos cabazes. Alguns barqueiros, na alameda fronteira, arrotavam aguardente e fumavam em cachimbos negros. Grupos de operários da fábrica do Bicalho paravam a ver sair as carruagens da casa iluminada do Spenser, e diziam amargamente: — Estes é que a levam! Estes é que a levam! Toda a noite na pândega a comer e a dançar... Agora vão dormir regalados... Corja de vadios! — Um velho magro, doente, a tiritar de frio, porque empenhara a jaqueta para se embebedar, murmurava: — E dizem que há Deus! — Para nós ¹⁰⁴ o que há é o diabo — afirmava outro filósofo da mesma têmpera, que ao romper do dia saíra cambaleando duma taberna de Miragaia para a oficina. Os deserdados a pedirem socialismo.

Vida de inferno ultracatólico, se alguém a tinha, era José Macário. Figurava-se-lhe incrível que tivesse trocado aquela grande mulher por Felícia e quarenta contos. Olhava de revés para a esposa legí-

tima, e formava-se-lhe em volta do coração uma negrura de nuvem tempestuosa que crescia, crescia, condensava-se, estendia-se até pôr entre ele, marido da criada dum padre e amante da formosíssima Trigueiros, uma escuridão, uma noite imensa, impenetrável à luz duma esperança.

A mulher deitara-se com a sua consciência tranquila e, adormecendo logo de papo acima, parecia escarnecê-lo, sibilando pelas trompas nasais. Ele não tinha um instante de sossego; atirava-se extenuado sobre a otomana, erguia-se de salto, frenético, descaía prostrado nas *voltaires*, balouçava a cabeça entre as mãos, dava *ais* dum trémulo teatral, outras vezes expedia *ohs* vertiginosos com os punhos afincados na testa. Na vasa daquela alma havia ainda a flor do pranto: — chorara! ele que nunca mais tivera uma lágrima desde os últimos pontapés que o pai lhe dera por lhe comer o açúcar-cândi e o pau de alcaçuz da botica! Chorava de paixão da Pascoela, pensava em cair-lhe aos pés de joelhos a exorar-lhe perdão, a pedir-lhe que lhe cuspiisse na cara, mas que lhe perdoasse como se perdoa a um miserável que nos merece mais nojo que ódio. As lágrimas tinham-lhe lavado interinamente a consciência; mas ele para se ver em toda a sua velha infâmia precisava de meditar alguma nova.

Macário, afinal, por volta das dez tomara chocolate e adormecera na moleza duma poltrona com as pernas estendidas, os braços descaídos sobre a jardineira, e meio charuto mordiscado colado ao canto da boca com um escorrimento preto misturado à baba. Sonhava com o pavilhão de Madame Flora à Cruz da Regateira. Pascoela sentada nos seus joelhos sacudia-lhe as extremidades dos cabelos tão subtilmente que lhe titilava umas cócegas deleitosas no pescoço; ele fazia-lhe uns pruridos muito sensuais entre a quarta e quinta costela; e ela dava uns gritos infantis, contorcendo-se, reboleando-se-lhe nos braços, e mordendo-lhe o bigode. Diziam-se frases cortadas de beijos, dum madrigalesco de bordel, em que a Pascoela se avantajava na graça muito gaiata de carioca, umas brasileirices inflamatórias que pareciam feitas de aromas de banana,

trilos de sabiá e essência de moscas-verdes. Uma mucama da sinhá entrava com uma travessa de *mayonnaise* de camarões e lagostins, garrafas de Santerre e licores. Comiam com uma grande voracidade e bebiam do mesmo copo grandes tragos. A Pascoela rosava-se muito escandecente, levantava com custo as pálpebras superiores, arrastava melodiosamente as palavras, e a falar da sua paixão por ele desatava-se em lágrimas, e jurava matar-se, quando o pérfido a abandonasse. O Fístula então pegava da guitarra e arpejava umas cousas muito choradas; e ela punha-lhe a cabecinha adorada na perna e adormecia numa grande pacificação. Depois, sonhou que se abria de repente com um tufão de vento a porta do caramanchel, e aparecia o abade de S. Tiago da Faia com a Felícia pela mão, de tamancos, sem meias, com uma saia de chita amarela de barras, e os peitos túmidos a rebentarem dos atacadores vermelhos do colete, — a *toilette* que ela usava muito em Basto. O abade espirrava umas casquinadas muito brejeiras, quando José Macário acordou e viu ao pé de si a sua legítima esposa, a Felícia, que lhe dizia amorosamente:

— Vai-te deitar na cama, homem, que podes arrefecer aí. Anda prá cama, Zé — e puxava-lhe pelo braço com energia barroã e muita bulha. Ele fechara os olhos estupefactos, cuidou que estava ainda sonhando; mas, ao terceiro empuxão, acordou de vez e bramiu:

— Vá-se pró diabo! deixe-me!

Felícia safou-se assustada dos berros, com uma suspeita pungente da verdade. Ela tinha presenciado que o marido não tirava os olhos da Pascoela no baile; que saíra quando ela saiu; e que, na volta para casa, bufava dentro da sege uns gemidos muito do interior e não lhe dera uma palavra. — Temo-las arrançadas — pensava ela com santa resignação. — Quebradas tivesse eu as pernas ambas de duas quando casei com este moinante. Dá-me cabo do dinheiro, vocês verão. As croias põem-nos a pão de pedir.

Este *vocês* não significa que a infeliz tivesse auditório: tinha estes desabafos no silêncio do seu quarto. Contavam-lhe na capital que o seu Macário gastara três contos com a Marta corista. Ela uma

vez em Lisboa atrevera-se a dizer-lhe que o dinheiro era seu. E vai o Fístula coriscou-lhe tais ameaças no olhar, que a mulher ficou estarelecida, emudeceu de pavor e disse depois ao irmão: — Cuidei que era a minha fim. Mas, se ele me batesse, eu dava-lhe cabo da casta. — O barão emendou-lhe o adjetivo articular em concordância com o substantivo masculino, mas não remediou mais nada. O seu dinheiro preocupava-a muito mais que o seu homem. Nem o mais ligeiro ciúme das deleitações adúlteras do esposo. Habituará-se à viuvez do seu tálamo nupcial, e vivia casta como certas damas antigas casadas, de acordo com os maridos, em obséquio à pureza dos anjos de ambos os sexos; mas ela não tinha de ser celebrada nos Hagiológios e em outros livros místicos. Quanto aos 40 contos, depois que viu Pascoela e os despropósitos do marido, pediu ao irmão que a protegesse; e o barão prometera-lhe, se ele se não emendasse, apartá-la do tratante, com separação de bens. A baronesa, condoída dos desgostos da cunhada e receosa das grosserias do marido, pedia ao irmão que não tratasse mal a Felícia; que podia ter a sua estroinice sem ela dar fé; que bem sabia que ele andava atrás da Trigueiros, e que ela o desprezava — que era uma vergonha andar assim a chorar o lamba atrás duma douda que tivera uns poucos de amantes desde que ele a deixara. Lembrava-lhe que ele lhe chamara *catraia e pega*, e a passara ao Tomé da Presigueda, e quando a Pascoela lhe mandou dizer que se matava, ele lhe respondera que a não julgava capaz de heroísmo tão patarata.

Eram facadas que lhe dava a irmã. A sua paixão refinava à proporção dos desprezos com que a Trigueiros o repelia em público. Ela na frisa de S. João mudou-se para o lugar inferior para lhe não encontrar os olhos. Num baile da D. Cristina Zuzarte, vendo-o *vis-à-vis* em uma quadrilha, sentou-se, e os pares esperaram a substituição. José Macário tinha resvalado ao domínio da compaixão convizinha da gargalhada. As mulheres desprezavam-no porque o viam desprezível no conceito de uma safadona. A irmã do barão, que já o não acompanhava ao teatro e aos bailes, era muito lastimada como a mártir dos seus 40 contos. Os rapazes

honestos colheram informações exatas da reles origem e educação do Fístula, e desviaram-se dele com nojo.

No transcurso destes casos, o comendador João Batista Trigueiros foi avisado da vida escandalosa da mulher. Amigos zelosos impunham-lhe o dever de deixar a devassa que o cobria de irrisão e de infâmia imerecida; resolveu pois sair de Portugal clandestinamente, deixando-a reduzida a uma escassa mesada ministrada por mão dum amigo. Ele não queria dar este passo precipitado. Estava informado há muito; mas não acreditava, não tinha visto; vivia conformado e quasi ditoso; mas os amigos meteram-se na sua vida particular, e levaram-no àquilo por amor da honra convencional das famílias. Ele perguntava:

— E o barão da Corujeira, e o barão de S. Cucufate deixam as mulheres?

— É porque não o sabem... — respondiam-lhe.

E ele sarcástico:

— Pois digam-lho, que vamos de companhia e podemos encher um paquete, se forem todos.

O comendador Trigueiros não disse esta cousa humorista inconscientemente. Ele queria ferir os seus consócios, e sentia vontade de aconselhar a algum de seus amigos que preparasse as malas.

Andava ele, não obstante, a liquidar a sua papelada, a vender os prédios a ocultas da esposa, quando o chanceler do consulado foi transferido para Itália.

Pascoela ficou num grande marasmo melancólico; estava afeita ao chanceler, o funcionário tinha amavios muito franceses, com uma alta escola de Mabile e da velha corrupção do *quartier Latin*. Sentia-se cansada, não saía de casa, nenhuma conta na Andrillac, queria repouso, regenerar-se, a ser possível, com ajuda de Santa Maria Madalena que ela tinha no seu quarto entre a gravura duma Susana no banho e uma Dido deitada com as pernas ao alto, sobre a relva¹⁰⁵ a escutar a perlanga de Eneias. Como iniciação de penitência principiou a tratar o marido menos mal; a cuidar-lhe da roupa branca, penteava-o, escovava-o, pedia-lhe que viesse jantar

com ela, temperava-lhe os semicúpios e fazia-lhe uns parches de encerado para refrigério dos calos. De resto, no rigor de dezembro, punha duas botijas na cama para aquecer os quatro pés dos dous. Ela, antes deste exórdio de regeneração, deixava-o meditar no leito solitário, sobre cotações e câmbios.

O Trigueiros, cheio de bons sentimentos de ordem e paz na família, evitava ocasiões de explicar aos amigos a demora na saída. Eles, pasmados da mudança, feridos na honra comum da súcia, chamavam-lhe nomes de substância muito dura; achavam-no indigno de aparelhar com homens de bem, e diziam que ele sabia há muito quem era a mulher, e que os levasse o diabo a ambos, que não ia rico.

Os barões da Corujeira e de S. Cucufate diziam o mesmo. O do Rabaçal achava que ele devia ir-se embora do país depois de quebrar o espinhaço à Pascoela, escangalhá-la.

No entanto José Macário, com a transferência do chanceler, ganhara esperanças. Sorria-lhe a abjeção de esperar ser admitido na vagatura, se o francês a não endossasse de antemão como ele a tinha empurrado ao bacharel da Presigueda.

Havia na casa do Trigueiros uma mucama, a confidente dos regabofes da Cruz da Regateira, que acompanhava a sinhá no trem, e punha sobre a mesinha de cortiça do pavilhão os moluscos afrodisíacos. José Macário não tinha conseguido fazê-la parar na rua; a preta fugia-lhe ou voltava a cara quando o encontrava; mas, depois que o chanceler saíra, as asperezas cederam ao atrito de alguns soberanos a ponto de, à quarta instância e quarta libra, a escrava aceitar uma carta.

A preta jogava pelo seguro. Sabia com certeza que não era portadora de corrupção nova, nem instrumento de modernas libertinagens, quando levava a carta de José Macário.

D. Pascoela não encontrara auxílio de regeneração pedindo-o à santa a quem Jesus perdoara porque *amara muito* — o que é diferente de *amar a muitos*, e algumas senhoras se enganam supondo que é tudo o mesmo. Ao cabo de cinco meses, passados

no campo e nas praias, a esposa do Trigueiros sentia-se pletórica de ruim sangue; a reação da raça sopeada era implacável, a virtude obstruía-a dando-lhe ao coração a intumescência gasosa duma timpanite. O peito soava-lhe a oco; o tédio marasmava-lhe as energias; tinha histerismos, cheliques, amodorrava-se num narcotismo estúpido; sentia-se muito infeliz, e chegou ao extremo expediente dos talentos célebres — embebedava-se com anisete, e então era expansiva com a mucama, lembrava-se do pavilhão da Flora, trau-teava fadinhos brasileiros, e, por diante de seus olhos mórbidos, passava a visão do Macário com a guitarra gemente. Ela então, na excreção da sua sentimentalidade alcoólica, deixava esvurmar-se uma lágrima, e murmurava:

— Não posso esquecer ele... Quê cisma!

A preta, em um desses transportes de saudade, quando a lágrima borbulhou e o cristal do licor ia baixando, deu-lhe a carta do Macário, repetindo a história da perseguição — que o vira chorar, magro como um cão vadio; que tivera dó dele, e lhe aceitara a carta com a condição de ser a última, porque o Macário lhe dissera que ia para os Estados Unidos, e a carta era um adeus para sempre.

Pascoela deixou pôr a carta no regaço, quedou-se um momento pensativa sem lhe tocar, e disse:

— Pega nisso e leva em fôgão.

A preta disse que sim, que ia queimar a carta, mas que tanto fazia lê-la como não — que a lesse para se rir. E a ama:

— Quê qual! não leio ela. Quê caipórisimo de cápádócio! Ainda átreve-se á mi éscréver! Quê vá-se embora, i mi dêxe.

A preta também bebia com abundância nestes conflitos, e não era menos capaz de se enternecer. Desatou a chorar pelo Macário, a lembrar-se da alegria de sua ama quando o amava; que nunca lhe conhecera um amante tão bonito; e, inconveniente com a sua camueca, dizia que o francês era um marmanjo, que não tinha *erva*, e o Tomé esse então era um róceiro; e mostrando as arrecadas, o cordão e muitos anéis d'ouro, dizia que tudo aquilo lho dera o sr. Macário, e mais dous vestidos. E as lágrimas, espremidas pela

gratidão, rolavam-lhe torrencialmente, pondo-lhe na tez negra uns pontos de brilho fosco. Muito bêbeda.

Ouviu-se a campainha. Era o marido. Pascoela mandou retirar a licoreira. Meteu a carta na algibeira do roupão, pôs o *abat-jour* nos castiçais, reclinou-se na poltrona; e, quando o Trigueiros entrava, espreguiçou-se como quem acorda. Ele acariciou-lhe o rosto com a mão, sentou-se à beira dela e disse-lhe:

— Uma novidade, Loló.

— Mi diga você.

— Encontrei o ábade, áquele gajo da Félícia, qui veio cónego pára cá, hein? Se póde ouvir ele.

E contou, muito difuso e mentiroso, os queixumes do abade contra os Macários. Que lhe deram com a porta na cara, quando lhe empalmaram a moça para a casarem com o malandro do Fístula; que ele já sabia que o marido lhe dava muita ripada, e que o barão mais hoje mais amanhã havia de conhecer a bestinha com quem casara; que a Custódia se saísse à mãe havia de ser como as galinhas; e que o Macário velho, assim que o topasse, lhe havia de dar quatro pontapés; que se dizia que o Fístula já gastara mais de vinte contos com *grisettes* de Lisboa, e que a mulher estava acabada que já não valia um pataco da Junta. E a Pascoela estirando-se com abrimentos de boca:

— Tudo isso é bandálheira ácánálhada quê mi faz nojo.

O cônego Justino, assim que soube que Felícia era muito desgraçada, sentiu-se desarmado para o ataque. A primeira sensação foi de júbilo vingativo; depois contraveio a saudade com um sentimento benigno de compaixão.

Havia quem o informasse diariamente. O seu colega Veloso tinha uma governante, irmã do escudeiro de José Macário. O escudeiro era amante da Maria Clara, criada de sala de D. Felícia. A criada escutava-os, dizia-lhe os maus tratos, as palavras insultantes que ouvia; contava que o patrão falara num abade, chamando-lhe a ela o pior dos nomes, e que a senhora a soluçar que parecia sufocada lhe dizia: — Você bem sabia quem eu era, seu pelintra! — E que uma vez lhe batera com um chicote, e ela lhe dera com a pá do lixo no costado; e, se ele se não raspa, que lhe espetava umas te-souras no corpo. É claro que o verniz social não polira as antigas asperezas da valorosa barrosa que batera com o engajo no meirinho de Montalegre, e formara a sua destimidez em convivência com o matador de lobos.

Ulteriores informações relatavam que José Macário, desde que levar, raras noites dormia em casa; e, quando vinha de dia mudar de roupa, raras vezes comia, e nunca procurava a senhora. Que o barão visitava a irmã amiúde, e de uma vez se rira muito quando ela lhe disse que lhe zupara com a pá do lixo; e ele à mana: «Que lhe desse pra baixo!» Que ela dissera que se queria separar dele

por justiça, e levantar o seu dinheiro; e que o barão lhe prometera enviar-lhe um advogado.

Nestes termos melodramáticos, o cónego Justino entendeu que devia entrar em cena com ressalvas, intrigas e a bengala, sendo preciso.

Felícia em Lisboa aprendera a ler com a cunhada: era uma vergonha não saber escrever o seu nome, como lhe acontecera no Buçaco quando lhe pediram a sua assinatura; e uma vez em Sintra, quando uma marquesa filantropa lhe pediu esmola para qualquer obra pia, ela não aceitou a lapiseira que a fidalga lhe oferecia para assinar o seu nome em um caderninho de papel velino, perfumado, encadernado em marroquim. O Fístula disse à irmã: — Olha se me ensinas essa besta a escrever o seu nome. — Felícia estudou muito, com um grande desejo, e em poucos meses lia com desembaraço e escrevia fonicamente. Quanto a exprimir-se, não vingara defecar-se das parvoíces inveteradas. O abade não lhas corrigira no trato íntimo de dezesseis anos, por entender que a gramática era tão supérflua que nem os abades precisavam dela, quanto mais as criadas. Mas o cónego exultou quando soube que Felícia assinara com o próprio punho o requerimento para divórcio; podia corresponder-se com ela, aconselhá-la, oferecer-lhe o seu coração ainda juvenil para amparo e o seu braço robusto para defesa. As vantagens da instrução primária.

Felícia, quando a sua criada lhe entregou uma carta vinda de casa do sr. cónego Veloso, disse que não conhecia cónego nenhum; mas, abrindo-a a medo, leu a assinatura *Justino*. Pela primeira vez soletrava aquele nome que era para ela uma saudade envenenada pelo opróbrio, uma vergonha que ela escondia no coração para que o mundo lha não conhecesse. Contou a criada que as lágrimas lhe resvalaram à carta quando a lia, que se fechara no seu quarto e não jantara. É que o padre Justino também lhe escrevera chorando. Viu-a nessa hora, sentada à beira do seu catre, em Padornelo, quando não tinha quem lhe desse um caldo nem uma palavra de piedade confortadora na sua doença. Talvez a visse na

sua choupana, naquelas noites nevadas das alturas de Barroso, aqueitando-lhe com tijolos envoltos no seu saiote os lençóis e os pés. Sentiu-a nos braços, humilde, vencida pelo seu amor, abdicar nos prazeres de um homem que nunca poderia reabilitá-la. Viu-a no decurso de tantos anos, zelando-lhe a saúde e os bens com a simples recompensa de a não despedir do seu serviço, embora outras mulheres, a quem o mundo perdoava, o dominassem mais do que ela. Remorsos lancinantes penetravam-lhe o coração empedernido no desdém com que lhe amargurara os melhores anos da vida. Queria desculpar-se com o desamor da sua ida para o irmão opulento e da leviandade do casamento com o Fístula; mas as ingratidões e as perfídias reagiam em favor da pobre mulher que, a não ser ele, teria por marido um lavrador, um jornaleiro, um operário; e esse trabalhador seria hoje um marido honrado, rico e agradecido à esposa que duas vezes o cumulava de riquezas — a do seu amor e a do seu ouro. Afora estas imateriais reminiscências, haveria outras inspirativas de sensações que põem na retórica umas flores rubras, de aromas vertiginosos, e nem sempre usam as folhas verdes com que os escultores honestam as estátuas.

Felícia respondeu com cortesia, sem desaire da sua dignidade: que era infeliz; que estava purgando os seus pecados, e contava com a proteção de Deus e do mano. De sentimentalidades, nada. Apenas dizia que oxalá nunca deixasse de guardar cabras, ou Deus lhe não desse para sua desgraça um irmão rico. — Não tinha de Deus, ao que se vê, uma compreensão muito abonatória. Cuidava que Ele lhe dera o irmão rico como um purgante de pecados. Ah! o barão era muito drástico; mas os deuses não lhe dariam a missão purificante — eles não lha dariam.

A baronesa do Rabaçal comunicara ao irmão, às escondidas do marido, que a Felícia ia requerer a separação. Que visse lá como se arranjava com o dinheiro. Ela desprezava altivamente a cunhada; chamava-lhe *sostra*. Eusébio Macário também o procurou no pórtico do teatro, levou-o para o largo da Batalha, vociferou-lhe toda a ladainha dos insultos antigos paternais: que era um perdido,

a vergonha da sua família, um debochado, um ladrão; que o desfazia a pontapés, se não fosse pedir perdão a sua mulher. Que se ele pensava em safar-se com o dote de Felícia, que estava enganado, que não o apanhava à unha, porque os Bancos já estavam avisados para não entregarem o capital sem autorização dela.

O Fístula sentia-se amolgado, ilaqueado numa cadeia de revezes, tolhido para a reação. Na tarde desse dia encontrara de cara nas Fontainhas o cónego Justino e mais o cónego Veloso. Ele dissimulara que não o vira, desandara com uma precipitação ridícula; mas ainda ouvira o abade a dizer ao outro sonoramente, num tom de escárnio provocante: — Este é que é o célebre Fístula. Aí o tem.

José Macário chegara a um tão perfeito complexo dos predicamentos da infâmia que até lhe sobejava a cobardia. Tinha a consciência da desonra a gangrenar-lhe todas as entranhas; o coração despejava-se-lhe como um pedaço de carne tábida quando via um gesto de provocação; no desforço dos insultos não o esporeava a revolta da justiça. Para ser um celerado de faca, à sombra de uma esquina, faltava-lhe a coragem de se expor a uma bengala. Resvalaram-no àquele abismo os quarenta contos. Tinha sido valente quando era estudante; dera paulada num funcionário que lhe apalpara os quadris da irmã, professava a esgrima da navalha de mola, jogava o pau, metia uma bala num tordo, mas o inquebrantável pulso da desonra manietara-o, chumbara-lhe uma grillheta e acorrentara-o aos quarenta contos da rascoa do padre. A sociedade que o propelira ao desdouro com a promessa de o glorificar na sua fortuna mentira-lhe, bigodeara-o, porque ela, ofendida no seu deslumbramento, se pode, vingava-se dos aventureiros quando eles deixam a descoberto, vulnerável, um dos esteios podres da sua prosperidade arrogante, humilhadora, sem trabalho. Depois, é um desabamento desgraçado, um edifício esboroadado, aberto a todos os ventos, a uma grande chuva de lama.

O Fístula, com o pressentimento destes processos sociológicos portuenses, meteu-se em casa, aconselhado pela baronesa. Ela conseguiu emprazar o requerimento para depósito judicial na mão do

juiz, com intenções conciliadoras. O barão, temeroso do escândalo e da língua do cunhado, transigira até ver se se apaziguavam.

Encerrou-se no seu quarto José Macário. Deitou-se. Disse que estava doente, muito incomodado. O escudeiro foi dar parte à senhora. Ela respondeu: «Que se trate».

O velhaco tinha saúde e fome; mas não pedia nada. Às vezes dava *ais* e pensava em bifés; cheirava-lhe a linguadros fritos e dominava ímpetos de Ugolino, frenesis de trocar o seu plano de reconciliação por um prato de almôndegas. E Felícia não lhe aparecia: estava no seu gabinete de trabalho a costurar, com a criada, sua amiga única. Pensava em ir viver numa aldeia, e levá-la consigo. Falava em ter muitos marrecos e galinhas da Cochinchina, criar cevados e ter duas cabras de leite. Quanto ao marido — que se tratasse.

O escudeiro teimara com o patrão que comesse, que tomasse chá e dous biscoutos sem sal, que eram saudáveis. Ele cedeu aos biscoutos, bebeu meio cálice do Porto, e não iludiu a fome. Depois, alta noite, levantou-se, pé ante pé, foi ao aparador e comeu muito queijo londrino e pão com manteiga. Passou rente com a alcova da esposa; estava fechada por dentro; escutou: ela ressonava.

A reconciliação com a Trigueiros estava muito bem encaminhada. Não lhe respondia; sentia-se ainda muito ferida para poder responder-lhe, dizia a preta; mas consentia que ele lhe escrevesse, se quisesse. Ele combinara com a mucama encontrarem-se todos os dias na Cordoaria ao pé da árvore grande. Mas não devia, não podia sair de casa enquanto não fizesse as pazes com a mulher. Era preciso que a Pascoela soubesse que ele estava impedido pela doença no leito da dor, talvez sucumbido à sua paixão — pensaria ela. Escreveu a um jornalista, seu comensal nas ostras da Águia d'Ouro: que estava de cama, e necessitava que *alguém* o soubesse; mas só indiretamente, misteriosamente lho podia comunicar por meio do seu jornal. Era o *Jornal do Povo*, de que o Trigueiros era assinante. No dia seguinte, a primeira local dizia: SENTIMOS — *Acha-se doente o il.^{mo} sr. José Macário, cunhado do ex.^{mo} sr. barão do Rabaçal. Fazemos votos pelo pronto*

restabelecimento de S. S. — Esta notícia, duma segura e magreza imprópria da Gazetilha, contrastava com a gordura das ostras que o noticiarista devorava na Águia. O Fístula esperava outro estilo, mais cor, e alguns adjetivos. Não supunha que o literato estivesse mancomunado com os outros jornalistas que meses antes o chamavam *cavalheiro ilustre, ornamento da sociedade portuense, muito prendado*, e ultimamente nem sequer o mencionavam nos folhetins dos bailes. Efetivamente o localista do *Jornal do Povo* desdourava-se de chamar-lhe amigo em tipo 12. Quanto às ostras, acompanhava-o depois da meia-noite por um sentimento de dó, vendo que os rapazes do trinque se apartavam dele. De resto, devia-lhe quinze libras e pico que tencionava pagar-lhe quando vendesse a um editor o seu volume de versos intitulado AS MARIPOSAS. O Fístula, relendo a notícia, disse consigo: Que malandro! Ainda há tempos lhe emprestei sete pintos para umas botas!... E acrescentou, machucando o jornal: O Porto é um covil de patifes.

A Trigueiros lera a notícia e ficara melancólica. Não hesitou em condenar-se de severa desmarcadamente com o pobre moço arrependido. Releu todas as cartas que recebera dele, a ressudarem lágrimas, muito lamentosas, com intercadências de apelos sensualistas ao seu temperamento intertropical, pinturas muito vermelhas do pavilhão da Flora, denguices, requebros, enlanguescências, lubricidades de estilo que soavam como as coplas dos fadinhos que eles tanto amavam. E deu-lhe para chorar, e dizer à preta:

— Ele mi mata... e eu lhi amo muito... Ora dá-se? — E espreguiçava-se com languidez felina, e uma grande sede de ideais.

A preta nunca deixou de ir à Cordoaria, e achou afinal modo de saber por um criado vizinho do José Macário que ele não saía de casa nem aparecera à janela havia duas semanas; que tinha visto lá entrar algumas vezes o médico Luís António, e uma vez a baronesa do Rabaçal com o pai.

O certo é que Felícia teimava em não aparecer ao marido apesar de saber que lá estava o médico, e que da botica tinham

vindo duas garrafadas de tisanas. Desde o conflito da pá do lixo, em revindicta da chicotada, aquele homem, que ela nunca tinha amado, era-lhe odioso e nojento como um sapo. Acrescia como elemento desta fermentação azeda uma série de cartas do cónego Justino, chamando-a à dignidade, não da Sé portuense — o que seria um *calembour* insulso — mas sim à dignidade de esposa ultrajada a quem um vil, enriquecido por ela, recompensava com um chicote, como era público e notório.

Ela escrevia ao dr. Fiel que andasse para diante com o processo do divórcio; o cónego, indiretamente, espicaçava o advogado, até que o juiz de direito escreveu à baronesa do Rabaçal advertindo-a da necessidade de progredir, segundo os requerimentos reiterados da cliente do dr. Fiel. Foi então que a Custódia e mais o pai resolveram atacar a esposa irreconciliável no último reduto. Enquanto a baronesa entrava de súbito na saleta da cunhada e lhe rogava encarecidamente que perdoasse ao José, Eusébio obrigou o filho, aos empurrões, a ir ajoelhar aos pés de Felícia. Ele pôs um joelho em terra, e o pai gritava-lhe:

— Pede-lhe perdão, pede-lhe perdão, patife!

— Felícia, perdoa-me, que eu prometo nunca mais te ofender — disse o Fístula com a frieza dum hipócrita que faz o ato de contrição.

— Ó mana! — acudiu Custódia com uma comoção muito impostora. — Ó mana, não seja cruel... Perdoe-lhe... Não o vê de joelhos?

— Pois sim, sim, como quiserem... Isto há de durar muito, não tem dúvida... — disse Felícia, erguendo-se muito sacudida. — Bem os entendo... O que vocês querem sei eu. A mim ninho atrás da orelha não mo fazem...

Pediram-lhe explicações; e ela:

— Eu cá me entendo.

A baronesa, na carruagem, dizia ao pai:

— Olhe que bicha saiu a tal sostra! Quem viu aquela sopeira em casa do abade e quem na vê agora a fazer-se gente!... O meu

gosto era mandá-la tratar dos porcos, a mostrenga velha que até me faz compaixão ver o José casado com aquele bazulaque!

E Eusébio Macário, obtemperando condicionalmente, dizia:

— Tens razão, Custódia, mas lembra-te que uma família respeitável como nós estamos sendo nesta cidade do Porto, devemos evitar escândalos cujos possam afetar a nossa seriedade.

— Ora lérias! — replicava a baronesa com gestos largos — eu, no lugar dele, mandava-a pró diabo, e ia comer o dinheiro lá por fora.

E o Macário, formando um tubo com os beiços, avincando a testa e dando à cabeça uns balouços negativos:

— Isso ofenderia bastantemente a moral pública, menina.

VI

A inesperada notícia da reconciliação mortificou o cônego; todavia informações posteriores mitigaram-lhe a zanga notavelmente. O escudeiro contou que as pazes eram fingidas; que à mesa não trocavam palavra; que não saíam juntos, e dormiam em camas separadas. O coração de Justino banhava-se em frescuras aromáticas de uma casta alegria.

O noticiarista do *Jornal do Povo* escreveu: PARABÉNS — *Tivemos ontem a satisfação de encontrar restabelecido o il.^{mo} sr. José Macário, irmão da ex.^{ma} baronesa do Rabaçal. Congratulamo-nos.* Tencionava pedir-lhe cinco pintos para um chapéu, enquanto não vendia AS MARIPOSAS.

A preta, no dia seguinte, à hora aprazada, estava na Cordoaria com uma carta da sinhá. — Que lhe perdoava a ingratição, porque o amor seu dela era maior que o crime dele (Achara isto num romance qualquer). — Que assim que pudesse chorariam ambos, um nos braços do outro (Isto é que era legitimamente dela). — Que *ele* tinha de ir a Lisboa, e então falariam. — Que estava de mal, arrufada com a Flora; mas que tinha uma casinha, um *bouquet* de rosas brancas no Carvalhido à espera das duas borboletas acoçadas pelo nordeste do infortúnio (Extrato mais tolo de um romance da BIBLIOTHECA DAS DAMAS). E terminava: «Muitos cafunés, meu dengue». O Fístula sentia uma leveza de pássaro. Asas aflavam-lhe nas espáduas. Pulos do coração trapejavam na goma

da camisa anilada. O chiar das rodas das cordoarias parecia-lhe música. Pardais na copa enfolhada da grande árvore chilreavam-lhe congratulações pela nova primavera do seu amor. Dous garotos que jogavam o botão pediram-lhe cinco réis e ele deu-lhes uma de doze. Encontrou o noticiarista do *Jornal do Povo*, abraçou-o, que era muito seu amigo, grande seu admirador; que ele e a sua bolsa sempre às ordens. Meteu-lhe o braço, desceu à Praça Nova, foi ao estanco e encheu-lhe os bolsos de charutos de seis vinténs. Não obstante, o literato receava que o vissem, ia constringido pelo braço daquela firma. Entraram no Guichard. José Macário jogou duas partidas com o jornalista, a meia libra, quinze carambolas de partido: perdeu, queria perder, repartir da sua felicidade, exuberá-la por todo mundo — um panteísmo d'amor que até lhe dava vontade de entrar nos Congregados e agradecer ao Altíssimo o obséquio de lhe restituir a Pascoela. Ao jantar entrou em casa muito afável; foi ao encontro da mulher e deu-lhe um broche com uma esmeralda que lhe comprara nos Mourões. Ela aceitou-o sem entusiasmo, pô-lo sobre a cómoda, e disse:

— Isto não me serve de nada. Às velhas, contas e borracha, como o outro que diz.

— Hás de estrear o broche amanhã no teatro, sim? Vamos ver a Emília das Neves nas PROEZAS DE RICHELIEU — fez ele com uma doçura muito postiça, uma cólera mal retraída pelo desdém com que lhe recebera a prenda. Ela respondeu que não ia, que não gostava de teatros; que antes queria dormir para levantar-se cedo e governar a sua casa. Que fosse ele, que se divertisse, que a deixasse em paz e não lhe comprasse nada de luxos, que ela não tinha gosto nenhum da vida; que tomara ela quem na deixasse. Ele ainda teimou, contrafazendo-se, com palavras mansas, queixas do desamor dela e da sua infelicidade — uma deslavada impostura, que ela castigou com um frouxo de riso que não tinha nada de lorpa.

Felícia, uma vez por semana, recebia carta do cónego Justino. Sentia-se bem quando as lia porque lhe davam o sentimento de ser lastimada por alguém, de ter quem velasse por ela; enfim,

sentia-se amada pelo único homem que lhe dera tantos anos de amor bonançoso à mistura com os tormentos do ciúme.

O cónego compusera-se bastante no Porto. Muito lavado e barbeado, trajando de preto, com apontada decência, fato de muito bom talho, capote farto, azul, muito lustroso, com bandas de veludo, a meia escarlate, a fivela de prata rutilante no sapato esmerado, cores sadias, talvez resultantes da honestidade e do iodureto, a robustez dos seus quarenta e dous anos, a abstinência dos vinhos fortes, uso moderado de genebra, frugalidade na carne de porco, tudo concorria a dar-lhe ao espiritual uma fase nova em concordância com a reformação corporal, interna e externa. Tinha boas relações. O bispo considerava-o e os cónegos apresentavam-no às suas famílias, às suas devotas ricas, e nas casas graves, pacatas, em que se jogava o boston, tomava-se chá e ouviam-se os sermões do Macieira e do Sinval. Ele em assuntos de teologia não era dos primeiros, nem dos médios, nem dos últimos a dar a sua opinião; pertencia aos prudentes que nunca opinam. Gesticulava aplaudindo de cabeça os controversistas cada qual por sua vez; mas a respeito da infalibilidade do Papa e do mistério da Santíssima Trindade dizia que a Igreja tinha decidido, e que ele não era concílio. O senhor bispo D. Jerónimo achava isto digno de Bossuet e de muito espírito. De resto, para ele estava tudo decidido pela Igreja, quanto à outra vida; e quanto a esta, achava que havia muita asneira a reformar. Tinha destes ditos aguçados, conceituosos, que não eram muito vulgares no cabido da Sé portuense.

Operara-se nele uma renascença lírica, evolutiva da crise de treva em que o espírito se lhe escurantara na saudade de Felícia. Renovos de coração rebentaram-lhe no peito como em março a florescência branca da amendoeira. Aspirava em si os aromas primaveris da juventude, já não aquelas guinadas lúbricas, ple-tóricas de Barroso que o propeliam desaustinado às fêmeas; mas o suave enlevo ideal de identificar-se ao sexo por excelência como o perfume à flor e a flor ao sol. Isso sim. As suas cartas a Felícia não teriam decerto o desvanecimento de competir com as do

padre Abeillard em pontos de metafísica; elas tinham da matéria o discreto *quantum satis*; e o mais eram uns cantares em prosa chã, sem as anfibologias hebraicas do Salomão.

A esposa de José Macário lia à sua criada, à Maria Clara, períodos destas missivas como quem precisava da convivência duma alma. Não tinha ninguém; ninguém a procurava; as senhoras que a deploravam como mulher do pandilha censuravam-na por ter com tais precedentes aceitado um marido. Sabia-se tudo no Porto. Apontava-se ao dedo o cônego e dizia-se: — Aquele foi o amante da cunhada da Rabaçal.

Eram muito prudentes. Ele desejou vê-la na missa das onze da Lapa, vê-la de longe, ao sair da igreja. Felícia recusou-se, muito assustada com o receio de não ser atendida. O cônego fechou-se em uma traquitana, mandou parar em frente da igreja, e viu-a pelo óculo — aquele óculo das extintas traquitanas que parecia inventado por um cônego amante, em épocas românticas. Achou-a mais bonita na sua palidez, no adelgado das faces, no pisar, um pouco lisboeta, peneirado, enfim, no vestir de modesta elegância. Estas inocentes perfídias continuaram. Felícia soube-as; teve um grande medo; mas a criada dizia-lhe que não achava de quê; que se deixasse disso; que o senhor cônego via-se que rebentava de paixão por ela, e que era muito acautelado.

Depois, a Felícia, quando via a traquitana, também olhava para o óculo, e não via nada. São dous entes bem desgraçados e dignos de melhor sorte! — dizia a Maria Clara, lacrimável, enternecidamente.

Ela também sentia um grande desejo de o ver. A criada ofereceu, depois de cismar muito tempo, um alvitre escandaloso: era ele passar pela rua, e ela estar à sacada; que não passava ninguém conhecido na Boavista, e que o sr. José Macário saía às dez da manhã e só voltava às quatro e meia. Que o visse assim.

— Credo! — Que não, que não; que a não deitasse a perder; que o mundo acabara para ela quando casou; que não queria famas; que era amiga do cônego como se fosse sua irmã; e mais nada; não queria dar desgostos ao mano barão; quant'ê do marido

não se lhe importava; e que a cabra da cunhada, se soubesse que o cónego lá passava, ia dar à língua, pô-la pela rua da amargura.

A Maria Clara contava isto ao escudeiro e dizia: — A ama é boa criaturinha, mas é uma grande lapantana, não achas? Diz que não quer famas. Ora, sebo de grilo que é bom pra graxa!

E ele com uma resolução briosa:

— Eu até cá lho metia em casa sem ninguém dar fé, se ela quisesse. Ponho-lhe a tua mantilha com a coca puxada pra diante assim que anoitecer. É como eu fazia ao Leitão, ao gajo da baronesa de S. Cucufate. Espetava-se lá à noite, e saía na outra noite adiante. Caiu-me muita soma de pintos na caixa. Depois veio o Polca, um pelintra que não avezava chelpa; e a respeito de espórtulas, nicles. O cónego tem caroço. Aquilo bem aproveitadinho era negócio pra um par de moedas tesas. Quem é um mãos-rotas é o patrão. Isso é que é. Não gasta do seu. Pudera! O criado da Trigueiros disse-me que a preta lhe tem apanhado muita libra. Eles andam outra vez enrabichados. O Trigueiros foi ontem pra Lisboa, e ela e mais a preta vi-as eu hoje de manhã a bater uma carruagem por Cedofeita fora, lá pró Carvalhido, grande reinação. Conta-lhe isto à ama, mete-lhe ferro.

O *bouquet* das rosas brancas onde as duas borboletas borboleteavam era nas vizinhanças do Carvalhido entre a Prelada e o mirante dos Vanzellers, uma casinha branca ao rés dum caminho estreito, pedregoso e descalçado pelos enxurros da chuva. Os cachos brancos e azuis das flores das celindras e acácias copavam-se em dossel trinado de aves sobre a casa, e por sobre o muro do quintal urdido espessamente de heras. No muro erguia-se um espeque preto com um letreiro escarlata numa tábuia que dizia: *Aqui há ratoeiras*. Esta inscrição agorentava um pouco o romanesco do *bouquet* de Pascoela, e obrigava os larápios a pisarem o terreno com alguma cautela quando iam furtar os pêssegos e as laranjas de Araújo & Filhos, proprietários do quintal. Outra borboleta, a baronesa de S. Cucufate, retirando-se para Lisboa, cedera à sua íntima Trigueiros a chave e domínio da casa que trazia alugada

desde que o marido lhe perguntou quem era a mulher de mantilha que entrava e saía de noite: — denúncias de vizinhos pervertidos por curiosidades infames, cheios de intuitos empraçadores e atentatórios da tranquilidade das famílias.

A Pascoela exhibira-se ao Macário adorado com uma prenda nova: falava francês, um francês com muito *argot*, tal qual como o chanceler, cuja discípula fora ano e meio. Este predicado dava-lhe tom, relevo, ares mais desenxovalhados, um pico de alcouce *chic*, um delicioso despejo; mas o Fístula tinha nevroses de ciúme do francês que lha pusera assim naquela nudeza abandonhada de língua, atitudes descompostas, langores duma extenuação de mulher estafada de gozar, criando com vocábulos acidulados, mordentes, a ventosa para a sua epiderme marasmada. Tinham ditos violentos; ironias cáusticas; ele chegava a chorar com uma grande imbecilidade e dizia que o francês lhe estragara a querida da sua alma. Ela ria-se com a maior sinceridade, pedia-lhe desde o profundo da sua consciência que não fosse tolo, e confiava-lhe o bigode, cavalgando-lhe os joelhos com uns atritos ligeiramente convulsos. Depois, enquanto ele embebia no lenço almiscarado da Trigueiros uma lágrima ingênua, ela dizia-lhe: — Não ponha-se á chorar ássim, coitado di vôcê! — Desgrenhava-se, sacudia as madeixas, fazia um pulo cancanizado de *cocotte*, de *guinguette* e cantava um *couplet* da celebrada Teresa dos cafés de Paris, alguma das *gaillardises* de Béranger. Tal era a afinação em que a tinha deixado o francês. O Macário não percebia limpidamente as líricas *grivoises*; arregaçava um sorriso alvar, sentia-se sensaborão, incolor, goche e chocho ao pé daquelas finas essências do *Palais-Royal*, e ficava-se pasmado na transformação que se lhe operara nos modos, na voz, nos trejeitos, em tudo que ultrapassava na sua prática as balizas da corrupção conhecida. Que saudade ele tinha da sua Pascoela da Cruz da Regateira — uma rapariga comparativamente honesta que só deixava desafivelar a liga verde depois de ter bebido o seu pudor com *anisette* como a lúbrica egípcia bebida pérolas em vinho de Siracusa! Que saudade!

— Quando tu cantavas modinhas brasileiras... dizia Macário muito comovido.

E ela espinotando, com as mãos postas nas costas duma cadeira:

— Ainda canto elas. — E cantava muito faceira:

*Vá prá lá, nam mi máchuque,
Eu já lho disse umá vez;
Nam venha como o outro dia
Fázer o quê já mi fez.*

O Fístula então, crepitante de lascívia, mordida-a nos ombros e nos braços; e ela, a quebrar-se pelos quadris:

— Ai! quê mi mordes os bábádos, meu quindim!

Tais eram as duas borboletas que volitavam no *bouquet* do Carvalhido.

VII

O cónego conspirava com atividade ardente para o divórcio de Felícia. A ventura de a reconquistar não lhe sorria noutra perspectiva. Expediente havia só um. Ela tinha-lhe escrito: «Só terei a dita de te ver quando estiver livre». A Maria Clara lembrou à senhora a mantilha, citou-lhe o exemplo da baronesa de S. Cucufate, muitos exemplos rigorosamente históricos da mesma laia, apurados no cadinho da mais severa crítica positiva. Ela resistiu lucreciamente — que não; que enquanto tivesse marido, que não.

O escudeiro contou à irmã, governante do cónego Veloso, que o patrão andava metido com a D. Pascoela Trigueiros; que já sabia onde eles se alpardavam por lho dizer o trintanário do barão de S. Cucufate que a baronesa pusera na rua, e ele para se vingar contava partidas de mil diabos que a ama fazia, que o Trigueiros ia todas as semanas a Rio Tinto onde tinha a fazer uma casa, e que ela nesses dias era como um raio para o Carvalhido numa carruagem do Lopes que a esperava nas Águas Férreas, e os levava ao pé da toca perto da Prelada.

O cónego Justino, admoestado pelo Veloso, não avisou Felícia; deixou-se convencer de que o mais acertado era assoprar com prudência o escândalo em casa do Trigueiros, e esperar os acontecimentos — ver se o Macário se safava com a Pascoela, e deixava o campo aberto a tratar-se honesta e cristãmente do divórcio, de maneira que o barão do Rabaçal não pudesse reconciliar outra vez

duas pessoas irreconciliáveis. Boa ideia, com um cheiro de teologia casuísta, que denota lição do MATRIMONIO do padre Sanchez. É bom que haja cabidos onde se pendurem estes pensamentos e outros *calembours*.

Neste acordo, o comendador Trigueiros, indo um sábado de manhã para Rio Tinto, ao passar no Poço das Patas, viu abeirar-se da portinhola da sege um qualquer desconhecido que lhe entregou uma carta. Era o sineiro da Sé, um artista serviçal, de muito segredo, que sabia das paixões dos Cláudios Frolos da catedral e nunca tivera pretensões a Quasimodo com as Esmeraldas dos cônegos. A carta dizia: *Trigueiros, não vás a Rio Tinto. Vai a tua casa ao meio-dia; se não achares a esposa, vai procurá-la ao Carvalhido, na quinta do Araújo; mas tem cuidado que o José Macário não te quebre a armação.*

Para carta anónima, o estilo tinha um aticismo não vulgar, de Tácito. O abade, quando escrevia em Basto apontamentos para o protervo panfleto projetado contra os Macários, assentara a mão no género lacónico, chistoso, períodos curtos, chalaça lusitana do José de Sousa Bandeira, um Swift¹⁰⁶ à portuguesa, na TIA MICHAELA. Neste bilhete, por ser de cônego, havia talvez matéria para escrúpulos — a afronta a um marido desgraçado, a denúncia, a fermentação dum conflito perigoso; mas o cônego tinha a seu lado o tomo XI dos sermões do padre António Vieira, muito autorizado, com estas palavras: *Vingam-se por instinto natural as feras na terra, vingam-se as aves no ar, vinga-se a mansidão dos animais domésticos, e vinga-se, e cabe ira em uma formiga.*

Ele vingava o seu coração, os seus brios de homem. Tinham-no enxotado vilmente do grémio dos Macários. Tiraram-lhe a companhia de dezesseis anos, a mulher amada, para lha desgraçarem. Se ao menos a fizessem feliz, ele abdicaria os seus direitos de amante nos do marido; mas, desde que ela gemia solitária e arrependida, o seu dever era socorrê-la e perdoar-lhe, vingar-se e vingá-la. Pensava muito bem; estava na natureza; não estava a fanhosear salmos por dezesseis tostões diários na sua cadeira da Sé.

O comendador Trigueiros, lido o bilhete, mandou parar o seu *coupé*, tirou o chapéu, enxugou as camarinhas de suor, e assoprava num grande esbofamento. O boleiro esperava as ordens, e as hanoverianas escarvavam muito folgadas, sedentas de trote, balouçando as cabeças garbosas, com as ventas fumegantes. Cavalos rincharam, fazendo, no *macadam* sonoro, com as patas, uma toada dura com um ritmo pomposo. Chegava a caleche descoberta dum brasileiro purpurino, coruscante de cores arreliosas, oftálmicas, delirantes, duma garridice espaventosa. Era o *Arara*, um triunfador daqueles tempos em que a casaca azul e o colete amarelo não dispensavam uma gravata vermelha, luvas verdes e calças cor de alecrim com polainas cinzentas. O *Arara*, a quem outros chamavam o *Lâmpada*, conheceu o Trigueiros, mandou parar, apeou-se, viu-o muito desmaiado, e perguntou-lhe o que tinha, se estava incomodado.

— Que sim, que não estava muito bom; mas não era nada. — E perguntou-lhe se o Mota Prego estava no Porto, se já teria recolhido da província. O outro tinha-o visto na Praça Nova com a esposa, e uma ama com o pequerrucho muito gordo e a Nazaré cada vez mais nutrida e fera. Trigueiros mandou largar para o largo da Aguardente; o amigo queria acompanhá-lo: — Que não era preciso; que muito obrigado. E o outro, muito refastelado nos coxins cor de gema d’ovo com franja azul, pensava: — Isto há de ser cousa com a croia da mulher — a botiquineira da rua de Trás dos Quartéis.

O comendador Mota Prego não quisera aceitar camaradagem com os sujeitos que tinham avisado e aconselhado o Trigueiros, e até tentara despersuadi-los da inútil empresa, porque contava com o resultado que houve. Ele conhecia a índole daquele marido — a paixão que se acirrava à proporção do ciúme; compadecia-se dele e ao mesmo tempo sentia vontade de recusar-lhe a mão na rua. Maria de Nazaré pedia-lhe que o tratasse bem; que o Trigueiros era um ente enfermo, um paradoxo, digno de comiseração; e a respeito de Pascoela, evitava-a quanto podia sem lhe fugir; mas, se a encontrava, recebia-a sem intimidade nem constrangimento. Chamava-lhe tam-

bém uma criatura enferma, um mau destino involuntário. Viviam bastante arredados igualmente dos Rabaçais desde o casamento de José Macário, objetivo de grande nojo para Mota Prego. Quanto a Felícia, em vez de a condenar, a Nazaré desculpava-a, considerando-a iludida pela ideia de que se era honesta sendo-se casada com quem quer que fosse. Achava mais culpados todos os parentes que a levaram àquele passo, podendo o irmão fazê-la feliz na sua aldeia com bem pouco. O Mota concordava sempre.

Sabia o Trigueiros que ele se recusara entrar na combinação; ficara-lhe muito grato e muito respeitador do seu carácter prudente. Julgava-o amigo certo e de bom conselho para uma ocasião de aperto. Era chegada a conjunção momentosa.

Qualquer esposo menos enfermo, menos paradoxo, segundo a frase indulgente da Nazaré, iria do Poço das Patas a casa, e de casa ao Carvalhido, à quinta do Araújo. Semelhante expediente requeria o acessório dum par de pistolas ou dum pecúlio de retórica teatral, fulminante. Ora o marido de Pascoela não tinha a ferocidade dos que matam com pistolas ou com retórica. Ambas as cousas, nas mãos ou na língua dos outros, o aterravam ou adormeciam. É por isso que ele, em lugar de ir ao Carvalhido, conforme o insidioso alvitre sanguinário do cónego, foi a casa do Mota Prego, conduzido pela prudência que nunca o abandonara em piores crises comerciais.

O marido da Nazaré andava no jardim com um filhinho amparado numas andadeiras, todo curvado, dizendo muita pieguice em falsete à criança que olhava para ele, dando casquinadas. A Nazaré estava na varanda, marcando letras numa toalha, com um sorriso de alegria maternal para o chilrear de passarinho que fazia o pequeno à competência com as bugigangas e falario esganiçado do pai. Perto deles, estava a ama, muito limpa, trajada de maiata, amesendrada a comer tangerinas e a fazer negaças ao menino, apontando-lhe para os seios muito salientes. Dous gatos malteses faziam arremetidas, arquejavam a medir o pulo, disfarçavam os planos, rompiam em direção tortuosa com estratégias velhacas, e convergiam de súbito, rebolando-se, mordendo-se no pescoço e dando gritos hostis.

Este cenário mudou à chegada do Trigueiros, que entrara no jardim sem se anunciar, quando D. Maria Nazaré ia ver quem saía do trem.

Chamado particularmente, o Mota entrou no escritório ao rés da rua; e, como texto da prática, leu o bilhete anónimo que lhe apresentou o queixoso, limpando o suor e as lágrimas. E perguntava:

— Que hei de eu fazer? Você que faria, Mota, meu amigo, que faria você?

Sentiu-se ofendido o marido da Nazaré com a segunda pergunta; e, dissimulando como quem reflete, usou a magnanimidade de encolher os ombros e passar o beíço inferior para cima do superior, pondo no teto os olhos esbugalhados.

O Trigueiros instava:

— Você que faria, amigo Mota, hein?

— Essa pergunta não se faz, amigo Trigueiros —olveu o outro, azedo, passeando com as mãos nas algibeiras do *robe-de-chambre* e os olhos no pavimento.

— Não se faz? não sei porquê!...

— Está resolvido a fazer o que eu faria?

— Já se vê que sim! — afirmava e batia com força no estômago uma palmada briosa.

— Eu matava-a, sr. Trigueiros, eu matava-a; e, se o amante tivesse sido minha visita, meu hóspede, meu amigo, matava-o também; e, se não fosse alguma dessas cousas, deixava-o são e salvo. Isto é o que eu faria; mas não lhe aconselho que o faça, porque estas resoluções nunca se tomam por conselho, e quem pede a opinião alheia nestes casos deixa ver que não tem nenhuma.

— Sim... eu lá pra matar... — disse o Trigueiros, com um gesto negativo de cabeça.

— Não quer, e pensa bem, tão bem que nem necessita de conselhos, amigo Trigueiros. Matar é... matar.

— Assim o entendo eu; e de mais a mais, eu se a matasse, ficava encaravelhado, hein? justiça, tribunais, cadeia, e afinal talvez me mandassem até Angola.

— Há essas durezas, amigo. Folgo de o ouvir discorrer com tanto juízo.

— Lembrava-me doutra saída... Meter toda a minha fortuna numa carteira e ir em França ou Inglaterra, e deixar pr'aí essa perdida.

— Não teve já esse projeto?

— Tive; mas não o levei avante porque era mentira o que me disseram dela com um francês.

— Sim? E quem nos afirma que não é também calúnia o que lhe diz esse papel? Um bilhete anónimo é sempre uma infâmia... Não seria mau desenganar-se por seus olhos; quero dizer, ir a casa; e, se não achasse sua esposa, ir até ao Carvalhido, esconder-se em sítio donde os pudesse ver sair; enfim, marchar em terreno seguro.

— Você diz bem; mas olhe, sr. Mota — balbuciou o Trigueiros, muito abatido, ansiando — isto que está neste bilhete é desgraçadamente verdadeiro, muito verdadeiro. Tive há pouco tempo certeza de que foi amante dela o Macário antes de casar-se ele. Soube-o por quem os via ir em uma quinta na Cruz da Regateira... Que mulher! que ingrata! — E as lágrimas embargavam-lhe as palavras cortadas por soluços. — Tirei-a de botiquineira, você sabe, me casei com ela, podia ter casado com a filha do Guimarães da rua do Sabão, você sabe, Guimarães & Nunes, armazém de couros, uma mocetona branca com cento e oitenta contos em apólices; casei com esta quitandeira, dei-lhe brilhantes, pu-la à grande, no trinque do luxo, levei-a em Paris; ela queria carruagem, tem carruagem, tem tudo quanto quer, a pedir por boca, já viu?

As lágrimas multiplicavam-se com a compunção dos dizeres. Uma coisa é lê-lo, outra coisa era ouvi-lo. Aquelas palavras chãs, humildes, saíam de conflagrações recônditas, vulcânicas, como singelas boninas que o convulsionado Etna atira ao azul. Arfava, com os punhos na testa, metia a cabeça entre os joelhos, e fazia com as mãos abertas e sacudidas um gesto significativo de que a sua dor era inconsolável.

No espírito de Mota Prego passava um sentimento de piedade que se afirmava nestas palavras mentais, misericordiosas: — Que desgraçada besta!

Ele aquietou-se, puxou suspiros ásperos de crepitações brônquicas, e disse em pausas ofegantes:

— Amigo Mota, eu não volto em casa mais, não quero ver aquela bandalhona; agora lhe peço me ceda por alguns dias um cantinho em sua casa; em hospedaria não vou que tenho medo de estalar.

— Está toda a minha casa às suas ordens, amigo Trigueiros. Dá-me muita satisfação, e maior me daria se outros motivos o trouxessem aqui.

O Trigueiros abraçou-o, enternecido, muito choroso, dizendo que o Mota Prego era o seu anjo, e o mais honrado homem que ele conhecia debaixo do sol.

VIII

Desta vez a resolução do Trigueiros era irrevogável. A doce vida caseira do Mota, a presença da Nazaré, sempre com uma serena alegria, a compostura a um tempo meiga e grave com que os esposos se correspondiam, a criancinha entre eles como a bênção da virtude a sorrir-lhes no filho — aquele ambiente aromático de virtuosos pensamentos, faziam ao pobre Trigueiros mais doloroso e vergonhoso o seu passado. Ele não conhecia os contentamentos de família nem formava ideia da esposa e mãe, entre marido e filho, como uma medianeira intérprete da Providência. Comparava as duas. O Mota, quando o hóspede entrava em comparações, cortava-lhas com mal disfarçado despeito, como se lha injuriasse com o confronto; mas Nazaré não se agravava em demasias de alambicado melindre e falava da Pascoela com honestidade senhoril, comiserava-se, e antevia-lhe destino extremamente desgraçado, se o marido a reduzisse à pobreza. E não era difícil reduzi-la. Os seus velhos amigos vieram em seu auxílio com alvitres, salvatérios, tranqüibérnias, constituíram-se seus credores, receberam-lhe com hipotecas fraudulentas os seus bens urbanos; quanto à fortuna de carteira, essa mais fácil lhe foi reduzi-la a um quarto de papel timbrado, com alguns algarismos. Mota Prego, estranho ao processo da espoliação da mulher, era apenas o seu hospedeiro e forçado confidente.

Pascoela, quando voltou do Carvalhido às três da tarde, soube que o trem tinha chegado à uma hora sem o marido. O boleiro

disse que o senhor comendador ficara em casa do Mota Prego na Aguardente. Não conjecturou nada extraordinário, apesar de saber que ele desandara do Poço das Patas depois que recebera uma carta. Às cinco, como ele não chegasse, mandou servir: jantou com apetite, recostou-se na *chaise-longue* com uma lassidão de moleza, uns espreguiçamentos de esfalfada, estômago repleto. A preta desapertou-a e ela adormeceu. Quando acordou às nove, o marido não tinha entrado. Mandou o cocheiro a casa do Mota saber o que havia. Responderam-lhe que o sr. Trigueiros saíra depois de jantar.

Uma ligeira inquietação; mas deitou-se, e adormeceu, muito prostrada, com atordoamentos de quermes e charutos fortes. Alta noite, acordou com mau gosto, a garganta seca, pigarrosa, e a língua áspera e muito peganhenta. Procurou o marido estendendo uma perna pelo leito enorme. Espertinou e ficou sobressaltada a cismar — que diabo seria? denúncia dos patifes dos amigos! — Aí pela madrugada, tornou a pegar no sono. Quando acordou às nove, soube que, antes das sete, o senhor tinha vindo a casa, estivera no escritório até às oito, e saíra, levando uma maleta de tapete debaixo do braço, e que pouco acima entrara numa sege da praça. O trintanário disse que ele ia a limpar os olhos quando atravessou do escritório para o pátio. Não se afligiu grandemente: era uma peripécia de ciúmes, pouco mais ou menos, parecida com outras; mas o que mais a desassossegava era, desta vez, a intervenção do Mota Prego no episódio. Ela tinha uma secreta raiva à Nazaré; estava enfasiada de lhe ouvir chamar aos amigos da casa a virtuosa esposa, a esposa exemplar, a incomparável consorte do Mota. Receava que os dous influíssem seriamente, definitivamente em alguma desesperada resolução do marido. Para desabafar, escreveu ao Macário, contou pela rama as cousas, com intermédio de facécias, achinchalhava *ele*, o *ele* sublinhado das cartas das adúlteras — quatro letras inocentes¹⁰⁷ que encerram mais podridão que todas as novelas de Boccaccio e da rainha de Navarra. Macário respondeu-lhe sobre o balcão duma tenda da Cordoaria, em quatro linhas, que ia indagar; que não se afligisse, que o seu esposo era ele e não o outro; que o seu coração lhe daria tesouros inesgotáveis.

Ela não podia consolar-se com esta retórica. Queria ele e o *outro*, os dous, o marido e o amante, o *bouquet* do Carvalhido e a carruagem de molas inglesas; — o luxo dependente do marido e independente do amante. Dizia que conhecia os homens muito bem — uma verdade inquestionável. Ela conhecia uma grande variedade de exemplares, muito cosmopolita. Sobretudo, gabava-se de conhecer muito o marido. Esperava-o, esperou-o oito dias, e ele não voltava.

A baronesa do Rabaçal mandou chamar o irmão, — que fosse quando lá não estivesse o marido, ao meio-dia — muita desgraça que lhe contar.

Custódia estava atribulada; o marido entrara em casa endiabrado contra o cunhado; que o ia separar da irmã. Contou que o Trigueiros deixara de todo a mulher por causa do Macário, que reduzira toda a sua fortuna a letras e que saía de Portugal; que a Pascoela ficava só com os seus farrapos e joias; e que depois o dote da sua desgraçada mana é que havia de pagar as favas; mas que ele havia de ver se a irmã se cosia com tudo, e o deixava a ele, segundo o calão brasileiro, *sem erva*. A baronesa replicou que era mal feito reduzir seu irmão à necessidade, tendo casado com quem casou, porque era pobre — alusão picante à criada do abade. O barão deu-lhe uma bofetada como exórdio de outras que a intervenção propícia de Eusébio Macário impedira. Custódia descompôs o José; chamou-lhe a vergonha da família, que havia de acabar a tocar o fado nas tabernas, se o marido conseguisse deixá-lo sem um pataco. Macário foi consultar um jurisconsulto que o sossegou, em nome da lei. Ele, que não casara com escritura, tinha comunhão nos bens dotais, e havia de levantar-se com metade do casal, não havendo de mais a mais sevícias que o excetuassem da lei comum.

Entretanto, a Pascoela era procurada por D. Maria de Nazaré, ao escurecer de uma tarde em que vira sair a parelha, carruagem e arreios tudo vendido ao Lopes por seu marido. Desenganara-se enfim. Estava consternadíssima, frenética, chorava, praguejava, rezava, invocava o patrocínio de Nossa Senhora dos Remédios,

e prometia com firme propósito emendar-se, mudar de vida, ser mulher honrada. Se ela tivesse fé, acreditaria que os céus a ouviram, quando a Nazaré se anunciou.

A desgraça humilhou-a. Recebeu com abatida humildade a visita que odiava. A sua voz tinha o tremor cobarde de ré confessa, suplicante. Inclina a fronte à sentença; renunciava a defesa inútil. Como se sentia esmagada, não fazia esforços para refrear os ímpetos da sua índole canalha; essa mesma índole a estava favorecendo, privando-a de brios para sustentar a soberba da sua queda. Maria de Nazaré vinha pedir-lhe que entrasse espontaneamente num convento, que era essa a única maneira de aplacar o desgosto do sr. Trigueiros, e mais tarde alcançar o seu perdão e reconciliarem-se. Que ela, apesar de tudo, conhecia que ele lhe queria muito, e do fundo da alma lhe perdoaria já, se o mundo o não obrigasse a ser severo — a dar uma satisfação à sociedade. Que a sua reclusão temporária lhe garantia a felicidade no futuro, porque ela era nova, e o sr. Trigueiros bastante idoso; que, quando não fizessem as pazes, ele com certeza lhe daria o melhor da sua grande fortuna;¹⁰⁸ mas que, se ela recusasse recolher-se ao convento, arriscava-se a ficar sem recursos, porque o sr. Trigueiros saía de Portugal, mostrando que não tinha nada de seu.

Pascoela contestou frouxamente a possibilidade de tal usurpação à sua metade nos bens do marido. José Macário já a tinha prevenido da inutilidade da demanda. Nazaré pediu-lhe que não chamasse a lei em seu auxílio porque esse passo agravaria mais a situação de ambos, forçando o marido a fugir às questões, e dificultando cada vez mais o congraçarem-se. Elogiou-lhe a alegre vida dos conventos, principalmente quando as recolhidas são ricas; que se divertiam muito as seculares, que iam às grades receber quem queriam, davam merendas e chás, tocavam e dançavam, tinham suas assembleias; e acrescentou:

— Falo-lhe por experiência, minha senhora, porque eu estive cinco anos no mosteiro de S. Bento, não como secular recolhida, mas como criada de uma religiosa. O meu viver era triste, por-

que tinha nascido em melhor posição, e sofria as impaciências alheias e as minhas; mas vi que senhoras ricas ou remediadas viviam muito satisfeitas, e, quando saíam, levavam saudades. É o que há de acontecer-lhe, verá, sr.^a D. Pascoela. Quando o sr. Trigueiros — e não tardará muito — a quizer tirar do convento, bem pode ser que a senhora não queira sair.

A Pascoela contava com a bondade do marido tanto como a Nazaré. Disse que sim, que iria para o convento, mas que havia de levar as suas joias e a sua preta. A outra disse-lhe com um sorriso de ingénua admiração que o sr. Trigueiros era indiferente às joias; que nunca o ouvira falar nas joias nem na preta. A Nazaré espantou-se da estouvance de uma mulher que em tamanho revés da sua vida se preocupava com as joias e com a negra; e não se espantara menos quando o Trigueiros, naquele dia, depois de chorar copiosamente o seu infortúnio, e amaldiçoar a riqueza que lhe não servia de nada, mandou chamar o Lopes alquilador para lhe comprar a parelha e a sege. Achava entre os dous esposos analogias que explicavam a atração e repulsão recíproca em que tinham levado a vida cheia de perfídias e indignidades.

A Nazaré consultara o seu marido para aquela visita com tal intuito benfazejo. Trigueiros não a encarregara de semelhante missão, e até rejeitou o alvitre proposto por Mota Prego. — Que não, que não lhe dava um vintém, ainda que a visse arreganhar os dentes com fome. E, vociferada esta figura, em que ele também arreganhava os dentes para afear a imagem, punha-se a chorar por ela com uns trejeitos quási tão hediondos como os imaginados na esposa faminta. O Mota Prego definia-o sempre em sua consciência uma desgraçada besta. A Nazaré continuava a chamar-lhe um enfermo digno de dó.

Autorizada pelo marido, a boa senhora foi propor-lhe o convento cuidando que a salvava do último abismo, porque o marido lhe dissera que a Pascoela desceria à escaleira final das perdas quando lhe faltasse o prestígio da beleza. Os recursos para o convento supri-los-ia o Mota Prego, conforme ela os reclamasse; e, dado

este passo, esperava que o Trigueiros o embolsasse das despesas e as continuasse satisfatoriamente. Bem é de ver que o marido de Nazaré, brasileiro de profissão, não se punha agora a cultivar na estufa dum mosteiro aquela flor do mal, só pelo prazer de a roubar às jarras dos futuros prostíbulos. Se o Trigueiros, para cúmulo de infortúnio, fosse também pobre, o Mota Prego vazaria no regaço de Pascoela a sua alma cheia de bons conselhos, mas não poria o seu *porte-monnaie* à disposição da virtude regeneratriz. Isto é o que o bom critério manda conjeturar com ressalva das excelentes intenções de D. Maria de Nazaré. Segundo o convencionalismo dos processos modernos, estas percepções deixam-se a quem lê; mas desta vez, sem exemplo, ajuda-se o leitor a perceber — sim, isto não é a subjetividade, a interpretação imposta: é simplesmente um modo de ver o tecido grosseiro dos lindos *gobelins*, examinados do envés.

Pascoela entrou no Convento de Santa Clara, no Porto, com as joias e a preta, muitos baús, malas, caixões de licores e mobília. Cenas de amor vertiginosas precederam a entrada, que por pouco não malograram os esforços da Nazaré. José Macário pedia-lhe que não entrasse; que esperasse algum tempo que ele se separasse da *outra* com metade do dote, e depois saíam para o estrangeiro, ou ficariam no Porto, ali às barbas daqueles cafres. Ela duvidava que a fortuna do Macário lhe permitisse afrontar pomposamente as barbas dos cafres. O Fístula afirmava-lhe que a sua metade passaria de quinze contos, e Pascoela, sem o dizer, lembrava-se com admirável bom senso que quinze contos tinha ela gasto em cinco anos nas ourivesarias e nas modistas. Dizia-lhe Macário, adivinhando-lhe as hesitações, que iriam viver modestamente, embebidos na natureza, em uma casinha branca entre arvoredos à beira dum rio. A sua paixão pusera-lhe no espírito esta tolice — o ideal mais ridículo que ele tinha encontrado nas novelas chinfrins e nos amantes garraios. E a Pascoela sorria tristemente. Ela tinha rido muito e mais ele das casinhas brancas e da alimentação dos vegetais e laticínios, quando comiam os pastéis de ostras na maior apojadura do seu idílio apaixonado.

Este diálogo epistolar retardou a entrada; mas a Nazaré instava, incutia-lhe o medo da saída do marido irritado, rogava-lhe que não destruísse o seu futuro, e delicadamente fazia resvalar a conversação quando a outra, esquecida das conveniências, alardeava a proteção

de José Macário. Até que, por último, a melindrosa senhora, com vergonha, se viu forçada a replicar-lhe que se D. Felícia pudesse fazer o que fez o sr. Trigueiros à sua fortuna, o tal Macário ficaria tão necessitado de recursos como ela. Isto calou-lhe, esfriou-a até às medulas. Deu-se pressa em encaixotar a despensa, a garrafeira, um grande cuidado com as joias, com os cartões dos *boucles* postiços, e entrou em Santa Clara.

O cónego triunfara, sem transpor os limites do decoro. Ele, sem dar raia na religião do Estado, tinha restabelecido a honra dum marido difamado — avisara-o; abrira as portas sagradas do mosteiro à regeneração claustral duma mundana; arrancara aos braços de Macário a sua querida devassa e cúmplice; enfim pusera na evidência a justiça de Felícia em se desquitar do algoz de duas famílias. O cónego Veloso dizia-lhe, a sorrir, muito velhaco, — que sim e mais que também. Ele, muito sisudo, não fez alardo da sua obra a Felícia: era arriscar-se à glória de denunciante anónimo; — nada de bazófias jactanciosas; aquela boa ação da sua mão direita queria ele escondê-la evangelicamente da esquerda. A esposa traída é que lhe participou que o mano barão mandara dizer que o Trigueiros deixara a mulher por causa de José Macário; e que o seu mano ia tratar da separação, quanto antes, com medo que ele se safasse e mais a Pascoela com os dinheiros.

O Fístula não impugnava o divórcio; desejava-o, promovia-o ardentemente desde que o seu advogado lhe certificou que os títulos da fortuna comum dos cônjuges não podiam ser retidos nem levantados pela esposa queixosa: o que ele queria era a sua metade, e sacudir a carga da mulher que aborrecia de morte.

Quanto a Pascoela, essa, desde que entrou no Convento de Santa Clara, caiu de chofre, do alto das esperanças que a Nazaré lhe incutira, a um tenebroso arrependimento. O mosteiro era muito triste, muito velho, os soalhos esburacados, nos vigamentos havia órgãos que sibilavam tragicamente, as freiras fanhosas com muito rapé nos rebordos do nariz, umas seresmas, muito flatulentas, a darem arrotos pelos dormitórios, e a olharem para ela espa-

voridas. As seculares eram abeatadas, umas pobretonas, falavam muito baixinho, à surdina, arrastavam chinelos de liga, ouviam duas missas, e passavam as tardes na grade com uns parentes, tipos safados que comiam manjares de Santa Clara. Não achava viva alma com quem se entendesse. Havia lá duas da sua espécie pecadora; mas essas esquivavam-se a relacionarem-se; estavam em via de regeneração; não queriam cavacos com a Trigueiros. Cá de fora iam informações péssimas da recolhida. O capelão chamava-lhe Lucrecia Bórgia, e um doutor em cânones, irmão da escritã, afirmava que ela era a Messalina moderna. As religiosas antigas, na cela da priora, diziam que o bispo do Porto metia em Santa Clara criaturas estragadas que deviam ir para o Ferro, ou para as Convertidas. Tal era a sociedade de Pascoela Trigueiros.

A preta não cessava de chorar; — que queria ir para o Brasil, que as moças das freiras andavam sempre a espirrar-lhe, e que, se a viam vir da portaria com alguma franga, punham-se a cantar:

*Quem tem carapinha
Não come galinha.*

A ama pedia-lhe que a não deixasse; dava-lhe muita coisa de vestir, tratava-a com muita intimidade, e nunca mais lhe bateu com um chicote, conforme o hábito que trouxera do Rio e conservara disciplinarmente no Porto.

As cartas de Pascoela a José Macário, diárias e infinitas, eram o desafio ineficaz da sua desesperação. Atribuía-lhe a sua desgraça incomparável, a perdição da sua alegria e da sua fortuna. Dizia que nenhum outro homem a entregaria à vingança dos seus verdugos. Bramia injúrias contra a Nazaré; que fora ela, a intrujona, a mosquinha morta, que a enganara a pintar-lhe muito alegre a vida daquele inferno onde se via presa, abandonada, e onde se mataria brevemente, se a não resgatassem de tamanho tormento. Pedia-lhe que a salvasse, fosse como fosse; que ela bem sabia que podia sair quando quisesse; que a fizeram assinar um requerimento que ela

podia destruir com outro; mas que precisava de amparar-se a um braço amigo que a protegesse, a ela, pobre mulher sem experiência do mundo. Que estava resolvida, se ele não pudesse ser dela, visto que era casado, a sair do convento, vender os seus brilhantes, fugir de Portugal e acabar com a vida, despedaçá-la com o veneno dos prazeres. E citava textos, sentenças da LÉLIA da George Sand em abono do seu programa. Também escrevia à Nazaré umas cartas comoventes, supondo que ela as mostraria ao Trigueiros, e que ele, cheio de compaixão, a mandaria sair. Qualquer dos dous, o marido ou o amante, lhe serviam para o efeito; mas optaria primeiro pelo marido, se a deixassem escolher; e depois na amplitude do seu coração, por ambos, ou mais.

O Trigueiros não queria que se falasse dela; se estava à mesa do Mota e ouvia palavra, alusão que lha lembrasse, sentia-se engasgado, e com os dedos nos gorgomilos: — O bocado não me passa daqui. — E fazia esforço para engolir, com o trejeito de um peru que grugrureja. Às vezes, a Nazaré animava-se vencendo a sua relutância em patrocinar-lhe a esposa e dizia-lhe:

— Quem sabe se a pobre senhora está sinceramente arrependida!... Talvez esteja... Diz-me o coração que sim... Se visse as cartas que ela me escreve...

— Não quero ver nada, nada, pela palavra nada! — gritava com veemência; e, passados momentos: — Quê diabo terá que dizer ela? — A Nazaré, pressurosa, dizia que ia trazer-lhe as cartas, que as lesse de seu vagar. O Trigueiros fugia à tentação diabólica de as ler, e metia-se no seu quarto a contemplar o retrato de Pascoela daguerreotipado em Paris, muito bonita, de caracóis, decotada, com um sulco de sombra entre as duas pomas, e um ramilhete de violetas. Em noites muito frias, envolto na capa, com um *cache-nez* e as orelhas abafadas num barrete de retrós, Trigueiros ia encostar-se à esquina da casa do Teixeira Pinto, defronte do Convento de Santa Clara, e mergulhava os olhos nos dous andares de janelas gradeadas que alvejavam escassamente dentre a escuridão. Às vezes lampejava uma luz azulada como

a flama do santelmo através duma vidraça; depois uma coruja piava nas ruínas do mirante; michelas cantando fados ali perto ouviam-se, e estudantes magros, friorentos, com xales-mantas encodeados zangarreando banzas, saíam dos lupanares, entoando trovas obscenas. Patrulhas passavam vagarosas como os avejões duma balada, chupando cigarros, encostavam-se às portas das me-retrizes, e trocavam chalaças sórdidas; depois continuavam o giro, movendo-se solenes debaixo do peso da sua missão municipal, até acharem taberna tresnoitada com genebra e figos secos.

Trigueiros não atendia às cousas picarescas que se moviam no seio negro daquelas noites de saudade, de desolação. Ia para casa, para o leito solitário. O amor e a vergonha, cada cousa de seu lado, a espancar-lhe o sono, davam-lhe vigílias acerbas.

Desistira de sair do reino; dizia que estava muito doente, que não se tinha nas pernas. A medicina aconselhava-lhe distrações, longos passeios campestres e pílulas de família. Continuou as obras interrompidas de Rio Tinto, demorava-se dias por lá, entretinha-se com os operários; o mestre-d'obras, o Casca da Rechousa era seu parente; tinham andado ambos na escola do José dos Grelos, recordavam garotices, riam-se. O jantar vinha-lhe de casa do mestre; cozinhava-lho a filha, uma rapariga de saias cor-de-rosa, apanhadas até às buchas das pernas, com um garbo esquadrihado de maiata, feições duras, trigueira, muito pestanuda, dentes sem mácula, e um riso aberto para a natureza inteira com a sua alegria exuberante dos vinte anos. O Trigueiros chamava-lhe parenta e dava-lhe dous pintos para alfinetes quando ela lhe cozinhava nabos com orelheira e arroz de bacalhau. O Mota Prego achava-o com melhor donaire, melhores cores, quando voltava, mais conformidade com a sua sorte, menos irritável quando ouvia falar de Pascoela à Nazaré, compadecida das lástimas da reclusa.

A Nazaré dizia que o achava mais brando; e o Mota Prego, dado a chistes, emendava que o achava mais duro; que se ele assim continuasse a abrandar com os passeios e pílulas de família, deveria esperar-se que os laxantes o limpassem das lombrigas da saudade.

O Mota acompanhou-o, um dia, a Rio Tinto; e, quando viu a rica mocetona, e lhe viu na cara dele um riso babado, alvar, compreendeu que ele se curava à brasileira, homeopaticamente: *as semelhantes com as semelhantes*. Quanto às doses, não calculou nada. Numa entreaberta de gracejo, gabou-lhe de bonita e bem-feita a prima; e o Trigueiros, muito circunspeto, ponderou que, se tivesse casado assim com uma moça da aldeia, havia de ser bem mais afortunado; que a Luísa Casca era uma rapariga muito bem comportada, que não tinha rabichos*, que se desvelava por ele e que já lhe tinha dito que o seu primo era digno de melhor sorte.

Na primavera, o Trigueiros foi habitar a sua casa em Rio Tinto, prometendo voltar ao Porto raras vezes. Pagou todas as mesadas que o Mota enviara à Pascoela; autorizou quaisquer despesas necessárias, tudo quanto quisessem, menos reconciliar-se com a mulher. — Que se tinha apegado com a alma de sua mãe, uma santa, que o curasse daquela paixão; e que estava curado, graças ao Altíssimo. — E olhava com uma grande compostura devota para o firmamento, pondo as mãos muito abertas em forma de mitra.

Semanas arrastaram-se sem que a Pascoela transigisse pacientemente com o seu violento destino; mas ao mesmo tempo que o marido ganhava forças em Rio Tinto, preluzia-lhe a ela no convento uma estrela de salvação. As visitas de José Macário à grade eram diárias. Ele tinha rompido com as conveniências. Vivia no hotel da Águia, e esperava a sentença final do divórcio e metade dos trinta contos liquidados em papéis do Estado. O barão chicanara a repartição dos bens; mas a poderosa opinião pública improperava-lhe que ele tivesse dotado uma irmã abarregada com um padre para a casar com o irmão de sua mulher, e viesse agora ratinhar o preço por que comprara a infâmia de José Macário. Os seus amigos, o discreto Aguiar e o judicioso barão de S. Tor-

* No *argot* brasileiro rabichos são afeições. Um homem que se afeiçoa, enrabicha-se. Nota para filólogos vernáculos, puristas, castiços.

quato, admoestaram-no a retirar chicanas desairosas que davam azo a falar-se de sua irmã com pouco elogio; e que de mais a mais toda a gente sabia que o cónego Justino era esse abade que — *tal et cætera*, concluía o comendador Aguiar formando reticências com as expetorações cavernosas dum pigarro crónico. Mas depois, a sós com o barão de S. Torquato, dizia-lhe:

— Você percebeu o meu *tal et cætera*?

Que não.

— Não? então você não sabe meia missa. Eu estou informado pela minha polícia secreta que o cónego Justino já vai de noite a casa da D. Felícia.

— Homem, essa!

— Pois você que cuidava, barão? Quando eu lhe disser que a burra que é preta olhe-lhe para o cabelo. Eu não lho dizia que entre o Macário e a Felícia que viesse o diabo e escolhesse? Isto é tudo uma corja. Tão bom é o diabo como sua mãe. E lá vai uma profecia: a baronesa, se o marido lhe tirar o olho de cima, dá com as canastras n'água. Por ora vai indo tem-te não caias, porque o barão, quando ela se entorta duma banda, desanda-lhe uma bofetada da outra; percebe você? Mas, se se descuida, assevero-lhe que a Custódia há de pagar bem bom burro ao dízimo. Lembre-se que lho digo hoje, 10 d'abril de 1852, aqui na Praça Nova, às 3 horas e 25 minutos da tarde.

E mostrava o relógio.

Nazaré recebeu a última carta intimativa de Pascoela: que se o marido a não retirava no prazo de quarenta e oito horas do convento, saía ela sem consentimento desse algóz.

Trigueiros leu estas linhas, enviadas por Mota Prego, que impediu que Nazaré fosse a Santa Clara conter a douda; não queria que sua mulher tivesse de esperar que José Macário saísse da grade. Trigueiros respondeu serenamente pelo portador:

Amigo Mota — Se ela sair, nem mais um pataco, o que se chama um pataco, o amigo entende? Quem der-lhe dinheiro perde ele. Tenho tudo seguro; que me custou a ganhar. Se ela vier em minha casa não abro-lhe a porta á essa bandalheira!!!!

— Ele mesmo está muito admirado de não lhe abrir a porta — observou o Mota a sorrir.

— Porquê? — disse a consternada senhora.

— Não vê? pôs cinco pontos de admiração. Cinco!

D. Maria escreveu-lhe muitas exortações de paciência: que esperasse algum tempo, que tivesse compaixão de si própria. Que destino havia de ser o seu? Se não estava contente naquele mosteiro, que iria para S. Bento, onde acharia exata a pintura que lhe fizera, muitas senhoras divertidas, a casa muito asseada, uma rua de muita passagem, enfim, que mudasse; ela se encarregava

de obter as licenças para a mudança. Ultimamente, sentia muito comunicar-lhe que o senhor seu esposo, saindo ela do convento, lhe retirava as mesadas; porém, se tal acontecesse, o que Deus não permitisse, podia contar com a sua estima, dando-lhe o prazer de a ocupar em tudo e por tudo.

Não replicou a Pascoela. Mandou a carta ao José Macário, que exultou. Era enfim sua, exclusivamente sua, aquela adorável mártir do seu amor! Era ele o redentor da mulher amada. E que mulher! Ele tinha quinze contos em soberanos, em notas do banco de Portugal e em peças. Levantara-os naquela manhã; ganhara aquele dinheiro barato, ao mesmo tempo que se descartava para todo sempre da bisca da Felícia. Achava-se assim mais honrado diante da sua consciência, no tribunal da opinião pública, e, por cima de tudo, com quinze contos.

Eusébio Macário interrompera o ditoso monólogo. Sabia que o filho recebera a sua parte. Vinha propor-lhe um negócio muito vantajoso, e ao mesmo tempo obstar ao esbanjamento dos quinze contos. Eusébio era então, na roda dos homens sérios, considerado bastante como sogro do barão do Rabaçal, e não menos pela sua pessoa. Ouviam-no com atenção no *Palheiro* da Assembleia de que ele era diretor, sobre assuntos políticos, municipais, industriais e higiênicos. Com os dedos carregados de meio-grosso, punha nos seus dizeres uns tons conspícuos de muito efeito. Citava muito o *MANUAL ENCYCLOPEDICO*, o seu grande autor. Escutava os seus interlocutores com o lenço aberto, suspenso debaixo do nariz, enconchando o beijo superior herpético, gretado pela nicotina, para estancar as distilações do mucro amoniacal. Depois, recolhidas as ideias alheias, com uma grande atenção, assoava-se trombeteando, expunha as suas réplicas e escorvava de novo os dedos. Além de diretor da Assembleia, era definidor da Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade, vogal do Asilo das raparigas abandonadas, síndico da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco e mordomo do Hospital dos entrevados. Dinheiros não os tinha. Possuía umas poucas ações da Fidelidade que lhe dera

o genro em dia de anos; o José, o filho ingrato, nunca lhe dera cheta; a Custódia, ainda que quisesse, não dispunha de fundos, além dos precisos para as despesas mensais. Ora Eusébio Macário, conquanto bem vestido, bem alimentado e estimado, não podia realizar o seu sonho sem representar uma qualquer propriedade de comércio ou indústria: ele ambicionava ardentemente entrar na Câmara municipal; todas as suas práticas sobre pelouros, impostos, posturas, polícia, melhoramentos morais e materiais convergiam para esse alvo luminoso das suas aspirações. No *Palheiro*, o seu claro auditório dizia-lhe: — Vossa senhoria dava um bom camarista. Veja se entra para endireitar o Porto. — Estes gabos sinceros recrudesciam-lhe a ânsia de endireitar o Porto; mas não podia apresentar-se aos eleitores como simples Eusébio Macário, orador do *Palheiro* e mordomo dos Entrevados.

Nesse tempo estabelecia-se em Lordelo uma fábrica de panos. O fundador procurava um sócio capitalista com dez contos, e garantia seguríssimos e prospérrimos resultados. Falou-se disto na Assembleia, quando José Macário estava a ponto de receber os quinze contos da Felícia. Eusébio lembrou-se de fundar os alicerces da sua posição de industrial com o dinheiro do filho. Procurou-o na Águia quando ele começava a espanar as malas para acomodar a bagagem.

— Com que então recebeste hoje os quinze, hein? — perguntou-lhe risonho, participante do seu triunfo.

— Recebi; — é o que faltava, não receber. Desonrado e pobre, era de mais.

— Anda lá, quinze contos... Pechincha. E agora que fazes a esse dinheirame?

— Gasto-o; creio que o dinheiro não tem outra serventia.

— Gastá-lo? Deves pô-lo a render, rapaz — redarguiu o Eusébio com mansidão velhaca.

Que não pensava nisso.

— Penso eu, que sou teu pai, e tenho obrigação de te aconselhar.

— Perde o seu tempo. Eu vou viajar, detesto o Porto.

— Não sejas asno, José. Põe o teu dinheiro a juro, e depois vai para onde queiras comer-lhe o rendimento. Oferece-se um bom negócio. Dez contos a oito por cento. Tomo-tos eu, e ficamos sócios da fábrica de panos de Lordelo.

— Não quero saber de fábricas, nem posso emprestar dinheiro. Vou para França ou para Inglaterra. Não volto mais a esta cavalaria de Portugal.

— Então, não emprestas a teu pai dez contos? — reguingou Eusébio com a voz trémula, declamatória, postura teatral, com a pitada suspensa, sob o nariz rubro de cólera. — A teu pai, que foi quem te arranhou esse capital? quem te arranhou a mulher?

E o Fístula com desabrimento:

— Arranjou-me boa peça, não tem dúvida.

Eusébio, irado:

— Bem sei, mariola! Queres gastar o dinheiro da Felícia com a porca da Pascoela!

— Acertou. É isso mesmo. Que lhe importa? que tem com a minha vida? — redarguia o Fístula com altivo desdém.

— Não te faças fino que te dou com esta bengala! — refilou Eusébio minacíssimo com um grande estilicídio de rapé, assoando-se à pressa, resolvido a bater.

E o filho, cruzando os braços:

— Em filhos da minha idade não se bate, ouviu? Quando os pais se esquecem da idade dos filhos, os filhos também se não lembram se são os pais que lhes batem.

— Sempre duvidei... que fosses... meu filho! — vozeou Eusébio, recuando com umas pausas cavas, cheias de drama e de maldições — Sempre duvidei!

— Não posso esclarecê-lo a esse respeito, nem me interessa muito em averiguá-lo. — E começou a vestir-se para sair, a escovar o paletó, a fechar gavetas.

Eusébio fitou-o sinistramente; ia-lhe na alma um torvelinho de cousas dilacerantes; não podia conjeturar-se quais vocábulos frementes de execrando anátema ia dardejar por derradeiro sobre

a cabeça amaldiçoada do filho; seria até muito óbvio antes supor que a maldição fosse um sarilho de bengaladas, quando após dous rugidos convulsos de cólera, por entre um ringir de dentes, vociferou: — Pedaço de ladrão! — E saiu.

Eusébio Macário considerava-se roubado na quantia de 10 contos e na predestinação de camarista.

Na ausência do pai, José Macário continuou a vestir-se num grande esmero de *toilette* e foi para Santa Clara, muito jubiloso, com atitudes modestas de anjo redentor da mártir. Ela vestira-se de gala para arreliar as freiras e as farraponas das seculares, escandalizadas da sua alegria; pusera muito carmim e despeitorara-se como se a grade, com um aroma de centenaes de extintas santas, fosse uma sucursal do *bouquet* do Carvalhido ou do pavilhão da Flora.

A preta, rutilante de risos e dentes muito alvos, entrou com a bandeja dos licores e manjar branco. Cálices opalinos dos cremes bebidos de meias e manjares encetados pelos dentes da Pascoela passavam-se na roda. Ela, balouçando-se na velha cadeira de assento de palhinha rota, esfiampada, punha o pé na rexa da grade, calçado de cetim preto com meia de seda cor de pérola e fitas cruzadas sobre o tornozelo descoberto. O Fístula punha-lhe beijos ideais na macieza da meia, e ela, sofraldando a barra do roupão de seda até à liga, mostrava, dizia morbidamente que tinha emagrecido muito no convento. E ele, a sacudir a juba leonina em crispações sensuais, pedia-lhe que escondesse a perna, que o não abrasasse, que o matava.

Depois, planeavam pela vigésima vez o seu itinerário. Iriam ao outro dia no *Duque do Porto* para Lisboa, e de lá para França no primeiro paquete. Iam residir em Paris. Ele, assim que os Cabrais tornassem ao poder, tencionava fazer-se nomear adido à legação portuguesa. — Era uma carreira bonita; podia chegar a ministro, a embaixador, e tinha bastantes meios para poder esperar a restauração da Carta. A Pascoela achava a carreira bonita, muito elegante. Lembrava-se, em silêncio, do chanceler fardado no baile dado à Rainha; muito galante, a cintura muito fina. Perguntava

o que faria o capadócio quando soubesse que ela se escapulira do convento? O capadócio era o marido. Apostava que ele rebentava de raiva e de paixão por ela. O Macário afirmava que sim, que rebentava. Tocou a sineta a sair. Despediram-se muito contentes. Era a última grade que ela lhe dava, e dizia-lhe: — Ámãhã ti dou, meu Juca, a grade di meus braços. — Era escuro no recinto do palatário; já não se viam; e, à despedida, boquejavam idealmente muito chilreados uns beijos aromatizados de *chartreuse*.

O *Duque do Porto* saíra às 3 da tarde. A Trigueiros entrara a bordo pelo braço de José Macário, muito radiosa, numa desenvoltura de atriz boémia, falando francês, enchendo o peito do ar salino do mar e farejando com apetite os perfumes do jantar. O Fístula escondia o ferro de uma visão que o assaltara ao entrar no bote. Vira em Cima do Muro, encostado ao parapeito, o cónego Justino, a olhar para ele com um riso sarcástico, uma cerebrina exultação vingativa. Um seu amigo anónimo tinha-lhe escrito que a sua esposa era visitada a horas pouco canónicas por um cónego da Sé que foi abade duma freguesia de Basto. Este aviso afrontoso, extemporâneo, resvalou-lhe no arnês da filosofia; mas a cara soez, celerada do cónego indignou-o fortemente.

Ao mesmo tempo, a prioresa e outras freiras entravam nos aposentos da Pascoela muito sujos de lixo e nódoas. Viram caixotes e muitas garrafas vazias com letreiros em rótulos de cores, dourados. Não sabiam ler, mas cheiravam as vasilhas, e achavam que eram bebidas espirituosas.

E a prioresa, aspirando com delícia uma garrafa de vermute, dizia: — Vede vós que grande bêbeda aquela!

E a escritvã:

— Bem me disse o mano doutor que ela era a Messalina moderna!

Havia montes de cartas rasgadas, muitas em língua desconhecida às freiras, outras com a assinatura *Maria de Nazaré*. Escolheram alguns fragmentos maiores das estrangeiras, e mostraram-os ao capelão, que desconfiou serem em francês ou inglês. Levou-os ao Soto, dono dum

colégio à Batalha, para que lhos traduzisse. O intérprete declarou que era um francês qualquer a dizer a uma qualquer pecadora que lhe havia de morder os peitos até lhe sorver por eles o coração, como quem sorve os bagos rubros de uma romã, etc. O capelão horrorizou-se e foi dizer à priora que as cartas tratavam de deboches. Ai! a santa senhora, no meio de um mundo corrompido, não ignorava a existência daquele galicismo. Benzeu-se.

A Nazaré chorou quando o marido lhe deu a notícia da ida de Pascoela com o Macário. Ninguém mais chorou no Porto. A maior parte da gente ria-se. Felícia, quando o cónego lhe levou a novidade, depois das 11 da noite, disse palavras de resignação: — Que o leve o diabo! — Trigueiros, quando um amigo certo se lhe apresentou na hora incerta, contando o escândalo, a entrada no *Duque do Porto* pelo braço do amante, estendeu o braço na direção do mar e exclamou: — Afogados sejam eles! — Frases augustas que parecem copiadas de uma seleta de ditos célebres.

O barão, sabido o caso, resolveu trazer a irmã para a sua companhia; mas a Custódia, em risco de apanhar, declarou que não vivia com ela; que mais fácil seria fugir, mudar de nome e ir ser criada de servir. Vinham-lhe da raça estas decentes e heroicas resoluções. O marido exigia imperiosamente a explicação deste rancor. Com que razão odiava ela a pobre mulher que seu irmão enchera de maus-tratos e desprezos? Que a esposa de José Macário era uma casada exemplar...

A baronesa sorria-se, e o Eusébio Macário, que estivera calado, provido de razão e rapé, disse:

— Ora vamos lá, vamos lá, senhor barão. O José não era bom; mas ela também não era melhor — e queira perdoar, se nisto ofendo a sua pessoa. Aqui que ninguém nos ouve: a senhora sua irmã tem feito asneiras que farte.

— Quê qual! — interrompeu o barão com os olhos acesos em faúlhas da sua dignidade muito combustível.

E o Macário, solene, pitadeando, no seu intemerato aprumo oratório, — que o José era um rapaz de vinte e cinco anos, na flor da mocidade; a Felícia devia roçar pelos seus quarenta e tantos bons, porque havia de andar nos vinte e tantos quando veio de Barroso para Basto. Já podia ter juízo, a falar a verdade, já podia ter assento, e deixar-se de arolas com homens. — E batendo no peito: — Eusébio Macário o que tem aqui é para o dizer. Minha filha, se não quer contratos com a Felícia, é porque é honrada, de cujo eu muito a louvo.

O barão ficou atónito, muito abalado. O transporte final do sogro, com o braço estendido para a filha imaculada, confundiu-o, chamou-o à compreensão da honestidade de Custódia. Exigiu que lhe falassem com clareza. Quem era o tal homem? Como se chamava o homem? Que lhe dissessem o nome do homem! — Eusébio olhava para a filha e ela para o pai; o barão insistia, começava a suspeitar que lhe caluniassem a irmã. — Que desembuchassem, com dez milhões de diabos! — O sogro então, vencida a relutância, expetorou:

— É o abade, é o abade; o barão bem sabe que ele está cónego no Porto. Aí tem o que é. Uma indecência dela a mais dele, cuja...

O barão não deixou arredondar, fechar-se o pensamento austero do sogro. Faíscas de cólera coriscavam-lhe nos olhos circunvagos em cata duma bengala forte que trouxera de Petrópolis. Queria bater na mana e no cónego, moê-los, muita pancada.

A esposa, muito ordeira — que não lhes batesse; que não remediava nada, porque eram amores velhos; e que havia falatório, escândalo — não valia a pena. O pai apoiava: que sim, que uma família respeitável não podia andar em desordens à conta do mulherio; que as pessoas de bem, fulano, sicrano, etc., não faziam caso das irmãs malcomportadas, e citava tantos exemplos que o genro desistiu da bengala e limitou-se a transpirar explosindo a sua vergonha iracunda em assopros que fumegavam. Além dos argumentos

sociais, dera-se o caso de Eusébio ter contado ao barão façanhas do abade de S. Tiago. — Que ele com um vergueiro nas unhas era um barra, da pele do Diabo; que uma noite, mascarado, varrera um arraial na Senhora dos Remédios, e que nas eleições de 45 dera em sete eleitores como se fossem um só homem. — O barão não se julgava certamente mais invulnerável que os lobos das alturas de Barroso. Ele, no secreto da sua consciência, receava que o cónego lhe batesse — palpitava-lhe isso. Quanto à irmã, mandou dizer-lhe que nunca mais lhe pusesse o pé em casa, nem dissesse que era sua irmã; que a esborrachava se ela lhe subisse a escada — que era a vergonha da sua cara.

O cónego Justino leu a carta com uma grande pacatez re-trincada, e disse: — O corpo de teu irmão está-lhe a pedir cana-da-índia. — A Felícia dizia que eram intrigas da Custódia, e que não se salvava se não se vingasse dela. Contava o que lhe tinha sofrido em Lisboa; desprezos, remoques e escárnios diante da gente; que a cunhada não queria andar com ela; que ia para os bailes com José Macário, e que a deixavam sozinha no quarto do hotel Central, a olhar para o Tejo, a chorar com saudade da sua vida passada com o seu Justino. Então o cónego, com uma explosão de ternura: — Pobre Felícia, minha adorada Felícia! — e aconchegava-a do peito, muito amimada, entre chorosa e risinha. Quanto a vingar-se, dizia-lhe muito sarcástico: — Não te há de faltar ocasião, deixa estar, que eu trago-os debaixo d'olho; a Custodinha da botica tem mau diabo à perna; ela não sabe com quem se meteu.

Não se ajeitavam, porém, à espionagem do cónego vingador as cousas domésticas do barão. Havia paz honrada na família; os créditos da baronesa intactos; janotas audazes, de projetos perversos, sofriam desfeitas; e ela, duma nutrição dura e sã, estava cada vez melhor; os espartilhos do colete impavam premidos pela turgidez dos peitos; alaranjavam-se-lhe as faces na fadiga do passeio; tinha uns arquejos de gansa amorosa, um pisar peneirado com balouços de quadris e muito arranque. Quando saía da missa dos Congregados

para o jardim de S. Lázaro, com um grande rugido de gorgorões caros, muito estrelada de joias rutilantes, pela rua de Santo António acima, os janotas, agrupados às portas das luveiras, descobriam-se, curveteavam cortesias: «Senhora baronesa, criado de vossa excelência; senhora baronesa, minha senhora», e depois, remirando-a pelas costas, diziam obscenidades inferidas das curvas sensuais. O barão, além da experiência interna, recebia do exterior, pelos jornais, notícias, esclarecimentos a respeito da mulher. O *Periodico dos Pobres*, a cada passo: a *virtuosa* e *formosa* ex.^{ma} baronesa do Rabaçal; a *caritativa* e *virtuosa* esposa do ex.^{mo} barão do Rabaçal. O Eusébio dizia-lhe: «Regala-se-me o coração quando vejo que chamam a minha filha virtuosa em letra redonda» — e, com o seu hábito das comparações, apontava as senhoras a quem os jornais chamavam formosas, elegantes, filantrópicas, mas, a respeito de *virtuosas*, pois não chamaste! — e dizia que a imprensa era uma grande instituição de Moral, ideia dele, muito repetida, e que talvez seja do MANUAL ENCYCLOPEDICO.

A baronesa, muito aplicada na sua paixão pelo piano, conseguira, em dous anos, tocar com muita robustez e furor incorreto trechos da *Lucia*, de *I due Foscari*¹⁰⁹ e do *Nabuco*. Frequentava a Filarmónica assiduamente, prestava uma atenção muito lisonjeira aos músicos curiosos daquela assembleia, aplaudia com palmas sonoras ambos os sexos, muito entusiasmada. As senhoras Lacerdas, umas meninas anémicas, muito engoiadas, imagens vivas de noivados no sepulcro, diziam que a baronesa, quando batia as palmas, parecia uma lavadeira de S. Mamede a bater a roupa no lavadouro — uma matraca.

O barão inopinadamente fez-se filarmónico. Descobriram-lhe que ele tinha voz de baixo profundo, um dia que se pôs a cantar uma ária do *Nabuco*, quando a baronesa tocava. Descobrira isto o Mota Prego — aquele desfrutador, e foi aplaudido por Eusébio Macário — que sim, que tinha voz de baixo profundo. Daí por diante berrava todas as noites a ária do *Nabuco*, soletrava os versos do libreto com auxílio do sogro, e convidava amigos para o ouvirem. O comendador Aguiar achava-o um barítono muito regular, e dizia

à orelha do barão de S. Torquato que o seu desgraçado amigo, se não estava doudo, era um asno acabado.

O salão dos Rabaçais principiava a ser muito concorrido de amadores: via-se o Félix Borges de Medeiros, grande barítono, Joaquim Mendonça e o doutor Basílio Alberto, ambos notáveis bassos, Gonçalves, excelente tenor, os Mirandas, instrumentistas distintos, o doutor Domingos Pinto de Faria, violoncelista extremado, o portentoso Francisco Eduardo, o pequeno Artur Napoleão com seu pai, estimado professor, as cantoras mais famigeradas da Filarmónica, a sr.^a Ribas e a sr.^a Calainhos, bastante afinada.

Da companhia lírica, a Giordani, o Bisaccia, um tenor deplorável, o Segri e o Bartolucci, que cantava árias do *Rigoletto*, e se ofereceu ao barão para o lecionar no canto, depois de o ouvir particularmente, mais pasmado que condoído da audácia do homem.

A baronesa admirara-o muito no teatro na parte de *Rigoletto*. A tragédia do infeliz histrião do duque de Mântua comoveu-a até umas profundidades novas e nunca exploradas na sua natureza. O Bartolucci, um sujeito bem-apegoado, muito apresentável, com reputação de conde pobre — que renunciara a coroa ao pisar o palco — entrara-lhe no coração incauto de envolta com as sentimentalidades do libreto do Gandra, que Eusébio Macário ia comunicando ao ouvido da filha. Quando o viu, sem a carcunda truanesca, na sua sala, de casaca e luva branca, com o hábito de S. Maurício e o donaire gentil de cortesão, fez-se-lhe no espírito uma claridade súbita como o de uma lanterna de furta-fogo que fulgura imprevista, instantaneamente, num recinto de treva.

Era o amor que nascia duma alma inconsciente da sua prenhez. Era a Custódia abolida, desabada do seu pedestal de virtude. Ele dirigiu-se a ela, curvado fidalgamente, com os sapatos de polimento juntos, ambos os braços penderes, e o chapéu de pasta em uma das mãos. Falou-lhe em francês; ela, muito encarnada, não o percebia; disse-lhe que não falava francês; e ele, mudando de língua para várias línguas, disse-lhe que *mucho piacere complimentarla eccellenza, signora baronessa* — o que ela percebeu e agradeceu

com muitos balouços de cabeça, sorrisos canhestros e derrengues de cintura. O italiano cantou, muito festejado; sentia-se-lhe o que quer que fosse no timbre gemente da voz. Procurava-a, entre as demais, com uma ternura petulante, pasmava-se a contemplar-lhe o colo escultural, e baixava os olhos com humildade seráfica se ela, num relance de vista, o surpreendia, lisonjeada desses *extasis*.

Desde o dia seguinte o barítono deu-se ao estudo da língua portuguesa com o Alba, o velho empresário que sabia linguagem portuguesa suficiente para um namoro em que se dispensasse um grande despêndio de retórica e de sintaxe. Ao cabo de oito dias, Bartolucci falava a língua lusitana tão corretamente como os tradutores portugueses das novelas francesas, com a vantagem de adocicar pela pronúncia italiana os galicismos que os outros azedavam com as desinências fanhosas daquele apêndice ingrato à senhora princesa Rattazzi.

Soirées cantantes regularizaram-se às segundas-feiras em casa dos Rabaçais. Bartolucci em todas as noites feriadadas concorria; um dia por outro, ia disciplinar a voz selvagem do barão, abemolando-lhe as notas, ensinando-lhe artifícios da garganta com uma paciência só comparável à indocilidade do discípulo. O barão trovoava alguns trinados, *ad libitum*, que só tinham da voz humana o que ela tem de mais pavoroso. As notas ululadas rolavam repercutidas nos espaços aéreos do palacete sonoro, e chegavam farfalhando em catadupas ao pátio. Transeuntes quedavam-se espantados e suspeitavam que houvesse doudo na casa.

A baronesa assistia àquelas orgias glóticas do marido. Um lirismo macabro.

O amor indiscreto cegara a baronesa e desvairara o barítono. No teatro, entre a frisa 3 e o proscênio, havia correntes magnéticas que evidenciavam o namoro da Rabaçal com o Bartolucci. Ele nas árias de amor, se não punha os olhos na batuta, era nela. A baronesa, nesses transportes de paixão, inclinava-se no peitoril da frisa, com muito despejo sentimental, num descaramento de ternura. Binóculos dos camarotes e da superior assestavam-se nos dous; havia risos, cochichava-se ao ouvido; senhoras casadas, cheias de virtudes antigas, espreitavam a baronesa, de esguelha, pelos rendilhados dos leques.

O comendador Aguiar já não podia tolerar o escândalo. Amigos comuns diziam-lhe: — Você avise o barão, aconselhe o barão, abra os olhos àquela cavalgada.

O Aguiar procurou-o na Bolsa, levou-o para o adro de S. Francisco, e começou: — Como o outro que diz: amigo que não presta, faça que não corta, que os leve o Diabo pouco importa. Barão, eu sou seu amigo, e como tal sou a dizer-lhe que você não vai bem com a sua vida. É preciso reformar os seus costumes domésticos. Há umas tantas cousas que se devem dizer aos amigos. Deixe-se de música e de músicos, deixe-se de asneiras... E não me interrompa... Bem sei que gosta de música; também eu; mas uma coisa é gostarmos de música e outra coisa é os músicos gostarem de nossas famílias. Faz diferença.

— Famílias, quê?! — interrompeu o barão, com as mãos nas algibeiras das calças que subiam e desciam ventre acima e abaixo, como se desse uma fricção — um modo esquisito dele quando se agoniava. E o outro:

— Aí está já você a esfregar a barriga! Não ferva em pouca água, barão. Eu não venho armar desordens, venho evitá-las; e ouça lá o que lhe digo, que isto é sério: nada de partidas às segundas-feiras, nada de cantorias em sua casa. Você se gosta de cantar, não lho levo a mal; cante lá para si, em família; mas, a falar-lhe com o coração na boca, eu achava que você devia deixar lá isso das cantilenas aos cómicos e a outros sujeitórios da vadiagem que não têm que fazer e andam por aí com as goelas abertas a fazerem¹¹⁰ triste figura pelas casas. Você está numa posição muito séria, é um dos homens mais respeitáveis do Porto, e não lhe vai bem, na sua idade, ter mestre de música. Cheguei ao ponto, sim, é do barítono que se trata. Dos ruges-ruges se fazem os cascavéis, amigo barão. Por aí rosna-se. O borra-botas do Bartolucci, quando canta, prega os olhos no seu camarote, e a senhora baronesa também prega os olhos nele. Isto pode ser inocente da parte de sua senhora, acho que é, porque naturalmente a gente olha para o comediante que está a cantar, mas o comediante é que não deve espetar os olhos atrevidos na cara das senhoras que estão nos camarotes, exceto quando elas lhe permitem isso e agradecem com olhadelas suspeitas.

— Você está mal engánado, amigo Aguiar — atalhou o barão muito pacificamente, risonho. — O barítono tanto olha á ela como á mim, hein? Si você não mi conta mais nada, temos convérsado. Qui mais sabe você? sómentes isso?

— Sei isto, e não é pouco — respondeu grave, ressentido, o Aguiar. — Sei que a melhor sociedade do Porto pensa como eu; mas, se o barão pensa doutro modo, lá se avenha. Ao frigir dos ovos o veremos. Eu lavo as minhas mãos.

— De maneiras quê — replicou o barão — você quer dizer ná sua quê não fréquente a Ópera? quê mi dê por cangado, hein? Éstou ná tinta.

— Essa é de rabo, barão! Você não me percebe. Mau! o caldo entorna-se...

O Aguiar, encalmado pelo ardor zeloso da honra do seu amigo, suave, impava e sustinha a custo as frases severas, e os anexins frisantes que nunca o desamparavam, já na alta oratória das eleições bancárias, já no diálogo familiar. Ele sentia vontade de lhe dizer: — Valha-te um burro aos couces. — Mas entrou, de bom rosto, em reflexões, com grandes pausas formalizadas, muito judicioso. Bem conhecia que era um pouco tarde para desfazer a impressão desagradável, a calúnia; alvitrava expedientes que pelo menos, com boas aparências, amordaçassem as línguas do mundo. Lembrava ao seu amigo que se lhe ajeitava um meio muito decente de ir a Lisboa e demorar-se por lá com a esposa até ao fim da estação teatral; que iria na comissão de diretores de Bancos por causa do ágio das notas; que assim, nem dava partidas, nem recebia em casa o marmanjo italiano, nem ia ao teatro; e ao mesmo tempo que ficava sossegado na honra e na consciência tapava as bocas do mundo.

O Aguiar, muito palavroso, estendera estas ideias, sem paragem, com recheio de máximas e anexins. O barão escutava-o com gestos de impaciência, e quando o outro lhe deu uma vaga, disse depressa:

— Quê árgel você faz pára nada, amigo Aguiar!

E desfez-lhe os argumentos com uma ou duas réplicas sensatas: que tinha toda a confiança em sua esposa; que tudo quanto o amigo Aguiar dissera não adiantava nada ao que ele já sabia, porque ele bem via que o barítono olhava para o seu camarote, e estava no seu direito de olhar para onde quisesse. Que finalmente não se importava com o mundo — que mandava o mundo beber 30 réis.

O Aguiar levantou os ombros repetidas vezes à altura das orelhas e disse:

— Já aqui não está quem falou, amigo barão, já aqui não está quem falou. Arranje-se.

Ele não era a exceção dos maridos avisados. A perlenga do Aguiar pouco depois principiou a incomodá-lo, como se a sua confiança na esposa deixasse alguma cousa a desejar. Depois, passo

a passo, fez-se-lhe no espírito a reminiscência ingrata dos primeiros bofetões que lhe dera em Lisboa, por causa do baixo. Já o mordiam desconfianças de atos, gestos, bagatelas que até então lhe pareciam inocentes. Sobrevieram hipérboles, as monstruosidades que avultam, examinadas pela lente traiçoeira do ciúme. O namoro do barítono já não se lhe apresentava como um fenómeno absurdo, um caso inexplicável pelas leis da natureza. Ele mesmo, num transporte subtil de compreensão rara, julgava-se capaz de perceber que a mulher correspondesse ao cantor.

A baronesa estranhou-o, muito seco, carrancudo, pouco alimento e nem uma nota de música, fechado no escritório. Nessa manhã devia vir o Bartolucci. O guarda-portão, quando ele entrava: — O senhor Barão não recebe; está incomodado.

Custódia, como visse através da vidraça retirar-se o barítono, mandou indagar o que era. O guarda-portão respondeu que eram ordens do senhor. Ela não tinha a briosa coragem das esposas caluniadas. Não tinha isso — não ousou interrogar o marido, sondá-lo. Teve medo, e um calafrio, presságio de pancada. Nos seus sustos havia sempre a previsão da catástrofe material, pesada e contundente do murro e da bengala. As dores da alma eram-lhe incomodidades subalternas, — era a sua fisiologia.

O barão sabia que Bartolucci nunca entrara em sua casa estando ele ausente; de noite era impossível a perfídia. Recolhiam juntos, fechavam-se no seu quarto, e havia um só leito. Fora de casa, poderia ser. A baronesa algumas vezes saía a visitar a Maria de Nazaré, e a baronesa de S. Cucufate ou a da Corujeira; mas só agora lhe ocorria que as duas baronesas estavam desacreditadas, e qualquer delas seria capaz de proteger o encontro. Atormentava-o a lógica infernal do ciúme; e ele, implacável num velho propósito de vingar-se da mulher se o traísse, não queria desabafar por vias de facto antes de ter bem planejada e segura a vingança.

Assistiu ao jantar e comeu melhor que ao almoço. Disfarçou-se quanto pôde respondendo de melhor catadura à mulher e ao sogro. Disse que não recebera o barítono porque estava um pouco encatar-

roado. Depois saiu e foi por ali abaixo, até Cima do Muro, conversar com os seus velhos correspondentes e amigos Araújo & Filhos, que não vira havia muito tempo. Precisava distrair-se, deixar passar aquela nuvem negra que o Aguiar lhe pusera no coração. O Araújo falou do José Macário, da Pascoela, das patifarias que iam por esse Porto. Que ele estava muito ao facto da vida da Trigueiros com o cunhado do seu amigo, mas não lho contara porque seria isso afligi-lo sem remediar nada. E então denunciou, muito em segredo, que a sua quintarola do Carvalhido estava arrendada havia cinco anos à baronesa de S. Cucufate, e quem figurava no arrendamento era a mulher dum brigadas de veteranos que lá vivia para certos fins, arranjos no quarto, abrir e fechar portas, avisos, recadinhos, etc. — que ele, barão, bem entendia. Não era sem repugnância que Araújo alugava a casa para tais ameijoadas; mas enfim pagavam-lha bem, e ele não podia endireitar a sociedade. — Que se governem, não acha, barão? — perguntava. E o barão: — Pois já se entende; você faz seu negócio; mas estou átérrado, amigo Araújo! Eu não cuidava disso da báronesa di Cucufate... — Uma grande bêbeda — afirmou Araújo, e disse quem eram os tunantes que a visitavam na quintarola. O cirurgião do Carvalhido, o seu compadre Cruz, era amante da mulher do brigadas, ainda fresca, que tinha sido criada da baronesa. Ela contava-lhe tudo, e o seu compadre contava-lho a ele. Particularizou miudezas que a mulher do veterano espreitava e o Cruz cirurgião lhe dissera. Que não tinha notícia de um deboche semelhante; que até pedira ao seu compadre que não contasse aquilo aos seus rapazes. Depois, acrescentou que a baronesa de Cucufate fora para Lisboa passar alguns meses com o barão, e deixara ordem à do veterano para receber a Pascoela Trigueiros como se fosse a própria. Que isso então com a Pascoela e mais o José Macário a pândega é que fora de foz em fora! Tocavam banza, cantavam ambos o fado e bebiam como dous odres, tal e qual como se estivessem no botiquim do seu vizinho Pepino. Que às vezes a ele, Araújo, homem de bem, lhe davam guinas de avisar o Cucufate e o Trigueiros; mas que o mundo não se endireita,

e que muitas vezes com estes avisos o mais que se ganha é ficar a gente mal vista pelos maridos, pelos amantes e pelas mulheres. Tinha experiência de casos semelhantes, e outros diversos. Que lá se aviessem, que não queria saber de desgraças. Prosseguindo, foi contando que a baronesa de Cucufate logo que chegou de Lisboa foi ao Carvalhido com outro conhecimento novo; e, segundo lhe dizia o seu compadre, sabia que entrava lá um comediante da Ópera italiana. — Veja, senhor barão, veja o meu amigo ao que desceu aquela mulher! até os cómicos lhe servem!... Já é força de destino!

O do Rabaçal exprimia no semblante as alternativas que o agitavam, uma confusão perturbadora. Não sabia como esclarecer-se, como interrogar o Araújo sobre se não podia duvidar-se que o barítono fosse amante da Cucufate, se era com efeito a Cucufate que ia à quinta, se poderia ser outra mulher a quem ela cedia a casa como fizera à Trigueiros.

— Seu compadre viu eles ná quinta, hein? — perguntou o barão com pausas atrapalhadas, muito ofegantes. — Sabe quê são? quê é ela quê vai falar? e viu ele mesmo? Não seria outra? Veja lá.

Araújo muito de espaço explicou que o seu compadre Cruz sabia que o cómico ia lá de vez em quando, pelo ver passar e sumir-se no quinchoso; mas não era por lho contar a mulher do brigadas; que as relações ilícitas do cirurgião tinham acabado em consequência do brigadas ter aviso da pouca-vergonha, e um belo dia dera sobre ele com uma espingarda e por pouco que lhe não espeta uma bala nas costas. — Mas que dúvida tinha o barão em acreditar que o cómico ia para a baronesa de Cucufate? — perguntou Araújo. — Quem havia de ser senão ela? Que lhe dava a sua palavra de honra que a tal baronesa era a rainha das marafonas, que não havia outra no Porto capaz de se abandalhar com um cómico, e que o barão, aquele cara estanhada, se tivesse alguma casta de brio, há muito que lhe devia ter metido uma faca à barriga como quem rasga uma cabra.

O proprietário honesto da quintarola fazia trejeitos carneiros como quem estripa adúlteras. O barão estava lívido como se assistisse ao espetáculo vivo daquele suplício bárbaro.

XIII

O Rabaçal, quando chegou ao largo de S. Domingos, tremiam-lhe as pernas e sentia vagados. Sentou-se na loja do José Gaspar da Graça e pediu um copo d'água. O dono da casa, muito afável, achava-o descorado, oferecia-lhe chá, um copinho de cana, que dispusesse da sua casa. Entrou neste comenos o comendador Trigueiros, secreto inimigo do barão, tanto porque era cunhado do Macário, como porque se ria dele quando fez as pazes com a Pascoela, e lhe chamara nomes injuriosos na loja do Pinto Leite. — Que folgava muito de o ver; que o não via há meses; que o achava mais magro. — O barão rosnava monossílabos, e o Trigueiros, retirando-se para a porta, segredava ao José Gaspar da Graça: — Aquilo são desgostos muito sérios por causa da mulher e do cómico. — E o capitalista com sentimento: — Desgraças, desgraças. — Diga-mo a mim... — tornava o Trigueiros batendo com o ferrão da bengala na soleira — eu é que sei o que isso é; mas... — e chamava fora o interlocutor — ele, o barão, está a pagar pela língua; para ele mulher honrada no Porto havia só a dele; ninguém as calça que as não borre, amigo Gaspar da Graça — isto é das Escrituras.

O barão saía e despediu-se dos dous. O Trigueiros disse que também ia para a Assembleia, que o acompanhava.

Tinha um mau fundo o Trigueiros. Regozijava-se quando via um sócio de infortúnio entrar nas troças dos botiquins e na tortura do

Palheiro — uma bengalé de celerados que descosiam mistérios da vida íntima e esfarrapavam créditos. Sabia que o Eusébio Macário atribuía à Pascoela a perdição do filho, culpava o Trigueiros da devassidão da mulher; e era ridículo quando dizia que a sua filha, a baronesa, tinha tido uma educação muito religiosa, muito austera, e pouco antes de casar tão inocentinha era que perguntava donde vinham os meninos às mulheres grávidas. O doutor Videira, um padre cheio de ratices, dava grandes gargalhadas e dizia chalaças duma frescura de carapinhada. Por isso o marido da Pascoela odiava o barão, de quem tinha sido muito amigo e até padrinho do casamento, e desejava vê-lo nas mesmas entalas. Sabia o que se dizia do namoro do barítono; contava a desgraça do *seu amigo* a toda a gente, e repetia sempre o dito das Escrituras: ninguém as calça que as não borre: — era um anexam do uso do comendador Aguiar que o Trigueiros achava digno de algum Evangelho apócrifo.

Quando chegaram à Praça Nova, o barão ia desfogando involuntariamente a sua angústia em termos vagos: — Quê um homem quê cásava lhe era melhor deitar-se em um poço de cabeça ábaixo. — Esta sentença, boa e indiscutível, abriu a represa à maldade do Trigueiros vingativo. Foi-lhe com a esponja de fel direita aos beiços: Que sim, que tinha razão em o dizer, porque a baronesa era uma ingrata, que ele tirara do reles casebre do boticário d'aldeia. Que ele, quando ouvira contar o desconchavo d'amar o cómico, ficara estarecido e apoquentado como se ela fosse sua parenta. Que o ser ela irmã dum malvado não lhe fazia perder a amizade que lhe tinha por ser esposa de quem era...

O barão ouvia-o, queria interrompê-lo, mas sentia-se estrangulado; e o Trigueiros continuava espremendo a esponja:

— Meu amigo, você sabe a minha vida — sabe-a tão bem como eu. Aquela mulher que eu fui buscar atrás do balcão dum botiquim de carroceiros e soldados, que fiz minha esposa, e que por um triz não era baronesa — porque já me tinham oferecido o título quando me fez a última maroteira — aquela fúria do inferno ia dando comigo na cova ou em Rilhafoles. Vi-me entre

a cruz e a água benta. Pois aqui onde me vê estou como se nunca a conhecesse, por acaso me lembro dela; e patacos meus só se os comer em rosalgar. Nem uma de cinco, o que se chama uma de cinco, percebe? Ela cá virá, quando o bigorrilhas do amante der cabo dos contos que apanhou à sua infeliz irmã. Sabe como eu me curei, barão? Arranjei outra, uma rapariga da aldeia, papa muito fina, que me governa a casa muito bem, cousas e tal *et cætera*, e que, se Deus quiser, me há de comer o que eu tenho. E sabe que mais? se o Diabo levar a outra, e oxalá que seja hoje em vez de ser amanhã, caso com a minha Luísa Casca tão certo como estar no céu aquela lua que nos alumia. E você, amigo barão, faça o mesmo. Nada de paixões. Rua com ela. Fortuna na carteira. Que o vá ganhar. Arre, bêbedas! À Pascoela saiu-lhe a porca mal capada. Nem vintém! Cuidam que o dinheiro do Brasil é roupa de franceses? Os amantes que as sustentem, não é assim, meu amigo? Rua com ela, e outra pra dentro, à minha moda. Não lhe sirvo? também o meu dinheiro lhe não serve. — E dando-lhe no ombro palmadas confortadoras: — Ande-me assim, ande-me assim. Tudo que cheirar a Macários, rua, rua com eles; mas cuidado com o Eusébio, que aquilo é maroto muito fino, entende? Antes de pôr em seguro a sua fortuna, nem um triste pio; que não vá o ladrão aconselhar a filha a requerer o divórcio, e roubar-lhe metade da fortuna. Eu estou aqui pronto pra tudo, hein? tenho casa na rua Direita e em Rio Tinto. Se você quiser ir prá minha companhia faça de conta que está em sua casa.

O barão, duas vezes, durante o discurso insultante à sua dor, sentiu ímpetos sanguíneos de pegar no Trigueiros e fraturá-lo contra um dos frades de pedra da Praça Nova. Noutros lances, a confissão aviltante do marido de Pascoela tocava-lhe na alma uma corda que gemia a mesma toada, uma compaixão comum dos enfermos da mesma doença. Por fim, como o Trigueiros lhe ventilou o assunto da sua antiga preocupação — coser-se com a fortuna — começou a ouvi-lo com tal qual interesse e a considerá-lo até necessário como praxista experimentado no processo dos contratos fraudulentos que

reduziram a uma esmola a Pascoela, devendo ela ser meeira no melhor de trezentos contos fortes.

Entretanto, nada disse do seu infortúnio; despediu-se quasi amigo como dantes do Trigueiros, e foi para casa.

A baronesa estava com o pai. Tinham conferenciado largamente acerca de dinheiros. Custódia receava que o marido tivesse aviso de caluniadores que a odiavam pela sua virtude; que a intrigassem por causa do Bartolucci, e temia que o barão imitasse o Trigueiros, e a deixasse pobre como a Pascoela. O pai, em primeiro lugar, apostava que o genro, ainda que lhe dissessem tal mentira, não acreditaria que a filha de Eusébio Macário fosse capaz de semelhante crime; em segundo lugar, se ele requeresse o divórcio havia de pôr para ali metade do que tinha; em terceiro lugar, se desse a perceber que tratava de se safar com tudo, ele, Eusébio, mexeria os pauzinhos, porque já estava aconselhado pelo doutor Bruschy desde que o genro em Lisboa, por dá cá aquela palha, esbofeteara a esposa. Nesta ocorrência entrou o barão com bonançoso aspeto, dizendo que um passeio à margem do rio por Miragaia, com o Araújo, lhe fizera grande bem e lhe abria o apetite. Ceou copiosamente, cantou a ária diletta do *Nabuco*, conversou muito amável com o sogro; disse à esposa que fizesse os convites para a partida de segunda-feira, visto que ele, quando se sentira doente, mandara publicar no *Pobres* — que suas excelências os senhores barões do Rabaçal, por incómodo de saúde, não recebiam na próxima segunda-feira. Depois, foi deitar-se. O Eusébio dizia à filha:

— Eu não to disse? está como dantes.

E a Custódia desconfiada:

— Olhe que ele é muito macanjo, meu pai!

— Deixa-o ser que deu com o seu homem; mas está descansada, por minha conta. Eu leio-lhe por fora e por dentro. Vai-te deitar, vai-te deitar.

A baronesa madrugou alegre. O marido dormira com a serenidade e confiança dos esposos mais garantidos. Ressonara como de costume; pedira de manhã o semicúpio habitual, fizera a barba,

cantarolara algumas frases do *Rigoletto*, almoçara, acendera a sua bebra e saíra de carruagem. Ele estava tão bom para ela, tão cuidadoso que lhe perguntara se queria o trem para fazer alguma visita. Ela disse que esperava a S. Cucufate para jantar com eles. O barão voltou o rosto rapidamente para que a mulher não visse nele o efeito daquele nome.

A carruagem parou à porta do Aguiar. O barão entrou e daí a pouco tempo saiu um criado com cartas. Sujeitos de presença grave, um por cada vez, entraram pressurosos, com aspetos consternados e os narizes rubros de frio, com as calças apanhadas nos calcanhares e sapatos de borracha muito lustrosos. Eram dous titulares, e mais dous negociantes de grosso trato, o Mendes bacalhoeiro, Araújo & Filhos. A conferência durou duas horas. Depois, entrou um tabelião e um rapaz com a nota num saco de damasco amarelo com borlas. Saíram cartas para Lisboa. Compraram-se letras no estanco da Praça Nova. Escreveram-se muitos algarismos e datas falsificadas. Às três da tarde, tinham todos saído, exceto o barão de S. Torquato, a quem o dono da casa dizia: A baronesa Custódia não tem dez réis para mandar tocar um cego. Você lembra-se do que eu lhe profetizei na Praça Nova, há dez meses, em 10 de abril de 1852, às 3 horas e 25 minutos da tarde?

Que sim, que se lembrava.

— E então? que me diz? Vejo longe ou não vejo?

— Você é o diabo, não é homem!

— Vejo longe ou não vejo? Diga lá, senhor barão! — E estava muito envaidecido, muito jubiloso porque vira realizada a sua profecia na pessoa de um seu amigo, marido infamado de uma mulher desonrada.

Na conferência, o Mendes, muito prudente, opinara que, pelas informações de Araújo, não era líquido que a baronesa fosse a pessoa que ia ao Carvalhido encontrar-se com o cantor; que era mais natural acreditar-se que a amante do cantor era a outra baronesa que alugara a casa. Portanto, que o amigo barão, embora estivesse preparado para se apartar da senhora sendo ela culpada, não devia dar tal passo

sem ter a certeza do que por enquanto era apenas uma suspeita. Concordaram todos, e ficaram nisso. Pela alma escurantada do barão ainda lampejavam esperanças de que sua mulher estivesse inocente.

Mas havia outro colaborador mais destro no processo de Custódia: era o cónego Justino. Ele espiava os passos da baronesa, com a pertinácia de duas vinganças — a sua e a de Felícia, por causa da cunhada expulsa de casa do irmão, e por sua boca difamada como amante dum padre, e desprezada de todas as famílias suas conhecidas. O cónego soube que a Custódia cultivava com assiduidade duas relações de baronesas libertinas: a S. Cucufate e a Corujeira. Enquanto não podia agenciar em casa da segunda uma espia segura, moveu o escudeiro, seu confidente, o irmão da governante do cónego Veloso, a ir oferecer-se ao serviço da baronesa de S. Cucufate, de quem já tinha sido criado e medianeiro em duas das suas tramoias. Ele prometia ao criado fazê-lo nomear cobrador da mitra, se ele andasse esperto na sua empresa de espreitar o que pudesse servir de prova contra a baronesa do Rabaçal. O escudeiro aceitou a missão; e a sua antiga ama, reconhecida às suas tretas e manhas, admitiu-o como escudeiro.

A do Rabaçal, à primeira vez que o viu e de pronto o reconheceu, disse muito assustada que ele tinha sido o escudeiro da Felícia, que era preciso muita cautela. A sua amiga abonou a fidelidade do criado; que a boca dele era sagrada, — contou a história da mantilha e as finas astúcias com que ele a servira em duas das suas brincadeiras. Ela, quando arranjava um amante novo, chamava à cousa — outra brincadeira. De mais a mais, para a tranquilizar, dizia-lhe que o criado, pelo sim pelo não, havia de ignorar sempre as cousas que não precisasse saber.

Tratavam então de planear o *rendez-vous* da baronesa com o Bartolucci. Liam-se as cartas apaixonadas do *conde* — chamavam-lhe *conde*. A do Rabaçal contava que ele inventara um meio magnífico de lhe entregar as cartas: deixava-as escorregar pelas costas do sofá enquanto ela acompanhava no piano o marido; e que ela lhe passava as dela dentro dum livro de música que ele ia folhear para a janela.

— Sabes mais do que eu te ensinei, querida — disse-lhe a S. Cucufate, compondo-lhe os bandós e dando-lhe beijos nas rijas polpas do colo como se se tratasse do pescoço do Polca ou do Leitão.

Traçaram o plano. A S. Cucufate emprestava-lhe a casinha de campo.

— Às quintas-feiras, não posso, bem sabes, ceder-te a minha chácara das brincadeiras. — A *chácara das brincadeiras* era o pseudónimo idílico da quintarola do Carvalhido. Emprestava-lha todos os dias da semana, exceto às quintas-feiras. A Rabaçal viria de visita demorada a casa dela, e mandaria embora o trem; depois saíam ambas na carruagem da S. Cucufate. O boleiro, a respeito de língua, era pedra que caiu num poço. Nos campos de Cedofeita, à entrada duma barroca que ia rente com a quinta, a do Rabaçal apeava, e entrava por uma portinha escusa que abria para o pomar; ninguém a veria entrar; a outra não saíria da carruagem, e esperaria por ela. O conde Bartolucci estaria, no primeiro encontro, no adro da igreja de Cedofeita; iria seguindo o trem; e, depois que o visse parar, tomaria pelo caminho que levava à porta da casa solitária, fácil de encontrar. A inquilina estaria prevenida para o receber e introduzir.

Assim se fez propiciamente às quartas-feiras, nas duas primeiras semanas; depois às quartas e sábados — a mesma prosperidade, uma grande sorte. A Custódia, ao princípio, quando transpunha a soleira da porta, punha de propósito supersticiosamente o pé direito; depois era-lhe indiferente pôr o esquerdo. Parecia-lhe primeiro que o seu crime, ou brincadeira, segundo a outra, criaria à volta de si uma qualquer cousa nova, estranha e incómoda ao seu sossego interior: mas, olhando para dentro de si e para fora, viu uma grande indiferença na consciência, nas cousas e nas pessoas — uma espécie de cumplicidade no movimento monótono inalterável do universo físico e moral.

Ela assumiu de pronto bestialmente uma filosofia idiota que outras atingem com um grande trabalho de crítica dos costumes

comparados, modalidades, enfim, resultados de processos que abrangem a grande obra de Sand, de Balzac e toda a literatura das *Pérolas e Camélias* de Dumas. A Custódia sentia-se muito devassa sem leitura; e tão tranquila de consciência como se possuísse os ideais avançados da mulher moderna, novas orientações mentais em via de emancipação.

Mas, um dia, na consciência cristalina da baronesa fez-se uma pisadura em resultado dum beliscão de susto. Quando voltava da «chácara das brincadeiras» e entrava no *coupé*, disse-lhe, um pouquinho alvoroçada, a sua amiga que, estando a ler a MADEMOISELLE DE MAUPIN, ouvira passos no caminho, do lado da quinta do Vanzeller;¹¹¹ e, quando ia deitar a cabeça fora da portinhola para ver quem era, quasi que esbarrara na cabeça de um homem desconhecido, cara rapada, assim a modo de padre, que decerto ia espreitar quem estava no trem; porque, assim que a viu, levava a mão ao chapéu, e dissera: — Queira desculpar; cuidei que era a senhora baronesa do Rabaçal — e fora seguindo pelo caminho da quinta do Araújo.

— Ó diabo! — exclamou a Custódia — Queres tu ver, Leontina, que era o abade!?

— Quem é esse abade? — perguntou a S. Cucufate.

— O cónego, o amante da Felícia.

A outra, que o tinha depois espreitado pelo óculo do espaldar do *coupé*, deu informações muito consoantes à pessoa do cónego: baixo, costas largas, com uma bengala muito grossa de castão, a fumar cigarro, homem de meia-idade, cara d'alarve, com os beiços grandes, muitas bochechas, com uma barbela vermelhaça, um feio diabo.

— Ai que estou perdida, se é o cónego! — tornou ela.

— Ó tola! — acudiu discretamente a S. Cucufate. — Se tu, que não estavas no *coupé*, te assustas, então que faria se lá estivesses?

— Isso é assim — obtemperou a outra —, tens razão. O cónego não fala comigo, e decerto não vinha procurar-me à carruagem.

E convieram em que fosse pessoa das suas relações que confundira a libré do cocheiro, porque os criados das duas baronesas trajavam da mesma cor, casacos alvadios, bota de canhão, chapéu preto e roseta branca. A nuvem desfez-se, como todas as nuvens quando sopra a brisa forte da felicidade.

A mesma brisa servia ao cónego Justino. Ele tinha saído à descoberta vendo que o escudeiro, futuro cobrador da mitra, não dava solução satisfatória. Dissera-lhe somente que sua ama ainda conservava a quinta do Carvalhido; que às quintas-feiras ia ela sozinha; e às quartas e sábados ia com a do Rabaçal; e, cousa de duas horas depois, entravam ambas. Sabia onde o *coupé* parava, ali por perto do mirante do Vanzeller;¹¹² mas não podia averiguar mais nada, sem mover desconfiança, porque a sua ama já lhe não confiava segredos como antigamente.

O cónego escondera-se atrás de um cômodo das várzeas de Cedofeita; vira passar e parar o trem; vira saltar uma mulher, muito agasalhada em peliça e regalo branco, encapuzada; não distinguia qual fosse das duas; e entendeu com lógica indefetível que vendo ao perto a que ficara já sabia qual era a que saíra. Isto não falhava. Foi o que ele fez. Depois, seguiu em direitura à fachada da casa, e foi sair ao largo da Prelada. Viu um cavalo por mão de um garoto passeando ao sol. Coligiu que o cavalo devia pertencer aos personagens mudos do drama infando que corria no lendário prostíbulo do Carvalhido. Acolheu-se a um recanto e esperou. Era-lhe já notório o boato do barítono. Ele mesmo, do camarote dos Chamiços onde também havia um cónego seu amigo, presenciara o derriço, e de vez em quando saía a fumar e dizia:

— Anda-me assim, Custodinha, anda-me assim! — Com efeito, uma hora depois, chegava o Bartolucci, cavalgava o cavalo alugado

no Carneiro do Bonjardim, e partia às curvetas, com as esporas fitas, com um grande ar de alegria, muito glorioso.

A Felícia, sabido o caso, senhora do segredo da cunhada, teve momentos de índole generosa, uns abalos de compaixão do mano. Chegou a pedir ao cónego que não dissesse nada ao mano; que o ia atormentar e matá-lo com paixão. E o cónego: — que, pelo contrário, a maior prova de amizade que Felícia podia dar ao mano era avisá-lo, tirar-lhe de casa e fazer arruar aquela rameira de cómicos. Felícia com brandos rogos pôde alguns dias conter a explosão da vingança do Justino; mas um incidente violento abrasou o combustível daquele rancor inexorável. No *Pobres*, em uma coluna de folhetim, apareceu uma chacota a um prebendado regenerador façanhudo que virara a batina por não ter consciência que pôr do carnaz; que o tal prebendado sem *jus* nem *tino* era tão venturoso em tudo, tinha tanta sorte na Igreja e nas alcovas, que bem podia dizer-se dele o que no calão conimbricense se dizia dos jogadores felizes — que andava com a *felícia*. E que jogava tanto pelo seguro este Eurico chulo que as suas Hermengardas eram matronas abastadas, que pelos apelidos lembravam as heroínas das aventuras do Roberto *Macário*. Etc. Alusões duma nitidez de luz elétrica, muito lidas e saboreadas no *Palheiro* e no Guichard.

O cónego pôde facilmente descobrir que os apontamentos enviados ao Joaquim Torquato os dera Eusébio Macário; e, vacilando entre moê-lo ou reduzi-lo e mais a filha a uma provável pobreza, preferiu a sova para segundo lugar — um ato que requeria mais espaço e pachorra. Assim, sucedeu que, ao mesmo passo que em casa do Aguiar se forjava a vingança briosa do esposo traído, o cónego Justino escrevia um bilhete com a mão esquerda, e encaregava o leal sineiro da Sé de o entregar ao barão, quando ele recolhesse a jantar.

Por volta das 5 da tarde, chegava o barão; a carruagem viera mais cedo, com recado à baronesa que jantassem, se ele não estivesse às quatro. Ele experimentara uns ímpetos indomáveis de escavar a mulher; parecia-lhe perigosa a situação da outra baronesa; talvez

lhe batesse achando-as juntas; e, sem ter a certeza de qual das duas era a amante do barítono, uma cena de pancadaria geral poderia ser por mais de um motivo injusta. Por isso, preferia entrar em casa quando a S. Cucufate tivesse saído.

Perto de casa, recebeu a carta. O sineiro safou-se — que não tinha resposta. O barão cuidou que fosse alguma súplica de viúva de desembargador realista ou filha de general convencionado d'Évora Monte que apontava à caridade notória de sua excelência a mansarda onde a fome e o frio atormentavam as vítimas inocentes da desgraça, filha das guerras civis. Entrou no pátio já alumiado, rasgou a obreira vermelha com arremesso de enfado e leu:

Se o amigo barão quiser assistir a um dueto de barítono e prima-dona de fados e caninha verde na quinta do Araújo, no Carvalhido, vá até lá às quartas-feiras e aos sábados, entre a uma e duas da tarde; e leve o Eusébio Macário para dar esse alegrão ao pai de Custódia.

Releu, amarfanhou e meteu na algibeira do sobretudo.

Quando subia a passo rápido, vacilante, numa cegueira de vertigem, risadas estrídulas ouviam-se, por entre trechos soltos do lundum da Figueira, tocado no piano.

Entrou, de súbito, alucinado, com os olhos muito assanhados, na sala. A baronesa de Cucufate estava reclinada na otomana, desapertada, com uma perna descoberta até à liga, às cavaleiras de um dos recostos laterais, em forma de triângulo. Fumava. A Custódia, no mocho do piano, um pouco de lado, tocava distraída com a mão direita, com uma perna cruzada sobre a coxa da outra, a bamboar-se. Quando ambas, a um tempo, o viram assomar, correndo com estridor o reposteiro, houve um grito uníssono das duas. A de S. Cucufate recolhia a perna e o charuto, dous escândalos, ambos excelentes de cheiro e de feitio. A do Rabaçal erguera-se, estupefacta, tartamudeando, engasgada, idiota, sem prática nenhuma do mundo, uma lorpa, a vergonha das mulheres em crise de finos pecados.

O barão fez dous largos passos, ponderosos, abafados no tapete, e disse em altos berros:

— Isto aqui é a viela da Neta?

A baronesa hóspeda erguera-se espavorida; a esposa, recuando com a mão apoiada no piano, disse:

— Que disparate é este?

— Prégunto às senhoras se minha casa é viela de mérétrizes, hein? Si párece-lhe, mandem chamar gajos e batam fádinhos, suas dévassas!

— Senhor barão — interrompeu a de S. Cucufate —, vossa excelência perdeu o juízo ou está embriagado?

— Bébeda é você, sua bandálhona, que mi perdeu a mulher. Você até tem no Cárválhido alcouce por sua conta onde dá cama às amigas dos cómicos. Seu marido há de saber quê béstinha é você, hein? e ponha-se já em o olho da rua si não vai a pontápés a rébolir átrás desta caipora.

Neste conflito entrou Eusébio Macário e perguntou que gritos eram aqueles.

— Não é gritos nem nada — respondeu o barão —, é que sua filha e mais você ponham-se fóra di minha casa em continente; nada de paróleira, rua! rua!

Eusébio, aflito, lívido, perguntava a Custódia o que era aquilo. E ela com o rosto entre as mãos, prostrada numa *chaise-longue*, soluçante:

— Não sei, meu pai. Entrou nestes gritos pela sala dentro.

— O senhor barão queira fazer o favor de se explicar... — supplicava Eusébio.

— Não tenho que expélicar. Ponham-se fóra, e ela lá que lhe expélique. A sua filha tem casa no Carválhido e mais áquela amiga. Vão para lá convérsar à vontade. Rua! — E floreava a bengala.

— Mas, senhor barão — replicava Eusébio recobrando a integridade da sua razão apanhada numa surpresa perturbadora — Mas...

— Mas quê? quê qual? désembuche...

— Um marido não pode pôr assim de noite a sua esposa no meio da rua.

— Não pode, hein? quer ver você?

E avançava com a bengala erguida para a consorte aterrada.

E ela, a fugir para o peitoril de uma sacada: — Se me bater, grito aqui d'el-rei!

Eusébio abraçou-se nele exclamando:

— Isso não são maneiras, senhor barão, isso não são maneiras!

E ele, a escabujar, furioso:

— Eu lhi bato si mi não larga, seu Máciório!

A baronesa já tinha abertas as portadas envidraçadas para gritar. Ouvia-se um rodar de carruagem, num catrapoz fidalgo. A de S. Cucufate reconheceu o estrépito da sua parelha. Saiu da sala para pôr o chapéu e as peliças que estavam na *toilette*. A baronesa foi atrás dela a pedir-lhe que a levasse consigo, que a levasse consigo, senão que ele a matava — que sabia tudo.

E a outra — que sim, que fugisse. E enquanto o barão, numa poltrona, arquejava, com uma rubidez apoplética, articulando vozes insultadoras, desbragadas, contra as duas, a esposa abria as gavetinhas dum toucador, embolsava as joias, colares, broches, pulseiras, arrecadas, anéis que faiscavam os seus brilhantes facetados. Depois, com o pescoço muito aconchegado numa platina preta, passou por entre as criadas que choravam num grande terror, levava um lenço nos olhos, desceu ao pátio e entrou na carruagem.

Quando o trem largou, o barão ergueu-se de salto e perguntou se o trem que rodava era o seu. Eusébio disse que era a carruagem da baronesa.

— E não levou ela?

— Minha filha também foi — respondeu Macário com apurmo, cruzando os braços, armando-se para discorrer. — Faz-me agora o obséquio de se explicar?

O barão explicou, verboso e às vezes eloquente, a perfídia de Custódia, mostrou a carta anónima que recebera confirmada pelas revelações do Araújo; que todos os seus amigos sabiam da sua desonra; só ele tinha tido a simplicidade de considerar honesta a mulher que fizera rica e baronesa, tendo ela nascido para se

vender barata na sua aldeia. Esta era a essência da sua declamação que Eusébio Macário ouviu silencioso, numa estrangulação em que era maior o terror da queda que o pungir da vergonha. O barão concluiu, declarando que Custódia nada tinha de seu; que a sua fortuna estava hipotecada; que, se o José Macário lhe roubara quinze contos, a irmã não se havia de abotoar com quinze réis. Enfim que no próximo paquete ia viajar; e, quanto a ele, Eusébio, que tratasse da sua vida, porque, desde o dia seguinte, não tinha casa que lhe oferecer.

O Macário, enquanto o ouvia, pensava em recorrer aos juriconsultos, às leis, para obrigar o barão ao divórcio e à divisão dos bens, provando as alienações fraudulentas. Era tempo. Não hesitou em sair; mas prudentemente foi ao seu quarto, e levou umas ações bancárias, uns dous contos e tanto em papéis, dádivas do genro, e lucros de pequenos negócios de fundos. As suas roupas brancas e o mais de seu uso disse ao escudeiro que os mandaria buscar no dia seguinte.

Assim que Eusébio Macário saiu, o barão foi à *toilette* da mulher; e, como não achasse as joias, exclamou: — Ah! grande ladra!

Chamou a despenseira: que lhe servisse o jantar. Sentou-se em frente dos assados; queria comer, mas não podia engolir. Bebia grandes goles de vinho velho, e mastigava compotas, que revessava no prato. Não podia encarar a cadeira onde a esposa se sentara. Um gato de Angorá, muito estimado da baronesa, saltou-lhe ao colo, trepou-lhe pelo peito, e roçava a sua cara flácida pela dele. Teve então vontade de chorar. O gato, que nunca o festejara, parecia compadecido da sua desgraça. Noutra conjuntura, cuidaria simplesmente que o Angorá tinha fome. Levantou-se, quis entrar no seu quarto, e recuou quando viu o leito conjugal. Mandou pôr a parelha e saiu para casa do comendador Aguiar. Fez o relatório dos sucessos, mostrou a carta anónima, acusou o roubo das joias que valiam doze contos fortes. Somou parcela por parcela com prodigiosa memória e uma grande correção aritmética: doze contos e seiscentos e cinquenta mil réis fortes — emendou. Como havia

de apanhar as joias? Aguiar despersuadiu-o da tentativa inútil; que fizesse de conta que a dotara e lhe entregara o dote; que não lhe ia bem questionar uma ridicularia quando as suas dores eram de um tamanho tal que não podiam confundir-se com a ninharia de umas joias. Recalcitrava, protestando que havia de reduzi-la à fome; o amigo disse-lhe que uma mulher bonita como a baronesa nunca tinha fome; e acrescentava: — Não lhe é airoso a você obrigá-la a vender-se para se sustentar. Lembre-se que ela há de ser sempre a baronesa do Rabaçal.

Saiu descontente. Havia um homem que ele respeitava, que poucas vezes via, e lhe dera a secreta mágoa de nunca levar a esposa às suas *soirées* cantantes: era o Mota Prego. Quisera convidá-lo para o conciliábulo daquele dia; mas contava com a recusa. Tinha-lhe ouvido dizer, com referência ao Trigueiros: — Se minha mulher me traísse, eu só incomodaria os meus amigos para lhe assistirem ao enterro. — Procurou-o: estava a fazer paciências com dous baralhos; a Nazaré punha uns folhos de renda numa camisa de criança. Chamou-o de parte, muito desvairado, e foi conduzido ao escritório. Mota Prego segredou à mulher: — Trigueiros n.º 2, queres ver? Estamos bem aviados. Vou aplicar-lhe a receita do Trigueiros n.º 1.

Referiu miudamente os casos; mostrou a carta anónima. O Mota reparou na letra muito atento, e disse:

— É singular! Quem escreveu esta carta escreveu também a que o Trigueiros recebeu! e mais singular ainda é que já lá figura na carta do Trigueiros esta quinta do Carvalhido!

No decurso da história, por vezes, o Mota Prego esteve perdido com riso. A descrição frescal da baronesa de S. Cucufate na otomana, a descompostura que levou, desde bêbada até dona de alcouce, a promessa dos pontapés, tudo isto lhe fazia negaças de originalidade cómica, e precisava de invocar o revés da medalha — a desgraça e a torpeza de tudo aquilo — para que a represa da hilaridade lhe não fizesse aneurismas.

Concluída a narração, perguntou-lhe em que poderia ser-lhe prestável no seu infortúnio. O barão respondeu num grande desa-

lento que viera desabafar; que o remédio da sua desgraça era sair de Portugal para sempre, não tinha outro — que vinha despedir-se da sua madrinha de casamento, a sr.^a D. Maria de Nazaré. E entrou a chorar, a soluçar, abraçado no Mota Prego. Desceu ao escritório D. Maria. Viu o barão a chorar. Compreendeu que o marido não se enganara. Contemplou-o silenciosa — não ousava interrogá-lo.

— O senhor barão vai viajar e quer despedir-se de ti, Maria. O nosso amigo dá-nos esta prova de estima.

O barão abraçou-a, balbuciou poucas palavras, e ia sair quando a Nazaré disse ao marido:

— Ó Mota, acompanha o senhor barão a casa e faze-lhe companhia até tarde, que eu tenho que fazer até à meia-noite e espero-te com o chá.

O barão beijou-lhe a mão e saíram juntos.

Fernando Pais, barão de S. Cucufate, era um calvo, magro, de bigode branco, à beira dos sessenta anos, grande viajante, com distintas maneiras assimiladas no estrangeiro, na convivência dos diplomáticos. Casara-se à volta dos cinquenta anos com uma órfã, filha do seu guarda-livros no Pará, menina educada nas Salésias em Lisboa, para onde viera aos sete anos com o seu protetor. Como a defunta mãe de Leontina houvesse sido muito formosa, dizia-se que a educanda era filha do barão, e naturalmente sua herdeira — 300 contos seguros em moeda portuguesa.

Depois de uma longa viagem, o barão recolheu a Lisboa. Leontina perfizera dezoito anos, sofria relutante a violência do colégio onde já não tinha que aprender, e principiava a ensinar uma corrupção que adquirira e outra que lhe ensinava a sua natureza forte, duma masculinidade pletórica, brutal.

O barão de S. Cucufate estabeleceu residência em Lisboa, e tirou das Salésias a educanda, que as mestras alegremente viram sair. No meio século daquele homem reflexivo, discreto e cavalheiroso, houve apenas um desatino: foi o casar-se com a sua pupila, sem paixão, sem os acicates picantes do sangue, oferecendo-lhe a mão de esposo e coração de pai. A baronesa definiu tanto à letra a sua nova situação que apenas concedia a seu marido a escassa e pouco lisonjeira consideração de filha. Com seis meses de noiva, era amante dum oficial de lanceiros, a quem dava o coração douda-

mente, e concedia a mão e fortuna logo que o barão adormecesse ali pelos Prazeres o sono dos inúteis.

Mas o barão, se não adormecia de vez, também se não gastava em vigílias doentias. Incutiram-lhe desconfianças da lealdade da esposa: mudou de terra. Ele experimentara resultados maravilhosos nos seus achaques d'alma e de corpo, variando de clima; cuidava que as nevroses cupidíneas da esposa se calmariam no Porto, onde não havia lanceiros — a arma devastadora, fulminante das lisboetas de raça. A mudança deu resultados sedativos de pouca dura. A cidade da Virgem não era, por esse tempo de fermentação, das mais dignas de tão imaculada padroeira. Se não havia oficiais de lanceiros cheios de galões, bandeiras e feitiços, havia os leões de juba e luneta sem grau, os bacharéis formados vadios, os bardos sentimentais que uma vez por outra depunham a lira e içavam às janelas os ganchos da escada de corda.

A baronesa de S. Cucufate conheceu de tudo isso, um grande lote de paixões muito variado, sortido; mas o mais duradouro, o mais tenaz foi o Polca, o inventor da «chácara das brincadeiras» entre os arvoredos do Carvalhido, um major legionário da Junta Suprema, em 3.^a secção, jogador ladino. O barão vivia muito recolhido no seu gabinete de leitura; lia os viajantes célebres e escrevia apontamentos das suas peregrinações na Palestina. Sessenta anos, amor a livros, dispepsia, mulher nova — uma desgraça, quatro desgraças.

Quando as duas baronesas apeavam, ainda pálidas, aterradas, entrava o barão de S. Cucufate no pátio do seu palacete em Vilar.

— A esta hora, senhora baronesa! isto é extraordinário! — disse o velho palaciano.

— Venha ouvir o maior disparate que tem ouvido — respondeu a baronesa ao marido. — Venho espantada... Há cousas que só vistas, Fernando!

Entraram no *boudoir* da baronesa. Os seios da Rabaçal arfavam como o papo da pomba quando arrulha, numa andada fadiga.

— Queres ouvir, Fernando? Acabámos de jantar sozinhas e fomos para a sala esperar o trem. Nisto, entra o barão num despropósito furioso insultando a nossa amiga com injúrias de um perfeito lacaio; depois vai a querer bater-lhe com a bengala, acode o pai da baronesa, e ela fugiu atrás de mim. Aqui tens o sucedido. Ó menina, teu marido tem tido ataques de doudo?

— Não, que eu saiba, não.

— E beber? sabes se ele bebe muito?

— Sim, ele às vezes bebe bastante.

— Então estava borracho — concluiu a Leontina.

— Que infausto sucesso! — observou o barão. — Conheço bastante seu marido, minha senhora, nestes dous anos das nossas relações, e nunca o vi ligeiramente toldado. Não seria antes alguma intriga de inimigo oculto? alguma carta anónima como algumas que eu tenho recebido no Porto, onde esse mau costume é endémico? Seria bom averiguar. Talvez que o meu amigo senhor barão andasse precipitadamente. Eu poderia com os ditames de experimentado e com o sangue frio de amigo colocar o senhor barão num ponto de vista mais desembaraçado das nuvens ilusórias que ocultam a verdade.

Falava sempre assim num estilo pausado, redondo, garrafal.

Leontina, dum lance de reflexão, compreendeu a inconveniência de se encontrarem os dous maridos em explicações. A Custódia também lhe dava d'olho, expressando igual receio. Acharam-se um momento sozinhas quando tomavam chá. Comunicaram os seus recíprocos terrores, e a de Cucufate prometeu dissuadir o Fernando de falar ao barão. Era preciso a todo transe evitar que entre os dous se tratasse das inquilinas associadas da «chácara das brincadeiras». Este é que era o osso.

Leontina, a sós com o esposo, confidenciou-lhe que a Custódia não estava inocente quanto era para desejar; que ela, casada sem amor e pelo engodo da fortuna, claudicara com culpável fragilidade no meio de uma sociedade estragada; que o marido tivera uma denúncia e procedera com o rigor in-

digno dum homem polido. Ela esperava que ele se arrependesse do excesso e lhe perdoasse. Que não convinha por enquanto bulir na ferida que era agravá-la, por isso lhe pedia que esperasse os acontecimentos. O barão achou judiciosa a esposa, o alvitre excelente, e até natural o lapso da baronesa, dizia ele, num terreno cavado de abismos abertos pelo enxurro da desmoralização.

O escudeiro confidente do cónego, logo que pôde desembaraçar-se, foi a casa de Felícia, à hora em que era pontual a assistência do padre mais ou menos convizinho dos braços dela. Contou que a baronesa ficara em casa de seu amo, que a vira entrar aflita e vestida de modo que bem se via ter fugido como andava em casa. Não sabia mais nada.

— Não to disse eu? — perguntava o cónego com a sua vaidade de demolidor feliz — não te disse eu, Felícia, que as duas bandoleiras faziam vasa? Ora, trata-se agora de pôr a Custódia à disposição do cómico. É a maneira d'ela se ir juntar ao mano José Macário lá por esses reinos fora. Isto vai bem.

Felícia pediu-lhe que os deixasse; que a Custódia estava bem castigada, e mais os Macários; que o seu pobre irmão devia estar muito apoquentado — muitas lástimas generosas e boas. Quando ela esperava resposta, o cónego começava a ressonar espumando borbotões de saliva, no seu dormir sereno, como se tivesse exercitado, numa exuberância de predestinados e dum ardente amor do próximo, as três virtudes cardeais e mais as outras. Felícia compôs-lhe a dobra do lençol, acendeu a lamparina, fez as suas orações sentada na cama, escorregou pelos lençóis tépidos e adormeceu.

O cónego saiu de madrugada, muito cauteloso contra o frio e contra a opinião pública — muito embuçado no seu capote azul abandado de veludo. Recolhido a sua casa na rua Chã, mandou chamar o sineiro, e no entanto escreveu algumas linhas que dobrou em carta, sobrescritou e entregou ao seu fiel medianeiro.

Quando o barão de S. Cucufate, também madrugador, descia do seu quarto para o gabinete de leitura, recebeu da mão do escudeiro estes «bons-dias» epistolares:

Amigo barão! Como tem em casa as duas baronesas, mande chamar o Polca e mais o Bartolucci, e escusa de pagar a renda da quinta do Araújo, no Carvalhido. Economias, economias, amigo barão.

Cartas anónimas, por via de regra, não o inquietavam. Tinha uma grande força de carácter metódico, um grande egoísmo do seu sossego, e ideias patológicas muito sensatas acerca da funesta influência da alma inquieta nas dispepsias. Desta vez, porém, semelhante revelação abalou-o. Esta alcunha de *Polca* não lhe era nova. Ele tinha lido aquele nome em outros avisos menos perentórios. Quanto à *quinta do Araújo* não percebia, e a ingerência do barítono na intriga também lhe era uma novidade. Precisava esclarecer-se; e o mais óbvio foco de luz nestas pesquisas pareceu-lhe que deveria ser o barão do Rabaçal. Vestiu-se à pressa e saiu.

O barão do Rabaçal e mais os criados emalavam a bagagem para sair, quando o outro se anunciou. Fecharam-se no escritório e conversaram largo tempo. O marido de Custódia expendeu o depoimento do Araújo quanto à sua inquilina da quinta do Carvalhido. Inundou-o de luz até ao excesso de lhe dizer o de S. Cucufate que estava satisfeito. Perguntou-lhe o do Rabaçal:

— E o amigo quê vai fazer agora?

— Eu lhe digo, senhor barão e meu prezado amigo. Como não sou marido da senhora baronesa do Rabaçal, vou delicadamente, e com muito pesar meu, dizer-lhe que me não convém a sua companhia; sua excelência seguirá o destino que lhe convier, e eu muito folgarei saber que seguiu o mais acertado. Quanto à outra, que tem o meu nome, procurarei defendê-la dos aliás justíssimos insultos da sociedade; e defendo-a porque vai nisso a defesa do meu nome. A lama que lhe atirarem à cara também me há de salpicar

a minha. Sairei amanhã com ela para Lisboa, e de lá para Paris, sem dizer a razão por que o faço — o que seria uma superfluidade banal. Parece que está espantado a ouvir-me, amigo e senhor barão!

— Sim, eu mi éspanto!

— Vou responder à sua admiração. Um homem rico que compra, com os efeitos legais do sétimo sacramento, o corpo de uma senhora pobre, desconhece que esse corpo vendido tem um contrapeso venenoso que se chama o coração. Esse contrapeso é o que faz depois os desequilíbrios. Se a mulher vendida ao luxo e às invejas sociais tem a rara virtude de devorar em si a peçonha do coração, o marido está salvo da desonra; porém, se ela é vulgar e sucumbe às tentações que as mesmas pompas lhe facilitam, é o marido quem traga o amargor desse veneno que comprou como contrapeso. Minha mulher está no caso das segundas, das vulgares. Ela era pobre e tinha dezoito anos; eu era rico e tinha cinquenta. Propus-lhe a compra, vendeu-se; não pôde resgatar-se; vingou-se, sem querer talvez vingar-se — é uma desgraçada. Não sei se a senhora baronesa do Rabaçal está nas mesmas condições. O senhor barão decerto não, porque é novo e forte; mas, quanto a sua excelência, lamento-a. Seja como for, se nesta triste conjuntura os meus serviços podem ser de utilidade para o senhor barão e de muita honra para mim, queira mandar-me.

O do Rabaçal, quando o excêntrico marido já ia longe, estava ainda num espasmo, a digerir como um ruminante aquelas ideias mentecaptas, idiotas; e orientado por um bom senso, o comum, concluiu, em paz com a sua consciência e com a razão universal, que o barão de S. Cucufate era um asno incomparável.

Entretanto, as duas baronesas estavam assustadas. Sabiam que às 8 horas da manhã viera uma carta e o barão imediatamente saíra. Custódia conjecturou que era do marido a carta; Leontina, menos receosa, muito familiarizada com o sistema do Fernando, esperançava a sua amiga; Custódia, duma vez, emergia das suas preocupações inquietadoras e disse: — Assim com'assim, não me importa. Se sair de tua casa, vou-me embora com o Bartolucci.

Adeus, regalar! Arrumou! É destino. — E fez uma pirueta. Era nos gestos, na palavra e no sangue a Custódia da botica — uma expansão incoercível, triunfal, da raça e da natureza.

O barão entrara serenamente e cumprimentara a sua hóspeda com a risonha cortesia usual.

Araújo & Filhos quando souberam que a baronesa do Rabaçal habitava a casa do Carvalhido e francamente recebia o cómico, à meia-noite e ao meio-dia, e passeava com ele, às escâncaras, nos pinheirais vizinhos, aconselharam-se no sentido de expulsá-la, dar uma satisfação ao Porto e purificar a sua casa infamada. O Código protegia o escândalo. A mulher do brigadas tinha alugado até ao S. Miguel, e os sentimentos honrados d'Araújo rebentavam temporãos demais, em março.

A estação lírica estava a terminar. O barítono tinha sofrido algumas pateadas demonstrativas da indignação de uma parte da plateia, não pelos defeitos da garganta — que ele cantava cada noite mais afinado —, mas por outras causas sujeitas à alçada da Moral das torrinhas e da inferior.

Dizia-se que ele deitara a perder duas famílias de primeira ordem; que o barão do Rabaçal fugira envergonhado para Vassouras; que o de S. Cucufate saíra para Paris em virtude de achar a esposa complicada — dizia o desembargador João Elias — nas lupercais gentílicas da Rabaçal no lupanar do Carvalhido. Por isso o pateavam e atiravam-lhe estalos, batatas e alguns patacos.

Eusébio Macário hospedara-se na *Estrela do Norte*. Já não frequentava a Assembleia portuense. Mortificações, desgostos sérios agravaram-lhe a hepatite crónica, e incómodos de rins, apertos, areias sobrevieram. Sabia que a Custódia, quando a Leontina saiu,

se aposentara no Carvalhido, e receava que lhe mandasse pedir alguma parte do seu mesquinho capital. Ele ignorava que a filha, na atrapalhação da fuga, se abotoara com as joias. Meditava em retirar-se para Basto e ir viver na sua casa de S. Tiago. O boticário que lha tinha arrendado saía com a farmácia, porque não vendia nada, exceto algum óleo de mamona, emplastos de rã e pomada mercurial. Era da escola moderna; tinha muito remédio estrangeiro, e o cirurgião de Cavez, um velho raspalhista, antigo alveitar, desacreditara-o. Eusébio Macário sentira com isso um certo júbilo de orgulho científico.

Custódia encarregou o brigadas de procurar-lhe o pai. Escreveu-lhe, queria vê-lo antes de sair de Portugal, e consultá-lo sobre a maneira de vender uma parte das suas joias e despedir-se enfim. Ela sentia o que quer que fosse de saudade, de piedade filial. Acusava-se de atirá-lo abaixo da importância que adquirira no Porto. Imaginava-o muito infeliz vendo a sua família, em tão pouco tempo, caída e esbandalhada, cada um para seu lado. Queria vê-lo, dizer-lhe um adeus eterno.

Eusébio ficou admirado quando leu o período a respeito das joias, que valiam mais de doze contos, trinta e tantos mil cruzados — ele sabia o valor das joias; vira pagar as mais preciosas em Lisboa. Com esta notícia e soros de leite melhorou do fígado e foi ao Carvalhido de cadeirinha. Quando chegou à porta, às 9 horas da manhã, sem ter convenientemente avisado, saía o barítono, e a Custódia vinha acompanhá-lo à porta, de penteador de rendas e tranças soltas, com as faces quentes do almoço e dos últimos beijos. O pai entrou pesado, melancólico, carrancudo.

— Podes limpar a mão à parede; fizeste-la boa, Custódia!

— Não me venha afligir, meu pai — interrompeu a baronesa desabrida. — Agora, acabou-se, não há remédio, é pegar-lhe c'um trapo quente. Com que então, o tal senhor barão safou-se com tudo?

O pai explicou as tratantadas que ele fizera com os amigos. Que fora consultar o doutor Almeida e Brito, o doutor Fiel, o doutor Guimarães e não lhe achavam furo; que o aconselharam

a não gastar vinte réis em papel selado; que o barão tinha a faca e o queijo. — Como pudera ela apanhar as joias? — perguntou abrindo um sorriso satisfatório, de aplauso. — Que fizera muito bem, porque os brilhantes valiam mais de doze contos, e ela com essa fortunazinha podia viver muito bem, sem mexer no capital. Que, se ela quisesse, entraria como sócia capitalista da fábrica de panos de Lordelo, dez contos podiam render vinte e cinco ou trinta por cento, três contos ao ano, e talvez mais, pondo-se ele à frente do negócio, e doutros bicos-de-obra que podiam dar muito cacau.

A Custódia deixou-o falar, e disse secamente que estava resolvida a sair de Portugal, pôr o seu dinheiro a render lá por fora; e viver com pouco onde a não conhecessem nem tivessem visto com carruagem e com as suas joias; que no Porto não estava mais que oito dias; e, logo que realizasse a venda de alguns brilhantes, ia-se embora.

— Então vais c'ò troca-tintas do comediante? — perguntou Eusébio Macário.

— Já se deixa ver. — E, numa grande irritação, repeliu a injúria feita ao Bartolucci; que era um conde; que o troca-tintas era o irmão da Felícia; que se arrependia já de ter mandado chamar o pai; que a deixasse, que não queria saber de desgraças; que tanto ele como o José cuidavam que ela era uma besta de carga, pronta para os servir nos seus interesses, e que não havia de ter coração para amar a quem quisesse. Que estava farta de aturar o Bento, de levar bofetões; que levasse o diabo a riqueza; que parece que lhe tinham tirado dez arrobas das costas; que nunca fora tão feliz, e que não tinha inveja às mais pintadas.

— Valha-te o diabo! — resmoneou Eusébio; e muito comovido: — Aqui está pra que um pai cria uma filha!

E ela: — Então que quer? são destinos, nem mais nem ontem; mas, se eu lhe estou a dizer que sou feliz, que tem vossemecê com isso? Quando me vir queixar, fará esses engranzéus. É boa!

— Mas podias viver honradamente, empregares o teu dinheiro com juízo, e pode ser que o barão, passados alguns meses, voltasse pra ti.

— O quê? Má peste o lamba! Eu quero cá mais contratos nenhuns com tal ladrão! Casa comigo, faz-me baronesa, muito luxo, muita farófia, e por fim, se eu não tenho a habilidade de meter as joias na algibeira, ficava pr'aí, eu sei cá? ia ganhar a vida por casa dos abades, como a Felícia e a Troncha, hein?

— Afinal, estás perdida — concluiu Eusébio.

— Alguém me há de achar, não se apoquente — refutou a filha, rufando com as unhas nas vidraças, e olhando automaticamente para dous cevados que se afocinhavam, mordiam nas calugas e davam guinchos. Os galegos da cadeirinha, sentados num cômodo, apedrejavam os porcos, coçavam as pernas nuas e davam cascalhadas. Nas franças já desabotadas das acácias e celindras, passarinhos volitavam à procura das conhecidas ramarias dos seus ninhos. Eusébio sorvia pitadas com uma sofreguidão muito sibilada nas fossas nasais obstruídas. A mulher do brigadas abria a porta do pomar e metia no casebre da lenha o cirurgião Cruz. Um gato amarelo, muito magro, escorraçado pelos galegos, passava a fugir arripiado com a cauda no ar, muito esfolada. Esta visão pôs uma saudade no coração de Custódia; voltou-se de repente para o pai, e perguntou: — É verdade, que fim levaria o meu gato branco? — Eusébio, sacudindo os grânulos do tabaco da lapela: — Eu sei lá que fim levou o gato branco! Levou-o o diabo como a tudo mais! Enfim — e ergueu-se —, adeus, Custódia. Eu volto pra Basto...

Ia dizer alguma cousa tocante, a voz tinha as vibrações soluçadas do adeus derradeiro, quando Custódia viu chegar do lado da Prelada uma cadeirinha, e exclamou:

— Ai! a Nazaré!... e eu de penteador!...

Saiu a recebê-la no patamar, com um certo acanhamento, envergonhada, afrontada pela mulher honesta, a sua madrinha de casamento, que tantas vezes lhe dissera que a resignação era a felicidade. Eusébio Macário estava a enxugar os olhos e punha-os muito lastimados na Maria de Nazaré, como a suplicar-lhe que salvasse sua filha. Pensava, se o ensejo viesse de molde, em propor de

novo a Custódia, com aplauso da outra discreta senhora, o negócio da fábrica de Lordelo, os dez contos com trinta por cento seguros.

A Nazaré, enternecida pelos gestos lastimosos do velho Macário e pela especial natureza da sua triste mensagem, principiou chorando. A Custódia não podia airoosamente esquivar-se ao seu quinhão de lágrimas naquela cena. Compungiu-se a seco; tapava os olhos rebeldes com os punhos do penteador.

— Que infelicidade, senhora baronesa, que infelicidade! — disse D. Maria.

— Então que quer, minha senhora? — disse a outra com os olhos no regaço. — São destinos...

— Não há destinos, senhora baronesa; o que há são ilusões, enganos, sonhos de felicidades que o mundo não tem. Enfim, não venho mortificá-la com reflexões tardias quanto ao passado; venho pedir-lhe que me ajude a remediar o futuro.

— É isso, é isso, sr.^a D. Maria — concordou Eusébio, batendo com três dedos na tampa da caixa do rapé —, é o que eu já lhe disse.

— O senhor barão — prosseguiu D. Maria — quando meu marido se foi despedir dele a bordo, disse-lhe que, a bem da senhora baronesa, o autorizava a fazer o que quisesse, de modo que a sua dignidade ficasse salva. Parece-me que entrando a senhora num convento...

— Convento! credo! nem de rastos, minha senhora, nem de rastos; escusam de se cansar. Eu antes queria esganar-me, se não tivesse outro remédio. Por estes oito dias, vou sair de Portugal, estou resolvida.

— Mas, se não pode ou não quer entrar num convento, aceite a minha casa, a minha franca amizade até ver o que seu marido resolve: ele está ainda em Lisboa, e só parte para o Brasil no pacote de maio. Escreve-se-lhe...

— Muito agradecida, minha senhora. Tanto se me dá que ele esteja como que parta. Eu é que vou, e cá lhe deixo tudo; levo as minhas joias; faço de conta que mas deu um brasileiro com quem estive amigada três anos; ainda assim foi preciso pagar-me pelas

minhas mãos como os moleiros, senão ficava com o vestido do corpo e mais nada. Pôs-me fora de casa com uma bengala, o carreiro! Se cá estivesse meu mano José, quebrava-lhe os ossos. — Berrava, muito inflamada, de pé, pondo às vezes a mão na cintura, conchegando o penteador para o peito quando os gestos largos a descompunham. A Nazaré parecia assombrada, com uma cara de medo, a olhar para aquela mulher, que proferira uma expressão que ela ouvira uma só vez a uma regateira no pátio do mosteiro de S. Bento. «Amigada» tinha dito a irmã do Fístula. Ai! que punhalada sofreria a candura daquela incauta senhora, se lesse este livro e outros que naquele tempo as regateiras iam compondo em frases soltas pelo pátio de S. Bento e ali pelas barracas da Ribeira!

Toda a piedade de Maria de Nazaré retraiu-se, emudeceu. Parecia corrida, envergonhada da sua situação em frente da mulher do penteador, das tranças soltas, saias curtas e sapatos brancos de laço, ejaculando vocábulos piorados pela violência dos gestos. Lembrava-se da outra desgraçada, da Pascoela Trigueiros que, na sua presença, em circunstâncias análogas, se tornara, pela humildade, tão digna de compaixão.

Ergueu-se, recuando para a porta, com um encolhimento medroso, e disse:

— Sinto vir afligi-la, senhora baronesa. Cuidei que poderia ser-lhe prestável.

O Macário abriu a porta, ela entrou apressada na cadeirinha; e a Custódia, muito agitada, a passear, esfregando as mãos: — Vinha cá a santinha de pau caruncho cantar-me lérias! Anda que levaste pró teu tabaco! Convento! toma, que te dou eu! Ela, como foi criada de freira, anda a oferecer a espiga do convento a toda a gente. Pra cá vem de carrinho. O mano José dizia-me que foi ela quem meteu a Pascoela em Santa Clara, naquele inferno! Que trate da sua vida, e que não ande feita irmã da caridade pelas casas a converter pecadoras. Valha-te uma figa, impostorona!

Eusébio concordava com a filha — que sim, nada de convento, enterrar-se viva, quando tinha muito que comer cá fora na sua

liberdade; mas que a ida para fora do reino com o cantador era a vergonha das vergonhas; que se deixasse estar no Porto, a viver dos seus rendimentos, bem administrados. Que não perdesse de vista o negócio da fábrica de Lordelo.

— E ele a dar-lhe e a burra a fugir! — disse a Custódia, dando aos ombros — Já lhe disse que me vou embora, que não quero saber de fábricas. Que birra! Queria vossemecê que eu fizesse triste figura no Porto? É o que essa gente espera — essa canalha que tem pateado o Bartolucci porque eu não dei cavaco a nenhum desses pelintras e o dei a ele! Dessa não se hão de eles gabar. Ele é que é o meu marido, o homem do meu coração. Se casei com o outro, foi o pai e mais o José que me levaram a isso para fazerem figura; mas quem amolou as palanganas fui eu, foi a desgraçada que levava as bofetadas, e afinal, casando muito rica, não tinha nada de seu. Arre c'os tais brasileiros, que fazem às mulheres o que fizeram às chinelas e aos barretes que levaram pró Brasil! Corja!

XVII

A baronesa do Rabaçal saiu para Itália com o barítono e outras partes cantantes. Viram-na embarcar alegre, elegante, desenvolta e formosa, pelo braço do italiano soberbo da conquista que fizera nos domínios destes barões assinalados da ocidental praia. À porta da alfândega, no cais do embarque, estava um homem que ria como o Mefistófeles quando entregava a Margarida ao Fausto: era o cónego Justino. Ela, que nunca mais o vira desde que saíra para Lisboa, reconheceu-o naquele rir zombeteiro, injurioso; mas não o imaginou a alavanca inflexível de tamanho desabamento.

Eusébio Macário teve um novo ataque benigno de fígado, restabeleceu-se, liquidou as suas ações bancárias e achou-se com um capital de dous contos e oitocentos mil réis. Fez planos, cálculos, operações matemáticas, e achou que em Cabeceiras de Basto, onde formigavam morgados em via de ruína, poderia obter vinte e cinco a trinta por cento pelo seu dinheiro. Além disso, tinha uns torrões arrendados que lhe davam quatro carros de milho, e vinho para casa, afora feijões e batatas. — Não é muito, pensava ele, mas um filósofo com pouco se arranja. — Ele estava filósofo.

Por esse tempo morrera em Massarelos um boticário muito antigo, o Gaudêncio, que tivera fama como autor de uma *Conserva* para doenças secretas, que ele plagiara duma PHARMACOPÊA LUSITANA impressa, dum frade crúzio antigo. Os herdeiros anunciaram que vendiam a botica com todos os seus acessórios. Ninguém

falara ao anúncio. Os farmacêuticos do Porto não a queriam pelo carroto, diziam. Eusébio vira o anúncio, tinha conhecido em uso próprio a *Conserva* do Gaudêncio, e o abade também se dera bem com ela, posto que o Viegas tratasse de burro o boticário de Massarelos. Não lhe pareceu absurdo nem indecente descer das aspirações de camarista portuense à sua antiga tranquilidade de boticário sertanejo.

Foi examinar a botica. Riam-se-lhe os olhos quando encontrou num garrafão a *Água magistral* para dor de pedra, que se faz com trinta e seis limões galegos, folhas de rábãos, e outros ingredientes; a *Água para a sarna*, feita de tanchagem e solimão; *Leite virginal*, composto de litargírio subtil e vinagre branco; a *Conserva magistral para tísicos*, feita de carne de cágados, aljôfar preto e peito de galinha. Lá estava a *Triaga de esmeraldas*, antídoto de todos os venenos; *Sangue-de-drago*, que ele nunca tinha visto, e costumava dizer, quando era casado, que havia de sangrar a mulher, a Rosa Canelas, para se fornecer de *Sangue de dragão*. Em unguentos, uma riqueza. Havia o *Unguento mundificativo de nervos*, que serve para alimpar os nervos sujos — uma cousa muito simples feita de mel, de terebintina e favas; o da sarna, o das lombrigas, os três unguentos desopilativos do estômago, do baço e do fígado; o *Unguento de fezes de ouro*, muito caro e de grande efeito em infeções adversas ao nariz e à moral. Grande variedade de unturas e troquiscos, a começar pelo de *Alipta muscata de Nicolas* e a terminar nos *Sublinguais para tísicos*, composto de beldroegas e sementes de marmelos. Achou o *Pepino de S. Gregório*, o *Cucumer asininus* de Galeno, uma raridade de que ele duvidava por falta de exemplares do tal pepino. Quanto a pílulas, uma profusão incomparável. De pós, tudo quanto há de melhor: — *Pós de João de Vigo*, os do *Papa Benedito*, ótimos para flatos, feitos de coentros; uns que corroboram o ventre, outros que secam a sarna; nem lhe faltavam os *Pós para estofar barretes*, feitos de macela e cúbebas, infalíveis para moléstias da cabeça. Pelo que respeita a *Óleos* todo o encarecimento seria curto, uma opulência de Nababo farmacêutico. O *Óleo de marme-*

los, o de *alcaparras* e o de *alacraus*, achavam-se num estado de conservação invejável, superior a todo o elogio; o de *rãs* e o de *raposa*, um pouco avelhentados. Eusébio cheirava-os e apalpava-os com dedo científico. Convinha-lhe, ótimo negócio, mas desfazia em tudo — que só tinha a aproveitar as garrafas, que já ninguém usava daquelas moxinifadas revelhas. Tão finamente se houve que levou por duzentos mil réis a botica, incluindo um S. Miguel com as balanças, encarnado de novo, com uns olhos escarlates, tão inflamados, que pareciam pedir unguentos.

Saiu para Cabeceiras de Basto Eusébio Macário com a botica em três carros de bois. Fez-se um grande espanto quando o viram assistir à descarga dos caixotes. Brasileiros concorreram à porta da botica cheios de ironias e ódios cediços. Perguntavam-lhe pela excelentíssima baronesa, pelo excelentíssimo genro, pelo ilustre cavalheiro José Macário e por D. Felícia. Como ia o cónego Justino? que fazia o pândego? se era certo estar eleito bispo *in partibus?* perguntava o bacharel a quem a Custódia devolvera a poesia a embulhar banha do cabelo. Macário começou a afinar com a troça e a fechar-se em casa, muito arreliado, com um grande arrependimento de voltar àquela cafraria. De noite, garotos assalariados iam bater-lhe à porta: — Dá cá a Custódia, ó Macário; dá cá o Fístula; dá cá uma onça de jalapa e a baronesa do Rabaçal!

Sentia-se seriamente doente; e uma velha criada que levava do Porto, assim que se viu naquele banzé e a não deixavam dormir de noite os pagodistas, despediu-se com medo de endoudecer. Eusébio ficou sozinho. Lembrou-lhe a Troncha. Onde estaria a Troncha? Informaram-no de que ela vivera com o encomendado, o padre João da Eira; mas, quando veio abade novo com criada nova, a Eufémia fora para a sua casa, dali um quarto de légua, onde estava vivendo muito bem da costura e dos juros do seu conto e quinhentos.

Mandou-a chamar. Humilhado pelas afrontas dos seus patrícios, contou-lhe ingenuamente as desgraças da sua família, o seu isolamento, a doença, muito quebrantado de coragem para lutar com a perseguição. Pediu-lhe enternecidamente que viesse para

a sua companhia, que lhe administrasse a sua casa e a sua fortuna. Mostrou-lhe o seu dinheiro, seis mil cruzados que queria empregar a juros, sendo ela a diretora desse negócio. A Eufémia animou-o, que sim, que viria para a sua companhia; que não se lembrasse mais da família — uma canalha brava —; e tratou logo de matar um frango para lhe fazer um caldo, foi ao Arco comprar géneros, vitualhas, espécies, e encheu aquela casa triste da sua atividade, de bons cheiros culinários, da sua alegria, abstando-se da prodigalidade trivial dos seus carinhos, funestos às enfermidades viscerais. A hepatite do boticário, não obstante, prolongou-se com os desregramentos da boca. Entretanto a Eufémia era procurada todos os dias por gente limpa, filhos segundos que empenhavam os relógios, morgados que traziam anéis de diamantes das esposas, contratadores de gado que assinavam escritos de dívida, funcionários que descontavam os ordenados, lavradores executados pela fazenda, jornaleiros que empenhavam o seu fato domingueiro, e padres que jogavam nas feiras. A banqueira de Eusébio convencera-o de que dentro de dous anos lhe havia de dobrar o dinheiro, ou ela não era a Eufémia. E ajuntava: — Eles dizem que eu tenho quinze centos; mas, aqui que ninguém nos ouve, tenho mais de trinta e cinco, e Deus sabe o que eu teria, se o ladrão do Crispim me não comesse quatrocentos mil réis. — Ela difamava o insolúvel Crispim, sempre que podia, com indelével rancor.

Fez-lhe muito boa companhia. Enquanto ele teve febres noturnas, pôs o enxergão no tabuado, dormiu no seu quarto para o cobrir, enxugar-lhe os suores e dar-lhe as beberagens tépidas. Depois, quando a convalescença corria regular, retirou a cama, castamente, e tinha toda a cautela em não espertar pensamentos inconvenientes à higiene e restauração sanitária do fígado e rins. Eusébio Macário admirava-lhe a cordura honesta, a reformação de costumes.

Nos projetos velhacos de Eufémia insinuara-se um pensamento digno, restaurador da sua ruim fama, quando um qualquer patusco lhe disse um dia: — Olha se ele casa contigo para acabares com essa má vida. — Pode ser sem ser milagre — disse ela muito den-

gosa; e começou a martelar dia e noite nessa ideia. Ele era velho e doente, passava de sessenta bons, tinha seis mil cruzados ao ganho, em bons soberanos; dentro de dous anos, ou três o mais tardar, dobrava os pés com a cabeça. Se os filhos dele viessem a herdar, metade sempre seria da sua viúva. E de mais a mais, casada era outra cousa; outro respeito, sempre era madrasta duma baronesa; talvez lhe dessem *Dom*; e metia muitas figas pelos olhos à gentalha de Cabeceiras de Basto. Mas um medo judicioso atravessava-lhe os cálculos — uma desconfiança fisiológica: — seria ele invulnerável às flechas de Cupido? A idade pô-lo-ia na linha da célebre castidade do teólogo Orígenes, e do sábio Newton? Ela formulava estes quesitos em termos mais correntios, sem lardo de história nem de mitos. E fazia experiências cautelosas, delicadas, um tanto infelizes. Eusébio parecia refratário, mau condutor das descargas elétricas, como o rato molhado de Franklin; não sentia o fluído das duas botelhas de Leyde, os peitos altos da Troncha, uma bateria, assentada nas rijas barbas de baleia do colete. Os seus olhos não se pasciam muito tempo naquelas uberdades de carnes moles, flutuantes e tosadas, como montados maninhos. Se alguma vez a lembrança de uma engomadeira do Carregal, sua paixão única no Porto, se associava às saudades do *Palheiro* e às deceções do Município, ele demorava algum tanto a vista suspeita nas ilhargas redondas da Eufémia, mas esfriava-se com reflexões sedativas sobre a sua Moral, e o seu fígado e os seus rins. Estas lutas íntimas dos dous *eus* eram raras e passageiras. Ela desviava-se com uma dissimulação pouco menos de virginal quando lhe pescava no quebrado da vista, nos gestos lânguidos uns tons de volúpia meiga, a pedir ternuras, abraços, desvarios serôdios. Estas ligeiras demonstrações, com o andar do tempo e com as resistências delicadas, com a grande intimidade e com o regresso da perfeita saúde, tornaram-se mais despóticas e por vezes impetuosas. Sentados à lareira nas noites grandes, no mesmo escabelo, tinham umas reclinações casuais, uns contactos em que ele parecia esquecido da postura da mão no quadril da Eufémia, e ela com a perna de muito bojo em cima da trempe do

fogão também se descuidava da usual decência; mas, de repente, dava um *ai* de pejo, recolhia a perna, e com um garboso derrengue de cinta esquivava a anca à pressão dos dedos distraídos de Macário.

Assim que ela julgou maduro o seu projeto, começou a dizer de vez em quando que precisava descansar, cuidar de si, meter-se na sua casinha, e cuidar da sua alma, que já era tempo. Eusébio consternado com esta ameaça ao seu desamparado futuro pedia-lhe que tomasse criada e não trabalhasse; que tinham muito de que viver, graças ao céu; o capital dele crescia a olhos visto, que o não deixasse; quanto à sua alma tanto podia tratar dela em sua casa como na casa dele. Eufémia insistia: que tinha quarenta anos, e desejava passar o resto da vida com honra; que assim é que ela entendia tratar da sua alma — que lá para beatices não tinha embocadura. E contava-lhe que o João da Levada, um lavrador remediado e viúvo, a perseguia para casar; mas que ela fugia com o que quer que fosse à seringa porque ele devia um conto e duzentos e era pelo dinheiro que a queria. Esta revelação fermentou no espírito de Eusébio a suspeita de que Eufémia gizara o plano de casar com ele.

O boticário não era mais severo com a sua honra do que tinha sido com a do filho. Os cálculos da sucessora de Felícia na abadia não o indignaram; pelo contrário, sentiu-se lisonjeado na sua individualidade física que uma mulher ainda fresca, com o necessário para viver abundantemente, a fim de se fazer honesta, o quisesse para marido. Ela continuava a suspirar pela vidinha honrada, e lamentava-se, praguejava contra a choldra dos brasileiros que andavam a espalhar que ela era amante do boticário, e só Deus sabia que nunca lhe passara pela cabeça tal ideia.

— Vossemecê bem sabe que não — fez ela quási a chorar.

— Pois, Eufémia — disse Macário, lançando-lhe os braços às almofadas frescas das espáduas — podés dizer a esses patifes que não és minha amante, mas sim que és brevemente minha esposa, e que hás de sê-lo logo que se leiam os banhos.

— Ó idolatrado! — exclamou ela; e, dando-lhe nos beijos hilariantes muitos beijos sorvidos: — Ó idolatrado!

O cónego Justino, quando soube que Eusébio Macário tinha casado com a Eufémia Troncha, disse ao cónego Veloso: — Estes Macários eram cruéis! Vem o filho e casa-se-me com uma, vem o pai e casa-se-me com a outra! Uma guerra implacável! Seja tudo pelo divino amor de Deus!

FIM

NOTA EDITORIAL

Em carta de 5 de setembro de 1883, dirigida a Luiz Augusto Palmeirim, Camilo Castelo Branco explica assim as razões de ter deixado de publicar na casa editora de Ernesto Chardron:

Rompi com elle (Chardron) as minhas relações commerciaes. O homem tem feito importunas diligencias por reatal-as; mas eu offendi-me com a recusa de um livrinho *historico*, tendo elle explorado ha annos a minha incapacidade para negociar. Indignou-me que elle se quizesse dar o direito da escolha, impondo-me novellas realistas bem apimentadas.¹

Na opinião de Júlio Dias da Costa, que me parece bem fundamentada,² tal «livrinho histórico» não poderá ter sido outro senão o que, em carta não datada, Camilo propõe a Chardron, mas que aparecerá editado pelo editor Costa Santos. Escreve Camilo:

Estou concluindo um livrinho intitulado:

D. Luiz de Portugal
neto do Prior do Crato
(quadro historico)

¹ Costa, *Escritos*, p. 45.

² «É evidente que o *livrinho historico*, é o *D. Luiz*, porque a carta a Palmeirim é de 5 de Setembro de 1883 e a *advertencia* com que abre o livro tem a data de 1 de Agosto do mesmo ano. Acresce que o *D. Luiz* appareceu, de facto, nesse ano e é, dos livros de Camilo, o primeiro editado por Costa Santos.» (Costa, *Escritos*, p. 45).

Deve ser um vol. de 100 paginas, no formato e typo dos *Ratos*. É o resultado de um grande estudo, e não pequena despesa que fiz mandando copiar docum.^{tos} desconhecidos na Bibliotheca de Evora, onde se acham os manuscriptos originaes. Não sei se agradará; mas talvez agrade p.^r que tem ares de romance.

Se o meu am.^o o quizer editar, parece-me que o deveria vender a 300 rs., e dar-me o valor de 500 ex. pela propriedade. Se lhe convem, envio-lhe brevem.^{te} o manuscrito completo.³

Não o quis Chardron, e esta recusa, não sendo a primeira do editor ao escritor, punha fim a uma relação que se estendia já por vários anos e vários livros. Alguns publicados, outros não. «Eusébio Macário» e «A Corja» estão entre os títulos que Chardron publicou. Mas foram ambos incluídos em volumes compostos, cuja configuração Camilo não conseguiu impor totalmente.

A história da evolução dos dois volumes, publicados em 1879 (1.^a edição do primeiro tomo), 1880 (2.^a edição do primeiro tomo) e 1881 (segundo tomo), pode ser reconstituída graças às cartas que Camilo escreveu a Chardron, cujas respostas desconhecemos, mas que podemos razoavelmente deduzir. O filme desta evolução dá-nos, por outro lado, abundantes detalhes sobre processos de planeamento e escrita, negociação entre escritor e editor, composição, preparação da receção, crítica, público etc.

Antes, haveremos de juntar alguns traços ao retrato do editor Ernesto Chardron, já esboçado pelo escritor, ao explicar o rompimento. Como diz Henrique Marques, em 1925, este editor «sabia ser principalmente commerciante» e «só gostava de editar os romances de Camillo; quando este lhe offercia livros de outro genero, fazia caretas, e Camillo lá os ia offercer a outro editor».⁴

³ Costa, *Escritos*, p. 110.

⁴ Marques, *Os Editores*, p. 91.

É o escritor a fonte de duas histórias reveladoras do caráter comerciante a que alude Henrique Marques. A primeira envolve o romance *A Freira do Subterrâneo*, que Camilo terá mandado imprimir a suas expensas e do qual terá vendido 700 exemplares a Chardron, para revenda na livraria. Quando estes se esgotaram, o editor não terá hesitado: imprimiu o romance como se fosse dele e continuou a vendê-lo.⁵

A segunda história envolve outra obra que Camilo publicou também por conta dele: *A Suicida*. Os exemplares ficaram na livraria para venda, mas, como não lhe pertencia, o editor tê-los-á colocado à venda por preço exorbitante, para desencorajar o escritor de editar por conta própria.⁶

Na verdade, antes de avançar para a edição do opúsculo, em 1880, Camilo tentou repetidamente incluir o texto de *A Suicida* nos volumes em que foram publicados «Eusébio Macário» e «A Corja». A primeira tentativa data de 26 de abril de 1879: admitindo o escritor que o texto já tinha sido publicado nas *Noutes de Lamego*, com o título «A formosa das violetas», e em *Artes e Letras*, propõe ainda assim a publicação no volume em que primeiro saiu «Eusébio Macário». Não o tendo conseguido, volta a tentar convencer Ernesto Chardron a incluir o texto no volume que inclui «A Corja», em 1881. Desta vez, em carta datada de dezembro de 1879, oferece mesmo um desconto, atendendo ao facto de o texto não ser inédito:

Como na 2.^a parte ha um trabalho que publiquei nas Artes e letras de 1873 a resp.¹⁰ da celebre suicida Eliza Basto, reputo este volume em menos 50\$000 rs. que o do *Gonçalinho*.⁷

⁵ Marques, *Os Editores*, p. 88.

⁶ Marques, *Os Editores*, p. 90.

⁷ Costa, *Escritos*, p. 104.

O editor não cedeu, e «A Suicida» não acompanhou «A Corja». O texto sobre a formosa das violetas acabou por ser publicado com a chancela da Chardron, mas a expensas de Camilo, que se terá arrependido da aventura:

Devo aqui dizer que um folheto — *A suicida* — que apareceu como editado por Chardron, o foi por Camillo; confirma-o a declaração por este feita n'uma das cartas a Costa Santos, datada de 10 fevereiro de 1884: «Parte d'estes livros (os que os licitantes não foram buscar no leilão de livros de Camillo realizado em Lisboa em 1883-1884) são 900 e tantos exemplares de um opusculo meu intitulado *A suicida*. Esta obra foi publicada por minha conta, tirando 1:500 exemplares.»⁸

Outras histórias confirmam que a ação de Chardron se orientava por um estrito faro comercial. É o caso da recusa da tradução do inglês *Scenas da Hora Final*, que Camilo propôs a Chardron em 1877 e que este recusou, tendo sido publicado, com fracos resultados comerciais, pela Livraria Portuense.⁹ É igualmente o caso do próprio *D. Luiz. Neto do Prior do Crato*, que tendo sido editado por Costa Santos, pouca saída terá igualmente tido.¹⁰

Quando Camilo escreve pela primeira vez a Chardron sobre o volume em que virá a ser incluído «Eusébio Macário», compreende-se que já antes tinham falado sobre o assunto. Terá porventura sido conversa apenas preliminar, mas é possível que tenha marcado a memória do escritor num aspeto importante: o título. Escreve Camilo:

Quando quizer que se dê começo ao «Sentimentalismo, etc.» avise-me para eu ir enviando manuscriptos a pouco e pouco.¹¹

⁸ Marques, *Os Editores*, p. 91.

⁹ Costa, *Escritos*, p. 37.

¹⁰ Costa, *Escritos*, p. 45.

¹¹ Costa, *Escritos*, p. 96.

Adotando a habitual estratégia de apresentar planos firmes e, aparentemente, indiscutíveis, o escritor prossegue apresentando o desenho do volume a publicar desta forma:

A 1.^a parte hade ser *historia*, a 2.^a *romance*, e a 3.^a *crytica*.¹²

Mas deveria estar consciente das objeções que se levantariam no espírito do editor, porque argumenta prontamente:

Nesta [na 3.^a parte: *crytica*], podemos incluir algumas das publicadas na «*Bibliographia*». ¹³ D'ahi pode resultar algum proveito ás suas edições.¹⁴

E termina insistindo:

Se quizer, pode neste n.º da «*Bibliog.*» anunciar o livro que tenciono vender-lhe intitulado: *Sentimentalismo historia e critica* com mais de 300 pag.¹⁵

Chardron aceita a ideia de publicitar o volume e o anúncio é feito na *Bibliographia*, n.º 6 (p. 124),¹⁶ ou seja, na revista de junho.

Como se pode deduzir pelo caso de *A Suicida*, Chardron não gostava de publicar textos que não fossem inéditos, exceto naturalmente se tivessem esgotado primeiras edições. E não deve ter recebido bem a ideia de voltar a publicar críticas já publicadas na

¹² Costa, *Escritos*, p. 96.

¹³ Trata-se do periódico mensal *Bibliographia Portugueza e Estrangeira*, publicado por Ernesto Chardron, entre 1879 e 1883, em que Camilo Castelo Branco abundantemente colaborou com críticas a livros. Queixa-se desta atividade a Chardron em carta datável de 1879: «Desde que demos vida á 'Bibliographia' chovem aqui livros e librecos que é uma praga de Portugal por não dizer do Egypto. Os escriptores intendem que eu tenho em Seide moinho de criticas. Parece-me que me vejo obrigado a dar em todos p.^a que me deixem com o meu rheumatismo.» (Costa, *Escritos*, p. 99).

¹⁴ Costa, *Escritos*, p. 96

¹⁵ Costa, *Escritos*, p. 97.

¹⁶ Costa, *Escritos*, p. 96.

revista *Bibliographia Portugueza e Estrangeira*. Não seria mesmo de espantar que tivesse reservas quanto à ideia de publicar a parte sobre história, de reduzido interesse comercial, como reconhecem os jornais, na sequência da publicação:

A vulgar acídia para os trabalhos d'esta ordem entre nós, faz com que se tornem de subido apreço e valor os raros que apparecem, sobretudo quando um nome illustre como o de Camillo os authorisa. (A. de Sousa e Vasconcelos, *A Arte*)¹⁷

Para Camilo, no entanto, publicar os textos históricos e voltar a publicar os textos críticos seria uma forma de aumentar, com gosto e menor consumo de esforço e de tempo, o número de páginas que servia de medida ao valor negociado e pago. A associação de textos com menos aceitação junto do público a textos com mais aceitação, como seriam os romances camilianos, terá sido vista, tanto por Camilo quanto afinal por Chardron, como uma boa ideia para vender os primeiros a reboque dos segundos. O talentoso editor não consentiu na parte crítica, mas aceitou a parte da «história», ou seja, aceitou empreender a edição de volumes que articularam textos de natureza historiográfica e textos de natureza ficcional. Na verdade, a solução representava, para ambos, uma forma de economia, como admitido por Camilo em carta não datada, mas já posterior à publicação de «Eusébio Macário»:

Quando tratei com Mr. Chardron por 300\$000 reis a venda da *Historia e Sentimentalismo* era um volume em que eu, além da parte historica, tencionava dar-lhe romancinhos pequenos; mas com certeza lhe não daria um volume, inédito inteiramente, por tal quantia. O meu amigo além d'isso sabe que as minhas aturadas enfermidades não me permittem um trabalho demorado e pouco reflectido como eu ha poucos

¹⁷ Publicado em apêndice à segunda edição de *Sentimentalismo e História*, 1880, p. 315.

anos escrevia novellas. Hoje attendo mais ao gosto bom ou mau do publico, nas poucas horas em que posso escrever.¹⁸

A carta em que Camilo propõe a publicação de *Sentimentalismo História e Crítica* não se encontra datada, mas é certamente de 1879 e é certamente anterior a outra datada de 26 de abril de 1879, em que Camilo prescinde da parte crítica:

Concordo em excluir do livro tudo que é critica.¹⁹

Nesta segunda carta, o escritor avança na definição do corpo do volume a que, na carta anterior, chamara «Sentimentalismo etc.», que propõe anunciar com o título «Sentimentalismo, História e Crítica» e que é, de facto, anunciado com o título «Sentimentalismo e História», na *Bibliographia Portugueza e Estrangeira*, n.º 6. Embora venha a ser publicado com este título, fazendo prever que a parte dedicada à história viria no fim; pelo contrário, o volume começará por esta parte, talvez na convicção de que os leitores se deixariam cativar pelo conteúdo historiográfico, enquanto folheassem o livro em busca da parte dedicada ao «sentimentalismo». Ou talvez na convicção de que retardar a chegada dos leitores à parte por que mais ansiassem lhes aumentaria o desejo e, portanto, o prazer.

Não será muito arriscado supor que a ideia de dar prioridade à história terá provindo de Camilo e que Chardron se inclinaria para dar prioridade ao «sentimentalismo», mais capaz de atrair leitores e, portanto, compradores. De facto, em abril, logo depois de concordar em prescindir da parte crítica, o escritor altera o título do volume:

Chamar-se-ha Historia e Sentimentalismo.²⁰

¹⁸ Cardoso Martha, *Cartas*, p. 88.

¹⁹ Costa, *Escritos*, p. 97.

²⁰ Costa, *Escritos*, p. 97.

E assim se lhe há de referir sempre nas cartas conhecidas.²¹ Mesmo quando em carta não datada, mas certamente de vésperas da saída da primeira edição, Camilo dá instruções sobre o frontispício e anexa a «prefação», datada de maio de 1879:

Se lhe parecer, mande pôr no frontispício da «Historia e Sentimentalismo» a numeração I, por que, se este agradar, poderíamos dar m.^s com identico titulo. Faça o que lhe parecer. Mas na lombada não ponha numeração.

[...]

P.S. Remetto a *Prefação* p.^a o livro «Historia e Sentim.»²²

Na questão do título, Chardron não cedeu. Talvez porque o volume já tivesse sido anunciado com o título *Sentimentalismo e História*, ou talvez porque o editor preferisse fazer chegar primeiro aos ouvidos dos leitores a palavra «sentimentalismo», que mais depressa os convidaria à compra, o certo é que o volume saiu intitulado *Sentimentalismo e História*, como inicialmente previsto. Não obstante, a estrutura do corpo reflete o título que Camilo lhe atribuíra, e que apresenta em duas partes na curta «prefação», ambas com simétrico início: «A parte histórica d'este livro [...] A parte sentimental do livro [...]». Até os títulos correntes refletem esta organização simplesmente bipartida, ostentando a primeira parte apenas «História» e a segunda «Sentimentalismo».

Entre o título, estrutura do livro e respetiva «prefação» ficou, portanto, uma incoerência de que o editor não se deu conta ou que não valorizou, naquele mês de junho de 1879,²³ em que a primeira

²¹ Só em carta de 28 de julho de 1879 se referirá ao volume, que está para sair a qualquer momento, com o título *Sentimentalismo e História*: «Estou escrevendo um livro. Devia ser o 2.º do 'Sentimentalismo e Hist.' Provavelm.¹⁶ o meu am.º virá a ficar com elle. Quando sahir o livro queira mandar um exemplar á m.^a filha.» (Costa, *Escritos*, p. 101).

²² Costa, *Escritos*, pp. 99-100.

²³ A «Prefação» tem data de maio, mas a carta em que é remetida refere o n.º 6 da *Bibliographia* e em carta de 17 de julho já tinha saído a primeira edição.

edição de *Sentimentalismo e História* contendo «Eusébio Macário» foi publicada.

Curiosamente, a crítica acompanhou o autor, já que A. de Sousa e Vasconcelos, em texto publicado em *A Arte*, e depois reproduzido na segunda edição de *Sentimentalismo e História*, chama ao volume *História e Sentimentalismo* («E elle o primeiro de uma serie que o author tenciona publicar sob o titulo geral de *Historia e Sentimentalismo*.»), explicitando a estrutura concebida por Camilo: «É na segunda parte do livro, intitulada — *Sentimentalismo* — que vamos encontrar *Eusebio Macario*.»²⁴

Na segunda edição de *Sentimentalismo e História*, publicada no ano seguinte, em 1880, título e estrutura são, no entanto, alinhados, de modo a eliminar a incoerência. Mas não pelo caminho eventualmente mais fácil. Ou seja, não é o título que se altera para refletir a estrutura; é a estrutura que se altera para corresponder ao título «Sentimentalismo e História». Dado o sucesso de «Eusébio Macário», nem Chardron nem Camilo quereriam arriscar que os leitores julgassem tratar-se de livro diferente do da primeira edição. O mesmo sucesso justifica que as referências à segunda edição de *Sentimentalismo e História* se reduzam ao título «Eusébio Macário».

A reorganização do volume, além de alinhar título e estrutura, implicou mais alterações do que a simples mudança de ordem de «Eusébio Macário» para o início, e da parte historiográfica para o final. A «Prefação», em que, na primeira edição, Camilo apresentava a estrutura bipartida do livro, precede, na segunda edição, a parte historiográfica, ou seja, a segunda parte do volume, e reduz-se ao parágrafo relativo a esta parte. Em substituição do parágrafo relativo à parte do «sentimentalismo», assina Camilo um prefácio à segunda edição, totalmente concentrado no «Eusébio Macário».

Quando o escritor promete entregar a revisão de «Eusébio Macário», para a segunda edição de *Sentimentalismo e História*,

²⁴ *Sentimentalismo e História*, 2.^a ed., 1880, pp. 315-316.

já o segundo tomo está em andamento, embora só textos historiográficos se encontrem escritos. Em carta de 19 de dezembro de 1879, Camilo admite estar atrasado com um título que nunca chegará a escrever — *O Gonçálinho de Carube*²⁵ — e, inquieto com a possibilidade de incumprir, propõe-se deitar mão de textos que já tem escritos para produzir um volume que lhe será mais fácil começar a entregar rapidamente a Chardron. Volta a chamar-lhe «História e Sentimentalismo»:

Como a doença me não tem deixado continuar o *Gonçálinho*, seria bom publicar-se o 2.º tomo da *Historia e sentimentalismo* p.^a o qual ja tinha alguns trabalhos escritos: o sub-titulo deste volume é *Raças finas* — a historia das patifarias fidalgas portuguesas.²⁶

Em carta não datada, mas certamente posterior, desenha a estrutura do livro, tal como fizera para o primeiro tomo, repetindo a organização da primeira edição de *Sentimentalismo e História*. Desta vez, faz corresponder o título à sequência das partes:

Vou 2.^a feira ao Porto e levo parte do manuscripto do 2.º tomo da «Hist. e sentim.» [...] A 2.^a parte, será quase toda, ou toda, a cont. do *Eusebio Macario*.²⁷

A obediência às instruções de Camilo, no segundo tomo, a partir do anterrostó é total: o título é finalmente «História e Sentimentalismo», e o volume tem início na parte dedicada à história, terminando com «A Corja», que dá continuação

²⁵ Segundo Júlio Dias da Costa, este romance foi anunciado com este título, mas também com o título «O Último Morgado do Paço de Carube» (Costa, *Escritos*, p. 43).

²⁶ Costa, *Escritos*, pp. 103-104.

²⁷ Costa, *Escritos*, pp. 104-105.

a «Eusébio Macário». O frontispício exhibe a data de 1880, que se afigura muito improvável, dado que, a 3 de novembro de 1880, ainda Camilo escreve:

Vou escrever — *A Corja* —, continuação do Euzebio; depois é que tenciono concluir a parte historica do 2.º tomo.²⁸

O mais provável é que, no manuscrito remetido para o tipógrafo, Camilo ainda tivesse escrito a data de 1880 e que esta data tenha sido impressa no frontispício, como tudo o que Camilo incluía no manuscrito, pela ordem ali determinada.²⁹ Mas a data de lançamento de *História e Sentimentalismo*, correspondente ao segundo tomo de *Sentimentalismo e História*, será 1881, precisamente a data que figura na capa do volume.³⁰

Conforme se percebe pelas cartas de Camilo a Chardron, os manuscritos eram por vezes enviados diretamente para o tipógrafo — «No caso affirmativo, enviarei já manuscripto ao S.^r Teix.^{ra}»³¹ — embora nem sempre: «Remetto a *Prefação* p.^a o livro 'Historia e Sentim.' Mande-a ao Teix.^{ra}».³²

«O Teixeira» é A. J. da Silva Teixeira, um dos tipógrafos com que trabalhava Ernesto Chardron. É Camilo que o escolhe para o trabalho de impressão dos volumes em que são impressos «Eusébio Macário» e «A Corja» — «Seria bom que fosse impressor o Teixeira.»³³ — embora pouco depois não lhe poupe uma crítica

²⁸ Costa, *Escritos*, p. 107.

²⁹ Veja-se o manuscrito do rosto do *Amor de Perdição* que é «uma espécie de maquete para o tipógrafo», Castro, *Amor*, p. 16.

³⁰ Não ignoro a carta que Camilo escreve a 24 de dezembro de 1880 dando conta de que pediu a Chardron o envio de «A Corja» ao visconde de Ouguela: «Dei ordem ao Chardron que te remetesse a *Corja*» (Berrini, *Camilo Íntimo*, p. 301). Mas faz também pedido semelhante antes da saída de um livro, que creio ser a primeira edição de *Sentimentalismo e História*: «Quando sahir o livro queira mandar um exemplar á m.^a filha.» (Costa, *Escritos*, p. 101).

³¹ Costa, *Escritos*, p. 104.

³² Costa, *Escritos*, p. 100.

³³ Costa, *Escritos*, p. 96.

curiosa: «A situação do Teix.^{ra} não me parece m.^{to} boa na tal trapalhada que elle fez p.^a engrossar o volume. Em fim...»³⁴

Camilo poderá ter enviado o manuscrito diretamente para «o Teixeira», e Chardron poderá ter mandado imprimir a capa noutro tipógrafo, facto que encontra algum apoio nas singulares características gráficas da capa. Ficariam assim justificadas as divergências muito assinaláveis entre o volume e a capa, cujo arranjo parece totalmente determinado por princípios de retórica comercial. O título *Sentimentalismo e História* (ou o seu inverso) desaparece totalmente e o destaque é dado ao título do romance «A Corja», impresso a vermelho e numa fonte peculiar. Em corpo igualmente volumoso, um pouco abaixo, lê-se o título que tanto vendera meses antes: «Eusébio Macário». Entre os dois títulos, «continuação do» faz a ligação: «A Corja/continuação do/Eusébio Macário». Segue-se, a corpo bastante menor: «Poetas e Raças Finas», que alude discretamente à parte historiográfica do volume.

O que não fica explicado é se o desencontro entre o pensamento refletido na capa e o pensamento refletido no frontispício e na organização do volume terá sido acidental ou terá sido a forma possível de resolver tensões entre editor e escritor.

Como vimos atrás, a transformação destes volumes numa série não estava prevista desde o início, tendo sido sugestão de Camilo Castelo Branco:

Se lhe parecer, mande pôr no frontispicio da «Historia e Sentimentalismo» a numeração I, por que, se este agradar, poderíamos dar m.^s com identico titulo.

Embora a carta não esteja datada, há indícios suficientes para crermos decorrer o mês de junho, vésperas, portanto, da saída da primeira edição de *Sentimentalismo e História*, o primeiro destes

³⁴ Costa, *Escritos*, p. 96. Deduzo que o pagamento à página poderia ser um incentivo para aumentar artificialmente os volumes.

tomos. Chardron acede, acatando a sugestão de Camilo e deixando aberta a porta para a produção de mais volumes compostos de textos historiográficos e pequenos romances. Por esta altura, já a expectativa relativamente à incursão de Camilo pelo romance realista se instalara e as perspectivas de sucesso comercial deveriam ser de molde a incentivar esta decisão. O editor soubera provavelmente colocar as notícias certas nos jornais ou nas mesas de café para provocar o apetite dos leitores e elevar o interesse na obra em preparação.

Os jornais haviam anunciado que o ilustre romancista seguiria no *Eusébio Macário* a escola e processos de Zola, e por isso, enquanto uns se preparavam para rir às gargalhadas com a engraçada crítica de Camilo, celebravam outros a conversão do compositor de velhas novelas sentimentais às modernas doutrinas de um realismo nauseativo e asqueroso. Outros havia ainda, ávidos de torpezas, que já pensavam regalar-se com a leitura de cenas sensuais e desbragadas como as d'O *Crime do Padre Amaro* e d'O *Primo Basílio*. (A. de Sousa e Vasconcelos, *A Arte*)

A parte do livro que era ansiosamente esperada e que tem sido lida com avidez é o romance *Eusébio Macário*. (*Comércio Português*)

Veio (este) apregoado como um golpe de misericórdia na escola realista. (Guilherme d'Azevedo, *Occidente*)³⁵

O público discutia assim antecipadamente a probabilidade de Camilo vencer o desafio da incursão pela escola realista e ser nele vencido, aumentando o interesse na obra. Havia quem apostasse:

Ele não terá vencido os seguidores da escola de Zola, mas saiu-se vencedor de si mesmo. O seu esforço não foi

³⁵ Crítica publicada no final da segunda edição de *Sentimentalismo e História*.

uma queda, como prognosticavam por aí os que não podem admirar senão os talentos liliputianos. (*Comércio Português*)

A relação com Émile Zola terão sido teias tecidas pelo contereâneo Chardron no trabalho de preparação da saída de «Eusébio Macário», procurando aumentar os resultados comerciais. Na verdade, Camilo refere-se ao estilo do «Eusébio Macário», antes mesmo de o escrever, mas não refere Zola. Apenas Eça de Queirós e Júlio Lourenço Pinto, que considera imitador de Eça:³⁶

Um dos romances é realista, e intitula-se Eusebio Macario, no estylo do Eça e do Julio L. P.¹⁰.

Acrescenta um aspeto:

Deve fazer rir.³⁷

Diante deste programa, não devemos esquecer a já referida submissão ao gosto do público que, por aquele tempo de maior incapacidade física, norteava Camilo, segundo confissão do próprio:

Hoje attendo mais ao gosto bom ou mau do publico, nas poucas horas em que posso escrever.³⁸

Juntamente com carta não datada, mas que será anterior a julho de 1879, altura em que, aproximadamente, a primeira edição de

³⁶ Sobre este autor e o romance *Margarida* diz o seguinte: «Devolvo-lhe o romance 'Margarida', que lh'o mandou o author. Gostei d'elle. E' realista; mas está m.¹⁰ áquem do Eça. Tem o grande inconveniente de o imitar.» (Costa, *Escritos*, p. 96).

³⁷ Em carta a Alberto Braga, posterior à publicação, Camilo reafirmava este objetivo: «Estimo que o Euzebio o fizesse rir. Era o scôpo que eu tinha de olho, como diria o Dr. Liborio. Parece-me, porém, que se podem escrever romances naturalistas como o *Père Goriot* sem fazer rir nem descrever as tetas das mulheres. Hei-de tentar isso, conservando a falsa adjetivação com que os realistas portugueses estragaram um pouco a escola.» Cardoso Martha, *Cartas*, pp. 12-13.

³⁸ Cardoso Martha, *Cartas*, p. 88.

Sentimentalismo e História terá saído, Camilo remete a Chardron a parte final do manuscrito de «Eusébio Macário», o que demonstra o modo parcelar de redação do romance:

Remetto a conclusão do Euzebio.

Acrescenta uma oferta importante:

Se vir que o volume não chega ás 300 pag. (calculo que o Teix.^{ra} pode fazer) avise-me para lhe enviar mais original.³⁹

Pensamos que o escritor também sabia calcular o número de páginas impressas que resultariam de uma página manuscrita. Julgamos que para isso costumava usar um feitio de folha de papel (linguado) que lhe facilitava o cálculo e um sistema de emenda imediata que evitava o desperdício de papel: riscava e, em vez de escrever à frente sobre a linha, começava por escrever na entrelinha sobre as palavras riscadas.⁴⁰ Devemos considerar também que, em 1879, Camilo já tinha experiência suficiente para conhecer os cálculos que «o Teixeira» faria.

A oferta de mais original a Chardron, em caso de necessidade, destinar-se-ia provavelmente a ganhar tempo, uma vez que o escritor não ignoraria haver necessidade de mais escrever para completar o número de páginas acordado. Porém, Camilo remete o fim da história («Remetto a conclusão do Euzebio»), o que o impediria de a prolongar no final. Caso as contas do tipógrafo Teixeira tenham confirmado as contas de que Camilo já pelo menos suspeitaria, terá sido necessário fazer um «enxerto» narrativo em «Eusébio Macário». Olhando para a narrativa à procura do passo que melhor poderia corresponder à descrição de «enxerto narrativo posterior»,

³⁹ Costa, *Escritos*, p. 102.

⁴⁰ Castro, *Amor*, pp. 78-79.

o episódio de Maria Nazaré, sem continuidade no romance, nem função clara no conjunto da narrativa, será o melhor candidato. A peculiar imagem com que termina teria, neste caso, sido a última a ser escrita:

O marido adorava-a, chamava-lhe *D. Maria de Nazaré*; e, se a não respeitasse tanto, ousaria pedir-lhe licença para a trazer no colo, e adormecê-la no seu regaço como uma pomba que se aninha e fecha os olhos debaixo da mão aveludada de carícias.

Claro que a personagem Maria de Nazaré e o seu marido terão uma importância fundamental em «A Corja» e poder-se-ia pensar que o engaste desta personagem em «Eusébio Macário» se destinaria a reforçar ligações entre os dois romances. Mas sabemos que «A Corja» estava então muito longe de estar escrita. E que, portanto, terá sucedido o contrário, ou seja, que Camilo aproveitou uma personagem aprofundada mas sem continuidade em «Eusébio Macário», para lhe dar um papel importante em «A Corja».

A primeira edição de *Sentimentalismo e História* foi entregue a Chardron no meio da grande curiosidade do público, que o editor terá sabido suscitar anunciando a incursão do escritor pelo «estilo realista». Camilo fará eco da ideia do desafio⁴¹ a «um velho escriptor de novellas» de «escrever com todos os ‘tycs’ do estilo realista», na «Dedicatória» de «Eusébio Macário», em que se dará por vencedor («Venho depositar no teu regaço o romance») e vencido («E na tua mão o beijo da aposta que perdi») no desafio. Creio haver mais do que retórica modéstia naquela declaração de vencido, já

⁴¹ Também no interior do romance faz alusão à mudança («Contos largos viriam aqui de molde, se os velhos processos românticos se admitissem»), o que repete em «A Corja»: «Segundo o convencionalismo dos processos modernos, estas percepções deixam-se a quem lê; mas desta vez, sem exemplo, ajuda-se o leitor a perceber — sim, isto não é a subjetividade, a interpretação imposta: é simplesmente um modo de ver o tecido grosseiro dos lindos *gobelins*, examinados do envés.»

que Camilo poderia dar-se por vencido, se tivesse feito mais do que simplesmente seguir a cartilha realista. Como mais à frente demonstrarei, creio que disto estava, com razão, convencido.

O sucesso preparado era previsível para o escritor e provavelmente para o editor e, a 17 de julho de 1879, na véspera da saída da primeira edição de *Sentimentalismo e História*, Camilo pensa já no segundo tomo, que, porém, tardará a iniciar:

No fim do mez tenciono dar-lhe o comêço do 2.º tomo da «Hist. e Sentimentalismo». Conto com a sahida do 1.º E' facil prevêl-a, attendendo á curiosid.º dos criticos e dos indifferentes.⁴²

O sucesso de «Eusébio Macário» foi estrondoso e, graças a ele, a primeira edição de *Sentimentalismo e História* esgota-se rapidamente. A crítica publicada na segunda edição dá conta, não apenas do sucesso comercial, mas também do aplauso da crítica:

Todos sabem com que ânsia é sempre aguardada a publicação de um novo livro de Camilo, e como os primeiros exemplares voam das mãos dos livreiros, fenómeno que é um verdadeiro milagre nesta terra abençoada onde a instrução primária falta, e os *homens de letras* abundam. Esse fenómeno ou milagre, que só no extraordinário talento do notável escritor encontra explicação, atingiu desta vez enormes proporções. [...]

Apesar de tudo, porém, era já atroadora a grita com que nos seus arraiaes elles mesmos se exaltavam e glorificavam pelos altos serviços que com as suas algarvias prestavam ás letras pátrias, que sem o seu concurso salvador morreriam de inanição e decrepitude. Foi então que Camillo lhes arremessou

⁴² Costa, *Escritos*, p. 100.

Eusébio Macário que é o apodo, a mofa, a apupada faceta, a gargalhada zombeteira mais estrondosa e oportuna que lhes tem estourado aos ouvidos. Bem haja elle. (A. de Sousa e Vasconcelos, *A Arte*)

Eusébio Macário ficará e durará por qualquer lado que se encare, como uma obra de subidos quilates e grande valor. (Aurora do Cavado)

Publicamente celebrado pela vitória sobre a escola realista, Camilo reagirá com altivez, no prefácio da segunda edição de «Eusébio Macário»:

Ora a cousa em si era tão fácil que até eu a fiz, e tão vaidoso fiquei do EUSÉBIO MACÁRIO que o reputo o mais banal, mais oco e mais insignificante romance que ainda alinhavei para as fancarias da literatura de pacotilha. Se eu o não escrevesse dum jato, e sem intermissões de reflexão, carpir-me-ia do tempo malbaratado.

Isto diz o escritor publicamente, mas, em privado, escrevendo a Silva Pinto, dirá mais avisadamente sobre «Eusébio Macário» o seguinte:

O *Macario* foi uma dysentheria de todo o meu *genio*. Derramou-se-me o cerebro n'aquella dejecção, e não sou capaz de dar nem melhor, nem peor que aquillo.⁴³

É certo que, em «Eusébio Macário», sai Camilo da sua órbita, e não apenas para entrar na esfera realista, como prometido e celebrado, nem apenas para o fazer enquanto provocava o riso, como consta do programa enviado ao editor. Neste pequeno

⁴³ Marques, *Os Editores*, p. 89.

romance, Camilo faz tudo isto ao mesmo tempo que, prescindindo de dar às personagens grande evolução, concentra todo o domínio da língua que o caracteriza na criação de quadros, ambientes e figuras: naturezas vivas. Alguns passos chegam a ser, deste ponto de vista, surpreendentes pela extensão e pormenor dos frescos verbais. Veja-se o exemplo do sonho de Custódia com o elefante no início do capítulo VI ou a preparação da casa no Poço das Patas pelo barão de Rabaçal; a própria apresentação inicial de Eusébio Macário, dos filhos Custódia e José Fístula, do abade Justino e do seu contexto campestre. «Eusébio Macário» é um romance em que Camilo se permite um andamento mais lento, mais concentrado nas essências do que na ação ou mesmo na evolução das personagens, que tão bem dominava. Talvez a isto se referisse Camilo quando escrevia a Silva Pinto. Até porque, em «A Corja», embora se mantenha no registo realista, o escritor regressa ao modo habitual de extrair de cada ato as naturais consequências, para fazer evoluir as personagens num plano em que se cruzam até ao inevitável desfecho. Estilo novo, velhas técnicas.

Apesar de ter previsto a «sahida» fácil da primeira edição de *Sentimentalismo e História*, Camilo confessa-se surpreendido a Ana Plácido pelo sucesso de vendas, e revela-lhe o contentamento do editor Ernesto Chardron, que o pressiona para que se apresse com a revisão com vista à segunda edição:

O Chardron m.^{to} satisfeito com o livro Eusebio. Diz-me que vá relendo o livro p.^a a 2.^a edição! quer fazel-a antes do fim do anno. O maior consumo tem sido no Porto. Q.^m diria! Isto explica o realismo pratico das mulheres. Na tua mocid.^e decerto o livro se não venderia.⁴⁴

⁴⁴ Costa, *Escritos*, p. 58.

Entre o final de julho de 1879⁴⁵ e o fim do ano, data em que Chardron desejava já ter pronta para venda a segunda edição de *Sentimentalismo e História*, vai menos de meio ano. Em menos tempo se esgotou, portanto, a primeira edição de *Sentimentalismo e História*, contendo «Eusébio Macário». O editor não viria, porém, a ter a segunda edição pronta tão depressa quanto gostaria, porque, em fevereiro de 1880, Camilo desejava ainda:

O 2.º do Macario tomára eu podêl-o aprontar p.^a sahir em março. Não tenciono interromper-me com outra coisa.⁴⁶

Não sabemos se o escritor terá realmente cumprido o prazo curto que se impunha no início do mês de fevereiro, para que saísse a segunda edição de *Sentimentalismo e História* ainda no mês seguinte. Mas o aparato de variantes da presente edição, que dá conta do que afasta a primeira edição da segunda, mostra-nos o trabalho de revisão que Chardron prontamente lhe pediu e Camilo menos prontamente fez. As alterações significativas não vão além do punhado. Há uma ou outra afinação de adjetivos: «grande sol; os lentos bois nostálgicos vergastavam» passa a «largo sol; os grandes bois nostálgicos, lentos, vergastavam»; «explosivo» passa a «estoura-vergas»; «viúva muito madura» passa a «viúva gaiteira muito madura»; «bonita» passa a «bonitinha»; «inspirações bebedas» passa a «inspirações malandras». Há algum acerto de nomes: FARMACOPEIA do doutor Pereira Reis passa a FARMACOPEIA do doutor Agostinho Albano (o mesmo livro referido de forma mais acertada); «torre de S. Julião» passa a «Cova da Moura»; «Vasques» passa a «Viegas»; «Marias de Cortona» passa a «Margaridas de Cortona». E muito pouco mais.

⁴⁵ Como acima referi, creio ser da primeira edição de *Sentimentalismo e História* que Camilo fala em carta de 28 de julho de 1879, ao pedir a Chardron: «Quando sahir o livro queira mandar um exemplar á m.^a filha.» (Costa, *Escritos*, p. 101).

⁴⁶ Costa, *Escritos*, p. 106.

Antes mesmo de entregar a revisão da primeira edição de *Sentimentalismo e História*, Camilo anuncia, a 28 de julho de 1879, já estar a escrever o segundo tomo:

Estou escrevendo um livro. Devia ser o 2.º do «Sentimentalismo e Hist.» Provavelm.^{te} o meu am.º virá a ficar com elle.

Mas, na segunda metade de 1879, a vida do escritor complicou-se pela degradação da saúde mental do filho Jorge, que mergulha a família em terríveis angústias. Camilo descreve-as ao visconde de Ouguela, seu amigo, em diversas cartas do início de 1880:

Meu filho, o meu querido Jorge, enlouqueceu; está irremediavelmente perdido. Aos 17 anos! Eu já o devia há 4 anos suspeitar. Parecia-me impossível esta desgraça depois de tantas. Nesta casa chora-se a toda a hora. Pobre mãe! O desgraçado passa por diante de nós como um cadáver que se move; mas às vezes tem ataques de fúria. Cuida que eu o envenenei, e principia a odiar a mãe. Não posso viver. (1880)⁴⁷

O meu pobre Jorge, na iniciação da loucura, está no meu escritório a remexer livros que não percebe. Hoje fui encontrar um Relatório aduaneiro de António J. Teixeira com comentários do Jorge. Se o queres mais mentecapto! (janeiro de 1880)⁴⁸

Tenho fugido de te falar na minha desgraça. O Jorge está irremediavelmente doido. Sinto-me tão esmagado que faço esforços desesperados por me salvar escrevendo. Já não me pode valer o espírito nem a vontade. D. Ana muito mal. (29 de maio de 1880)⁴⁹

⁴⁷ Berrini, *Camilo Íntimo*, p. 298.

⁴⁸ Berrini, *Camilo Íntimo*, p. 293.

⁴⁹ Berrini, *Camilo Íntimo*, p. 298.

Logo a 19 de dezembro de 1879, Chardron recebe notícias semelhantes:

Estou m.^{to} mortificado com os padecim.^{tos} de cabeça de um filho que me parece condemnado a uma alienação mental. Não sei como posso escrever rodeado de panoramas tão tristes!⁵⁰

É este o motivo que invoca para abandonar a escrita do romance *Gonçalinho de Carube*, que nunca chegará a concluir. Socorre-se, para continuar a atividade de publicação de que dependia, do modelo de volume composto de *Sentimentalismo e História*, onde podia articular artigos sobre história, que lhe eram mais fáceis de produzir, ou mesmo que já tinha escritos, e pequenos textos ficcionais.

Como a doença me não tem deixado continuar o *Gonçalinho*, seria bom publicar-se o 2.^o tomo da *Historia e sentimentalismo* p.^a o qual ja tinha alguns trabalhos escritos: o sub-titulo deste volume é Raças finas — a historia das patifarias fidalgas portuguesas.⁵¹

Mais tarde, especificará intenções quanto à parte «sentimental» do volume:

A 2.^a parte, será quase toda, ou toda, a cont. do *Eusebio Macario*.⁵²

Na mesma carta, é na parte sobre história que deposita confiança para conquistar o interesse do público e, neste aspeto, volta a ter opinião muito diversa da de Chardron, se atribuírmos ao

⁵⁰ Costa, *Escritos*, p. 104.

⁵¹ Costa, *Escritos*, pp. 103-104.

⁵² Costa, *Escritos*, pp. 104-105.

editor o arranjo da capa de *História e Sentimentalismo*, totalmente concentrado nos títulos «A Corja» e «Eusébio Macário» («A Corja continuação de Eusébio Macário»):

Como a parte historica é uma *charge*, tenho como certo que este 2.º tomo terá mais leitores que o 1.º⁵³

Seja como for, nesta carta, «A Corja» é ainda para Camilo apenas «a continuação do Eusébio Macário». Só virá a receber nome próprio no final do ano, quando, a 3 de novembro, anuncia ao editor:

Vou escrever — A Corja —, continuação do Euzebio; depois é que tenciono concluir a parte historica do 2.º tomo.⁵⁴

Camilo diz que vai escrever, pelo que, quando se dirige ao editor, não terá ainda dado início à escrita do romance, embora já lhe tenha escolhido título, como escolhera para o «Gonçalinho», que nunca escreverá. No caso de «A Corja», no entanto, sabemos que havia outras escolhas feitas, além do título, o que poderá conter informação interessante sobre o processo de criação do escritor.

Outro favor: se tiver algum periodico portuense de 1852 mande ver como se chamavam os actors da Comp.^a lyrica desse anno, e envie-me os nomes e o de alguma das operas então representadas: mas talvez seja mais facil enviar-me a collecção das folhas desse anno. Havia então o Braz Tizana, Nacional, Ecco, etc.⁵⁵

Este pedido, enviado ao editor na mesma carta em que Camilo anuncia, a 3 de novembro de 1880, que vai escrever «A Corja»,

⁵³ Costa, *Escritos*, p. 104.

⁵⁴ Costa, *Escritos*, p. 107.

⁵⁵ Costa, *Escritos*, p. 107.

destina-se a apoiar a escolha do nome de uma personagem. O nome é Bartolucci, de facto mencionado nos jornais pedidos,⁵⁶ e a personagem é o cantor lírico que, protagonizando a traição da baronesa do Rabaçal, será o principal instrumento de destruição do edifício económico e social construído e desconstruído desde «Eusébio Macário» até ao final de «A Corja». Será portanto razoável concluir que, antes de escrever, Camilo planeou minimamente a trama de «A Corja», quer o tenha feito apenas mentalmente, quer o tenha feito por escrito. Se assim foi, procedeu, neste caso, de modo diverso do adotado na redação do *Amor de Perdição*, muitos anos antes.⁵⁷

Há ainda na mesma carta de 3 de novembro mais um indício de que a escrita de «A Corja» não tinha ainda começado. O escritor faz outro pedido ao editor, desta vez relacionado com material de escrita e também, provavelmente, com as circunstâncias familiares e de saúde em que Camilo se encontra:

Estou deliberado e disposto a escrever na cama, a lapis. Para isso queira enviar-me dois livros em branco, em 8.º es-
treitos, de modo que me não obriguem a empregar grande
força para os sustentar. Cada livrinho deve ter umas 100 pag.⁵⁸

Escrito na cama em cadernos de 100 páginas e a lápis, entre grandes preocupações, «A Corja» mantém o programa realista, mas mostra-se menos capaz de fazer rir, ou mesmo incapaz, e concentra-se na ação, perdendo o brilho de «Eusébio Macário». Fosse por isto, fosse porque Ernesto Chardron já não conseguiu encontrar forma de esquivar a curiosidade dos leitores, «A Corja» não vende.

⁵⁶ «A pag. 251 lá aparecem diversos cantores e entre eles o barítono Bartolucci que leccionava canto ao barão do Rabaçal e outras artes, porventura menos melodiosas mas certamente muito mais plásticas, à baronesa do mesmo título.» (Costa, *Escritos*, p. 44).

⁵⁷ Castro, *Amor*, pp. 69-70. Sobre o planeamento que Camilo Castelo Branco fazia das suas obras, veja-se o resumo das conclusões a que vários estudos genéticos já chegaram em Pimenta, «As emendas», pp. 262-264.

⁵⁸ Costa, *Escritos*, p. 107. A descrição do suporte de escrita coincide com o caderno onde Camilo Castelo Branco escreveu o rascunho de *A Espada de Alexandre* (Sonsino, *A Espada*, pp. 21-23).

Preciso conhecer bem o espirito publico na apreciação da *Corja*. Por emq.¹⁰ não sei decidir, visto que a venda me parece ter sido pequena. Isto prova que as fam.^{as} estão atemorizadas.⁵⁹

O temor das famílias suscitado pela abordagem realista serve a Camilo para justificar ao editor o atraso na escrita do romance seguinte (*A Brasileira de Prazins*), mas, na verdade, o escritor exprimira convicção semelhante no próprio romance:

A Nazaré parecia assombrada, com uma cara de medo, a olhar para aquela mulher, que proferira uma expressão que ela ouvira uma só vez a uma regateira no pátio do mosteiro de S. Bento. «Amigada» tinha dito a irmã do Fístula. Ai! que punhalada sofreria a candura daquela incauta senhora, se lesse este livro e outros que naquele tempo as regateiras iam compondo em frases soltas pelo pátio de S. Bento e ali pelas barracas da Ribeira!

Sobre pagamentos há abundante negociação nas cartas de Camilo. A estratégia é bastante regular e consiste em avançar primeiro propostas sobre o que pretende entregar, por vezes repetindo, com variações, promessas já anteriormente feitas. E depois avançar com propostas financeiras sem aparente margem para negociação. A carta de 26 de abril de 1879, por exemplo, é já a segunda em que Camilo escreve a Chardron sobre o volume *Sentimentalismo e História*. Depois de descrever conteúdo e de deixar expresso que «O livro é m.¹⁰ mais trabalhoso que um romance», avança para as questões práticas:

Quanto a prêço, a casa Mattos Mor.^a paga-me os vol. de 250 pag. a 336 666 rs ou 1:000000 rs por trez vol. O que eu

⁵⁹ Costa, *Escritos*, p. 109.

lhe vou escrever terá 300 pg., e o meu am.º pela propried^c d'elle dar-me-ha 300\$ rs. A sua resposta não pode ser negativa, por que sei que é justo. Pode ser que na 3.^a feira conversemos a tal resp.^{to}, se a saude me promittir (*sic*) ir ahi.⁶⁰ Levo os primeiros manuscritos. Quanto ao pagam.^{to} do livro receberei agora metade, e o restante na conclusão da obra. Nesta 1.^a prestação será encontrada a q.^{ta} que fez favor de pagar ao Baquet^{61 62}.

Embora na forma como apresenta a proposta haja sinais de que o escritor tem consciência de estar a pedir um valor alto, a comparação com o valor praticado pela casa Matos Moreira (336\$666 rs. por 250 pp. vs. 300\$ por 300 pp.) demonstra consciência de que o volume composto de textos de natureza histórica e textos de romance tem menos valor.

As contas para achar o valor unitário pago por Matos Moreira não estão bem feitas, mas em carta posterior à publicação de «Eusébio Macário» já aparecem retificadas. Nesta, que não se encontra datada, trata-se da negociação de um romance realista não identificado, provavelmente o *Gonçalinho de Carube*, que não chegará a ser escrito. Camilo volta a referir as relações comerciais com a casa Matos Moreira:

Eu tencionava ir hoje ao Porto, especialmente para conversarmos sobre assumptos financeiros; mas amanheci com reumatismo, que me impede de sahir alguns dias. É necessário que eu lhe falle com franqueza a respeito de livros. Eu creio que

⁶⁰ Na terça-feira seguinte, dia 29 de abril, terá de facto havido encontro, uma vez que Costa (*Escritos*, p. 40) refere a existência de um recibo comprovando ter então ficado o negócio fechado.

⁶¹ O Baquet, que teria recebido parte do adiantamento do volume *Sentimentalismo e História*, seria o «conhecido alfaiate que mandou fazer o teatro a que deu o seu nome e que ardeu em 20 de Março de 1888.» (Costa, *Escritos*, p. 40).

⁶² Costa, *Escritos*, p. 98.

já lhe disse que a casa Mattos Moreira me tem pago a conto de reis por três volumes de 250 paginas, e sei que este editor se tem queixado de mim, suppondo que eu por mais algumas libras deixei de escrever para elle, e escrevo para o meu amigo. Já vê quanto eu ficaria prejudicado vendendo por 300\$000 reis volumes superiores a 300 paginas, podendo vendel-os de 250 paginas por 333\$300 reis.⁶³

Chardron deverá ter procurado obter de Camilo um romance realista de 300 páginas pelos mesmos 300\$000 réis que lhe custaram as 300 páginas de *Sentimentalismo e História* em que incluiu «Eusébio Macário». Mas o escritor recorda-lhe os valores praticados com Matos Moreira (333\$333 por 250 páginas de romance), para subir o preço para 400\$000 por 300 páginas de romance:

Desejo muito continuar as boas relações com a sua casa; mas decerto não posso escrever volumes de romances (realistas) superiores a 300 paginas por quantia inferior a 400\$000 reis, vendida a propriedade.⁶⁴

O editor terá acedido, como se deprende de carta datada de dezembro de 1879. Diante da incapacidade de levar a bom termo o projeto do *Gonçalinho de Carube*, Camilo negocia o segundo tomo de *História e Sentimentalismo*. Habilmente, ignora o preço do primeiro tomo de *Sentimentalismo e História* (300\$000) e considera o preço acordado pelo *Gonçalinho* (400\$000) para oferecer um desconto, a pretexto da inclusão de texto não inédito:

Como na 2.^a parte ha um trabalho que publiquei nas Artes e letras de 1873 a resp.¹⁰ da celebre suicida Eliza

⁶³ Cardoso Martha, *Cartas*, pp. 87-88.

⁶⁴ Cardoso Martha, *Cartas*, p. 88.

Basto, reputo este volume em menos 50\$000 rs. que o do *Gonçalinho*. Por tanto m.^r Chardron me dará pelo 2.º tomo da *Hist. e sent.* 350\$ rs.⁶⁵

O escritor não ignora a diferença de valor comercial entre um volume de romance (*Gonçalinho*) e um volume composto de textos sobre história e romance breve, como os que incluíram «Eusébio Macário» e «A Corja». O hábil Ernesto Chardron menos a terá ignorado. E, no entanto, o escritor consegue do editor que este se comprometa a pagar-lhe mais 67\$000 rs. pelas 300 páginas do romance *O Gonçalinho de Carube*, primeiro; e depois a pagar-lhe mais 50\$000 rs. pelas 300 páginas de *História e Sentimentalismo*, que vende por 350\$000 rs.,⁶⁶ tendo vendido *Sentimentalismo e História* por 300\$000 rs.

A força negocial de Camilo Castelo Branco deverá prover, em ambos os momentos de negociação, de um facto que o escritor estrategicamente nega, ou seja, o enorme sucesso de «Eusébio Macário»:

Acredite que me não move a isto o êxito do *Eusébio*; antes do *Eusébio* vendia os meus livros pelo mesmo preço que lhe estabeleço agora; porque corresponde a 400\$000 reis por volume de 300 paginas os 333\$300 que recebi por volumes de 250. Se esta proposta não é razoável, não tenha o meu amigo a menor vacillação em a rejeitar; que eu não devo nem me posso maguar, se os seus interesses não puderem concordar com os meus.⁶⁷

⁶⁵ Costa, *Escritos*, p. 104.

⁶⁶ Sabemos que Chardron aceitou o preço proposto por *História e Sentimentalismo* (tomo que contém «A Corja») pelas cartas em que são referidos adiantamentos: «Tenho de pedir-lhe o favor de me adiantar metade da import. 175\$ rs.; mas nesta metade hade encontrar o din.¹⁰⁰ que mandou dar em braga (*sic*) assima das 10 libras, outra q.¹⁸ de charutos, e os livros que tenho mandado vir.» (Costa, *Escritos*, p. 105); «Se eu morrer, não deixe de publicar os echos até ao 4.º n.º, como auxilio p.^a o ajudar á indemnisação dos 175\$ rs. que me adiantou. Alguem sabe destas contas.» (Costa, *Escritos*, p. 105).

⁶⁷ Cardoso Martha, *Cartas*, pp. 88-89.

Depois do insucesso de «A Corja», a força negocial de Camilo Castelo Branco junto de Ernesto Chardron reduz-se consideravelmente. Não só os volumes compostos deixam de ser uma possibilidade, como o preço do romance seguinte aparecerá diminuído. Pel' *A Brasileira de Prazins*, Camilo já não pedirá 400\$000 rs. como pelo *Gonçalinho*:

Mas, respeitando os seus protestos, nova proposta: *A Brasileira de Prazins*, formato e typo do *Euzebio*, 300 pag. ou mais pelo preço de 350\$ rs. Convém?⁶⁸

Considerando estes valores, não admira que Chardron tenha recusado a proposta do livro *D. Luiz de Portugal. Neto do Prior do Crato*, provocando o rompimento das relações comerciais com Camilo. Afinal, tratava-se de livro de teor histórico com 100 páginas, pelo qual o escritor lhe pede 150\$000 rs. Também não surpreende que a proposta seja enviada ao editor, defendida com argumentação atenta ao gosto do público por romances: «Não sei se agrada; mas talvez agrade p.^r que tem ares de romance». Ernesto Chardron não se deixou convencer.

Esta edição

A publicação em sequência dos dois romances incluídos nos volumes chamados *Sentimentalismo e História* tem a vantagem de proporcionar uma leitura, sem interrupções, da narrativa («Eusébio Macário») e da sua continuação («A Corja»). A investigação acima oferecida permite não esquecer, no entanto, que, apesar do muito que as une, separam-nas circunstâncias de criação muito diferentes e uma história editorial, em vida do autor, igualmente diferente, além da reação do público oitocentista, marcada pelo

⁶⁸ Costa, *Escritos*, p. 108.

sucesso, no caso de «Eusébio Macário», e pela indiferença, no caso de «A Corja».

Nesta edição crítica, seguimos os critérios e as normas de transcrição já habituais na coleção de edições críticas da obra camiliana, que a Imprensa Nacional vem publicando, e que o leitor poderá consultar na introdução da edição crítica e genética, por Ivo Castro, de *O Amor de Perdição*.⁶⁹ Bastará acrescentar que mantivemos as opções gráficas das últimas edições de «Eusébio Macário» e «A Corja», revistas pelo autor, em aspetos como a escrita dos números e os itálicos, por exemplo. Fizemos a mesma opção no caso da marcação irregular com travessão do discurso direto e do discurso indireto.

No início de «Eusébio Macário», o escritor usa consistentemente a técnica de pospor verbo declarativo e antepor oração integrante («— **Que** queria a bela pândega — **dizia**»; «— **Que** se faria ladrão d'estrada — **ameaçava**»; «**Que** o abade também colaborara nas ossificações notáveis do farmacêutico, **rosnava-se**.»), na sequência, ou não, de discurso direto. Posteriormente, passa a elidir o verbo declarativo («— Já te conheci, Felícia. — **Que** descesse à estrada; que estava uma moça perfeita»; «Eusébio Macário: — **Que** sim, que o povo sem o cabresto do medo do Inferno era pior que os animais.»; «— **Que** lhe daria marido ainda novo, porque em Portugal, quem tinha dinheiro, isso da idade era uma história»). E, depois, principalmente em «A Corja», passa a antepor o verbo, como é mais comum («E então o Viegas **contou que** fora para o Marco de Canaveses fazer clínica depois que saiu de S. Tiago»; «A baronesa **contrariou-o** discreta: **Que** parecia mal safar-se com o dinheiro e deixar a mulher»; «o bacharel da Presigueda, o Tomé, **queixou-se-lhe: Que** a Pascoela era uma heroína»). Em todos estes

⁶⁹ Castro, *Amor*, pp. 115-116.

contextos, o travessão, habitualmente usado para indicar discurso direto, ocorre para marcar respostas em discurso direto e indireto, mas inconsistentemente. Vejam-se alguns exemplos:

— O rapaz? que tal? vai direito? — perguntava o abade.

Que ia bem; que tinha pancada para a farmácia — **dizia** —

— Pois tu deixavas os amos? — fez ele alvoroçado.

Que não deixava os amos; mas que vinha fazer-lhe os caldos duas vezes ao dia

— Vê lá! — fez o abade. — **Que** não queria tolher a sua felicidade; que era tão amigo dela que morreria de saudades

— **Que** à fava devia ir o Bento — **dizia** Araújo Filhos.

— E deste-lho? — irrompeu Eusébio com alvoroço.

— **Que** não; e fugira quando ele, ao canto da latada da horta, quisera agarrá-la.

O abade doía-se; mas não se queixava. — **Perguntava: Que** fazia ela? em que se entretinha? Como se dava com os ares do Porto e com as águas? Se comia bem, e gostava das iguarias de lá? — **Que** a mana Felícia — **explicava** o barão —

— Tenho-o contra mim nestas eleições como sempre, senhor abade?

Que não; que trabalharia a todo poder com os regeneradores

A baronesa **contrariou-o** discreta: **Que** parecia mal safar-se com o dinheiro e deixar a mulher

— Você percebeu o meu tal *et coetera*?

Que não.

Foi-lhe com a esponja de fel direita aos beijos: **Que** sim, que tinha razão em o dizer, porque a baronesa era uma ingrata

Sendo a irregularidade de marcação com travessão constante em ambos os romances, dificilmente a poderíamos considerar accidental. Optámos, portanto, por a manter tal como ocorre, na última edição revista pelo autor de «Eusébio Macário» e na única edição de «A Corja», publicada em vida de Camilo Castelo Branco.

Ângela Correia

BIBLIOGRAFIA

- BERRINI, Beatriz, *Camilo Íntimo — Cartas Inéditas de Camilo Castelo Branco ao Visconde de Ouguela*, Lisboa: Clube do Autor, 2012.
- CARDOSO MARTHA, M., *Cartas de Camilo Castelo Branco*, Rio de Janeiro, Lisboa: H. Antunes, 1918.
- CASTRO, Ivo, ed. genética e crítica de Camilo Castelo Branco. *Amor de Perdição*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2007.
- COSTA, Júlio Dias da, *Escritos de Camilo*, Lisboa: Portugalia, 1923.
- MARQUES, Henrique, *Os Editores de Camilo*, Lisboa: Empresa da História de Portugal, 1925.
- PIMENTA, Carlota, «As emendas de Camilo. A sua importância para o estudo do processo criativo», *CEM Cultura Espaço & Memória. Revista do CITCEM. Erros meus, fortuna nossa: da falha como acerto*, n.º 9, 2018, pp. 261-274.
- SONSINO, Ana Luísa, *A Espada de Alexandre, de Camilo Castelo Branco: Polémica origem e invulgar génese de um texto polémico e invulgar*, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, dissertação de mestrado, 2015.

APARATO CRÍTICO

Eusébio Macário

- ¹ second] *1.ª ed.* seconde
² pelos] *2.ª ed.* pelso
³ Advertência] *Na 1.ª ed., depois da dedicatória.*
⁴ junho de 1879.] *1.ª ed.* junho, 1879.
⁵ Os pesos, quando subiam, rangiam] *1.ª ed.* Os pesos quando
subiam rangiam
⁶ hidrângeas] *1.ª ed.* hidranjas
⁷ grande sol; os lentos bois nostálgicos vergastavam] *1.ª ed.* largo
sol; os grandes bois nostálgicos, lentos, vergastavam
⁸ FARMACOPEIA do doutor Agostinho Albano] *1.ª ed.* FARMACOPEIA
do doutor Pereira Reis (*Esta obra, Código pharmaceutico lusitano,*
redigido por Agostinho Albano da Silveira Pinto, foi publicada em
1835 e teve em 1858 uma reedição coordenada por José Pereira
dos Reis)
⁹ orelhas;] *1.ª e 2.ª ed.* orelhas:
¹⁰ gargarejada com um golpe de mel] *1.ª ed.* gargarejada, com
um golpe de mel
¹¹ tremuras] *1.ª ed.* vibrações
¹² pra] *1.ª ed.* para, *2.ª ed.* p'ra
¹³ das gramas] *1.ª ed.* dos gramas
¹⁴ Breviário] *1.ª ed.* breviarario
¹⁵ podridões verdoengas do planeta] *1.ª ed.* podridões do planeta
¹⁶ como se, em vez] como, se, em vez *nas duas eds.*

- 17 Cova da Moura] *1.ª ed.* torre de S. Julião
 18 peito argentino bicavam-se] *1.ª ed.* peito argentino, bicavam-se
 19 cólera;] *2.ª ed.* cólera:
 20 Boa verónica!] *esta expressão não consta na 1.ª ed.*
 21 subalterno grotesco do CÂNTICO DOS CÂNTICOS] *1.ª ed.* su-
 balterno no CANTICO DOS CANTICOS
 22 estoura-vergas] *1.ª ed.* explosivo
 23 olhos esgazeados,] *1.ª ed.* olhos esgazeados
 24 Daí a dias não se pôde levantar, estonteado] *1.ª ed.* Daí a dias,
 não se pôde levantar estonteado
 25 Que não;] *Quer não, em ambas as edições, o que não faz
 sentido e deve ter tido origem numa má leitura da letra de
 Camilo Castelo Branco pelo tipógrafo. Também a construção
 elíptica nesta resposta da personagem poderá ter contribuído
 para a confusão.*
 26 caçador astuto] *1.ª ed.* caçador, astuto
 27 via-a] *1.ª ed.* via-o. *A emenda da 2.ª ed. visa a concordância
 de género com o substantivo fera.*
 28 grasnada] *1.ª ed.* grande grasnada
 29 Viegas] *1.ª ed.* Vasques
 30 Viegas] *1.ª ed.* Vasques
 31 Viegas] *1.ª ed.* Vasques
 32 uma doudice] *1.ª ed.* douda
 33 viuva gaiteira, muito madura] *1.ª ed.* viúva muito madura
 34 A culpada fui eu] *1.ª ed.* A culpa fui eu
 35 bonitinha] *1.ª ed.* bonita
 36 *mitaines*] *1.ª ed.* mittenes
 37 urtigas] *1.ª ed.* ortigas
 38 pro] *1.ª ed.* p'ra o
 39 áparece] *1.ª ed.* apparece. *A lição da 2.ª ed. reproduz a fonética
 brasileira.*
 40 muitas cores] *1.ª ed.* muita côres
 41 d'agosto] *1.ª ed.* de agosto
 42 pra] *1.ª ed.* p'ra a

- 43 escudeiro,] 1.^a ed. escudeiro
- 44 *duma glossa, muito sórdida, da quadra] duma glossa, muito sórdida da quadra nas duas eds.*
- 45 *lhi] 1.^a ed. lhe. A lição da 2.^a ed. reproduz a fonética brasileira.*
- 46 Depois] 1.^a ed. Depois,
- 47 *que o abade, o maganão, achava arrojada] que o abade, o maganão achava arrojada nas duas eds.*
- 48 pro] 1.^a ed. para o
- 49 pra] 1.^a ed. p'ra a
- 50 prá] 1.^a ed. para a
- 51 pra] 1.^a ed. para
- 52 *barão em via de publicidade] 1.^a ed. barão, em via de publicidade*
- 53 *inspirações malandras] 1.^a ed. inspirações bebedas*
- 54 *dedo polegar] 1.^a ed. dedo grande*
- 55 *movediços,] 1.^a ed. movediços*
- 56 *d'Abadim] 1.^a ed. de Abbadim; *passim**
- 57 *Macário Eusébio] assim na 1.^a e 2.^a ed.*
- 58 *vivera] o verbo está no singular em ambas as eds.*
- 59 *de sua filha] 1.^a ed. da sua filha*
- 60 *guinchavam] 1.^a ed. explosiam*
- 61 *zulu] 1.^a ed. de zulus*
- 62 *aceita] 1.^a ed. aceite*
- 63 *(com entusiasmo, gesticulando como quem arranca)] realce em itálico apenas na 2.^a ed.*
- 64 *tonquim] 1.^a e 2.^a ed. toukim*
- 65 *Hongrie] 1.^a e 2.^a ed. Hungrie*
- 66 *os operários de Araújo & Filhos] os operários e Araújo & Filhos em ambas as edições, lição que não faz sentido. O contexto deixa entender que se trata dos operários da firma Araújo & Filhos, estando a enumeração limitada a dois elementos («os operários» e «mais outros brasileiros»).*
- 67 *mâitre d'hôtel] 1.^a e 2.^a ed. maître de hotel*
- 68 *truffées] 1.^a ed. trouffés*
- 69 *gratin] 1.^a ed. Gratin*

- 70 *gâteau royal*] 1.^a e 2.^a ed. *gâteau royale*
 71 Felícia] 1.^a ed. Felicia,
 72 de uma] 1.^a ed. d'uma
 73 morgados] 1.^a ed. morgados 2.^a ed. morbados
 74 bajouja] 1.^a ed. bajoca
 75 дума] 1.^a ed. de uma
 76 dum] 1.^a ed. de um
 77 família] 2.^a ed. familia
 78 IX] 1.^a ed. VIII
 79 ringiam] 1.^a ed. rangiam
 80 dentes] 1.^a ed. dentes 2.^a ed. doentes
 81 rainha] 1.^a ed. Rainha
 82 Erard] 1.^a ed. Herard
 83 derengues] 1.^a e 2.^a ed. derengues
 84 com botões] 1.^a ed. de botões
 85 auditório] 1.^a ed. auditorio 2.^a ed. auditorio
 86 frouxos] 1.^a ed. froixos
 87 pra] 1.^a ed. para
 88 rebuçados] 1.^a ed. rebuçados 2.^a ed. rebuçados
 89 co' o] 1.^a ed. co'
 90 Mas o barão, cheio de gestos] 1.^a ed. Mas, o barão cheio de
 gestos
 91 atrizes pelintras] 1.^a ed. atrizes pelintras de theatro
 92 empecadada dezesseis anos] 1.^a ed. empecadada, dezeseis
 annos
 93 Margaridas de Cortona] 1.^a ed. Marias de Cortona
 94 pra] 1.^a ed. para
 95 disse o abade. Não tinha dito] 1.^a e 2.^a ed. disse o abade. — Não
 tinha dito
 96 dizia o diabo] 1.^a ed. dizia cobras e lagartos
 97 madrugada] 1.^a ed. madrugada,
 98 pra] 1.^a ed. para
 99 pra] 1.^a ed. para
 100 prá] 1.^a ed. p'ra a

A Corja

- 101 estômago e coração cheio] Assim na 1.^a ed.: a concordância do
adjetivo apenas com um dos substantivos é comum em Camilo.
- 102 o governo da ordem e o pendão ... devia] Assim na 1.^a ed.;
cf. nota anterior.
- 103 era um tecido] era um um tecido
- 104 — Para nós] Travessão adicionado, para separar as falas de
duas personagens.
- 105 sobre a relva] sobre a a relva
- 106 Swift] Swit: emendado de acordo com a errata única da 1.^a ed.,
p. 320: ERRATA — A pag. 205, lin. 9, onde se lê Swit leia-se Swift.
- 107 ele, o ele sublinhado ... quatro letras inocentes] Para melhor
compreensão desta passagem, notar que Camilo escrevia elle com
dupla consoante.
- 108 que, quando não fizessem as pazes, ele com certeza lhe daria o
melhor da sua grande fortuna] Leia-se: «que, mesmo que não
fizessem as pazes, ele lhe daria etc.».
- 109 I due Foscari] I duo Foscari.
- 110 fazerem] azerem
- 111 Vanzeller] Wanzeller: emenda-se segundo a lição do cap. vi.
- 112 Vanzeller] Wanzeller

ÍNDICE

| | |
|-----|-----------------|
| 13 | NOTA PREAMBULAR |
| 17 | ADVERTÊNCIA |
| 19 | DEDICATÓRIA |
| 21 | EUSÉBIO MACÁRIO |
| 23 | I |
| 35 | II |
| 43 | III |
| 51 | IV |
| 63 | V |
| 71 | VI |
| 81 | VII |
| 91 | VIII |
| 97 | IX |
| 107 | X |
| 119 | XI |
| 125 | A CORJA |
| 129 | I |
| 137 | II |
| 145 | III |
| 153 | IV |
| 161 | V |
| 169 | VI |
| 177 | VII |
| 185 | VIII |
| 191 | IX |
| 199 | X |
| 207 | XI |
| 213 | XII |

| | |
|-----|-----------------|
| 219 | XIII |
| 227 | XIV |
| 237 | XV |
| 245 | XVI |
| 253 | XVII |
| 261 | NOTA EDITORIAL |
| 293 | BIBLIOGRAFIA |
| 295 | APARATO CRÍTICO |

Eusébio Macário: Primeiro dos «romances facetos», livro povoado por gente sem brios, porém castigando-a menos do que as veleidades moralizadoras da literatura. Quanto a brios, persistem, e é muitíssimo, os da comédia feroz.

A Corja: Segunda arremetida da ferocidade de *Eusébio Macário*, e o último da «interminável» série dos «romances facetos»: regressam as croias e os patifes, comendadores e barões, muitos brasileiros, mas o relevo é todo das mulheres, certas mulheres, Custódia, Felícia, a Eugénia Troncha...

Abel Barros Baptista

edição crítica
CAMILLO
CASTELO
BRANCO

ISBN 978-972-27-2885-0



9 789722 728850

© N I M P R E N S A
N A C I O N A L

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.